

CONCRETO ARMADO

>> PARTE 04



CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

>> PARTE 04

Lista de capítulos

>> parte 04

01.	5	20.	92
02.	7	21.	95
03.	9	22.	99
04.	14	23.	105
05.	20	24.	107
06.	24	25.	113
07.	26	26.	115
08.	28	27.	118
09.	31	28.	121
11.	44	29.	123
12.	48	30.	130
13.	57	31.	132
14.	61	32.	134
15.	70	33.	139
16.	75	34.	143
17.	77	35.	147
18.	83	36.	150
19.	89	37.	156
		38.	163
		39.	165

SUMÁRIO

40.166	60.231
41.170	61.238
42.173	62.240
43.175	63.249
44.178	64.251
45.181	65.255
46.185	66.263
47.187	67.276
48.190	68.280
49.196	69.286
50.200	70.290
51.205	71.301
52.208	72.304
53.211		
54.213		
55.216		
56.219		
57.222		
58.224		
59.228		

01.

“No princípio, o mundo não existia. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. (...) Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu quarto de quartzo branco, ela comeu ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.”

Mitologia do povo Dessana

“ô loco, meu”

Fausto Silva

<

Murilo Andrade

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Murilo Andrade (Brasília, 20 de abril de 1986) é um escritor, crítico e produtor brasileiro. Nascido no hospital Santa Lúcia, em Brasília, é conhecido principalmente pelo romance *Concreto Armado* (2016), escrito em parceria com seu falecido amigo, o escritor, roteirista e artista gráfico Fábio Carvalho, assim como por agenciar outros projetos criados em torno de rascunhos e projetos deixados por Carvalho (como o quadrinho e desenho animado *Marcelinho Meio Morto*).

O romance *Concreto Armado* foi publicado em dezembro de 2016, chamando atenção na mídia pelas circunstâncias da morte de Carvalho, em 2013. Um sucesso editorial desde que saiu,¹ o romance acabou repercutindo com maior intensidade alguns meses depois do lançamento, com a descoberta de alguns blogs e perfis em rede social de personagens do livro, que Andrade em sua maioria dizia não saber que existiam, tendo sido criados por Carvalho antes de sua morte.²

Apesar de muitos críticos considerarem a repercussão de cunho publicitário (carece de fontes), o pequeno hype criado acabou tornando o livro bem-sucedido, sendo traduzido já no ano seguinte em duas línguas, considerado raro para um romance de estreia.

Em 2017, Andrade publicou no *Suplemento Pernambuco* uma entrevista fictícia na qual discorreu sobre a ideia de “autor” na literatura e na indústria

cultural, texto que angariou duras críticas e paródias nas redes sociais, visto por muitos como uma tentativa de chamar atenção para si mesmo (carece de fontes), já que quase toda crítica de Concreto Armado até então tinha se detido muito mais em Fábio Carvalho do que em Murilo, responsável pela parte considerada mais interessante e popular do romance (carece de fontes).

No final de 2017 começou a ser exibido num canal do Youtube os primeiros curtas de desenhos animados de Marcelinho Meio Morto, criação de Fábio de Carvalho com a ilustradora Susana Domingues. Feito com baixo orçamento, o desenho já totaliza (até maio de 2018) cinco milhões de visualizações.

Um blog paulista teria indicado a possibilidade de uma adaptação longa-metragem da história de Marcelinho numa parceria com o Studio Ghibli, produtora japonesa de animação, parceria que teria sido negada “com veemência” pelo estúdio via twitter.

Um filme do personagem “Renato Mussum” começou a ser produzido no início de 2018 pela produtora Bloody Carambola Filmes.

Alguns dos fãs mais dedicados do trabalho de Andrade conjecturam que haveria uma coerência interna entre todas as obras, que formariam no seu todo um mesmo universo formal interrelacionado. Andrade nunca se pronunciou a respeito dessa possibilidade, mas já foi fotografado algumas vezes piscando para a câmera como quem diz “sim”.

1 <Publish News>. <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/09/04/80886/Romance-de-Fabio-Carvalho-esgota-segunda-reimpressao>. Acessado em dezembro de 2017.

2 <Rascunho> <https://rascunho.com.br/noticias/Os-rastros-virtuais-de-Carvalho>. Acessado em maio de 2017.

>

02.

<<

Aparece um túnel segmentado e vermelho, de armadura metálica, por onde chegam diversos bonecos de Olinda com braços efusivos de bonecos do posto fazendo um escândalo junto de paramentos esvoaçantes. Os bonecos tem as feições cartunescas de Dom Pedro I, Roberto Carlos, Dom Pedro II, Galvão Bueno, Padre Vieira, Barão do Rio Branco, Xuxa, Getúlio Vargas, Princesa Isabel, Gilberto Barros, Roberto Campos e Gugu Liberato. Todos de crachá. Atrás seguem os metais e uma pequena bateria comendo-se no frevo, todos tocando a si mesmos. Os bonecos chacoalham e se chocam de leve, dançam de maneira lenta e atabalhoada. As luzes diminuem e a música aumenta para a chegada do anfitrião, o velho guerreiro.

Aparece um túnel segmentado e vermelho, de armadura metálica, por onde chegam diversos bonecos de Olinda, seus braços efusivos de bonecos de posto fazendo um escândalo junto de paramentos esvoaçantes. Os bonecos têm as feições cartunescas de Dom Pedro I, Roberto Carlos, Dom Pedro II, Galvão Bueno, Padre Vieira, Barão do Rio Branco, Regina Duarte, Getúlio Vargas, Princesa Isabel, Gilberto Barros, Roberto Campos e Gugu Liberato. Todos de crachá. Atrás seguem os metais e uma pequena bateria comendo-se no frevo, todos os instrumentos tocando a si mesmos. Os bonecos chacoalham e se chocam de leve, dançam de maneira lenta e atabalhoada. Não há ninguém por baixo deles. As luzes diminuem e a música aumenta para a chegada do anfitrião, o velho guerreiro.

– Alô Te-re-zinha.

A voz roufenha canta junto com a melodia dos instrumentos, que do frevo vão pra uma marchinha igualmente frenética.

– Au-tên-tico, verdadeiro, candomblé, logo após o Chacrinha. Logo após o candomblé. Teremos hoje um papagaio brrRilhante. O nome do papagaio é Jerry Adriani. Teremos hoje a semifinal – a semifinal – da mímica do Maicael Djacks.

Ouve-se uma platéia frenética, mas não parece haver ninguém no auditório.

– Antes, agora, vamos rrRECEBER o conjunto.

Negaceia, chacoalhando os óculos. Chacoalham-se, também, um pouco, os óculos do Chacrinha Gigante, de isopor e resina de látex, de cuja boca sai o tubo (ou túnel) segmentado e vermelho. O tubo acende por dentro e começa a tremer.

– Bo-ta Camisinha, bo-ta
meu amor, hoje tá chovendo
não vai fazer calor

Nada se cria, tudo se transfigura. Humilitas occedit superbiam, taí a cabeça, ó. Foi o que deu, querides. O que anda dando. Foi mal qualquer coisa. Ou tudo, no caso. Mal mesmo.

–O conjunto não. O conjunto sim, ou melhor. Conjunto dele mesmo. Vamos rrRECEBER o grande cantor de massas sem ser padeiro, o meu amigão rrrRENATO MUSSUMO.

>>

03.

<

Murilo sabia o tanto que era ridículo editar o próprio artigo na Wikipédia, e ele não tinha orgulho de fazê-lo, exatamente. Mas depois que viu o tanto que estava mal escrito, e mesmo incorreto em partes, não conseguiu se conter. Era meio perverso fazer isso, ele sabia, tentar ter esse controle excessivo sobre a própria imagem. Mas via, ao mesmo tempo, uma graça abestada naquilo. Chegou a escrever uma piada pra botar no fim, pra quebrar essa impressão meio pesada e controladora de si mesmo, mas acabou apagando.

Ele está quase apertando o botão na interface para salvar as alterações no texto quando finalmente atendem a chamada que até então chamava no seu telefone, espremido entre seu ombro e bochecha.

– Pizza do Ray, olá.

– Oi, eu queria fazer um pedido.

– Ok. Qual endereço?

– Sou eu, Pedro.

– Ah, sim, desculpa Sr. Andrada, eu nunca reconheço sua voz.

– Não tem problema.

– O que vai ser?

– Olha, eu queria pedir a pizza de alho de vocês, mas as duas últimas vezes que pedi ela não veio com a crocância que eu estou acostumado a esperar dela. Sabe aquela crostinha de alho que forma com o queijo.

– Não sei, não, senhor Andrada.

– Então, você tem como me dizer quem que tá fazendo as pizzas hoje? Se for a Rwonda eu confio, mas se for algum daqueles caras lá, aí eu não sei, não.

– Hoje não é ela, hoje tá um moleque novo e o Hank.

– Entendi. Então me vê uma grande meio pepperoni meio havaiana mesmo.

– Endereço de sempre?

– Isso.

Ele pede essa pizza uma vez por semana há dois meses. Sempre que o faz,

surpreende-se com a rapidez com que formou hábitos numa cidade onde está há menos de um ano. Chegou inclusive a tratar alguns dos funcionários pelo nome, coisa que ele não fazia em Brasília em lugar nenhum, nem na Pizza Dom Bosco. No momento, ele se sentia em casa, e aguardando um prazer já familiar.

É verdade também que já tinha dois anos que o romance havia saído e nada dele conseguir engatar algum outro livro. Comer pizza era o que ele andava fazendo, basicamente. Sempre que tentava começar algo novo percebia já na segunda frase que voz (ou que combinação de vozes) que ele estava tentando emular. Era sempre evidente demais. Alguns escritores têm apenas um grande romance dentro deles, talvez ele tivesse só aquele meio romance (e um meio medíocre, ainda por cima), e pronto. Acabou.

Isso não o irritaria tanto, talvez, se ele não tivesse certeza que o inesperado sucesso do seu único livro havia dependido, quase inteiramente, se não inteiramente, do chamariz midiático que o circundava, o fato de ser uma obra conjunta escrita com o filho bonito e tragicamente morto de um governador. A matéria escrevia a si mesma, pingava pra fora dos moribundos cadernos culturais para os de política e celebridade, chamava atenção como qualquer dramalhão. Parte de Murilo se arrependeu antes mesmo de mandar o manuscrito para a editora com um e-mail contando, de maneira não tão sutil, que aquela obra ali havia sido escrita em parceria com um certo Fábio Carvalho.

Cinco anos antes disso, Fábio havia morrido na estrada para Goiânia, cinco minutos depois da fronteira com o Goiás. O carro completamente espatifado contra parte da base de concreto de um viaduto em construção. Identificaram de cara porque não tinha muita gente com aquele modelo de Audi amarelo no estado (mesmo no país). Quando a imprensa chegou pra tirar foto já tinha um destacamento inteiro da PM cercando o local. Dois jornalistas noticiaram comportamento estranho dos policiais na cena, muito agressivos com qualquer um que tentasse tirar foto. Tuiteiros chegaram a aventar, baseado em pouco além de boatos, que o acidente podia ter tido alguma morte além da do filho do governador. Mas nunca se confirmou nada. A imprensa, em geral, estava mais preocupada em mostrar o governador e sua esposa de luto com aquele desastre que vinha tão do nada, e que por isso mesmo era tão tocante.

Murilo repetia em tons diversos na sua cabeça pelo menos umas três vezes por dia as circunstâncias e os contextos mentais nos quais ele se via metido

quando enviou o romance do modo como mandou. O que ele parecia buscar nessas repetições era uma formulação convincente daqueles eventos em que ele não parecesse ter se aproveitado da morte do amigo de um jeito perverso só pra ser publicado.

E Murilo queria ser publicado. E era só isso que ele queria, basicamente, quando começou a misturar o seu manuscrito ao conto do Fábio e enviar por aí. Já tinha enviado uma versão anterior do livro para oito (nove?) editoras ao longo de dois anos e da grande maioria nem resposta ele tinha recebido. Foi só no final de 2015, depois de meses mexendo, que ele terminou mandando os dois textos juntos. Chegou a incluir o nome do Fábio no assunto de alguns dos e-mails que mandou. E recebeu resposta na terceira tentativa. De uma editora mineira de médio porte, e algum prestígio.

Murilo só não tinha sido exatamente honesto a respeito das circunstâncias de composição conjunta com o conto (ou novela, como o editor gostava de chamar) do Fábio. Quando enviou o manuscrito do Concreto Armado, nessa versão conjunta, falou que era um romance escrito, desde o início, a quatro mãos. Mas isso era inexato, no mínimo. Uma fraude, se se quisesse ser mais duro.

Fábio mandou o arquivo com seu conto comprido para Murilo menos de duas horas antes de morrer. Menos de duas horas. Provavelmente mandou com o celular antes de entrar na estrada. Murilo não conseguia deixar de enxergar nisso um holofote de algum tipo, uma demarcação. Não que a demarcação fosse lá muito clara, não era um gesto inequívoco, mas era um gesto. Na pior das hipóteses ele queria fazer alguma coisa com o troço, queria mantê-lo vivo. Não?

O arquivo que Fábio tinha lhe mandado continha apenas uma história chamada “CABULOSO”, dividida em várias partes. Com mais uns fragmentos no final que pareciam inconclusos. Murilo rapidamente reconheceu como fazendo parte do universo CABOL, como ele e outros geralmente chamavam o universo ficcional criado por um blog de ficção científica anônimo que Murilo acompanha há muitos anos numa série de plataformas diferentes (assim como fazia Fábio e um pequeno grupo disperso de fãs), centrado em torno de um jogo brasileiro de MMORPG, uma criatura de DNA alienígena, um homem espalhafatoso sem perna chamado Renato e uma garota misteriosa de origem indígena e habilidades técnicas incríveis.

Quando Murilo começa a ler o conto, chega a achar por um instante que Fábio seria o criador original desse mundo e estaria se anunciando para o amigo desta forma. Mas logo percebe que a história tratava de um personagem que nunca havia aparecido antes, e que o conto parecia mais uma extensão suplementar daquele universo, das várias (tanto ele quanto Fábio supunham que os últimos quatro volumes do CABOL, que apareceram três em Tumblr e outro num Blogger, não tinham sido escritos pela pessoa ou grupo original que teria criado aquele universo anos antes, num link já morto tem tempo).

O fato de Fábio estar partindo de um mundo ficcional já compartilhado, já coletivo, para criar o seu conto, foi também o que encorajou Murilo a tentar enredar um conto seu com o do amigo. Decidiu que precisava arrumar um jeito das duas histórias se amarrarem, bem ou mal. E conseguiu. Bem ou mal. Não demorou para perceber que acabou, quase sem querer, lidando com alguns sentimentos torto envolvendo a morte do amigo, no processo. Era talvez a dimensão mais autêntica do livro, pra ele, mas ele não sabia o quanto isso transparecia no texto.

Murilo recuperava na cabeça com facilidade, e alguma agonia, as imagens de si mesmo no seu antigo quarto, de madrugada, varrendo farelos de biscoito no teclado, aquele silêncio sustentado por horas, aquela casa desmontada e escura, aquela desesperança tão profundamente instalada que ele nem conseguia diferenciar do mundo, nem conseguia chamar de desesperança.

Não faz tanto tempo que ele saiu de casa e veio para Nova Iorque, mas a sensação é que aquela lembrança já era de uma vida passada. Não falava com os pais devia ter mais de seis meses. Quase não respondia mais os poucos amigos virtuais brasileiros que ainda tinha. Recuperava essas imagens para melhor situar aqueles fatos todos, para melhor contextualizar o fato dele ter juntado o conto do seu amigo ao seu romance e mentido que eles haviam combinado de escrever a coisa juntos.

Não foi do dia pra noite. Começou assim: logo depois de Fábio morrer, ainda em 2013, Murilo começou a alimentar uma pequena obsessão envolvendo a conta de e-mail do amigo. Começou a imaginar não só que a conta devia conter mais textos e arquivos interessantes, mas que ele teria como acessá-la se ele realmente fosse atrás disso.

Passou, então, a recuperar transcrições das conversas que tinha tido com Fábio procurando uma ocasião particular em que haviam discutido as senhas um do outro.

>

04.

<<

A única iniciativa de Timothy Aaron Bedford III nos seus já quinze anos de agência que foi, de fato, bem recebida por seus superiores aconteceu dentro de uma força-tarefa que já existia há mais de uma década, dedicada a converter hackers talentosos para o lado da lei. Isso em 2008. Eram muitos os casos de adolescente que começavam procurados pelo FBI por alguma estripulia ou mesmo treta séria e depois viravam consultores de segurança do governo ou de grandes corporações, mas a agência se preocupava também com aqueles que eram tão talentosos e esguios que nunca chegavam a aparecer no radar, passavam livremente pelas redes causando seus pequenos e grandes estragos sem deixar traço.

Timothy entendia muito pouco de programação, mas começou a se interessar por este mundo e o seu entorno a partir da década de noventa, e tentou frequentá-lo como podia, pessoal e virtualmente, desde então. Aos poucos começou a entender como o ciberespaço era um vetor extraordinário de risco para a segurança nacional. Era um vetor já monitorado por todas as agências federais competentes, com certeza, mas Timothy suspeitava que não se monitorasse o suficiente.

A superfície de ataque (como os especialistas diziam) da sociedade como um todo lhe parecia enorme, um flanco aberto a todo tipo de ameaça. Timothy foi se informando, ele já sabe que não é possível, por exemplo, desligar a grade elétrica de um país a partir de um vírus ou um controle remoto, ou os sinais de trânsito de uma região, como fazem nos filmes. Esses sistemas geralmente não estão conectados a internet, não nessa camada. Mas isso era o de menos. Empresas enormes de infraestrutura privada, de produção e manutenção essenciais, todas têm suas redes que podem muito bem, ao menos em parte, ser acessadas por maus autores. Não de modo a controlar uma indústria, mas de modo a interromper sua produção, por exemplo. E pedir resgate pelos dados ou até pelas próprias máquinas (se for um ataque mais robusto). É o que se chama de Ransomware, e é praticado desde 1989. Timothy leu reportagens e relatórios assustadores e conseguiu transmitir para alguns superiores mais velhos a urgência daquela questão.

Com isso, conseguiu um trabalho dentro desta força-tarefa já calejada

e experiente. Sabia que seu projeto lá dentro era só uma pequena frente de exploração, mas esperava desdobrá-la em outras. O mundo virtual era como uma nova malha sobreposta às antigas, esperando ser retalhada e reclamada por seus donos legítimos, como o mundo analógico por debaixo dele havia sido no passado. Timothy queria ser o J. Allen Dulles desse novo mundo.

Então, no seu primeiro dia se juntando à reunião mensal de sempre da força-tarefa, pediu para a equipe de criptólogos do departamento criar um enigma. Um que fosse complicado o bastante e que exigisse manipulação em vários níveis, com várias etapas, e que criasse um mistério sedutor que deixasse a pessoa intrigada. Demoraram meses para terminá-lo, o criptólogo egípcio-americano e sua equipe claramente excitados com a tarefa como se fossem garotos. Como muitos ali tinham crescido com um sentimento antiautoridade, que eventualmente amoleceu, se transfigurou ou foi cooptado, não tiveram dificuldade de meter nas partes escritas, e até na diagramação gráfica da chamada, uma sensibilidade punk que passava a impressão de que você tava sendo recrutado para um grupo radical. Embora fossem deliberadamente vagos no vocabulário, a sensibilidade da coisa tentava puxar um pouco, ainda que sutilmente, para a liberdade e a subversão.

Usaram primeiro o 4chan e confiaram que se espalharia a partir dali. Em dezembro de 2008, um usuário anônimo postou uma imagem misteriosa. Sobre um fundo preto com a silhueta de um polvo em relevo, letras brancas diziam:

“Olá, estamos procurando por indivíduos altamente inteligentes que não se encaixam nas caixinhas pré-montadas da sociedade. Dentro desta imagem há uma dica, e a partir dela vocês podem entrar no buraco do coelho. Estamos ansiosos para conhecer os poucos que vão chegar até o fim“.

O polvo e o buraco do coelho foram toques de Timothy, mas a equipe pareceu gostar. Abrindo a imagem com um editor de texto, aparecia uma linha de texto no meio do código. Esta era uma forma simples de esteganografia, Timothy descobriu, a arte de cifrar mensagens por meio de imagens. No caso, uma forma digital, mas a técnica era antiga.

A linha de texto aparecia clara bem no fim da barafunda de caracteres. “Gaius Julius Caesar Octavianus diz:”, seguido de uma linha de sinais aparentemente aleatórios. Timothy descobriu, informado por seus colegas, que qualquer um com experiência em criptografia saberia que esta é uma referência

à cifra de César, chamado assim porque era usado pelo próprio César (não o Augusto, o Júlio) para cifrar suas cartas. É um código simples, que consiste em pular no alfabeto a letra que se quer usar, um número determinado de vezes. César usava três (A se tornava D). É uma cifra antiga e não muito segura, a dificuldade aqui está apenas em perceber que a linha de caracteres a ser decifrada contém também números e sinais como "=", e que portanto deve-se usar uma tabela ASCII para decifrar, e não o alfabeto.

Fazendo-se isso, decifra-se na linha um link para uma outra imagem. Dentro dessa imagem havia um link para um subreddit cheio de informação, incluindo link para arquivo de um livro, *Self-Reliance*, de Ralph Waldo Emerson. Usando uma outra cifra, consegue-se ler no livro um telefone. Ligando para o telefone, uma gravação te saudava e falava que você estava indo bem.

Passava-se aí para a terceira etapa, a mais elaborada, que envolvia níveis mais avançados de estenografia, feitos com processos de transdução digital, que Timothy não conseguiu entender nem quando lhe explicavam pausadamente, e que no final resultavam em coordenadas (três delas, uma na América do Norte, uma na Europa e outra na Ásia). As coordenadas estavam acompanhadas de uma mensagem de parabéns e dizia para os interessados chegarem nestas localidades se quisessem participar de algo muito maior do que eles. Os custos de viagem seriam reembolsados depois.

Foi assim que Eva entrou na sua vida.

Depois de alguns meses, oito pessoas haviam resolvido o negócio e recebido a proposta de colaboração. Cinco jamais foram ao endereço, três foram se encontrar com um agente sem saber ainda do que se tratava. As coordenadas da América do Norte davam num poste num bairro calmo de Toronto, onde estava afixado um pôster com um polvo no fundo que indicava o endereço de um café ali do lado, dizendo que colaboradores deviam aparecer depois das 19h.

O primeiro a aparecer, um rapaz de ascendência indiana, longilíneo e bonito, com cacoetes estranhos, aceitou prontamente quando ouviu o salário. O segundo, um rapaz judeu de Seattle acima do peso e ansioso, saiu correndo do encontro e se mudou para outra cidade no dia seguinte. Timothy decidiu lidar com as entrevistas pessoalmente, achando que conseguiria ser mais sedutor do que aqueles criptólogos e ex-hackers desajeitados.

Assim que Eva botou os olhos em Timothy no café, ela fez uma cara azeda. Antes mesmo dele explicar o que seria o trabalho, ela parecia antecipar

tudo e falou que jamais trabalharia com o governo americano, que nunca trabalharia para dedurar ou ajudar a prender ninguém. Que não tinha um bom pressentimento sobre essa história desde o início, mas acabou deixando a curiosidade lhe vencer. Nunca cometeria esse erro de novo.

Como que sabe que eu sou do governo, ele perguntou, e ela falou que nunca tinha visto fora de filme alguém com mais cara de agente federal. Timothy riu e falou que era CIA, o que fez ela azedar ainda mais. Ele apresentou todas as vantagens do trabalho e insistiu que teria liberdade para desenvolver o que quisesse, que eles estavam interessados em colaborar com gente talentosa como ela para entender melhor as potências e os riscos do século XXI. Ela não precisa nem fazer trabalho de campo, pode ficar mais no setor de pesquisa. Ela gargalhou e falou que espera pro bem desse mundo que eles continuem sem ter nem ideia do que está acontecendo bem debaixo dos seu pés. Saiu de lá com passadas largas e ainda lhe deu um dedo, de costas, enquanto abria a porta.

Então Timothy se viu forçado a forçá-la. Ela não tinha deixado traços virtuais, mas foi seguida quando saiu do café. Descobriram que trabalhava numa empresa de jogo de computador de médio porte e estava ilegalmente no Canadá fingindo-se cidadã local com uma carteira de motorista falsificada. Timothy achava que ela era latino-americana, mas não sabia de onde. Depois de alguns dias, encontraram sinais de que ela havia chegado no Canadá de um vôo que veio de São Paulo. E o seu rosto apareceu num pequeno punhado de fotos postadas no Norte do Brasil entre 2001 e 2002. Mas não encontraram registro nenhum dela em lugar algum, nem pelas porta dos fundos que tinham para alguns servidores internos do governo brasileiros. Timothy apareceu um dia de noite na porta do apartamento que ela dividia com uma garota e um garoto ruivo nos arredores de Montreal. Anunciou, numa voz quase cantada, que se ela não quisesse que o departamento de estado canadense recebesse um dossiê fabricado das suas atividades de ciberterrorismo, associação com máfias internacionais e com o estado islâmico, ela devia se apresentar para trabalho no tal endereço. Nos olhos dela dava pra ver a raiva implodindo em sucessivas ondas até arrefecer.

No final do primeiro dia, ela falou que não aguentaria aquilo por muito tempo, que preferia se matar. Talvez levando alguns dos colegas de trabalho com ela. Ele olhou pra ela com gravidade e falou que se ela ainda se sentisse assim depois de seis meses eles encerrariam a colaboração (era sempre assim que ele chamava: a nossa colaboração). Ela não pareceu acreditar nele, mas

ficou mais quieta depois disso. Chegava todo dia de fone de ouvido, cara enfezada e saía do mesmo jeito, só conversava o estritamente necessário. Mas nos dois meses que trabalhou sob sua supervisão ela desenvolveu uma técnica revolucionária de extração de informação de computadores que não estão conectados com nenhuma rede. O ventilador de refrigeração do CPU era usado para transmitir informação a partir da variação da sua velocidade. Contanto que se conseguisse plantar o programa no computador, a extração poderia se dar à distância, até fora do prédio, usando microfones ultrapotentes. Era uma técnica muito difícil de ser efetivamente executada em campo, mas sua solução era tão inventiva e ardilosa que as ofertas para que Eva ficassem redobram. Ofereceram cursos pagos à distância nas melhores universidades, prometeram acesso a redes de pesquisa sigilosas. Ela continuou dizendo que sairia dali assim que pudesse, muito obrigado. Em seguida, produziu um trabalho teórico sobre computação quântica que seus supervisores mal conseguiram compreender, mas que foi considerado brilhante por especialistas.

Antes de completar o sexto mês, Timothy recebeu um pedido de um superior que o surpreendeu. Nunca suas atividades despertavam muito interesse acima da cadeia que não fosse de reprimenda ou desprezo, mas um diretor antigo, velho parceiro de seu pai, um S & B O.G (ou seja, velha guarda do Skull & Bones), aproximou-se dele fora do escritório a respeito do programa de recrutamento de criptógrafos. Perguntou, como quem pede um favor a um amigo, se ele estava liderando uma jovem hacker que teria recentemente produzido um paper especulativo sobre um sistema ótico de computação quântica. O trabalho dela já estava dando o que falar, ao que parece. O diretor pedia que ele a pudesse tomar emprestado para um projeto secreto internacional que não estava oficialmente ligado à agência, mas era da mais estrita importância. Assunto de segurança nacional.

Tudo que Timothy queria na vida era ser tratado como um dos adultos. Ainda que lhe doesse profundamente ceder o brinquedo mais maravilhoso de que já teve posse, não teve opção. As ordens eram inequívocas e pareciam vir muito de cima. Eva gelou com a ideia e com a perspectiva de nunca mais sair lá de dentro, mas, para a surpresa de Timothy, depois da reunião fechada que ela teve com dois caras com tipo de cientista e sotaque estranho, ela pareceu bem-disposta, até animada. Ele ficou mordido de inveja com aquilo e de não poder saber do que se tratava. Seis meses depois, tomando um uísque com seu superior, ele pergunta se ele ouviu algo mais sobre a Eva, tentando soar

casual. Fica ainda mais curioso quando ouve que ainda está trabalhando com eles e que tinha sido realocada para a Bolívia.

Bolívia?, Timothy pergunta, com nojo nem mais ou menos escondido.

>>

05.

<

A pizza estava ótima, como sempre, mas Murilo não conseguiu deixar alguns pedaços para o dia seguinte, como havia prometido a si mesmo que faria. Agora está deitado no chão da sala, a calça abaixada, cheio de refluxo. São quase duas da manhã e a noite está um forno. O ar-condicionado do quarto não funciona bem, então ele está dormindo na sala, que é mais ventilada. No momento, tentando dormir.

Depois de não conseguir por uma hora, Murilo está procurando numa confusão de camisetas e cuecas, revistas, folhetos de exposições, notas fiscais e sacos plásticos um maço de cigarros que ele acha que existe, que acha que viu ainda ontem. Percebe de repente que está falando alguma coisa baixinho, que enquanto está procurando os cigarros parte da sua cabeça está metida em encenar uma conversa dele com a menina norte-americana de ascendência turca que virá no dia seguinte entrevistá-lo para a revista chique.

Nós já nascemos sempre metidos nas histórias das outras pessoas, fazendo parte de sistemas maiores concêntricos e tendo que lidar com a eles de alguma maneira. Isso não me incomoda, eu encaro como um jogo dentro de outro...

Quanta merda, meu deus. A menina deve chegar amanhã de manhã e o apartamento está essa bagunça absurda, inaceitável. Já estava péssimo um mês atrás e ele não fez grande coisa para melhorar a situação, pelo contrário. Só foi constatando a sua piora progressiva como se não fosse ele próprio a principal fonte de entropia naquele sistema. Assim como sua única fonte possível de ordem (a não ser que ele contratasse uma diarista, o que ele só havia feito uma vez, e havia achado muito estranho).

Pensava na escritora sofisticada vendo aquilo e se motivava a, digamos, jogar fora uma caixa velha de pizza (mas não todas). Gostaria de dar uma amenizada até amanhã, mas pelo menos em parte sabe que talvez goste de que a menina veja aquilo ali, aceita sem problemas que aquilo ajude a montar a imagem de artista excêntrico que ela vai botar na revista.

Já tinha uns bons meses que Murilo e o romance não recebiam atenção alguma, no Brasil ou fora, por isso ficou surpreso quando recebeu o contato da garota. A revista, que ele já admirou mais, mas pela qual ainda tinha

um puta fetiche (tendo publicado, no seu auge, tanta gente que ele amava), jamais havia dado bola para seu livro, nem quando ele foi, por alguns meses no final de 2017, uma pequena febre em parte da crítica literária norte-americana. Agora, já passados meses, ter um texto saindo ali era melhor ainda. Era como uma consolidação do que poderia ser percebido como um hype breve e espumoso. Foi a melhor notícia que ele recebeu em algum tempo. Mesmo se acabasse sendo mais para criticar do que para elogiar, critica-se aquilo que merece atenção.

Quase sempre que Murilo buscava uma desculpa para não ter criado nada nos últimos dois (três?) anos, ele pensava que o que ocupava sua cabeça era Fábio, ainda. Todas as coisas dele, todas as tralhas que tinha se incumbido de organizar, de tocar adiante.

Em 2016, logo que a editora mineira anunciou a publicação do livro, alguns dos amigos de Fábio que foram descobrindo a existência de Murilo começaram a ir atrás dele, perguntar de outros rascunhos e projetos sobre os quais já teriam conversado com o Fábio meses ou até anos antes. Alguns realmente tinham afeição ou entusiasmo genuíno por alguma ideia abandonada do amigo, outros pareciam apenas querer surfar na atenção que o defunto andava recebendo. A família é que jamais se interessou, estranhamente, em lidar ou controlar as publicações. Murilo pediu para a editora entrar em contato a respeito de direitos autorais, mas nenhum dos pais respondeu o e-mail.

Pouco depois do livro sair, alguém no twitter começou a linkar alguns blogs que continham partes da história do Cabuloso, além de um par de perfis falsos em redes sociais de alguns personagens. Murilo ficou um pouco constrangido de não ter descoberto isso ele próprio, mas também achou graça no fato do amigo conseguir surpreendê-lo do além.

Três meses antes de morrer (Murilo veio depois a descobrir a data exata da conversa, março de 2013), Fábio insistiu numa madrugada que o amigo conseguiria adivinhar a sua senha, se realmente quisesse. “É um trem beem específico, você é a única pessoa que eu acho que, talvez, poderia adivinhar”. Deu duas dicas que Murilo na época achou crípticas, mas que com a obsessão após a morte, e alguns meses de maturação, acabou por entender.

Durante semanas Murilo ficou com aquilo rodando no fundo da cabeça. Tentava uma senha a cada dois ou três dias. Demorou, mas foi. Acertar talvez

tenha sido até então, ao menos, o prazer mais concentrado da sua vida, o mais puro.

Peleshatnot. Uma piada obscura compartilhada pelos dois, envolvendo uma citação obscura de um romancista norte-americano do qual os dois gostavam (William Gass), transfigurada para envolver o Pelé (e não Jesus Cristo). Justamente o tipo de babaquice que reunia os dois.

Quando a tela abriu a lista de e-mails, ao invés de retornar à senha errada com a mesma recusa que ele já conhecia, era como se a interface aceitasse que ele era o Fábio, para todos os efeitos. Por isso a sensação quando a conta logou foi acima de tudo estranha, além de muito prazerosa. Era menos a de abrir a correspondência de um amigo, mesmo de um amigo falecido, e mais a de receber um espírito no corpo. Afinal, a maior parte da presença daquele seu amigo durante a vida tinha vindo pelos e-mails que ele mandava, além das conversas em chat (que também aconteceram, boa parte, naquele meio). E era então como se Murilo de repente estivesse habitando o outro lado das conversas que tiveram, acenando de dentro do espelho.

Murilo passava pelos vários, vários arquivos de texto, as centenas de rascunhos fragmentados que Fábio tinha salvo ali na conta, que iam desde algumas frases ou parágrafos até dez, vinte páginas de palas sustentadas e compridas. Mais de uma década de tudo que acontecia de passar por aquela cabeça, criativa e preguiçosa, impulsiva e instável, confusa e convoluta, mas – para Murilo, ao menos – quase sempre curiosa de se ouvir.

Era difícil extrair daquela bagunça toda as imagens que se encadeavam, mas estavam lá. No meio de muito detrito e ruído, Murilo encontrava algumas sequências que faziam todo o sentido, e que às vezes eram vívidas e originais, ele achava. No meio da bagunça surgiam lá seus lampejos. Embora ele tivesse também dificuldade de entender o que era citação e o que era dele mesmo. Achou por meses que um poema lindo de Adrienne Rich salvo nos rascunhos sem atribuição (“Poder”) era de Fábio, até encontrá-lo traduzido alhures, num blog. Alguns dos fragmentos do amigo talvez lhe parecessem mais brilhantes do que realmente eram, Murilo achava, pelo modo que chegaram até ele.

Desse jeito, encontrou as notas que Fábio tinha para a tirinha de um personagem que ele tinha criado com uma amiga mineira, Susana, e que ela passou a levar pra frente só depois de sua morte (Marcelinho Meio Morto). Desse jeito, encontrou as cinquenta páginas de rascunho de um roteiro que

alguns amigos do Fábio estavam agora tentando transformar num filme.

Murilo foi assim se tornando, meio que aos trancos e barrancos, o detentor oficial da obra de Fábio, uma posição que ele não teria perseguido por querer, mas para qual ele se sentia, no final das contas, mais do que apto.

>

06.

<<

Depois de muito escarafunchar, de muito encher o saco de todos seus contatos, Timothy Aaron Bedford III conseguiu desencavar rumores sobre o laboratório na Bolívia. A lenda, que era contada mais como piada do que qualquer outra coisa, dizia que havia sido criado a pedido direto do Reagan, já senil, que teria insistido que havia chegado a hora de transformar animais em armas. Weaponize them, ele gritava, babando. A batata quente foi jogada para duas agências diferentes, com o desafio de formular uma versão inteligível da ideia. E foram membros de alto escalão da CIA (há tempos procurando meios de abrirem suas asinhas em áreas geralmente mantidas sob domínio militar) que propuseram esse posto avançado de experimentação biológica, todo fundado com fundos secretos, em território estrangeiro e com a equipe toda estrangeira, fora a diretoria. Seria uma maneira de evitar qualquer escândalo internacional envolvendo ética científica. Se alguma coisa desse errado seria muito fácil de desmontar tudo rapidinho e jamais admitir que aquilo era uma operação deles.

Embora a visão inicial de Reagan fosse mais na direção de águias com canhão laser nos olhos, os diretores do laboratório sob Bush (O Pai) prometeram entregar armas biológicas novas, mais eficientes e controláveis, que pudessem ser usadas à distância e que pudessem parecer fenômenos naturais, ao invés de botar homens e botas no chão, enfraquecer um país ou uma região por dentro. Alguns agentes inoculadores bem inseridos e pronto. Geopolítica barata e eficaz. Em dez anos, no entanto, a estranha conjunção de mentes que aceitaram os termos de trabalhar ali acabaram indo em outras direções, e produzindo uma série de monstruosidades genéticas, indesejáveis não só para qualquer uso militar, mas em qualquer outro sentido. O que impediu o laboratório de ser fechado por Clinton no meio dos anos noventa foram súbitas descobertas, algumas delas acidentais, que surgiram no meio da experimentação intensa e sem limites éticos, e que acabaram servindo para a indústria alimentícia produzir galinhas que fossem mais eficientes como fábrica de ovos, vacas com muito mais carne do que seu corpo realmente precisava. As patentes resultantes acabaram por dar uma boa grana, tanto para o governo quanto para alguns contribuidores importantes de campanha, e o laboratório

continuou funcionando no seu status legal indeciso e extraoficial, enterrado nas catacumbas vastas e inauditas de ações extracurriculares do Império.

Timothy pensou em tentar visitar o lugar, mas ouviu de um conselheiro mais velho amigo de seu pai (um homem enorme do Arkansas com mãos peludas) que aquilo seria não só quase impossível como nada aconselhável, o laboratório era só deprimente, e mais nada. Nada sexy acontecia ali, ele garantia. Seu caráter legalmente solto significava basicamente nenhuma supervisão, uma gestão exclusivamente por cientistas (com a segurança terceirizada para empresas privadas) fazia com que o lugar tivesse um ar estranhamente casual, despreocupado, até desorganizado e sujo em lugares. Pessoas extravagantes falando às gargalhadas das tentativas mal sucedidas de controlar enxames de vespas para devorar o rosto de um filhote de cabra, enquanto mastigam um sanduíche frio de salaminho, cientistas latino-americanos de chinelo e pés peludos fritando fígado e cebola de madrugada enquanto repassam entre si fotos de fetos mal formados. Havia quem dissesse até que faziam experiências desde o final dos anos noventa com clones humanos. A descrição sebosa e enojada só fez o interesse de Timothy aumentar.

O estranho, então, era que o lugar tava longe de ser a vanguarda da pesquisa militar americana, era mais uma fonte de constrangimento interno do que qualquer coisa. Timothy nem conseguia imaginar o que eles poderiam estar fazendo que merecesse a cabeça da Eva. Sua curiosidade chegava a ficar insuportável. Quando Timothy se perguntava aquilo, mesmo estando em público (num restaurante, por exemplo, ou avião), ele muitas vezes sentia a necessidade de fincar suas unhas nas próprias coxas, e arrastá-las com toda a força de que dispunha.

>>

07.

<

No início de 2017, Susana Domingos, essa amiga belo-horizontina de Fábio, começa a publicar uma tirinha que havia começado a planejar com ele anos antes. Murilo entra em contato de novo com ela quando encontra entre os rascunhos de Fábio um arquivo com roteiros quase prontos escritos para um desenho-animado com os personagens da tirinha. Ele não gosta muito do traço de Susana e do resultado da tirinha até então, mas entende que aquela era sua obrigação. Sente-se mais restritivo e protetor com os rascunhos de Fábio relacionadas ao CABOL (que agora se veem, de algum jeito, atrelados a Murilo por causa do romance). Mas com o resto, ele queria apenas que as coisas vissem a luz do dia, se outras pessoas estivessem interessados em levá-las adiante.

No final do mesmo ano, Gominho também entrou em contato com Murilo. Era dos pouquíssimos amigos do Fábio com quem Murilo já tinha conversado, ainda que poucas vezes. Antes mesmo do livro ser anunciado ele já tinha perguntado pro Murilo se ele teria por acaso o arquivo de um roteiro que o Fábio tava fazendo.

O roteiro era sobre o Renato Mussum, um personagem que não era do Fábio, que aparecia em várias iterações distintas do CABOL há anos, e era na verdade um dos elementos mais recorrentes e antigos daquele universo. Claramente o Fábio tinha desenvolvido uma relação forte com a figura, nos seus rascunhos tinha pelo menos quatro roteiros diferentes com ele, nenhum deles nem próximo de ser terminado. O mais desenvolvido, com umas quarenta e poucas páginas, era um musical muito ambicioso que ia desde antes da bossa-nova até o começo dos anos noventa. Contava a história recente do Brasil através da sua música popular e da mistura com a figura mítica de Renato Mussum, que teria participado de quase todos os momentos importantes, mas teria sido apagado da história oficial por seu comportamento sexualmente extravagante e gênio intratável. Ao longo da história, ele era preso pelos militares, rechaçado pela militância comunista mais ortodoxa, perseguido por um grupo de padres e freiras por ser viado e terminava assassinado no estádio durante um jogo de futebol da copa.

Murilo até gostava de partes desse roteiro, embora jamais tivesse tido

muita paciência com o jeitão bobo de falar do personagem, mas seria uma produção multimilionária, várias cenas de proporções épicas e reconstituição de época. A piada recorrente do roteiro, quase o motivo geral da trama, é que em toda situação tensa em que ele se encontra, na cadeia, num beco, num tribunal, na igreja, Renato começa de repente a cantar algum sucesso meloso da MPB e a cena corta pra ele pelado com a pessoa (ou pessoas) fumando um cigarro pós-coito. Disso Murilo gostava, quase que só.

Mas o roteiro que o Gominho acabou decidindo que ia produzir era um bem mais simples. Nesse, Renato também tinha sido uma figura decisiva para a música popular brasileira dos anos setenta aos oitenta, mas o filme se passava com uma jornalista que ia atrás de recuperar a sua história, encontrava ele morando nos arredores de Belo Horizonte, trabalhando num bar. A jornalista passa o filme tentando fazer ele admitir o seu passado, sem sucesso. A gente fica vendo a vida tranquila lá do cara limpando o banheiro do bar e servindo cerveja pra alcoólatra matutino enquanto passam flashbacks do que teria sido a vida pregressa do Renato (ainda mais fantástica do que no outro roteiro, envolvendo viagem no tempo, uma conspiração de décadas da CIA pra esconder evidências fotográficas do romance tórrido entre Michael Jackson e Jorge Ben nos anos 70; o escambau).

E enquanto isso Renato se apaixona por um velho rabugento conservador dono de uma banca de jornal. O velho é um escroto, mas Renato se apaixona depois de vê-lo defender uma criança de rua de um segurança de lanchonete que lhe deu uns tabefes gratuitos na nuca. O roteiro termina com Renato e o velho dançando juntos na rua a versão do João Gilberto de “Disse Alguém”.

Gominho tentou fazer Murilo participar do processo criativo, mas ele não fez mais do que dar alguns pitacos, e ignorar a maioria dos e-mails que recebe. Tinha simpatia por Gominho, mas achava que a chance do filme ficar bom era exatamente nenhuma.

>

08.

<<

Nílson continua andando a esmo pelo anel interno do Mineirão, ainda olhando para o celular de tempos em tempos. O aparelho tinha acabado de voltar a funcionar, mas Nílson ainda não confiava na sua estabilidade, precisava confirmá-la. Mesmo sem pegar o sinal de internet, já era um pequeno alívio. Os pássaros todos já tinham ido embora, o telão tinha se desligado. O clima ali dentro ainda era de tensão e empurra-empurra, mas num tom abaixo ao desespero gritado que tinha se instalado meia hora antes. Ele escuta algumas pessoas dizendo que alguém tinha matado o famoso jogador Jader nos vestiários. Ele nem consegue registrar a verossimilhança daquilo, de mais aquilo. Via-se no rosto ansioso de todo mundo uma vontade de voltar para a normalidade. Mas claro que todo mundo sabia que uma série bastante improvável de eventos tinha acabado de suceder, algo além de uma semifinal de Copa do Mundo normal havia acontecido...

Nílson não consegue encontrar o gringo, que realmente parece ter lhe dado um perdido. Quando consegue algumas barrinhas, manda mensagens para ele, sem receber resposta. Continua ali dentro do Mineirão até ele ser, aos poucos, evacuado. Quando ele está já fora, na parte externa, no acúmulo de pessoas recontando o evento ou maldizendo a seleção, recebe uma ligação do seu chefe.

– Nilsão, porra, Nilsão.

– Opa, como vai, chefe?

– Que merda, hein? Quê que aconteceu, porra? Que cagada.

– Olha, eu não sei. A resposta mais curta é essa. Eu estava em contato com o –

– Olha, na real, eu não quero nem saber, Nilsão. Vão querer comer meu cu agora, e eu só posso te dizer que você tem que correr atrás. O Jader já vão investigar a rodo, eu imagino, a PF, a Civil, todo mundo. Mas você vai ter que me descobrir afinal de qualé dessa porra desse terrorista aí que foram inventar de matar, além daquela conversinha mole que você tinha me passado, que deu pra ver que tu tirou da bunda.

– Eu tava no rastro do Renato, chefe, eu juro. Eu tava pertinho já –

– Você tinha basicamente um trabalho, moleque. Monitorar essa porra desse doido. Tou certo ou tou errado? Hein? Ser babá lá do gringo também, beleza, mas isso era o de menos, isso foi brinde, aparentemente. Ele fez foi te convidar pra jogo, pra não sei o quê. Porra. Puta merda, Nilsão. Vão contar piada do Brasil por ANOS por causa dessa papagaida tua, tu tem noção? Aquele país de bárbaros, de canibais. E não é que a tua responsabilidade virou uma vergonha nacional? Eu não tou sendo escroto, não. Tou te jogando a real. Você foi o elo fraco do sistema de inteligência brasileiro nessa aí.

– Vamo combinar que não dava pra esperar nada disso. Nada do que aconteceu hoje tava dentro da caixinha.

– Olha, eu vou quebrar teu galho com o 7 a 1. Beleza, até aí não era tua responsa mesmo. Foi culpa da PORRA do Felipão e daquele merda do David Luiz, aquele palhaço desgraçado. Essa geração de mimimi. Agora, você me disse alguns meses atrás que esse aí era só um doido de internet, nada perigoso, nada pra se preocupar. Nunca que ia dar dor de cabeça na Copa, imagina... Sequestro? Jamais. E agora essa PORRA virou uma dor de cabeça pra todo mundo, esse abacaxi do caralho. Como que eu não vou cair em cima de você, Nílson? Me ajuda a te ajudar, cara. Tu não me tá dando nem opção aqui.

– Olha, doutor Silvio –

– Doutor Silvio é o consolo preto e veiuado da tua mãe, Nilsão. Me chama de Silvinho.

– Silvinho, tudo bem, eu admito que falhei em monitorar o meu alvo, beleza. Mas ele foi meio que esquartejado, né, chefe? Até segunda ordem ele foi uma vítima aqui, não? Eu ainda acho que não era uma pessoa perigosa, não de verdade. Podia estar misturado com gente perigosa, isso sim.

– Se aquele filho duma égua não era perigoso o que tava fazendo naquele lugar? Sendo que pouco antes alguém tinha matado o Jader ali perto? Coisa certa não tava fazendo, com toda certeza. Você no geral tá muito mal-informado. Vou te mandar agora o que eu acabei de receber no Zap. Recebi de gente séria, não foi de moleque não. Se liga aí. Tu tá moscando demais, Nilsão.

Então tinham mesmo matado o Jader. Puta merda. Ele desliga e logo envia um link por Whatsapp. Fica feliz de ver que a internet do seu celular havia voltado. O link era uma matéria de um blog de direita que Nílson conhecia

vagamente há anos, mas que achava um tanto abaixo da sua própria inteligência, seja pela forma de jornalismo sem apuração nem critérios, seja pela opinião editorial. Algumas manchetes engraçadas de vez em quando, mas nada a se levar a sério. Pois estavam lá dizendo que uma série de assassinatos no último ano havia sido conectada a uma lista publicada por Renato. Doze artistas e ativistas, alguns relacionados ao meio ambiente, a maioria (7) de algum jeito próximos ao mundo gay e trans. Jader era o primeiro da lista, o único nome realmente famoso de todos (último nome a ser postado, último a ser assassinado). Como se a lista dele tivesse, de algum jeito, invocado ou causado os assassinatos. Nílson nunca tinha ouvido falar de nada daquilo, mas achou melhor se tacar para o hotel e investigar aquilo melhor.

Pega um táxi e fica duas horas no trânsito, uma dor de cabeça latejando, as imagens todas lamentáveis e ominosas da tarde repassando na sua cabeça, enquanto quatro homens de sotaque mineiro carregado discutiam a lástima da seleção, sem nem mencionar qualquer outro detalhe do dia. Como se mais nada tivesse acontecido. No carro que fica de frente ao táxi, durante o engarrafamento, durante mais de uma hora, Nílson encara a mesma coisa: um adesivo escrito IDOSO em letras azuis e rechonchudas, brilhosas. Do lado direito, o fantasma ainda marcado, em contraste com a camada mais nova de sujeira, de um adesivo já caído dizendo “GOSTOSO”.

>>

09.

<

Ao acordar, como quase todo dia, Murilo come uma banana. Nesse caso uma já mole, meio passada, além de sem gosto (como praticamente todas as bananas naquele país). Depois desce do apartamento para fumar um cigarro. Era um hábito recentemente autoimposto que ele diz pra si mesmo que tem como propósito não deixar o apartamento fedendo demais, mas que, na verdade, é também uma imposição pra que ele saia de casa e estique as pernas nos dias em que não tem disposição de passear.

A escolha de se mudar para Nova Iorque havia sido meio impulsiva. E burra, considerando que ele poderia estar morando melhor no Brasil, e ainda se beneficiando do câmbio, ao invés de torrar quase tudo que ganhou numa única estirada estúpida, como se fosse ganhar aquilo de novo. Ele agora se lamentava, mas não chegava a se arrepender. Não tinha sido à toa, aquela cidade sempre havia funcionado como um ímã enorme na sua imaginação.

Murilo veio chamado pela editora no final de 2017, na época do lançamento, para ficar duas semanas. A ideia a princípio era fazer uma turnê de lançamento com algumas aparições radiofônicas e talvez até uma televisiva (ainda que local), focando na história dramática envolvendo o seu lindo amigo, mas logo perceberam que a extrema dificuldade de interação de Murilo tornava isso inviável. Fizeram apenas dois eventos, pequenos, ambos na cidade. Quem havia intermediado sua relação prática com todo este processo havia sido a sua agente, Melanie, que trabalhava para uma empresa gigante de agenciamento literário, de matriz alemã, que pulou nos direitos do livro assim que as primeiras matérias sobre o romance começaram a aparecer, a maioria fora dos cadernos literários. Melanie Rothfeld era uma senhora judia baixinha que quase todo dia usava um par de óculos diferente, todos invariavelmente extravagantes. Tinha uma voz rouca e impositiva que diziam que havia se tornado mais áspera e cavernosa depois que ela perdeu seu único filho de overdose de heroína. Desde então dedicava todo seu tempo a trabalhar com ferocidade e devoção a seus escritores. Havia carregado a carreira de alguns grandes nomes no passado, mas não lidava com nada muito vistoso tinha uns bons anos.

Alguns assistentes achavam que Melanie tinha o defeito de confundir

excentricidade com brilhantismo, e de fazê-lo com alguma facilidade, o que explicaria o entusiasmo com que recebeu o livro mais ou menos de Murilo, entusiasmo que conseguiu transmitir para a editora a ponto de conseguir um ótimo valor para um escritor totalmente desconhecido, com só (meio) romance semipromissor.

Tinha isso, mas Melanie principalmente pareceu adotar Murilo como um mascote, tomando sua incapacidade generalizada como a de um animal indefeso. Parecia achar que a sua figura era tão confusa e frágil que, se ela não cuidasse dele, seria devorado pelo mundo em duas mordidas. Arrumou o apartamento de um amigo para Murilo ficar por um mês, e depois um lugar com aluguel bem abaixo do mercado para ele ficar um ano.

A recepção do livro nos Estados Unidos havia sido mais positiva do que negativa, embora não tenha vindo tanto dos veículos e das vozes de que Murilo gostaria de receber elogios. Ainda assim, se a publicação no Brasil já havia deixado-o muito contente, a publicação gringa a princípio deixou o ego de Murilo inflado a alturas estratosféricas, caminhando meio inebriado em ar rarefeito. Mesmo reconhecendo o aspecto totalmente colonizado daquele sentimento, e tendo lá sua vergonha disso, a mera infraestrutura da coisa toda era tão maior (mesmo para um lançamento mediano e nada glamouroso, como era o dele), que só de ver o nome dele na lombada de uma pilha de livros na frente de uma moribunda Barnes & Noble, mais uma cadeia que ele sentia que conhecia de maneira íntima e pessoal sem nunca ter visitado antes, ele se sentiu já plenamente imortal. Podia ser atropelado ali mesmo e pronto. Depois de folhear a si próprio por alguns segundos lá dentro, saiu e andou em círculos pela Union Square por uma hora, realmente considerando como sempre havia lhe parecido remota a possibilidade de talvez alguém lê-lo, um dia, do outro lado do mundo. O tanto que aquilo acendia um desejo antigo, quase nunca confesso estritamente nem pra si mesmo, de ser do naipe de um escritor desses que ele admirava desde moleque a distâncias tão enevoadas, uma dessas torres góticas imponentes e assustadoras na lonjura. Esse tipo de besteira. Um sentimento cujo profundo e infantil narcisismo ele registrava enquanto sentia. Veio forte, mas passou rápido.

Pouco tempo depois, relendo as três ou quatro resenhas estrangeiras que tanto haviam lhe alegrado quando saíram, Murilo começou a sentir que seu livro havia recebido esta pequena festa principalmente por certa condescendência política. O bibelô do Terceiro Mundo que os norte-americanos queriam

sacudir naquele verão. Além, é claro, de toda reverberação ser mediada pela morte trágica do Fábio, comentada com gosto escandaloso em duas de cada três linhas. Por gente que não se interessava tanto por literatura, no mais das vezes, a ponto do livro parecer um pequeno apêndice dela, e mais nada.

De todo jeito, Murilo ficava feliz pelo relativo sucesso, é claro. Lembrava de fantasiar dezenas, centenas de vezes em Brasília com aquilo que havia, de repente, conseguido. Na época já ficava envergonhado de dar tanta importância pra esta ideia de sucesso literário, consciente mesmo enquanto entretinha aquelas fantasias do tanto que esse tipo de satisfação com sucesso devia, no fundo, ser vazia e frustrante, criando uma necessidade meio ingrata e redobrada de atenção que, segundo vozes mais experientes já diziam, depois nunca será satisfeita de novo.

O melhor mesmo era o dinheiro, ele pensava. Isso era objetivo, não dava pra argumentar. No Brasil não tinha rendido muita grana, e ainda assim foi o máximo de dinheiro que ele já tinha visto na vida (menos de dez mil reais, depois de anos de trabalho e seis meses de venda, e olha que foi um sucesso). Chegou a levar os pais para jantar no “Roma”, ali do lado da casa deles, pela primeira vez na vida, para orgulho da sua mãe. Mas a quantia não bastaria para tirar ele de casa.

Tampouco parecia promissora sua carreira como crítico, seu único texto publicado tendo sido um no Suplemento Pernambuco, que ele escreveu achando que estava sendo engraçado e charmoso, mas foi considerado como “pretensioso”, “passivo-agressivo” e “críptico a ponto de nutrir aparente ódio e desprezo pelo leitor”.

Foi quando assinou o contrato para lançar o livro fora do Brasil, que chegou um dinheiro que Murilo nunca imaginou ganhar na vida. Isso só pelo contrato dos direitos de um livro e a promessa de um outro. Fez suas contas de padaria quando chegou da reunião com Melanie e a editora. Teria o bastante pra comer fora uma vez todo dia, ainda que não em lugares chiques, e alugar por pelo menos um ano o lugar que a agente lhe arrumou, um apartamento mínimo de carpete encardido num prédio mal-encarado e sujo (mas em Manhattan!). Isso com relativa folga.

Comprou num brechó um casacão bonito de frio (para esquentar as tripas e melhor esconder suas roupas matrapilhas) e um Macbook de modelo recente. Durante alguns meses, Murilo viveu como sempre viveu, mas com alguns

bons graus acima de estímulo e prazer. Continuava evitando como podia encontrar pessoas, apesar da insistência inicial de Melanie de integrá-lo na elite cultural local, e dos convites frequentes do único amigo que tinha na cidade, um crítico judeu desempregado chamado Jonathan, que Murilo conhecia de twitter há anos antes de chegar lá e com quem descobriu que não gostava de interagir em pessoa (respirava muito alto, falava baixo demais).

Foi a algumas festas de círculos sociais distintos, uma de editores e críticos literários mais velhos, outra de escritores e artistas mais novos, não gostou muito de nenhuma (mas gostou de ter ido, ainda assim, como quem preenche itens numa lista). Fumou maconha na primeira festa e ficou paralisado de paranoia no banheiro por meia hora. Cheirou cocaína na segunda e achou, acima de tudo, muito exasperante. Beijou uma mulher e um homem, em ocasiões distintas, e não gostou muito, tanto que não quis fazer muito mais do que isso. E olha que ele achou os dois atraentes, no sentido taxonômico da palavra. Depois dos dois primeiros meses, estava quase sempre sozinho, mas, ao contrário de Brasília, ia em filmes, exposições e livrarias, andava a cidade toda até seus tornozelos e joelhos reclamarem as juntas. E comia. Como comia.

Ontem Murilo almoçou num restaurante indiano e de tarde comeu um pedaço enorme de Cheesecake com mirtilo. Ainda assim antes de dar sete da noite a imaginação já começava a vagar pelos lugares mais ou menos acessíveis a pé, os cachorros quentes, taquerias, casas de sushi e lanchonetes diversas, desde as locais, sujas e autênticas, a todas as redes que ele conhecia por anos apenas pelo logotipo. Algumas delas (como Wendy's e Dunkin' Donuts) continuavam a guardar para ele uma estranha, quase numinosa, força de atração, mesmo depois de constatar mais de uma vez o quanto eram insossos ou indigestos seus produtos.

Era muito difícil convencer a si mesmo a não comer algo que ele quisesse comer. Além do preço, ele realmente não conseguia apresentar muitos argumentos convincentes pra deixar de comer algo gostoso. Se era gostoso, metia pra dentro, e pronto. Depois a gente vê como faz. Murilo há muito havia abandonado qualquer resquício de cuidado com aparência e tampouco conseguia ter uma preocupação sustentada com sua própria saúde. Ele queria viver, e tudo mais, preferia muito à alternativa, só não conseguia extrair um senso de autopreservação convicto o bastante pra controlar sua dieta nesse sentido. Tinha ganhado pelo menos uns dez quilos no último ano. E isso caminhando muito (imagina se não caminhasse? Explodiria?). Parou

de se pesar havia tempo.

Pelo menos uma vez por semana passava mal de tanto comer. Ficava num canto do seu apartamento deitado no chão e fazendo barulhos que em pouco tempo ele deixava de considerar como seus, como sendo de fato produzidos pelo mesmo aparato que mantinha a sua consciência correndo. Não gostava de fazer aquilo com o próprio corpo, mas assim que ele se sentia melhor, essa convicção esmaecia, dobra sumindo num bolo de massinha de modelar.

Murilo se lembra, rindo consigo próprio, de como a narrativa mais típica do pós-modernismo é a do protagonista que derrete, se desmonta, que aos poucos vai se esfumando. Era ridículo que isso estivesse aparentemente acontecendo com ele ao inverso. Incharia até explodir. Ele imaginava a possibilidade de alguma parte dele estar deliberadamente procurando aquele mecanismo. Fazia sentido que aquilo acontecesse com ele, então deveria acontecer.

Se a figura invoca, cumpre-se a figura. A frase vem, e Murilo não lembra se é uma citação, se foi ele mesmo quem a pensou. Cumpre-se pra quem? Ele não tinha ideia.

>

10.

<<

Eu chego no hotel com a cabeça zumbindo do trânsito. Aquele clima de ressaca no lobby e no elevador. Imagino que na cidade toda, no país todo. Tento me manter calmo e me ater ao mistério ao qual estou profissionalmente atado (da suposta relação entre a morte do Renato e esses tais assassinatos bizarros), esquecendo o mistério que meu chefe aparentemente nem sabe que existe (a multidão de pássaros no topo do estádio, o vídeo esquisito com o Renato mais novo, as coisas esquisitas que brotaram no campo, os celulares todos apagando ao mesmo tempo).

É difícil, eu só consigo mais ou menos. Relances do que rolou no estádio, principalmente no fim, ficam voltando de maneira teimosa. Eu não vi a morte do Renato, não ao vivo. Mas já vi alguns dos vários vídeos que tão circulando. É de uma brutalidade incompreensível, ainda mais vindo de um bando de leite com pera grã-fino. Que merda tinha sido aquela?

Penso nisso tudo enquanto um jato forte de ducha de hotel massageia o topo da minha cabeça. E de repente me vem uma imagem forte, vívida e incongruente, se destacando contra o fundo rosa-preto da minha vista fechada. De um desenho estilizado, algo tipo um mural, talvez, de um homem parecido com Renato se convulsionando em cima de um estádio. Por um instante a imagem me vem sem origem nem pertencimento, solta, em bloco.

É um estilo mais ou menos familiar, de ilustração moderninha, dessas que são claramente profissionais, mas parecem mal desenhadas de propósito. Onde que eu teria visto aquele desenho, onde que eu teria visto aquele estilo antes? Devo estar lembrando errado, juntando duas coisas diferentes, sei lá.

Encaro de novo a lista de artistas que meu chefe tinha mencionado, em duas matérias sensacionalistas de blogs de quinta categoria. O perfil do twitter do Renato que teria postado aquilo (e que eu não conhecia) já tinha sumido. Eu também não conhecia quase ninguém da lista, além do Jader. Uma das consequências, talvez, de não existir mais uma cultura padrão, direito, mas sim infinitas “bolhas” (odeio a expressão, mas é o que tem), nichos que só se tocam em alguns mínimos pontos.

Fico pensando nos antigos contatos virtuais que eu poderia acionar,

nomes que me remetem antes a algum de seus avatares antigos em rede social do que ao seu rosto (mesmo tendo conhecido muitos deles, talvez a maioria, pessoalmente; ou no mínimo já tendo visto fotos).

Enquanto o jato quente do chuveiro massageia meu cocoruto, meu corpo relaxando um pouco finalmente, vou recuperando e descartando possíveis opções. O Tairone (com sua foto eterna do bruxo chinês do filme do Carpenter) tinha virado diretor de uma organização bem financiada pra difundir pensamento liberal. Já o Lord SNOB, com sua foto de Evelyn Waugh enojado, tinha virado escritor de pornô soft meia-bomba pra HBO. Já foram meus amigos até próximos, pelo menos no sentido de interagirmos com frequência. Era improvável, mas não impossível, que soubessem algo sobre essa história do Renato. Gostavam de revirar tudo que era lata de lixo de internet, os dois. Mas sempre foram insuportáveis, e agora então que achavam que faziam sucesso é que não dava mesmo pra lidar.

Antes de passar no concurso, quando era mais novo e mais rato de internet, eu me orgulhava de compreender a diversidade da fauna virtual, e consequentemente a trama social mais vasta que se depreendia dela. De sentir que tem o dedo no pulso do zeitgeist, digamos assim. Tinha conta no twitter e cheguei a ter mil e poucos seguidores, depois de anos. Com um pseudônimo e nenhuma foto de rosto, muito trocadilho idiota. As duas namoradas sérias que tive na vida conheci por essa conta. Só tranquei quando passei no concurso, e doeu um pouco (embora tenha percebido o quanto aquilo me deixava ansioso depois de sair). Ainda abro para ler o feed, mas não mais para postar. Virei, no linguajar próprio, um lurker das minhas antigas redes. Ou seja: alguém que espreita, mas não posta.

A lista na cabeça vai acabando sem que ninguém pareça viável. A merda é que tendo a me desentender com meus amigos, de vez em quando. Ou sempre. Mas quase nunca é culpa minha, eu só costume atrair amigos de merda. Quando terminei o banho e tou de toalha na cintura deitado na cama branca do hotel, a criatura mais asseada e confortável da Terra, é que me ocorre o Saulo. Tem ele. O esquisitão do Saulo.

Nunca me pareceu a bolinha mais brilhante da árvore de natal, digamos, mas ele conhecia o Renato. Isso já valia uma conversa. Aciono seu contato no Facebook e em dez minutos me responde. Fica claramente feliz de ouvir de mim e eu fico sem jeito de perguntar logo de cara o que eu quero. Convida pra tomar uma cerveja e aceito. Vou lembrando de como o conheci enquanto

peço um Uber pra Savassi.

Na época mais difícil e solitária da minha vida, eu morava em Belo Horizonte com a minha madrasta. Estudava para concurso de delegado da Polícia Federal e usava aplicativo para tentar transar. Nos poucos encontros que conseguia, quase sempre via a vagina da mulher secar quando eu falava que era conservador. As garotas conservadoras, as que existem e não são alguém te catfishando ou com trezentos quilos, todas estavam buscando casar com príncipes nórdicos ou procuravam sei lá o quê, com toda certeza, não era eu. As gatinhas atraentes que gostavam das bandas que eu gosto, e coisa e tal, sempre são de esquerda (sempre). É o desastre da minha vida. Eu postava muito no Reddit sobre séries e liberalismo, xingava o PT pra caralho, e era isso. Durante o pior período, cheguei a ficar quatro anos e meio sem transar. E isso tentando quase toda sexta e sábado.

Nessa época que eu comecei a entrar profundamente dentro da, digamos, pequena ecologia que se criou em torno do formspring de um ocultista ex-Olavete arrependido. Diziam que tinha sido professor de clássicas da UFMG, outros diziam que foi só doutorando que largou antes de terminar. Eu até hoje não consegui confirmar isso. Nunca dizia pra gente o nome dele além do nome no formspring, que era Antikythera, o nome de um antigo instrumento antigo de origem e propósito misteriosos (eu sei, vai tomar no cu, né?).

Sei que era um cabeludo com cara de metalheiro que tocava violão clássico, tinha unha muito comprida e, apesar de só falar brabo e difícil na internet, pessoalmente ele era doce como uma senhorinha do interior. Parecia ter quarenta e tantos, mas podia ser acabado e ter bem menos. Dizia que lia grego e alemão, mas eu próprio não tinha como conferir. Marcava num boteco perto da Savassi aulas sobre René Guenon, Zubiri, uns treco assim que um dia já me interessaram. Falava que Hegel, Schopenhauer, Freud, Marx, todos eram picaretas. Que todo mundo na academia brasileira era ignorante, fora um ou outro professor de setenta anos. E reunia na mesa alguma das amostragens mais intensas de malucos que Belo Horizonte já viu. Eu era de longe, mas de longe mesmo, a pessoa mais normal ali. Não achava as aulas aquilo tudo, parte de mim tinha vergonha de estar numa mesa com virjões tão virjões, mas no fundo curtia a interação humana, que era quase a única que eu tinha na época. A turma oscilava entre cinco e seis pessoas. O máximo deve ter sido um dia que tinha oito, incluindo uma garota (!, o que infelizmente nunca se repetiu).

Eu não conseguiria explicar como aconteceu essa agremiação, mas

aconteceu. A internet ainda era um lugar muito doido, lá pra 2011, 2012. Durante seis meses pelo menos esse grupo se encontrava toda quinta. Pagava cada um quarenta reais pro Kythera. E ouvia ele falar por duas horas tomando água, pra depois continuar ouvindo ele falar por mais umas três ou quatro horas tomando cerveja.

O núcleo estável do grupo era eu, Saulo Anderson, Clayton e Alessandro. Todo mundo que ia lá era bastante branco, alguns eram até comicamente brancos, menos o Clayton. Clayton era um mulato pequeno e atarracado com uma cara sempre irônica e suspeita. Era técnico de informática numa empresa enorme que ficava pras bandas de Nova Lima, mas tinha pretensões literárias. Largou uma graduação em letras por não aguentar a arrogância dos playboys esquerdinhas e dos hippies maconheiros. Mantinha sempre os braços muito próximos do corpo, se possível com as mãos nos bolsos. Nutria uma irritação profunda por tudo que sentia que lhe era exigido sentir como ancestralidade africana, e se orgulhava de dizer que passou no vestibular antes das cotas. Escrevia poemas compridos num estilo que parecia bicentenário. A maioria do grupo gostava muito de literatura e de filosofia, alguns já tinham feito graduação ou mestrado nisso, outros estavam tentando se educar um pouco fora das universidades, mas não lidavam com essas coisas no dia-a-dia. Só Clayton e Saulo trabalhavam, na época, e não viviam com alguém da família.

Alguns gostavam de futebol, os atleticanos zoavam os cruzeirenses e vice-versa. Mas todos gostávamos de rock e de Senhor dos Anéis, e acabava que a gente falava muito disso depois que a aula terminava. Disso e do quanto odiávamos esquerdistas e a ideologia pós-moderna dominante em todo lugar. Vários ali, o Antikythera inclusos, revelaram-se com o tempo bem mais extremos do que eu me considero. Alguns deles você poderia até dizer que passam perto do racista (e eu não joga esse termo à toa pra lá e pra cá, como muita gente faz). De todos, hoje acho que só Alessandro era nazista-nazista mesmo. Com 1488 tatuado na virilha e tudo mais. Só fui sacar essas coisas melhor um tempo depois.

O grupo seguiu se encontrado com regularidade até o Renato brigar com o professor numa aula, e acabar deixando todo mundo desconcertado. O cabeludo falou alguma coisa sobre um filósofo alemão lá, Shelley, não sei quem, que pareceu irritar muito o Renato, que começou a ficar indignado e encenar uma sabatina sobre idealismo alemão, batendo uma régua (que ninguém nem sabia

de onde ele havia tirado) na mesa metálica no bar e fazendo um barulhão.

Depois de uns cinco minutos tensos, o picareta admitiu que, no caso daquele autor, nunca tinha lido mais do que alguns artigos da Wikipédia e resumos de artigo. Ninguém mais lhe pagou uma aula. Como todo mundo ali tinha alguma espécie de fascínio ou deslumbre com erudição, todo mundo ficou impressionado com aquele cara com tipo de mendigo maluco, mas uma aparente carga real de leitura.

A gente continuou encontrando o Renato algumas vezes, oferecendo pagar cervejas para ele nos falar disso ou daquilo. Mas ele tava sempre pulando de galera em galera, entre os skatistas, a galera do hardcore, acadêmicos. Uma espécie de nódulo humano. Sem as aulas o grupo acabou desagregando, embora a maioria ali adorasse os encontros. Eu só encontrava o Saulo nesse grupo. Ele chegou a me chamar depois umas duas vezes pra beber, mas eu dei alguma desculpa. Imaginei, na época, que encontrá-lo sozinho poderia ser meio incômodo. Não teríamos assunto, seria aquela coisa. Senti que estava poupano os dois de uma noite desagradável.

Saulo Anderson se deslocava do grupo justamente por não se deslocar, não de cara, na maioria dos lugares. Se a maioria ali tinha um tipo mais raquítico ou, ao contrário, muito acima do peso padrão, Saulo era um homem no padrão bombado de academia, de cabeça raspada e se vestia com as mesmas camisas pólo com número e imagem de cavalo que calhava a tantos espécimes parecidos. O que gerava alguma incongruência era ele ali entre os nerds, falando da Terra Média e de Blind Guardian. Ele era meio caladão, ria das piadas de todo mundo, mas ficava na dele. Vira e mexe surpreendia com um comentário pertinente. `Dizia gostar muito de Chesterton, o que me surpreendeu. Às vezes falava umas coisas que ninguém entendia, murmuradas com agressividade. Depois ria, e todo mundo ria junto de nervoso.

Encontro Saulo num bar desses vários no centro em que fica passando futebol o tempo inteiro em TVs enormes. Devia ser perto do trabalho ou da casa dele. Tava já no segundo chopp, quando eu chego. Parece muito, muito feliz em me ver, e isso parte meu coração por um segundo (eu juro). A gente conversa amenidades por um pouco, mas os assuntos antigos logo retornam.

– Ele é engraçado, mas sei lá. Não consigo levar a sério. Até parece que ele ganharia.

– Qual é, Nilsão? Tu tá criticando tanto o mito que eu tou achando que tu

tá bandeando de lado. Qual foi?

– Tá maluco, cara. Eu sempre fui conservador, li o Olavo antes dele começar a babar, xingava o PT mais do que a maioria mesmo quando geral babava o ovo ainda. Até o Bolsonaro eu já repostei algumas vezes, muitos anos atrás. Mas eu acho que postei menos porque achava legal as coisas e mais pela reação que eu sabia que ele trazia em algumas pessoas. Aquela raiva cheia de justiça com que as mina de repente vêm te xingar.

– É muito bom, né? Isso é medo. É medo purinho. Bom demais.

– Aquilo ali pra mim já dizia tudo, confirma tudo que eu já sabia daquela gente. O que eles gostam mesmo é de esculachar os outros. Os ignorantes, os simplórios. E de fazer isso se achando o máximo.

– Dedo na cara e o caralho. Acham que são melhor que todo mundo.

– Como é que você ousa? Tipo isso.

– Isso. Desse jeito. Mesma coisa na faculdade. Passei na federal sabendo desde sempre que seria cheio de maconheiro cabeludo, mas eu não tinha ideia. Era pior ainda.

– Não é nem que seja todo mundo marxista, isso é exagero. É no máximo um terço, assim. Tem professor conservador, tem professor até razoável, dependendo do departamento, têm vários. Mas de fato rola uma mordança sinistra do que pode e não pode falar pra esses moleques. Tem uma patrulha muito forte.

– Hoje deve estar ainda pior, ali em 2003, 2004, quando eu tava entrando, era só você defender, sei lá, a presença dos EUA no Iraque para tirar um ditador do poder e as pessoas te fuzilavam com os olhos, riam da tua cara. Se você fala, da maneira mais civilizada do mundo, que cotas raciais são racistas. Uma coisa que é lógica purinha, eles chegam a gritar com você. É um estado totalitário prestes a nascer. Se deixar, é dois pulinho.

– Até aí eu concordo com tudo que o professor diz, concordo com vocês. Claro. O PT é o caminho direto e sem volta pra Venezuela. Mas é uma piada achar que aquele capitão demente vai resolver qualquer coisa que seja. Ou sequer vai ganhar, falando bosta todo dia. Tá todo mundo animado, um bando de moleque de repente querendo fazer marketing de político, querendo fazer site de mídia de direita. Porra, até ontem era um bando de adolescente fazendo piada no twitter. Agora querem fazer política de gente grande, vão babar ovo

de político, de partido? Sei lá, acho esquisito pra burro. Tão caçando otário.

– Eu entendo tu se sentir assim. Suspeitar, tal. Mas pô, alguém tem que mudar o Brasil, cara. Alguém tem que se oferecer, saca. Tem que se apresentar. Eu venho pensando muito nisso. Muito mesmo. Eu não sou esse panstonte que todo mundo acha, não, saca, Nilsão?

– Eu nunca te achei nada disso, cara, do que cê tá falando?

– Sei. Mas diz aí, então. Tu veio pra falar alguma parada. Desembucha.

– O Renato. Tem tempo que cê não vê ele?

– Puts. Aquele ali. Outro que caiu pro lado negro da Força. Nunca foi conservador-conservador, mas não era tão abililado. Piorou foi muito.

– Mas você teve contato recente com ele, então?

– Não. Eu achei um twitter dele, um tempo atrás, que acho que ele até deletou, não sei. Me deu um nojo quando encontrei. Parecia uma paródia de um calouro de história, sei lá. Nuss.

– Sei.

– Parecia aquele, o, como chama? Zambininho. Bom demais. Só que a sério, saca? Um inferno.

– Mas ele sempre foi assim, Saulo. Sempre foi meio bicha, meio macumbreiro mesmo. Só que na época a esquerda tava no poder, então ele enquanto do contra tinha que ficar reclamando da esquerda. Ele mudou mesmo, eu concordo, mas não muito. Todo mundo que já era mais ou menos de esquerda vem pirando em rede social, né? Ficando mais radical.

– Cada um mais ansioso pra se provar que é melhor que o outro.

– Mas qual foi a última vez que você encontrou ele? Ou ouviu falar de onde ele tava, sei lá. Você sabe onde eu tou trabalhando, né?

– Claro que eu lembro. Foda demais. Todo respeito.

Saulo presta uma continência de maneira energética. Eu não entendo se é uma piada, mas sorrio sem graça.

– Pois então, me encarregaram de investigar o Renato, porque acham que ele pode estar envolvido numa série de coisas cabeludas pra caramba.

– Tipo?

– Tipo sequestros e mais de dez assassinatos. Desse nível.

– Quê? O Renato? Aquilo ali é uma mosca. Que viagem. Já vi ele tomar um tapa e responder com um hang loose. Onde que aquele ali mataria alguém.

– Pois é, foi o que eu falei. Falei a mesma coisa. Mas parece que mataram, um por um, todos os doze membros numa lista que ele tinha postado na internet.

– Eu tou ligado dessa lista, claro. Foi isso que eu vi quando te falei que deu um nojo, tal. Mas tão achando que foi o Renato que matou?

– Você tá ligado? Você sabia dessas mortes, então?

– Sabia. Mas o Jader foi depois, né? Acho que foi bem depois. Nada a ver. Tão achando que é tudo a mesma coisa?

– Tão. E até aí eu concordo que é difícil achar que é só coincidência. Meio bizarro mesmo. Mas também não vejo como o Renato faria isso. Por que que ele mataria pessoas numa lista de gente que ele admira? Não faz nenhum sentido.

– Pois é, né? Não faz mesmo. Galera idiota. Quem matou os onze é porque devia ter raiva deles, do que eles faziam. Claro. Com certeza.

– Os doze.

– Os doze, mas é que o Jader foi depois.

– E daí que o Jader foi depois?

– Ah, sei lá.

– Enfim. Cara, nem te contei direito ainda o que rolou no estádio.

– Nem me fala daquele jogo. Aqueles viadinho milionário chorando. Dá vontade de quebrar aquele time inteiro na porrada.

>>

11.

<

Murilo já tinha há algum tempo exportado os arquivos e rascunhos de Fábio que considerava mais importante para um HD externo. Depois passou a pagar o armazenamento do Google também e a guardar os arquivos lá. Era texto, principalmente, o que tinha ali, mas havia também alguns desenhos e fotos, um punhado pequeno de vídeos curtos. Já tinha visto muita coisa dezenas de vezes, mas até hoje acontecia de encontrar trechos que nunca tinha lido antes. Era um repositório grande. Além dos vários e-mails e conversas trocados com umas dezenas de pessoas diferentes, Fábio ainda tinha deixado salvo um sem-número de rascunhos, cujo propósito Murilo nem sempre conseguia determinar.

Havia começos de contos, versos, ideias soltas, vozes estranhas que ele começava a ler como sendo do próprio Fábio e percebia de repente que devia ser de algum personagem, narrativas em primeira pessoa que não sabia se eram autobiográficas ou não.

Começou a fazer essa varredura ainda em 2014, 2015. Mas ainda se segurava, um pouco, nessa época. Foi só depois do livro ser publicado, e de outras pessoas começarem a fazer projetos com alguns rascunhos do Fábio, que ele se sentiu realmente autorizado a fuçar tudo. Já havia começado algumas vezes a empreender uma varredura metódica, mas sempre parava por alguma distração ou porque algo mexia demais com ele. E parou um pouco de perder tanto tempo com isso só quando se mudou. Chegar em Nova Iorque foi uma sensação tão bizarra que preencheu sua atenção quase integral por algumas semanas, em bloco e em detalhe.

A sensação era estranhíssima, e era basicamente de começar de repente a habitar e presenciar uma série de formas e estruturas que ele já conhecia muito bem, mas como pura imagem. Não era apenas as silhuetas dos prédios, os táxis amarelos e os pontos turísticos que ele tinha em mente (como qualquer turista distraído também conheceria, imagina-se). Murilo havia com o tempo absorvido tantas referências da cidade que, quando pisou nela pela primeira vez, já tinha um mapa mental rudimentar.

Isso se devia ao fato da sua atenção ter sido devotada esses trinta e poucos

anos a devorar tantos e tantos filmes, séries e livros que se passavam lá, com certeza. Por isso, sua atração pela cidade era ainda maior do que a atração que ele tinha por alguns elementos da cultura norte-americana como um todo (até porque esse segundo sentimento era tão mais ambivalente). Sabe que jamais conseguiria julgar se essa atração vinha por alguma afinidade natural com a cultura ou era só decorrência da imposição imperialista (o fato de que ela sempre estava ali, disponível, no fundo ou na superfície). Essas coisas todas passaram a incomodá-lo de maneira bem mais aguda, desde que chegou lá.

O certo é que nas imagens distraídas que ele fazia pra si mesmo quando adolescente de uma vida bem-sucedida e feliz, satisfeita, de uma vida plena, aquelas reproduções praticamente automáticas que pingam dos filmes e capas de discos, de todos os cardápios de desejos inacessíveis que nos esfregam na cara, Nova Iorque era a cidade a que mais recorria. Apareciam outras, claro (Recife, Sevilha, Istanbul, Praga, Buenos Aires, Tóquio, Paris), mas Nova Iorque era a mais comum.

Conhecia os nomes não só da Broadway e da 5a avenida, mas de Bleecker e Houston e tantas outras ruas que ele nem sabia direito, no mais das vezes, o motivo de sabê-las. Conhecia os bairros e algo de suas histórias, sua movimentação econômica, seus processos de gentrificação, gerações sedimentadas de artistas e personagens que haviam morado lá. Que tipo de estabelecimento seria considerado mais autêntico para cada canto de acordo com algumas genealogias e subdistinções sutis feitas por revistas e pessoas nativas que ele acompanhava.

A sua experiência de chegar na cidade foi basicamente, portanto, um confronto de expectativas substanciosas. Foi a de saber de antemão como seria a experiência material e direta de todas aquelas abstrações e referências agrupadas que ele já tinha dispostas e organizadas em pastas e listas na sua cabeça, e de ter essa expectativa perfeitamente preenchida em sua inteireza. Lugares onde Melville ou Bird ou Djuna Barnes ou sei lá quem morou, viveu, trabalhou, morreu. Claro que a atualidade era sempre mais vívida do que a expectativa, sempre mais acidentada e ruidosa do que conseguiríamos imaginar, e nesse sentido ainda melhor do que a encomenda. Mas o real consegue parecer também muitas vezes menor que o molde, menor do que sua própria imagem. E havia momentos em que ele, o mero fato de ele, Murilo, estar andando naquelas ruas lhe parecia simplesmente suspeito, ou de todo modo pouco crível (ainda que aparentemente verdade).

Então era isso que ele havia feito nos últimos meses. E mais nada. Escrever sobre a própria vida, ou sobre a infinita recursividade da literatura, tudo isso lhe parecia uma piada sem graça alguma. Murilo não conseguia imaginar alguém se interessando minimamente por aquela seqüidão, por aquela sua presença míngua e rala. Já tinha tanto livro daquilo, aquele auto-envolvimento narcísico europeu e norte-americano parecia devorar tudo por dentro como um cancro inoperável. Murilo não tinha ilusão alguma sobre a sua própria figura. Todo dia ele a confrontava, tanto nos espelhos de vidro e metal quanto na série quase infinita de espelhos virtuais na própria cabeça, nas várias tomadas que ele fazia de si mesmo acordando, tomando banho, fumando um cigarro debaixo do prédio, tomando café da manhã no lugar na rua tal que tinha um suco de laranja um pouco mais tolerável. Sabia o tanto que a sua presença no mundo era escassa, desatenta, reunindo pouca força, quase nenhuma atenção sustentada. Precisaria de algum truque como o do primeiro livro pra trabalhar em cima. Mas como diabos escrever sobre o que ele estava vivendo, como tantos recomendavam genericamente? Quem ainda poderia se interessar por um livro sobre um escritor indeciso em Nova Iorque? Este deve ser, a essa altura do campeonato, literalmente o assunto menos interessante do mundo (poderia ser pior, ele supõe, poderia ser Paris).

Algumas coisas de estar ali às vezes eram bem reais. Além da graça quase infinita de andar nas ruas, que nunca deixava de surpreender o brasileiro desacostumado, algumas coisas nos museus o pegaram com força. O peso de dois Cézannes que ele viu ao vivo e a cores pela primeira vez fez ele finalmente sentir que entendia alguns blocos de texto que já tinha lido antes sobre o cara, e que sempre lhe pareceram besteira. Alguns artistas cuja graça nunca havia lhe atingido muito, como Beuys e Mondriam, pareciam outra coisa quando vistos de perto.

Murilo se sentia de alguma forma grato que aqueles lugares existissem, parecia objetivamente bom que coisas ali existissem ainda. Mas acabava vindo uma raiva do preço alto que cobravam, do espetáculo brilhoso que o lugar todo havia virado nas lojinhas, dentro daquela voragem turística ainda maior que arrastava tudo com ela como acessório. Mais do que tudo, Murilo se ressentia do fato de que nunca havia podido entrar num lugar como aquele antes. E de não saber se iria poder fazer aquilo de novo. Como se o fato de que só alguns poucos países do mundo conseguissem ter instituições daquele tipo, e não vários (ou mesmo todos), tornassem a imponência tão monumental

daqueles lugares uma ofensa em si mesmo. Chegava a ficar feliz quando notava um canto sujo, ou algum canto mal conservado.

A beleza daqueles quadros não tinha culpa daquilo, mas eles não deixavam de ser uma parte totalmente entranhada da coisa toda, daquele sistema de exclusão sistemática que, quase que por acidente, também criava doses violentas de beleza no processo. Conseguia sentir prazer de estar nesses lugares, até muito prazer, mas o que dominava na maior parte do tempo, com uma força que jamais havia imaginado, era um ressentimento pontiagudo e muito mal engolido.

Logo, o velho apagamento que ele sentia em Brasília também começa a retornar, com sua camada de cinzas deitando sobre o gosto de todas as coisas. Mesmo ali, na meiúca do seio túmido do capital financeiro e cultural, naquela malha esguia que contém o mundo todo, naquela maquete brilhosa de cinema que lhe deixava ainda excitado de poder percorrer de dia e de noite, mesmo ali a mesmice retorna e se instala. Ao que parece.

Passou a ir em muito menos exposições e filmes, voltou a escarafunchar os rascunhos de Fábio e a passar quase todos os dias deitado diante do computador. Pagando aluguel em dólar e pensando nesse fato enquanto notava o dinheiro já mingando na conta. E também pendurava sobre sua cabeça o fato de que não estava escrevendo nada. Nem um continho mixuruca que fosse. Nem uma criticazinha de romances alheios, que aliás ele mal conseguia ler. Passava as noites assistindo seriado ou Youtube até dormir. Os dias se passavam sem nenhuma distinção, iterações apenas vagamente dessemelhantes, versões igualmente arbitrárias de um mesmo repertório cuja repetição parecia cancelar, ao invés de somar, o peso umas das outras.

>

12.

<<

Rodolfo foi para o laboratório na Bolívia só uma vez. Em agosto de 2012, pouco depois de lhe chamarem para a empreitada. A ideia não foi dos homens que o chamaram, foi insistência dele. Queria ver a coisa toda com seus próprios olhos.

A viagem foi tranquila, e o lugar escondido na mata era surpreendente próximo da cidade e do aeroporto. Rodolfo achou até graça de algo tão fora do radar estar acontecendo tão perto de todo mundo.

O lugar era nauseante. Tinham parado com todos os outros experimentos depois de decifram a mensagem extraterrena, até por falta de fundos para qualquer outro projeto, mas ainda restavam ali alguns animais de experimentos antigos. Explicaram, num tom apologético, que o protocolo de segurança não permitia que a equipe de limpeza terceirizada entrasse naquele setor. Portanto, a limpeza era atribuição da própria equipe de cientistas. “Não é o nosso forte”, explicou o líder da equipe, reconhecendo o forte cheiro de amônia misturado com fezes de diversas espécies. “A gente até melhorou com o tempo, mas já está empestado em tudo, não tem jeito”.

Rodolfo assentiu de maneira compreensiva, embora sua expressão ainda involuntariamente enojada denotasse seu desconforto. Mas deixou de notar o cheiro quando desceram a última leva de escadas e chegaram enfim na plataforma 13. Estava lá, num tubo d’água turva, uma criatura que parecia um mamífero terrestre sem olhos nem boca, com orelhas compridas e vivazes que não paravam de se mexer. Diante do tubo, um hexágono repleto de brinquedos didáticos, um quadro-negro, um globo terrestre. Parecia uma sala de jardim de infância, Rodolfo notou. Uma garota indígena bonita, de jaleco e expressão irritada, estava sentada numa mesa de proporções diminutas. A equipe tinha mais pessoas, mas não estavam presentes naquele dia.

Jacques era um francês com quarenta e tantos, magricelo e ossudo, cabelo levemente grisalho. Seria muito atraente se não estivesse sempre mal vestido e fedendo, cabelos mal cortados e oleosos, unhas comidas a ponto de devorar nacos da carne em torno. Havia sido um prodígio com carreira meteórica de pesquisador em genética até ter uma série de experimentos ousados demais

derrubados por sucessivos comitês de ética europeus e norte-americanos. Diante dessas dificuldades, estourou repetidas vezes com vários colegas e superiores até acabar brigando com todos os maiores centros de pesquisa e financiamento da sua área. Foi o primeiro a ser procurado quando confirmaram que tinham nas mãos um código genético alienígena para tentar produzir sinteticamente de maneira sigilosa. Recebeu carta branca para gastar o que fosse necessário e pedir qualquer coisa que o ajudasse a trazer à vida aquela série de instruções proteicas enrodilhadas umas nas outras. Em troca, isolamento quase total numa base secreta e nenhum contato com família ou amigos durante três anos pelo menos. Aceitou imediatamente, anunciando naquela mesma tarde seu divórcio para sua esposa de seis anos (uma socióloga alsaciana chamada Elise), na maior paz de espírito do mundo, apesar da total incompreensão dela. Estavam planejando ter um filho até a semana anterior. Jacques apaixonou-se perdidamente pelo laboratório, justamente por sua sordidez, assim que chegou.

Recontava a história toda ali para Rodolfo de maneira sintética, mas grandiloquente, com seu sotaque grosso, ressaltando a cada momento as dificuldades técnicas quase impossíveis ultrapassadas por ele ou por seus colegas em cada passo do processo. Rodolfo só tinha ouvido contar uma vez, e em menos detalhes. Apesar de não simpatizar nem por um instante com o modo um pouco asqueroso e arrogante de Jacques, seu relato era apaixonado e preciso, bom de ouvir. A mensagem foi recebida em 2008, foram entender que tratava-se de um código genético no início de 2009. Foi aí que Jacques entrou em cena. Ele não conheceu nem interagiu com ninguém que trabalhou no projeto até aí, aliás, o que ele dizia com um lamento na voz. Gostaria muito de saber como a coisa toda se deu, mas também jamais ousaria sair dos limites que lhe foram impostos. De lá tinham passado um ano e meio e uma montanha de dinheiro até conseguir sintetizar aquelas sequências proteicas bizarras. Isso com Jacques liderando uma equipe de só cinco pessoas, imagine. Claro que só conseguiram porque quebraram o problema em inúmeras pequenas partes, e terceirizaram a grande maioria destas pequenas partes para vários outros grupos e instituições (que jamais saberiam do que estavam participando). Ainda assim, foi um esforço tremendo, quase inacreditável (segundo ele próprio).

A primeira coisa que ele notou era que a tripla hélice transmitida continha operações mais complexas do que toda vida complexa conhecida, ao mesmo

tempo que inscritas de maneira muito mais enxuta, sem redundância no código, sem ruído viral algum.

– Só 3 a 4% de um código genético na Terra de fato codifica proteínas de maneira verificável. Já esse código que chegou pra gente é todo altamente funcional. Eu e o nosso biólogo molecular chefe ficávamos espantados com a elegância das sequências. Era tudo tão direto que parecia deliberado, é o que eu quero dizer. Mas claro, isso pode ser só a minha visão limitada pensando em parâmetros terrestres. Não sei. Vai saber com o que a evolução se parece com mais uns dez bilhões de anos nas costas? Ou ainda mais. Será que esta criatura programou a si própria, de algum jeito? Ou foi programada por outra forma de vida? Ainda não sabemos.

Mesmo depois de conseguirem sintetizar os primeiros zigotos, e os embriões aparentemente saudáveis se desdobrarem dali, as primeiras criaturas nasciam sempre malformadas, horríveis. Cresciam com rapidez, em poucas horas formavam quimeras assustadoras, bichos que pareciam insetos com pele, fungos com exoesqueleto. Fracassos escandalosos e deprimentes. Foram muitos. Jacques não quis nem dizer quantos.

Em 2011 enfim conseguiram. A criatura nasceu, cresceu rápido e em três meses pareceu atingir sua forma madura. Ninguém conseguia interagir com ela de maneira alguma. Ela se alimentava de luz e de água com amônia, mais nada. Quase não produzia excreções, exceto um óleo betuminoso que exsudava pela sua pele enquanto dormia. Suas células tinham muito pouco a ver com as nossas, segundo Jacques. Precisaria de batalhões de cientistas pelo mundo tendo acesso a essas amostras para começar a entender algo, mas o que logo descobriram na prática é que a criatura conseguia interferir com campos eletromagnéticos. Fazia frequentemente com que aparelhos desligassem perto dela, e começou a controlar o termostato para chegar na temperatura que lhe agradava mais (19 graus). O dinheiro terminou várias vezes, os chefões se virando para arranjar de onde podiam, e tudo que a equipe tinha pra mostrar era uma criatura sem olhos num tubo de amônia. Com orelhas espiraladas que se voltavam para tudo. Ela parecia engolir muita informação, mas não reagia a nenhuma das tentativas de comunicação oral ou visual. Não conseguiam nem confirmar ou desconfirmar que aquilo era uma ameaça à segurança nacional, nas mãos de outro país ou entidade.

Mas, afinal, como que acaba o dinheiro do maior orçamento militar que já existiu? Ainda mais para algo tão importante? Ali no laboratório ninguém

fez essa pergunta, mas seu fantasma ecoou na cabeça de Rodolfo. Na primeira reunião, no restaurante japonês na Suíça, Rodolfo sabia que não devia cutucar demais, mas perguntou esse tanto. Pareceu-lhe estranho demais. Ficou com medo de ser tudo uma piada elaborada na qual ele estivesse caindo. Geralmente não seria indiscreto ou inconveniente de insistir, sabe medir seus limites com clientes. Mas nesse caso tudo era tão estranho que ele não queria deixar ponta soltas, queria entender a parte que desse para entender para não se dar mal depois. Não sair entrando num buraco qualquer. No restaurante, seus contatos não responderam, só se entreolharam. Eram só a primeira camada.

Rodolfo teve um segundo encontro, dessa vez em em Washington, com o que entendeu ser uma camada superior. Certamente a camada derradeira a que ele teria acesso. Num parque público em Washington, um senhor de sobretudo se sentou do lado oposto de um banco e começou a falar sem olhar na sua direção, exatamente como nos filmes. Um general ressequido e bronzeado, seu rosto uma carranca caricata de dever cumprido, explicou-lhe em poucas palavras, claramente relutante em fazê-lo. Que aquilo ainda estava restrito a um número muito pequeno de pessoas nas forças armadas e nas agências de três letras. Não havia saído do DoD, basicamente. Nem para os briefings secretos de comitês do Senado. Isso porque alguns deles não confiavam, de todo, no novo presidente. Não ainda. Não com algo tão grande, tão divisor de águas. Queriam algum tempo e mais certeza para saber com que estavam lidando antes de apresentar um game-changer como esse para o poder civil, que dirá para a população em geral. Sem contar o fato de que anunciar a criatura e seu código genético significaria que a China e a Rússia logo produziriam suas próprias criaturas. Por isso a necessidade de opções heterodoxas, concluiu o general. Querendo com isso descrevê-lo, Rodolfo entendeu, não sem se ofender um pouco com a expressão de desprezo mal escondido.

Ainda lhe parecia muito estranho, mas ele já tinha insistido demais. Sabia que não podia testar sua utilidade ou importância com esse tipo de gente. Então era isso que mantinha o projeto acontecendo fora dos canais tradicionais, apesar da supervisão militar. A discussão jamais veio à tona de novo com seu contatos, mas Rodolfo imagina que o fato do projeto ter logo começado a retornar centenas de milhões de dólares para todos seus investidores devia ter algo a ver com a extensão indefinida do projeto nesse status extra oficial.

Rodolfo ficava encucado com o fato de que a imaginação do general não parecia assombrada com aquilo tudo. Um contato de Fora como aquele não

era pra ser um evento que transformaria tudo? Eles não se ajoelhavam de assombro diante disso? Não gritavam no travesseiro de medo ou de alegria? O dinheiro parecia ser a única coisa real envolvida. Uma demonstração inegável de que eles estavam sabendo dispor dos recursos estratégicos adquiridos, afinal de contas. E a grana bastava, sem dúvida, para Rodolfo também, mas não matava a vontade de falar sobre o assunto com os outros. Ele não conseguiu notar nem um fiapo de assombro no general. Aquele homem seco parecia achar muito natural, em algum nível, que o Império deles se desdobrasse daquela maneira. É claro que seria ali, com eles, que o primeiro contato se daria. Só não esperavam que seria dessa maneira tão esquisita, tão anticlimática. Não tinha ameaça em quem atirar, tampouco alguém com quem negociar.

Já Rodolfo jamais anteviu nada daquilo como possibilidade real, mesmo que remota, não mais do que qualquer pessoa bem-ajustada da sua geração, exposta a Jornada nas Estrelas na televisão desde adolescente. Sabia que o espaço era vasto o bastante para que jamais encontrássemos nada, e já havia se reconciliado com essa perspectiva há muito. E agora aparecia isso. Rodolfo teve alguma dificuldade de guardar aquele segredo, de continuar vivendo com sua esposa e amigos num mundo onde, ostensivamente, não existisse uma novidade alienígena esperando para ser descoberta pelo resto das pessoas. Passou a ser uma fonte de constante excitação, além de uma relativa agonia ansiosa de não saber bem o que aquela coisa significava, mesmo participando dela.

Ali no laboratório, Jacques continuava recontando a história de como tinham chegado até ali. Depois de muitas tentativas mal sucedidas de interação, foi só depois do trabalho da jovem pesquisadora, recentemente recrutada pela CIA, que eles conseguiram perceber como manejar as propriedades notáveis da criatura de maneira rentável. Jacques olhou para a garota com olhos de admiração derramada que ele logou tentou conter.

– Foi aí que entramos em contato com o senhor. Depois que a Eva nos mostrou, sem querer, como a criatura funcionava como o computador quântico mais potente do mundo. Deste mundo, pelo menos.

A garota fazia uma cara estranha ouvindo isso, como se o relato a incomodasse de alguma maneira. Rodolfo achou difícil resistir a tentação de continuar encarando-a, considerando tanto a sua beleza quanto o seu aparente constrangimento, que ele mal interpretou na hora como sendo de uma timidez enternecedora.

– Pra falar a verdade, foi um trabalho especulativo que ela produziu dentro da agência, sobre redes hipotéticas de computação quântica por meio ótico. O desenho especulativo era quase idêntico ao diagrama que a equipe havia feito de como o organismo da criatura engolia e inteligência luz. Uma dessas coincidências assombrosas que às vezes a gente só recebe e agradece. Se eu acreditasse em algo como destino...

Jacques continuou explicando como podia, sua expressão às vezes vagando por alguma palavra mais precisa, sendo às vezes completado pela garota. As células da criatura conseguiam computar todas as trajetórias possíveis da luz enquanto a digeriria. Sua digestão era isso. Absorver de cada raio sua espessura e sua trajetória precisa é o único modo de isolar e armazenar a energia dos fótons. Isso faz com que o tempo para ela se curve de maneira diferente. Como se todas as possibilidades latentes do futuro ao seu redor passassem por ela antes de acontecer. E como se ela pudesse, pelo menos em alguns casos, direcionar a sua concreção.

Isso tudo aqui agora é um processo consciente para ela. Parecia ser. O corpo dela não se divide entre processos conscientes e inconscientes, como o nosso. Sua capacidade de produzir feixes concentrados e direcionados de radiação eletromagnética também parecia vir disso. Luz era sua comida e meio de inteligência. Seu pão e sua linguagem, seu corpo e seu papel e caneta, ao mesmo tempo, por assim dizer. Alguns ali acreditam, inclusive, que pode ser perigoso deixá-la entrar em contato direto com o sol. As pequenas nesgas de luz artificial que ela recebe já a deixavam muito eriçada, seu pelo sobe sozinho, sua pele brilha vermelha-transparente, deixando ver os órgãos lá dentro.

– Na única vez que a atingimos com raios ultravioleta, brevemente, sua pele chegou a brilhar por dentro, como se fosse magma incandescente. Eu até fico com vontade de levá-la lá pra fora um dia, mas não até a gente ter certeza que consegue controlar a força dela. Não é, Eva? Não seria seguro.

A garota de novo parecia desconfortável, o que por sua vez pareceu constranger Jacques pela primeira vez.

– Enfim, desculpe, senhor Rodolfo. Me empolguei. Mas é fascinante, você não concorda?

– Concordo. E não tem problema, pode contar. É fascinante mesmo. Prefiro entender o máximo possível.

– Enfim. Pois essa outra criatura incrível escreve esse negócio brilhante, isso chega no Oliver, nós fazemos uma ligação e pum, a garota chega aqui. Eu e Hans achamos que seria quase impossível fazer alguém entender tanto a biologia quanto a matemática envolvida aqui. E no entanto em poucos meses a gente construiu uma interface hipotética com a criatura. E, de repente (o francês estala os dedos), a gente consegue conectá-la na internet. Daí foram dois pulos até ela se tornar o processador mais poderoso do mundo. Com um abismo de distância até o segundo lugar.

– Fascinante, senhor Prost. Fascinante.

– Me chame de Jacques, senhor Rodolfo. Meu pré-nome já não é nada. Eu sou um dos pais dessa criatura aqui, e pronto. É o meu legado, minha herança. E é tudo. Enfim. É aí que você entra. Ela já digere informação da internet, botamos ela conectada nos terminais de mercado, na verdade numa versão modificada e simplificada da interface tradicional. A rapidez com que ela parece compreender e manipular os parâmetros de qualquer sistema que ela acessa é assustadora. Assustadora. Nós limitamos o seu acesso bruto por causa disso. Ela seria capaz de quebrar a maior parte da criptografia usada hoje para transações financeiras, por exemplo. Sem nenhuma dificuldade. Pra ela é como um quebra-cabeça bobo.

Ele deu um instante para que Rodolfo levasse aquele fato a sério. Rodolfo tentou imprimir na sua expressão que ele compreendia a gravidade da coisa.

– O que falta é você e Hans descobrirem o jeito de usá-la para se antecipar a todo mundo e fazer uma montanha de dinheiro. Acha que conseguem?

– Eu já antecipo meio mundo usando uma equipe artesanal e computadores normais, Jacques. Só não entendo ainda como vamos extrair qualquer informação dela se ela não fala língua nenhuma. A ideia é o quê? Telepatia?

Diante disso, Jacques engoliu seco. Fez uma cara perversa que Rodolfo não conseguiu interpretar.

– Não vou te entediar com detalhes desnecessários, mas nós tivemos acesso a uma tecnologia experimental da DARPA. Uma espécie de interface neural direta. E improvisamos uma maneira de usar essa tecnologia para conectar com ela.

Nessa primeira visita, depois de encarar a criatura e ouvir essa história toda, Rodolfo presenciou uma sessão de acoplagem forçada com as trigêmeas.

Sem dúvida, a coisa mais esquisita que ele já presenciou (e ele já foi várias vezes no Bohemian Grove, já foi em festas no Rancho Neverland, já ficou hospedado na ilha Little St James).

As trigêmeas siamesas, seus crânios grudados em partes, surgem lá de dentro dos andares inferiores, vestindo cada uma delas seus xales rendados e sendo conduzidas com cuidado pela garota até uma espécie de divã vermelho-escuro improvisado (na verdade almofadas antigas em cima de uma plataforma metálica diagonal). Deitavam-se e tinham suas nucas besuntadas de um óleo especial pela garota, que cumpria a função com cuidado e dureza.

A criatura direcionava suas vastas orelhas para todos que chegavam, mas quando as trigêmeas apareceram a criatura se dirigiu para o canto de sua jaula. Parecia agoniada. Rodolfo olhou para Jacques com uma cara perplexa.

– Ela não gosta. É porque a gente precisa forçar um pouco a acoplagem eletricamente. Ela deve receber um choquezinho na hora.

– Choquezinho é porque não é você quem toma. A gente não tem nem ideia qual é a receptividade dela pra dor.

A garota é quem falava isso, enquanto ligava as máquinas atrás das trigêmeas.

– Eu odeio fazer isso tanto quanto você, querida. Mas é o único jeito. Esse lugar não vai se pagar sozinho. A ciência não é bonitinha, sabe? Não é limpinha, não.

Jacques respondeu irritado, a garota não insistiu. As trigêmeas, aliás, chegaram caladas e continuaram assim. Jacques já havia explicado que eram muito sensíveis e precisavam se resguardar de todo input sensorial por horas antes da acoplagem. Tinham a seriedade hierática de sacerdotisas, o que agradou o senso estético de Rodolfo, mas o deixou um pouco mais tenso. Teve que segurar o riso duas vezes, diante da esquisitice toda.

Jacques deu o ‘boot’ no programa a partir de seu terminal. Ele explicou, professoral, que a máquina apenas potencializava a ressonância dos sistemas neurais das três e amplificava o sinal para que a criatura não conseguisse sentir mais nada em torno.

– Pra nós é imperceptível, mas pensa como se eu tivesse preenchido todo o espectro diante dela de uma camada só, um bloco só. Como ficar diante de uma parede de alto-falante com uma música no volume máximo.

As trigêmeas de repente se crisparam. O corpo todo, e as expressões. Pareciam em êxtase ou em dor, não era fácil julgar. Não durou mais do que quinze segundos. A máquina desligou, a criatura desfaleceu, exausta, e vomitou uma gosma multicolorida, iridescente. A garota apanhou a gosma por um buraco na jaula, com um pequeno rodo de pia e coletou em um saco plástico com fecho.

– A gente ainda tá aprendendo a decodificar, mas essa gosma que ela cospe vem com informação inscrita. A gente não tem muita ideia do que é, ainda.

Rodolfo assentiu, como se aquilo fosse algo muito natural de se escutar. Claro. Sempre lido com gosmas coloridas que vêm com informação inscrita. Essas danadas.

– O importante mesmo tá aqui no meu terminal, ó. Por menos de um segundo, eu consegui usar a criatura para processar o preço desses futuros de soja daqui a alguns minutos. Pode acompanhar no seu aplicativo, se quiser. A margem de erro é quase nula. Os preços sempre fazem o que a criatura diz.

As trigêmeas aos poucos acordaram, a do meio abrindo os olhos antes das outras duas.

– Prazer, senhor Rodolfo. Sou Tisandra.

– Prazer.

– Sou Terza.

– Prazer.

– Martina.

– Encantado.

Ele beijou, uma a uma, as três mãos ofertadas.

– O senhor tá preparado para controlar o preço do futuro?

As três riram, Jacques engatou junto. Não era possível que eles não percebessem como estavam sendo caricatos (percebiam sim). Rodolfo achou melhor acompanhar, por educação, mas também porque achou graça. Só parou quando viu a cara séria da garota, mais linda do que nunca, e a fúria muito pouco dissimulada emoldurada pelas mechas lisas e pretas do seu cabelo.

>>

13.

<

As primeiras coisas que Murilo leu da conta de Fábio eram uns poucos rascunhos que estavam bem no topo da lista, todos endereçados a ele próprio (Murilo). Coisas que o amigo parecia ter escrito para lhe mandar, mas acabou se arrependendo, ou nunca terminando. Talvez porque contavam um pouco mais do que devia? Além dos cinco ou seis que tinham o seu e-mail e nunca foram mandados, ele distinguia na lista quase interminável alguns outros que pareciam direcionados a ele pelo fato de que todos começavam com o vocativo “Bicho”.

Por exemplo, este e-mail (de 2012):

Bicho, tu me perguntou outro dia, então lá vai: hoje eu e Letícia temos um relacionamento aberto (ainda mal-ajambrado), mas antes disso eu por anos saía à caça na internet. Treinado desde novo na especialidade goiana profunda da monogamia hétero fajuta, eu evitava sair assim à toa pra pegar gente na rua, principalmente em Goiânia, onde era certo de ser descoberto. Então eu me fazia de predador de redes sociais, perfis, blogs, caixas de comentários, das fotos das amigas de amigas.

E nem precisava ir atrás, propriamente. No meu tráfego diário pelas enrurradas de detritos e gentes eu me dava de repente com algum perfil, foto, frase ou que seja que me parecia atraente. Na maioria dos casos a atração era um tanto convencional, alguma mina bonita e/ou charmosinha pertencente aos meus círculos sociosexuais (amplamente compreendidos) etc. Mas em vários casos a atração era bem mais pela presença virtual que se montava, o charme específico ali naquela esfera. Parte do tesão era de me aproximar ou de engolir daquela personalidade simulada, aquele composto de imagens, piadas e opiniões.

Eu me aproximava sempre de maneiras diferentes. Às vezes deixava comentário no blog ou flickr, às vezes conversava com ela diretamente por alguma rede social. Em alguns poucos casos mandava um e-mail mais direto. Numa única vez eu fiquei amigo de duas amigas da menina, antes de ir atrás dela, numa aproximação custosa, épica e cheia de reviravoltas que durou meses.

Não costuma ser super difícil se aproximar de alguém que tem algum interesse específico e raro. Muitas vezes eu de fato reconhecia um gosto em comum, às vezes eu fingia gostar de algo que me era indiferente, às vezes ia atrás de conhecer ou de adquirir as informações pra fingir que conhecia etc.

É muito fácil, se você tiver a cara de pau necessária (o que eu tinha de sobra aos dezenove, vinte e poucos, acho que não tenho mais, ou ao menos não do mesmo jeito). É quase deprimente o tanto que é fácil. Só teve uma mina que ter comido me quebrou todo, de um jeito que nunca falei pra ninguém e mudou esse jogo de figura pra mim um tanto.

É uma menina paulista que eu conheci através de amigos em comum. Tradutora baixinha moreninha com um rosto muito bonito, nariz torto e um senso de humor meio perverso e cruel. O twitter dela é pra mim uma das coisas mais engraçadas da internet. Fiquei obcecado com ela por um tempo, comecei a conversar por Gtalk e depois de duas semanas a gente tava conversando quase todo dia, às vezes por horas direto. daquelas conversas detidas, mesmo, onde parece que os dois só tão fazendo aquilo e mais nada. Um dia ela fez uma chamada de vídeo, supostamente só pra me mostrar a edição que ela tinha de um livro do Edward Gorey. E nos sei lá dois minutos de vídeo em que conversamos eu fiquei completamente apaixonado. Isso durou mais ou menos três semanas, até que eu tive uma mínima brecha qualquer e fui pra São Paulo com desculpa de algum show, num final de semana em que sabia que a Letícia não podia e encontrei com ela num café do qual ela gostava.

Sobrancelhas bem fortes, o rosto muito bonito, mas meio impassivo. Ela não move os braços nunca, principalmente quando anda, e sua expressão registra o mundo exterior com uma lentidão enorme. Como se não lhe importasse tanto o que o mundo fazia. Ela me conta que já foi do círculo de gente que joga videogame pesado, uma jogadora extraordinária nesses jogos de tiro em primeira pessoa com nick reconhecido em vários servidores.

Perguntei de alguns assuntos e bandeiras feministas que ela postava antes, e que não postava mais. Ela disse que quando ela era mais nova aquilo tudo era muito importante pra ela, mas que hoje havia se cansado demais com o jeito que todo mundo ostentava aquilo nas redes sociais. Tudo que passava por aquele filtro, pra ela, começava a parecer falso. De modo que feminismo, teoria crítica, socialismo, tudo hoje pra ela parecia adereços de cenário de ópera que ficam atrás do palco de verdade, que é a internet e as plataformas. Eu gostei muito dessa imagem.

Você tem que entender que na hora que estou dando em cima dela a impressão não é de que eu estou mentindo, embora seria também desonesto dizer que eu estou pleno e tranquilo, sem que tudo passe por uma série de vidros embaçados antes de sair da minha boca. É importante pra mim que você, M., entenda o que eu estou dizendo. Eu sei que eu sou cretino, mas eu sou um tipo particular de cretino (e não outro). Pelo menos quero acreditar. E não sei nem se gostaria de melhorar, pra ser franco. Estou sendo mais honesto aqui do que geralmente consigo, acho. Mais do que era com minha analista, certamente.

Talvez eu deva dizer então também que na real acompanhei o twitter da Flávia por cinco anos antes de conhecê-la e transar com ela. Só tive coragem de admitir isso agora. Ela era uma obsessão quieta, mas profunda, que corria na minha vida como um rio subterrâneo, e sobre a qual eu jamais falei com ninguém, aba que esteve sempre aberta no meu coração durante anos.

Nós voltamos pra casa dela só na segunda vez em que nos encontramos, num outro café em Pinheiros (ela não bebe). Um apartamento simpático e pequeno na Fernão Dias dividido com dois gatos. O sexo foi mais ou menos rápido, e não tão ótimo, e ela me surpreendeu bastante na cama por diversas razões (mas isso eu já não conto em detalhes, porque acho que você não gosta, acha feio).

Sei que a experiência de conseguir me apoderar do corpo daquele avatar que se apoderou de mim por tanto tempo foi uma reversão esquisita. E perceber de maneira aguda e súbita o fato de que ela me atraía tão mais online do que pessoalmente, no final das contas. Ela me teve nas mãos por anos sem nem saber, e agora que ela estava na minha, eu a achava quase repulsiva. Nosso tesão é muito previsível do que a gente gosta de pensar (de homem em particular, mas não só). Nós ficamos um tempão deitados no escuro sem dizer nada, encostando muito pouco um no outro. O corpo aos poucos esfriando e eu tentando medir a cara dela, que eu não distinguia tão bem, pela pouca luz, não conseguia dizer se estava com uma impressão constrangida ou apaixonada, nem se tava destoante demais do que devia ser a calibragem da minha (ao mesmo tempo lembrando da Letícia em casa e me sentindo um belo dum babaca).

Lembro de estar no banheiro dela me lavando, das pastilhas azuis do banheiro dela tingidas de uma luz pouca e meio rosa que chegava de um prédio enorme ali perto que ela odiava e que não dava de ver da sala dela, cuja única manifestação ali no apartamento era aquela luz. De ter em mente quase que

de forma involuntária as costas arqueadas dela enquanto a gente transava, e de pensar que talvez eu nunca mais a visse na vida. Eu não queria que ela me odiasse, mas muito mais importante do que isso era que eu jamais a visse me odiando.

De fato depois disso fiquei quatro anos sem vê-la. Até que um dia tou numa mesa de bar em Curitiba com quatro amigos meus de internet um pouco mais novos, e vejo que ela está lá, na mesa do lado, com um cara gordinho barbudo, e que os dois estão de aliança. Ele deve ser muito melhor parceiro do que eu, e ainda assim eu passo a noite inteira tentando olhar pra ela, pra tentar constatar se ela sabe disso ou não.

>

14.

>>

El Hotel del Salto Tequendama. Construído por uma empresa alemã num penhasco nebuloso diante da cachoeira monumental que lhe dá o nome, no meio dos Andes Bolivianos, nos anos 20. Um lugar idílico a apenas quarenta e cinco minutos de Bogotá. Imaginavam uma explosão de turismo na região, mas não anteciparam que uma hidrelétrica ali perto destruiria o rio, tampouco que logo viria o estouro da guerra às drogas, as guerrilhas no mato. Teve o seu auge fulgurante nos anos quarenta e cinquenta, mas a partir dos setenta foi perdendo sua clientela grã-fina, mudando de gerência e deixando a peteca do luxo cair. Faliu de vez nos oitenta, sem volta, com seu principal dono pulando da cachoeira até sua morte para fugir das dívidas em que estava atolado. A propriedade foi vendida duas vezes nas décadas seguintes sem que ninguém juntasse o dinheiro necessário para reformá-lo, até que a deterioração do lugar e das poucas estradas em volta foram tornando a reforma cada vez mais inviável e improvável. Na região se diz que é amaldiçoado desde antes de fechar, e alguns suicidas locais já gravitam há décadas em torno do vórtice de sua queda. Desde o início dos anos dois mil que quase nenhum humano aparece ali, fora um jornalista ou um turista mais aventureiro eventual para tirar fotos do cenário. Não é todo dia que se vê um prédio tão grande, e que já foi tão bonito, tão suntuoso, todo tomado pela vegetação. Raízes finas e grossas, peludas e lisas, entremetidas com pedra e madeira rachada, inchando paredes e agarrando-se livremente às intenções anteriores de metal e madeira.

Jorge Sepúlveda encara de longe essa visão drapeada de névoa enquanto sobe a comprida e antiga escada de pedra que corre ao longo da encosta, sua cara desalentada de cansaço.

Assim que alcança o tronco caído, Jorge para um pouco pra descansar, arfando. Tira uma cantina do lado da mochila, abre e dá um gole. Mesmo morando ali há semanas, passando por aquele ponto com frequência, a visão ainda o assombrava. A beleza estranha de um luxo apagado, retomado por vegetação tropical também luxurianta, à sua maneira, mas viçosa e nova. E que nuns cantos talvez já estivesse experimentando com cores e formas novas e inusuais, mesmo para a variedade já acintosa do verde daquela região. Mas

talvez fosse só impressão dele. Nunca entendeu de planta, não sabe dizer o nome de nenhuma que não seja óbvia.

Sua mochila estava cheia de pilhas, pacotes de macarrão instantâneo, latas de molho de tomate, pasta de dente e sabonete, alguns cabos e peças eletrônicas e um galão de querosene envolto em dois sacos plásticos. Tudo comprado em mercados na borda de Soacha, a cidade mais próxima. A bicicleta que ele usava para chegar lá ficava escondida no mato perto da estrada, no início da trilha que levava até a queda. Essa era a segunda viagem que ele fazia por mantimentos, e sempre que Jorge ia retirar o tapume coberto de folha seca onde escondia a bicicleta, vinha um medo danado de não encontrá-la ali mais. Olhava sempre em volta pra ver se não tinha ninguém espiando.

O carro com que chegaram ali também estava escondido, mas do lado do hotel, lá em cima, entre carcaças de carros velhos, coberto pelo mesmo tipo de lona. Ela dizia que a placa com certeza estaria marcada e que seria perigoso circular. Jorge achava sua cautela excessiva, mas não queria pagar pra ver. E com aquelas viagens, pelo menos, ele se sentia mais útil. Incrivelmente, ela não sabia nem dirigir nem andar de bicicleta. Ela que parecia saber tudo.

Jorge assobia a pequena melodia curta de sempre quando chega na entrada do hotel, contornando a barricada armada anos atrás, com galhos e pedaços de móveis, sabe-se lá por quem, e reforçada por ela com esmero nas primeiras semanas. Ninguém consegue passar por ali sem fazer muito barulho. Ainda assim, eles sabiam que estavam expostos demais, e que não deviam ficar lá o tempo que estavam ficando. Só não queriam sair antes de ter um lugar certo pra chegar e ainda não tinham arrumado um.

Ao ouvir sua chegada, ela esgueira a cabeça de trás de um plástico preto pendurado como biombo, no segundo andar. O antigo posto do concierge havia sido adaptado em sua estação de trabalho, com dois monitores e duas carcaças expostas de CPU, tudo ligado no pequeno gerador barulhento e malcheiroso. Ele nem imaginava o que ela fazia o dia todo, embora tivesse vislumbres eventuais, todos assombrosos.

Ele mal entendeu como tudo se deu, menos de um mês atrás, depois de encontrá-la perto de sua casa mocada no escuro e descobrir a parte que lhe cabia num plano já previamente elaborado por ela. Foi tudo alucinante de rápido. A naturalidade e a confiança fodidas com que ela informou a coisa toda foi com alguma distância a coisa mais atraente que Jorge já havia visto

ao vivo na vida até então. Mesmo o plano parecendo extremamente incerto e perigoso, pra não dizer suspeito, Jorge achou impossível recusar. Teve certeza que se arrependeria pelo resto da vida, se recusasse. No dia seguinte, depois de terminar seu turno e voltar para o furgão, deixou seus fundos abertos e vazios, como instruído, por quinze minutos. Deixando-o estacionado na estrada mais próxima da base, no ponto mais próximo da porta da grade. Esperou quinze minutos sentado no banco de motorista e ensaiando sua desculpa, caso aparecessem os guardas. O maior pavor e excitação que já sentiu na vida, uma ereção incongruente e dolorosa armada na sua cintura, só parcialmente defletida pela calça.

Ela tinha dito que se não aparecesse em vinte minutos, Jorge deveria partir imediatamente sem olhar pra trás. E nunca mais voltar. Ele sabia que o tempo estava próximo de se esgotar, mas já havia decidido que não sairia. Que mesmo cagado de medo ele esperaria por ela o máximo possível. A ereção logo arrefeceu e suas mãos começaram a suar frio. Ele que era agnóstico convicto desde os onze começou a rezar pela intervenção de Maria.

Sentiu ver algo se agitando na folhagem densa, à frente. Já estava concluindo que não era nada quando começou a ouvir os urros. Macacos, principalmente, mas também águias e harpias, hamsters e gatos do mato. Vários se espalhando e irradiando pelo mato a partir do mesmo ponto. A maioria deles deformados, sem penas ou pelos em partes, machucados, com a pele toda irritada. Antes de vê-la ali no meio, inconfundível, em jeans e camiseta branca empapada de sangue, empurrando um carrinho metálico (parecido com um carrinho de supermercado de pequenas proporções) com uma criatura orelhuda, peluda e sem olhos em cima, também toda molhada de sangue, orelhas inquisitivas e compridas se mexendo pra todo lado.

Ela vinha com alguma pressa, mas não tanta. A mão firme empurrando o carrinho vacilante ao longo da trilha desigual. Os olhos tensos, mas exultantes. Quando os dois cruzam os olhos, o sorriso dela é enorme.

Jorge dá ré com o carro pra dentro da mata dum jeito destrambelhado. Teme por um instante empacar o pneu na lama e estragar tudo, as rodas da frente até chegam a engasgar um pouco na borda, mas isso não acontece. Ele sai para ajudá-la com a criatura. Parece ter mais pressa do que ela:

– Vamos, caramba.

– Calma. Eles não têm como falar com ninguém no momento. Ela destruiu

as máquinas todas. E não tem mais ninguém ali vivo que vá perseguir a gente agora. Não depois do que ela fez.

– O que ela fez?

– Eu já te conto. Eu mesma não sei se entendi direito.

Ela amarra a criatura com um cinto de couro marrom improvisado que Jorge havia botado ali na noite anterior, afixado a um pufe laranja fedorento. Parece uma cadeirinha de bebê demente. A criatura se acomoda, orelhas ainda se virando freneticamente para tudo em volta.

– Eu achei que a ideia era sair escondida com a criatura, não soltar todo mundo e tocar o terror.

– A ideia era essa. Mas não deu, foi mal. Foi tudo muito rápido, eu não cheguei a decidir nada. Na verdade foi ela que –

Ela falou isso com uma cara só ligeiramente constrangida, e no fundo nada constrangida. Esperando a confirmação dele pra abrir o sorriso e se orgulhar.

– Tá certa, espero que eles consigam fugir.

– Alguns vão se recuperar. Não todos. Não dá pra gente salvar todos, isso até eu sei. Eu só dei uma chance.

Eles levaram três chimpanzés juntos do furgão. Os menores e mais indefesos, que haviam se agarrado aos braços e pernas dela. Ela falava que eles não poderiam ser soltos ali. Os chimpanzés pareciam cochichar entre si, mas devia ser só impressão. Todos tinham feridas perto da boca e da orelha, onde não tinham pelos e a pele se encontrava irritada e avermelhada.

Jorge chegou com ela no hotel, a criatura e os três chimpanzés, depois de só quarenta e tantos minutos dirigindo um pouco acima da velocidade da via, suas mãos ainda tensas (a viagem de carro mais agonizante e interessante de sua vida, sem dúvida). Os chimpanzés ainda lhe pareciam cochichar entre si. Ela que havia escolhido o lugar, claro, e ele foi entender o motivo quando entraram no prédio e encontraram, debaixo de um tapume azul, um pequeno gerador, um computador e um celular, uma mochila, latas de comida e dois galões d'água. Amigos virtuais de longa data haviam estocado o lugar pra ela dias antes, a seu pedido. Eles ficariam lá por uma semana, dez dias no máximo, até conseguirem desenrolar um traslado seguro até o Brasil, até Belém (talvez), ou (talvez) até a Embaixada da Guatemala em Brasília. Ela tinha muitos contatos pelo mundo todo, claramente. Jorge tentava conter o

tesão que se desembestava a crescer diante daquela figura tão inacreditável de foda, que parecia sair direto das fantasias juvenis dele (exceto que ele jamais seria capaz de inventar uma pessoa tão incrível, nem antes e nem agora). A semana foi virando três. Alguns dos amigos não respondiam, outros juravam que queriam ajudar, mas temiam retaliação norte-americana, o que ela entendia perfeitamente.

Jorge ainda olhava para o céu de noite e de dia com um medo constante de helicópteros surgirem. Achava que estavam brincando com o perigo se escondendo tão perto assim da base. Ela concordava, mas dizia que sair por aí com a criatura sem um plano era ainda mais perigoso. Jorge sonhava com militares ou agentes de terno os surpreendendo na casa quase toda noite, às vezes até em cochilos diurnos. Às vezes a criatura reagia e os protegia com explosões de poder a lá Dragon Ball Z, às vezes todos eram presos e a criatura era neutralizada com aqueles dardos coloridos de filme. Às vezes, e estes sonhos eram de longe os piores, matavam as duas bem na sua frente, e ele não podia fazer nada.

Ela insistia que precisavam deixar tudo esfriar um pouco antes de se movimentar mais, e que estariam mais seguros lá do que usando uma estrada. Dizia que sabia se virar no mato, mas não queria ter que cuidar de Jorge e da criatura ao mesmo tempo.

Ela também insistia que a criatura os tornava invisíveis aos instrumentos deles. Fazia isso por instinto desde nova, na base. Desorientava os radares, defletia as emissões captáveis por satélites. Cobria seus próprios rastros instintivamente, como um camaleão sabe se confundir com o ambiente sem precisar de nada parecido com uma intenção verbal. Ele tentava segurar a cara de sério quando ouvia ela dizer esse tipo de coisa com toda a naturalidade do mundo.

– Aposto que um turista tentando chegar aqui por GPS vai se perder. Por isso não tivemos nenhum turista chegando sozinho aqui até hoje, talvez. Mas eu sei que não dá pra abusar desta sorte.

Jorge nunca tinha visto nada parecido. Mas a vividez tão inesperada e tão ultrajante de tudo impedia que parecesse irreal. Um homenzinho verde e olhudo seria irreal. Seria indistinguível demais de diversos sonhos que ele teve ao longo da sua vida, assim como dos filmes que motivaram esses sonhos. Mas aquela criatura ali, surgindo naquelas circunstâncias, com

aquela mediadora, não era assustadora, não era nem tão estranha, pra falar a verdade, mas sua sutil estranheza vinha tão de fora dos parâmetros do que ele esperava, que tudo só tinha como lhe parecer natural. Ainda que, talvez, vindo de outra natureza. O que parecia claro era que mão humana alguma faria aquilo.

Jorge mostra tudo que trouxe para ela na mochila, ela verifica de maneira perfunctória e faz um joinha não muito emocionado.

– Brigadão. Eu faço o macarrão hoje, prometo.

– Não precisa me enrolar. Eu faço. Dices isso agora só para que daqui a duas horas eu te pergunte cadê a janta e você me olhe aí do teu computador com cara de paisagem.

– Desculpa. Eu tou re-lendo um material que meu ex-chefe fez, especulando sobre as condições que ela precisa pra sobreviver. Queria pelo menos começar a entender as células dessa diaba. Não sou bióloga molecular nem nada, mas aprendi com gente que é. E ninguém consegue. Se a nossas células são uma fábrica, a célula dela é ao mesmo tempo uma oficina de artesanato fino e um bagulho muitas vezes maior e mais potente do que uma indústria nuclear. Cada cloroplasto parece uma célula própria. O ribossomo dela faz o nosso parecer uma máquina tosca feita de roldanas e, sei lá, palitos de picolé.

– Entendi quase nada, mas ok. Eu faço o macarrão. Relaxa. E você me explica tudo isso aí na janta.

Um quadrado no canto do monitor ali mostrava a imagem em preto e branco da criatura dormindo (uma babá eletrônica improvisada por ela com uma webcam antiga). O tanto que pareciam uma família esquisita não escapava a ninguém, e ela tinha sorrido junto com ele nas primeiras vezes que ele mencionou. Mas não nas últimas.

Em todos esses dias, só houve dois ou três momentos em que ele achou que ela talvez estivesse dando alguma abertura sexual pra ele. Sempre nessas cenas bem de filme, tipo saindo do banho e pedindo uma toalha, coisas assim. Dificílimas de se aguentar. E que no final das contas davam Jorge a impressão de que, na realidade, ela estava tão longe de pensar naquilo que nem percebia que poderia ser interpretada desse jeito.

Quando ficava difícil demais, ele ia pro mato se masturbar, as únicas punhetas da vida em que pensava em uma pessoa só (e não na tapeçaria

constante de celebridades, conhecidas e gostosas da adolescência que sempre povoou sua cabeça desde os doze, treze).

A criatura no momento estava ali perto, na banheira de hidromassagem de uma das suítes principais, que ficava no térreo, com vista para a cachoeira. Na solução de amônia e água que conseguiram trazer. Eva dizia que ela parecia dormir bem mais tranquila do que no laboratório, ali. Bem mais relaxada. Ela não parecia seguir um ciclo de sono e vigília como os humanos, mas dormia parte do dia e parecia usar o sono para alguns processos internos importantes (no laboratório, não era raro que seu corpo tensionasse e mudasse de forma drasticamente enquanto dormia; ali isso acontecia de maneira mais suave e lenta).

No primeiro dia depois deles chegarem lá, ela quis logo levar a criatura para tomar sol. Coisa que ela nunca tinha feito diretamente, porque Jacques tinha medo de perder o controle. Como a criatura andava ainda de maneira muito desajeitada, tropeçando em tudo, não levaram ela para o lado das trilhas acidentadas e verticais, mas para um descampado ali nos fundos, que antes servira de estacionamento informal para carga e descarga. A criatura andou cuidadosamente, estranhando as pedras e detritos de vida no chão, estando acostumada às superfícies homogêneas do laboratório. Acostumou-se com aquele plano pedregoso depois de algumas caminhadas circulares, acompanhadas de perto por Jorge e Eva.

Quando chegou no centro do descampado, onde o sol pegava em cheio, sua pele toda pareceu tremer. Sua pele se eriçou de algo que pareciam, de repente, não mais pelos, e sim espinhos espiralados e móveis, responsivos à luz. Suas orelhas apontaram em sua direção e retesaram de um jeito que Eva nunca havia visto antes. Ele se armou todo, um quadrúpede assentando no chão as suas forças. Eva e Jorge ambos sentiram quebrar no seus peitos uma onda não dessemelhante à percussão de um som muito grave. Mas sem ouvir nada. Entreolharam-se sem dizer nada, mas comunicando, como puderam, que ambos tinham sentido a mesma coisa. Que uma força extraordinária, e assustadora, passava por aquela criatura.

Durante um dia com ela no mato, seu corpo crescia e mudava. Suas orelhas se voltavam pra tudo, colavam-se às árvores, raízes, folhas, musgos e cogumelos. Suas patas foram mudando ao longo do dia, adelgando, como que experimentando ajustes ergonômicos ao terreno ali enquanto andava. Depois, ao dormir, o corpo ia aos poucos sempre retornando à sua forma original.

Continuava desajeitada no dia seguinte, mas cada vez menos. Fizeram isso quatro dias seguidos.

Eva notou isso acontecendo algumas vezes numa mesma semana, tomando notas extensas sobre as transformações. No quarto dia de anotação, tentava resumir tudo o que tinha anotado durante o dia, enquanto eles jantavam macarrão com molho de tomate pela enésima vez.

– Ela cresceu muito rápido e parou aí, mas é como se ela se mantivesse em neotenia permanente. Ela pode transformar seu corpo em vida, mas sempre tendendo a voltar pro estágio maduro de desdobramento inicial. Não tem nada na terra que funcione assim. Eu acho. Nada grande desse jeito, pelo menos.

Jorge assentia, como se soubesse o que é “neotenia”. Já tinha perguntado umas duas ou três coisas hoje. Melhor deixar essa passar e procurar depois.

– Os caras do laboratório tavam pensando nela como um computador universal, só que muito mais potente, mas ela é muito mais do que isso, ela é tipo um construtor universal. A gente só precisa descobrir uma maneira de se comunicar com ela.

Ela diz isso olhando bem fundo nos olhos dele. Ele só consegue concordar, abestado pela beleza dela, ainda mais insuportável quando ela falava algo brilhante desse jeito entusiasmado. Tinha acabado de anoitecer, e mesmo no escuro ele sentia que o rosto dela brilhava daquela animação toda.

E foi assim, totalmente envolvido em escutar atentamente a voz daquela que era certamente a paixão mais intensa da sua vida até agora, que o cérebro de Jorge foi trespassado por um tiro de rifle de grosso calibre e se espalhou numa jorrada indistinta pelo ambiente em torno, inclusive no rosto e camiseta de quem conversava com ele.

Ela demora a registrar o que está vendo. Mesmo sentindo o sangue todo no corpo, mesmo vendo diante de si o rosto já disforme, sem parecer com nada, uma embalagem amassada, ela demora para admitir que aconteceu de fato. Não notou os vários agentes camuflados que se aproximavam da mata, nem registrou direito o barulho de helicóptero chegando bem no fundo. Não antes que seguisse um barulho de algo pesado caindo e de uma grande explosão, seguida de explosões menores e gritos urrados de pavor. Como da outra vez, ela fechou os olhos e, quando os abriu, encontrou corpos agonizantes ou mortos, um arregaço de destruição. A criatura já estava no descampado do lado

da casa, os pelos endurecidos como espinhos tentando crescer com o quase nada que ainda restava da luz do sol. Ela se virou para Eva e caminhou em passos calmos. Quando chegou perto, ajoelhou-se para abraçá-la.

A criatura se afasta dela e se aproxima do corpo de Jorge. Eva sente uma vontade de explicar, mesmo sem jamais ter tido sinal de que linguagem verbal era algo que fizesse qualquer sentido pra ela. As suas orelhas estão atíçadas, como antes, os espinhos estão amolecendo. Ela se aproxima de Jorge e de repente se enrijece toda mais uma vez, com uma intensidade redobrada. Para Eva parecia que ela gritava, mas sem fazer barulho. Os pelos enrijecem a ponto de formarem uma carapaça pontuda, quase um exoesqueleto. A cabeça amassada pra dentro de Jorge começa a se mexer, Eva sente que um material pegado nos seus braços está se soltando e de repente assiste a movimentos que ela não julgava antes serem possíveis. Toda a massa espalhada de cérebro e crânio, do entorno, está lentamente sendo arrastada de novo para o corpo de Jorge. Não vinha voando dum jeito limpinho e mágico, vinha se arrastando na poeira, subindo com dificuldade pelas pernas e torso. Mas vinha. Era como se a criatura estivesse rebobinando (aos poucos, com dificuldade) a fita do que tinha acabado de acontecer.

E a cabeça de Jorge foi aos poucos se reformando, se refazendo. Eva começou a chorar. A carapaça da criatura tremia, como se de um esforço tremendo. Aquela carcaça amassada começa a se desamassar, aos poucos inflar de novo, aquele côncavo cavado pra dentro num domo convexo e estável. Mas as suturas do crânio estavam ali, claramente visíveis. O rosto estava refeito, mas estava longe de parecer intacto. O corpo começa a dar umas tremidas, a perna chutando fraco, as coxas tensionando. Eva está totalmente aos prantos, quase deitada no chão. Mas começa a rir, também. Os braços de Jorge se sacodem. Os olhos chegam a abrir, a boca chega a se mexer. Mas seu corpo só faz se contorcer de maneira errática por alguns minutos, babando um pouco e gemendo, antes de morrer de novo, agora de vez.

>>

15.

<

Neste novo torpor em que Murilo se encontrava instalado (diferente do de Brasília apenas em ser um pouco mais divertido, um pouco mais intenso), poucas coisas conseguiam atravessar a névoa de saturação e chegar na sua atenção com vividez. A principal delas, nos últimos meses, mais do que a sucessão de crises políticas no Brasil, mais do que qualquer guerra pelo mundo, certamente muito mais do que a cena literária ou artística em geral, era a crise climática.

Murilo não se orgulhava de olhar pro mundo como um filme irreal. Ele só não conhecia outro modo, nunca lhe pareceu muito plausível tomar o mundo por outra coisa (sair de fato andando no meio dele, imagine, passar por tantas escadas e catracas). Sempre lamentou com sinceridade toda injustiça e crueldade que via, assim como todo desperdício tolo, mas o mundo sempre esteve tão profusamente lotado de todas essas coisas que ele nunca entendeu muito nem como se começar a portar diante disso. E os exemplos que já tinha visto pessoalmente nunca pareceram animadores.

A crise climática parecia a intensificação derradeira de tudo isso. Dessa impotência diante da vastidão dos problemas e da força irresistível dos sistemas maiores que a gente. Não é que Murilo soubesse o que fazer diante dela, ao contrário das outras, claro que não. Ela parecia ainda mais desafiadora do que, digamos, o racismo e a injustiça social em geral já eram, sem dúvida. Mas era isso mesmo que, para Murilo, tornava a questão ainda mais interessante. Ela atravessava tudo, arrastava tudo com ela. E repetiria no seu dano futuro essas mesmas linhas de raça e de classe, de norte e sul, talvez até de macho e fêmea. Um grande “decifra-me ou te devoro” criado por nós mesmos, e posto na nossa cara para que a gente decida de uma vez por todas se vamos arrumar a casa ou caminhar de vez para o suicídio coletivo.

Murilo não pode nem dizer que fica exatamente surpreso com a aparente escolha pelo suicídio coletivo, mas ela não deixava de ganhar ares cada vez maiores de dramaticidade. Ele fantasiava às vezes, de maneira que reconhecia como implausível e por isso sempre caricata, juntar-se a algum grupo ecológico radical, mas os poucos que conseguia descobrir sem procurar longe não lhe atraíam de fato. Muito menos lhe atraíam os papos de quem se envolvia

com essas coisas, no geral, papos de Gaia, de conectividade e gratiluz, essas coisas, que lhe soavam sempre New Age demais.

Ele se sentia culpado por não conseguir de fato digerir a realidade de tudo aquilo. Não com o peso que devia. Tinha dias em que lia madrugadas adentro relatórios e artigos elencando previsões sóbrias e frias de destruição global irreversível. Imaginava as dezenas de milhões de refugiados de Bangladesh e outros lugares em breve inabitáveis. Via isso como algo horrível, claro, algo que traria uma quantidade indizível de dor e de desespero concretos e que poderia ser evitado por ação coletiva concertada em ações drásticas, mas totalmente racionais e possíveis (né?).

Mas ele sabe que também tem um lado não tão pequeno dele que está só comendo pipoca e esperando a coisa terminar logo. É claro que os EUA não vão abandonar seu sonho de consumo adoidado e generalizado de petróleo e plástico. O sul global pode até não chegar na taxa de consumo daquele país, mas com certeza a maioria vai continuar tentando. Não é que ele espere um estrondo derradeiro, um momento em que a verdade cai do céu inscrita em pedra. Sabe bem que a coisa vai só chegar como já chega, destruindo pelas beiradas, piorando a vida de quem já tá com a água no pescoço. Destruindo o que já está destruído com uma intensidade cada vez maior, renovada de maneira cada vez mais acelerada e alucinada.

Sentia, sempre que o reconhecia, uma vergonha profunda por ter esse sentimento já resignado com o fim, com a sua espera ansiosa e desatenta. Lembra-se de ser criança e ver o onze de setembro e ficar extasiado, em segredo, na sala de aula. A professora de história, com seu cheiro de cigarro, falava que aquilo ali, meninos, era história. E ele conseguia concordar sem problemas.

Aquilo que lhe apresentavam como sendo a realidade geralmente parecia a Murilo muito menos intensa e dramática do que eram os filmes. Mesmo quando o jornal falava de guerra, mostravam umas imagens sem graça, de pessoas tristes andando pela beira de estrada e carregando sacos com suas roupas. No máximo uns mísseis atingindo prédios bem de longe. Mas aquilo ali, aqueles aviões atingindo um prédio daquele tamanho, aquilo era praticamente um filme! Era uma cena intensa e forte como nenhuma que ele já tivesse visto antes no jornal. E era totalmente real. E esse entusiasmo não era por antiamericanismo, nem nada, que estava ainda longe de se articular para ele como sentimento político. Ele só sentiu muito prazer com a intensidade daquela cena compartilhada por todos, interrompendo uma aula e um dia de

escola. Mesmo ali, ele conseguia sentir o peso estranho que tinha este gozo pela catástrofe. Mesmo ali ele não admitiu aquilo pra ninguém, notando que os colegas que faziam piadas com o que aconteceu eram recriminados pela professora e por algumas das garotas. Tem quem chame de pulção de morte, mas Murilo acha que é algo bem mais prosaico. Pode até ser isso mesmo, mas apesar dos corvos e de outros bichos mais soturnos, Murilo não acha que a vida toda seja assim. Acha que isso é uma coisa nossa, coisa de gente humana (como a mãe falava). E parece ainda ser coisa de gente moderna, talvez, um tanto mais do que das outras. Essa gestura ensimesmada, mórbida e ansiosa. No caso dele, em particular, com certeza tinha muito a ver com o fato de sua existência ser toda mediada por páginas e telas.

Podia ser isso ou podia ser aquilo, o fato é que Murilo se sabia, como um saco vencido de baconzitos, um produto estragado de seu próprio tempo.

Sentia, sim, sempre que pensava sobre o assunto, um amor profundo e genuíno por toda vida, desde as cabras e os olmos até as bactérias e os protistas, os fungos e mesmo os vírus, tão danados, que ficavam ali na antessala entre eventos químicos mais ou menos organizados e coisas que se reproduzem e morrem. Para todos vocês, Murilo manda um grande beijo e um abraço. Mas ele não sabe viver de outro jeito que não desse em que ele já vive, lidando com telas e livros por quinze horas por dia e consumindo comida igual um imbecil, sem ter que pensar muito no que está ingerindo como combustível. E ele adora ar-condicionado. Sabe que poderia perfeitamente aprender a, digamos, tomar parte da colheita uma comunidade e ser um prodigioso lavador de pratos para um grupo grande de pessoas, se algo assim viesse a acontecer, mas parece tão difícil, ainda mais para alguém que vem por tanto tempo, e tão habilmente, tentando elidir o fato de que tem um corpo.

Se tivesse que ser franco, Murilo no fundo acha que o mundo todo deveria mudar radicalmente seus hábitos alimentares e de consumo, e deviam fazê-lo imediatamente, a partir de amanhã. Em especial os mais ricos, é claro, mas todos que tiverem qualquer grau de tranquilidade e conforto material precisam fazer esta mudança. É claro que sim. Hoje mesmo, se possível. Vocês são loucos? Mas ele não. Ele vai continuar vivendo deste jeito tousco ainda um bom tempo, com certeza.

Sempre que se recrimina por isso, emenda na cabeça que continuará assim ao menos enquanto quase todo mundo estiver fazendo o mesmo. Produzindo três sacos de lixo cheio de plástico e papelão engordurados toda semana. Ele

queria que o mundo tomasse jeito, claro, queria com força. Mas não achava que isso ia acontecer e não queria ficar se sacrificando à toa de maneira inútil. Tendia a esperar o pior para a situação macro, ainda mais depois da eleição de Trump.

E olha que, quando aconteceu, ele também adorou a eleição de Trump (admite com alguma vergonha). Riu e riu durante dias daquela que se considerava a maior democracia da história, líderes do mundo livre, sendo enganada por uma figura tão patética, uma que já era punchline constante de piada vinte anos antes. Uma encarnação tão sinistra do que o país realmente é em oposição ao que acha que é.

Murilo sabia bem, claro, que o fato era horrível, e nada engraçado. Sabia que aquilo teria, como teve, consequências sérias reais e horripilantes. Mas transformava o programa de televisão chamado realidade em algo mais assistível e estimulante. Ainda que isso rapidamente vá se tornar um pesadelo ainda mais vívido e intenso na sua versão dublada, nos trópicos, claro. Como sempre.

Murilo tanto sabia que esse sentimento era torpe que jamais o admitia, nem para seus poucos amigos, muito menos em tuítes irônicos ou cínicos. Mas o sentimento só se intensificava quanto mais aumentava o seu pessimismo. E este só aumentava a passos largos e firmes, a cada sinal que o mundo agitava da sua demência, sutil como uma bandeira pegando fogo. Ele queria pelo menos estar vivo para ver os negacionistas que conhece falando “opa, foi mal, hein, parece que era verdade” (como se isso fosse resolver qualquer coisa). O máximo com que ele consegue sonhar é esse tipo de catarse cretina. Nunca deixa de assombrá-lo o tanto que pode se estreitar a imaginação (até o futuro virar essa barra de um feed pré-visto). Por isso mesmo uma parte não pequena dele começou a ansiar pela destruição. Que chegue logo, chegue. Que acabe de uma vez só com essa agonia arrastada, desnecessária. A gente sabe que já deu. Todo mundo já sacou, no fundo.

Sentia isso ao mesmo tempo que também sentia, assim que se tocava da realidade carnuda de qualquer pessoa ou outro animal, que não, que não deu nada, que todo mundo queria viver, e viver bem, que os piores cenários tinham que ser impedidos a todo custo.

Era uma esquizofrenia constante. Mas pra alguém que cresceu vendo o mundo passar como quem vê um filme, era difícil evitar o costume, arraigado

tão fundo, de torcer por um estrondo cada vez maior. Cada vez mais assombroso, mais envolvente. E que chegue logo de uma vez.

>

16.

<<

Onze de setembro de 2001 foi uma terça. A gente tava na lanhouse quando o moleque cabeludo aumentou o volume da televisão e falou pra todo mundo calar a boca. Tava lá na tela uma das torres queimando. Os moleques fizeram o oposto, claro, gritando ensandecidos diante daquilo muito antes de entender o que se passava. Quando conseguiram enfim quietar pra ouvir a voz da jornalista, constataram apenas que ninguém sabia ainda direito que merda era aquela (além de um avião batendo num prédio). Quando o segundo avião explodiu, um moleque que não parecia ter mais de doze anos falou num tom que se queria grave, mas saiu agudo, tentando soar como um general numa sala de comando de filme, mas soando como uma criança de doze anos:

– Então não foi acidente. Se são dois não é acidente. Misericórdia, Nossa Senhora.

Ele ria com uma incredulidade pasmada na cara, mais de nervoso do que de achar graça, talvez. Alguns riram dele, a maioria ficou meio calada. Eu me benzi várias vezes, mas fiquei quieto. Renato não conseguia tirar o olho da tela, mas disse que não tinha nem ideia do que tava sentindo. Várias conversas paralelas irromperam de todo lado. A única hora que todo mundo reagiu junto foi com a contribuição perfeitamente encaixada de Douglas, um baixinho briguento que nunca tinha dinheiro pra jogar, mas ficava lá o dia todo vendo os outros jogarem, chamando todo mundo de “peba” e depois tentando provocar a pessoa a pagar-lhe meia hora de jogo para ver quem era o bom. Nunca funcionava. Assim que brotou um breve silêncio, Douglas mandou com confiança, na sua voz já quase barítona, a frase que eles todos ouviam dezenas de vezes nos fones de ouvido:

– TERRORISTS WIN.

Todo mundo gargalhou, não teve um que resistisse (nem eu, admito), por mais que uns dois ou três tenham criticado logo depois por zoar com coisa séria.

Fechou-se a lanhouse mais cedo e todo mundo foi beber com Dennis e Renato. O segundo tava mais animado que ela, gritando de cara:

– PEGARAM OS AMERICANO. MENINOS, EU NUNCA IMAGINEI.

Ele não tava feliz, tava pasmo. Incrédulo. Mas a expressão era desta descrença abobada, como quem espera ser avisado de que tudo era uma pegadinha. Também se benzeu, me imitando. Admitiu de imediato que claro que não era nada bonito, não era legal. Milhares de mortos, um bando de gente que não tinha culpa de nada, no avião e no prédio. Mas era tão inacreditável que tenha acontecido. A imagem que aquilo fazia, daquelas torres tão orgulhosas e arrogantes vindo ao chão. Era grande demais, não dava pra não ficar meio maravilhado também com a ousadia da coisa.

– O medo agora é o que os americanos vão fazer em resposta, Eva disse.

Diante disso todo mundo ficou calado.

– Isso muda que é um avião, o que é um prédio.

Ela tava calada o tempo quase todo, mas com uma excitação evidente no rosto. Falou de repente com uma gravidade sinistra:

– Os mosquitinho foram direto no olho do dragão. Agora ele vai tocar o terror dele. Podem anotar. Vai ser um horror.

Eu fiquei muito incomodado com o tanto que os dois tavam achando aquilo bom. Por mais que reconhecessem que foi uma coisa violenta pra cacete, uma coisa terrível, a cara dos dois era de uma alegria, aquele fascínio prolongado que eles iam mantendo, conversando sobre a cena e arrastando o assunto como quem sai de um filme doloroso de lindo e quer manter sua pala acontecendo no mundo, vai e continua conversando sobre ele com as pessoas com quem o assistiu, sustentando aquilo adiante. Eu até entendia o sentimento, um pouquinho, mas achava ele feio e ruim de sentir. Eles não.

Dennis respondeu que tinha lido num romance uns anos atrás que hoje em dia só terroristas conseguiam mexer na nossa imaginação coletiva. Na época achou isso besteira, uma pose exagerada de escritor. Agora ele achava que achava que isso era verdade. Infelizmente.

Terrorista e cantor popular, o Renato emendou. É verdade, o Dennis admitiu, rindo. Terrorista e cantor popular.

>>

17.

<

Quando dá dez e meia em ponto, a hora combinada, a menina chega para entrevistá-lo. Uma pontualidade quase assustadora, como se estivesse ali do lado apenas esperando a hora de tocar o interfone. Assim que sobe, toca a campainha e bate, ao mesmo tempo. Fatma era turca-americana (como eles dizem por lá), nascida em Istambul, mas criada desde muito nova ali mesmo naquela cidade, filha de dois importantes intelectuais expatriados no início dos anos noventa. Mais nova do que ele imaginava, muito alta e com um cabelo arranjado de maneira complexa, olhos inteligentes de peixe, bem espaçados no rosto comprido, um crânio de formato original. Ele já tinha lido um punhado de artigos dela ao longo dos anos, sabia que escrevia muito bem, era arguta e engraçada, imaginava alguém que teria hoje trinta e tantos. Mas, na realidade, não tinha nem trinta. Publicava em revistas que Murilo respeita desde os dezenove (veio a descobrir).

Os dois já tinham feito algumas conversas rápidas por Skype, mas nenhuma pessoalmente. Murilo evitava entrevistas, depois de experiências ruins no Brasil de ser editado sem sem informado e de ser citado de maneira imprecisa, mas estava ansioso para conhecê-la, e ainda mais, pela possibilidade de ser descrito de maneira elogiosa e inteligente por ela, ainda mais escrevendo para aquele veículo em particular.

O inglês de Murilo escrito era quase perfeito, mas a sua pronúncia em carne e osso era bem ruinzinha. Ele já achava difícil falar português ao vivo com outros seres humanos, falar inglês era como fazer essa atividade, em si já desagradável, de dentro de um escafandro. Fica surpreso quando ela começa a responder as suas frases dificultosas em inglês com um português quase perfeito, ainda que com vogais opacas e insossas. Diante da cara de espanto dele, ela explica que havia namorado um brasileiro e depois disso havia visitado o país algumas vezes. Ela falava seis línguas, afinal, o português não vinha tão difícil depois do espanhol e francês. Murilo fica um pouco mais intimidado do que gostaria.

Fatma claramente fica horrorizada com o apartamento, mas não diz nada. Depois de uns dois minutos sentados no sofá, a sua atenção claramente monopolizada pelos entulhos em torno, ela sugere que desçam para tomar café

ali perto. Conhece este lugar que serve um na cafeteira francesa que é maravilhoso. No caminho vai demonstrando numa pequena sinopse que conhece muito bem o livro e a história toda dos seus dois autores, a ponto de Murilo já não saber muito o que dizer quando estão sentados os dois nas poltronas escuras do canto, cheio de gente com fone de ouvido trabalhando em seus Macs e bebendo de suas xícaras lentamente. Ele estava esperando dar toda uma pequena aula sobre o Brasil, mais ou menos a mesma que ele já havia dado para alguns editores e escritores que havia conhecido nos poucos jantares e eventos em que se sentiu compelido a ir. Agora está mexendo na própria roupa, sem saber o que dizer. A primeira pergunta bombástica ela faz com o tom mais casual do mundo.

— Mas então. Mais do que perguntar sobre a recepção e toda a comoção em torno do Fábio, eu queria te perguntar mais do processo mesmo, sabe? De edição do livro, de composição das duas partes. E, principalmente, acho, sendo bem direta ao ponto, me diga de onde veio a decisão de editar o material de maneira tão pesada, excluindo tanta coisa do manuscrito. Principalmente, de maneira a ocultar os sinais mais claros da instabilidade mental que Fábio estava sofrendo nas suas últimas semanas de vida?

Murilo, que está lendo o cardápio quando ela termina de perguntar, olha pra ela de repente como uma criança confusa:

— Oi?

— Acho que você ouviu bem.

— Eu não sei do que você tá falando.

— Claro que você sabe. Precisa saber. Tenho informação sobre alguns dos arquivos que ele trabalhava perto do fim. E há uma mesma história que se repete em formatos diferentes, em vários dos fragmentos dessa época. Quase todos. Essa consciência paranoica tentando desvendar uma última camada de realidade, uma camada derradeira. Uma paranoia que os personagens estão expressando, mas que era na verdade do seu criador. Você não se sentiu desconfortável editando o trabalho de alguém que claramente estava surtando? Como foi isso pra você? Não foi estranho?

— De novo: eu não sei do que você está falando.

— Desculpa já chegar falando assim, eu queria ter sido mais sutil. Não fui a crítica mais profissional do mundo, talvez. Mas é que eu não consigo

entender, tou com isso na cabeça tem meses já. De verdade, não consigo. Você tirou todos os pedaços, editou de um jeito tão pesado. As frases que giravam em círculos, os parágrafos que não iam a lugar algum. Os trechos obsessivos sobre políticos de Brasília. Tirou quase todas as indicações que deixavam clara a relação forte que tinha de parte da trama com o pai do Fábio.

— ...

— Além de tirar quase tudo que tinha de sexo e de violência. De pornografia. Quase todas as partes mais tensas, que eram algumas das melhores partes. Isso eu também não entendo. Qual é o teu problema com sexo? E com violência?

— Como que você conseguiu acessar? Ele te mandou o mesmo arquivo?

— Eu não preciso te contar isso.

— Você tem acesso a conta também? Como você conseguiu? Você conhecia ele?

Ela sorriu quando Murilo disse isso, mas não disse que sim nem que não. Tinha a cara de quem continuava esperando uma resposta dele, na verdade.

— Tem muita coisa que eu tirei porque não funcionava, e pronto. Principalmente as coisas com violência. Ele mesmo achava que não sabia narrar essas coisas, que não tinha tido esse tipo de experiência na vida pra conseguir ser convincente com isso de verdade. A gente conversou sobre isso algumas vezes. Eu tirei o que eu achei que ele não tinha conseguido fazer tão bem. Posso ter errado aqui e ali, todo mundo erra. Mas acho que ele concordaria com a maioria das decisões.

— Duvido.

— Na real, tenho certeza disso.

— Bem ou mal, os rascunhos eram o que ele queria mostrar, era o mundo que ele queria descrever. A feiúra, as feridas abertas. E você podou tudo, amputou tudo. Capou até virar inofensivo. Não foi?

— ...

— Eu não tinha certeza absoluta que você estava fazendo isso de propósito até ver que você tinha mudado o acróstico.

— Que acróstico?

— Tem mais de um? Não vem fingir que não sabe do que eu tou falando. No final do “Cabuloso”, o acróstico que você bagunçou, que fazia referências à onda que o Fábio tava dando, a coisa do pai dele. O negócio que parece que matou ele.

— Ah, isso. Eu tirei aquilo porque era uma cópia boba do Nabokov, aposto que o Fábio concordaria comigo. E não queria que me processassem, sei lá.

— Você tirou aquilo porque era uma das várias, várias evidências, de que o Fábio teve uma crise nervosa séria ali pouco antes do fim, que a paranoia dele, que sempre pareceu meio performance, meio brincadeirainha, tava finalmente transbordando pra fora da banheira. Você quis se aproveitar do show do seu amigo, mas não quis mostrar tudo. Não quis mostrar ele dodói da cabeça.

— Claro que não, meu deus do céu, do que você tá falando? Eu conhecia ele melhor que ninguém, você leu lá um bando de fragmento sem conhecer a voz dele, eu sei quando ele estava brincando.

— Ele não parecia estar brincando quando ele falava aquelas coisas de se instalar fora de si mesmo, de separar a consciência dele da torrente de coisas que passavam por ela, daquelas vozes que ele tinha que organizar, da interface e das implementações.

Murilo recua quando ouve aquelas palavras. Há muito tempo não pensava nelas, lembra de vê-las de fato em vários dos rascunhos mais deslocados e esquisitos de todos. Ele tentou dissimular o quanto tava chocado de ouvir aquilo, mas não deve ter funcionado muito.

— Esse negócio das implementações, pelo que eu lembro, era só uma besteira de um conto de ficção científica dele que ele uma época queria transformar num romance.

— Você quer dizer o vocabulário teórico que ele aos poucos tentou desdobrar pra lidar com as várias crises de paranoia que ele teve na vida. E com alguns episódios que a gente talvez possa chamar de crise dissociativa.

— Eu não sou médico pra sair fazendo diagnóstico. Você é?

— Numas notas que ele mandou pra um outro amigo, ele fica falando do “Cabuloso” como esse conto derradeiro. Parece que ele tava se confundindo com esse personagem que é invadido por uma consciência alienígena que lhe informava do seu dever de sacrifício perante o povo que ele sempre vampirizou. Como se o personagem que morresse ali fosse a transmutação dele, que

não tinha como suportar mais sua forma atual. Nessas notas, primeiro fala de um jeito dramático, pirado mesmo, depois fala de um jeito frio, formal. Como se fosse tudo ficção. Mas não era.

— Ele talvez estivesse botando aquelas notas ali pra mim. Tem muita coisa ali que acho que ele tava meio que botando pra mim, aquelas notas didáticas. Pra me ajudar na edição. Quando ele me deu a senha da conta, acho que ele até falou algo assim. Não lembro direito.

Murilo não sabia mentir tão bem. Diante dessa última frase, ela apertou os olhos, torcendo um canudinho que ela tinha pego da mesa. Pela primeira vez o rosto mudou de um tom inquisitivo para algo parecido com raiva.

— Você vai continuar levando essa farsa mesmo? Você não acha que os leitores do Fábio têm o direito de saber a verdade, a família dele? Todo mundo.

— Verdade do quê?

Ela só faz uma cara irônica pra ele. Começa a guardar o caderno e as coisas na bolsa.

— Acho que já perguntei o que tinha pra perguntar.

— Calma, a gente pode conversar mais. Eu só fico meio sem saber de onde você tá tirando essas coisas. Você conhecia ele?

Ela o encara por um tempo antes de parecer tomar uma decisão a contragosto, e querer expressá-lo.

— Já que comecei já quase te atacando, acabei esquecendo meus modos, vou te falar a verdade. Eu o conheci numa fala que eu dei anos atrás. Brevemente. Numa universidade aqui perto. Ele fez uma pergunta e depois deu em cima de mim. Eu esnobei, mas até que achei ele interessante. Depois, quando o livro foi publicado e a sua morte foi divulgada nos Estados Unidos, acabei lembrando da cara dele. E ele tinha me falado brevemente do que tava tentando escrever. Isso acabou me deixando um pouco obcecada com o livro, preciso admitir. E coincidiu que eu tinha acabado de aprender português por motivos pessoais. Meio romanesco, né? A coisa toda. Enfim. Vou falar sobre isso no texto, claro. Então esse é meu viés. Agora eu quero entender o seu.

Murilo não sabia o que falar. Gaguejou um pouco, tentou lembrar das besteiras que tinha ensaiado e não pode evitar notar, por um instante mais demorado do que gostaria, a profunda inadequação entre o que ele havia antecipado e a maneira daquele dia se desdobrar diante dele. Quando começa

a formular uma defesa de sua edição, percebe que um bom tempo se passou, ela está digitando no celular.

— Eu te aviso quando sair. Se eu precisar confirmar mais alguma coisa entro em contato. Pelo seu silêncio, tou vendo que a gente não tem mais o que conversar. Você tem meu endereço se quiser adicionar algo. Sou toda ouvidos.

Ela sai e Murilo fica em pé parado por uns trinta segundos até voltar a se mexer. Depois de um momento concentrado de raiva da menina ter confrontado ele daquele jeito (e ele achando que receberia uma massagem agradável de ego de uma pessoa inteligente de um veículo chique, que otário), começou a pensar seriamente na acusação dela. Ela não só lhe deu impressão de saber o que Murilo tinha feito, a maneira não-autorizada com que ele teve acesso à conta, mas ainda sugeria que ele teria tornado o livro do amigo muito mais manso. Isso era o que mais lhe doía (embora não fosse o que mais lhe preocupava). Ele tinha feito aquilo? Tinha polido a loucura do amigo, tirado seus momentos mais esquisitos e indecorosos?

Se foi, ele jura que não foi por querer.

>

18.

<<

Ela acorda de uma vez só, o sonho e o sono desativados num interruptor. Tá escuro pra caralho o quarto, nem dá pra ver que já é dia. E quente, mas esteve quente a noite toda. Todo doído, o corpo já reclama antes mesmo de ela se mexer direito. Era improvável que o mundo tivesse mudado radicalmente de ontem pra hoje, pensou. A merda ainda tava lá, seguramente, posta, intacta, em todos seus currais e canos. A merda ainda tava toda lá.

Não queria levantar. Esticou a mão e quase derrubou um copo que não lembrava que tava ali. Seis e dez. Ela não tinha dormindo nem cinco horas, mas não tava com sono. Teria que levantar em duas horas pra abrir a lanhouse. Mesmo sem sono nenhum, a perspectiva de se levantar parecia inteiramente inaceitável. Não chegava a vislumbrar algum elemento específico dessa inaceitabilidade, só recebia toda a existência possível do seu corpo naquele dia e a interação com os meios e receptáculos que ele envolvia como uma única imagem em bloco, massuda, enorme, violenta, depositada inteira em cima dela como uma bigorna.

Uma bigorna, ela repete pra si mesma, rindo com o nariz, e a graça que ela vê (e sempre viu) na palavra e na imagem, que só conhecia de desenho animado, torna o seu peso escroto quase engraçado, de repente, ainda que só por um segundo. Pelo menos o senso de humor tava intacto, ao que parece, ela pensou, segurando a orelha direita e apertando a cartilagem, amassando sua estrutura e sentindo ela reassumir sua forma original. Torta de bosta, ela também pensou. Sente fome, a barriga faz um barulho de leve. Ao mesmo tempo, zero vontade de comer. Uma imagem estranhamente vívida da sua barriga cheia de cacos de vidro se chocando, mugindo horristridentes, sucedeu na sua cabeça até que ela tivesse que se contorcer de agonia por alguns segundos.

Um dedo só de leve tocando lá embaixo confirma a cabulosidade da ardência. Era só mexer mais ou menos o corpo da cintura pra baixo pra sentir uns seis incômodos distintos (ela de fato os contou, em algum momento, e repetiu a contagem lentamente mais duas vezes, sem saber porquê). Ela devia ver

como tava no espelho, mas não queria. Tinha visto rapidinho ontem quando lavou, mas não quis acender a luz.

Nove e meia. Ainda nenhum sono, ainda nenhuma vontade de levantar. Ao mesmo tempo que a sucessão dos minutos era plenamente sentida, dolorosa, as horas se acumulavam como se nada tivesse acontecendo. Passava uma enormidade entre uma e outra, mas a impressão depois que elas passavam é que absolutamente nada tinha acontecido. Não só que nada tinha mudado, mas que o próprio tempo não devia ter passado de verdade, como se o ar estivesse detido, todos os processos físicos arrastados, correndo atrasado, por cima deles mesmos, o tempo embolando como uma fita presa do lado de fora da máquina. O telefone tinha tocado três vezes sem que ela se mexesse pra atender (até porque sabia que devia ser o irmão, e não dava pra lidar com ele agora).

Quando ela chegou de madrugada, ele já tava dormindo. Ela às vezes dava umas sumidas, então ele não deve ter estranhado. Deve ter acordado cedo pra acompanhar o Renato nas aulas de latim da UFPA que ele queria ir.

Ela já sabia, antes de ontem, que o mundo era um lugar escroto. Sujo, quente, difícil, violento e desnecessário. Óbvio. Ela nunca foi ingênua, tampouco a vida lhe foi gentil de um tanto que escondesse estes fatos dela. Mas é bem diferente você saber de uma coisa e você ter essa coisa metida dentro de você, alojada como um câncer ou uma melancia. Ela pensou numa cobra dessas com um boi avolumado no meio, sendo digerido, sem saber se ela mesma seria, no momento, a cobra ou o boi. Talvez os dois.

É um nojo, o que mais recorre. Um nojo que faz ela franzir o rosto, deixar a boca encurvada de um jeito que ela sabe que ela não tá acostumada a fazer. Como se o rosto precisasse aprender um novo repertório expressivo pra poder comunicar aquilo. Pareceria uma cara meio de birra, ou de choro, pra quem tivesse vendo, ela notou. Mas ninguém tá vendo. O nojo não se concentra em nenhum veículo específico, ali na hora, parece deitar sobre tudo. Tudo parece nojento. Ela sabe que esse nojo não tinha nada a ver com ela, e tentava enunciar isso pra que não houvesse dúvidas, mas o sentimento era disperso e vasto o bastante pra que ela acabasse, ali na hora, incluído nele.

E ainda tinha isso de se sentir otária. Ela odiava se sentir otária, talvez ainda mais do que todo mundo odeia.

O Dennis tinha feito ela prometer que não ia perseguir aquela história.

Ela falou que ia mandar as fotos pro jornal e Dennis falou que o jornal era de uma família complicada, que não adiantaria nada. Mandar direto pra polícia ela não queria porque não confiava na polícia. Por uma semana a história ia ficando por isso mesmo, até que numa sexta-feira ela tava na rua comendo açai com peixe numa barraquinha e viu, na TV do lugar, uma reportagem no jornal local sobre um promotor do estado que teria ajudado a desbaratar uma rede de trabalho escravo no interior.

A repórter entrevistava o cara na frente de um tribunal. Ele chamava Elias Lira, era um cara baixinho com tipo de atrevido, um terno cinza feio e grande demais pra ele, falava, num sotaque que parecia baiano, que a época do desmando dos poderosos no estado do Pará estava com seus dias contados. Ela gostou da maneira que ele falou. Era exagerado e rebuscado demais, mas pareceu convicto. Ela voltou pra trabalhar na lanhouse e lá descobriu onde ficava o prédio do Ministério Público do estado do Pará. Quando saiu do trabalho, cinco e meia, foi direto pra lá.

Pensou em imprimir as fotos e deixar aos cuidados dele. Mas as fotos sozinhas talvez não contassem a história direito. Ela achou que era melhor explicar. Não deixou ela entrar no prédio, porque ela não tem RG, mas ela pula um muro, vai pros fundos e consegue entrar junto com duas mulheres da limpeza falando que a mãe dela trabalhava lá dentro.

Depois que entra, demora pra achar o gabinete dele, mas acha. Fica sentada numa cadeira perto da porta por uma meia hora, o lugar aos poucos esvaziando, a noite chegando. Quando ela já tá quase cochilando, é ele quem a acorda, triscando de leve no seu ombro:

— Ô psit. Tá fazendo o que aqui, garota? Tá perdida?

— Opa, você que é o Elias, não é?

— O próprio. Mas já acabou o expediente. Hoje de madrugada tem jogo da Copa, menina, todo mundo tá indo pra casa. Vamo indo que já tão fechando aqui, viu?

— Eu preciso te mostrar um negócio. É muito importante. Muito mesmo.

Ele olha pra ela com uma cara estranha, olha o relógio, parece sopesar alguma coisa e enfim diz:

— Vem um minutinho aqui no meu gabinete, então.

Os dois entram no gabinete, que é espaçoso e está gelando pelo

ar-condicionado. Um bando de processos empilhados numa mesa do lado de uma foto dele com a família e de um brasão enquadrado do Vitória.

— Que que é esse negócio importante desse tanto, garota?

— Eu descobri um puteiro de menina menor de idade. Aqui do lado da cidade. Eles drogam as meninas e acho que não deixam elas saírem.

Ele fica alarmado, olha pra ela com uma cara suspeita. Ela entrega pra ele a câmera digital ligada.

— É esse lugar aí. Eu não sabia pra quem mostrar, porque vai muita gente rica e importante lá. Mas vi o senhor na televisão. Você pode ver nas fotos seguintes aí. Algumas das meninas têm tipo doze anos.

Ele não responde, só fica com uma cara muito grave. Pega o celular e liga pra alguém.

— Peraí. Rapidinho.

Ela fica feliz de ver que ele parece levar aquilo a sério.

— Opa, tudo bom meu querido? Cê já foi embora? Ah, então, se tu tá no estacionamento é porque não foi embora ainda. Vem aqui no meu gabinete. Sério. Juro. É importante.

Ele desliga o celular e enfim olha pra ela:

— Ainda bem que você veio aqui. Ainda bem. Já falou com mais alguém?

— Não. Eu posso ir embora. A gente pode passar as fotos pro seu computador. Eu não tenho mais o que contar. Só sei te dizer como chegar lá. Mas posso anotar.

Ela faz menção de levantar, mas ele segura seu braço.

— Não, imagina. Espera só meu colega chegar e a gente conversa direitinho. Eu te deixo em casa depois, relaxa.

Quando o colega dele chega, um cara mais alto e mais branco que não diz o nome, Elias entrega a câmera sem dizer nada. Ele não a cumprimenta, só faz um gesto mínimo de reconhecimento da sua presença com o queixo quando entra no gabinete e contorna até chegar do lado de Elias. Encara a tela da câmera com uma cara chocada, e ela estranha a reação imediata dele sem ter recebido ainda explicação alguma. Não dá pra ver tanto assim pela foto. Ela só percebe o que isso quer dizer quando ouve a tranca da porta atrás dela,

Elias mudando de expressão inteiramente. O homem mais alto se aproxima com muita calma, ainda segurando a câmera, e põe sua outra mão enorme em volta do pescoço dela.

— Que menina danadinha, hein, Elias? Danadinha.

Por um tempo ela fica sem reação. O homem alto pega ela como se fosse um saco de batata e bota em cima de uma mesa.

— Acho que ela tá precisando de uma lição, não tá, Elias?

— Tá sim.

Ela esperneia e luta enquanto ele tira a calça jeans dela, mas Elias se aproxima e segura os braços dela com força.

Ela luta, mas os dois são mais fortes. Tenta gritar, mas Elias já bota um pano na sua boca. Quando o homem alto arranca a calça junto com a calcinha, ela sente o troço duro cutucando entre as coxas e desiste. Fecha os olhos e tenta sair dali com a cabeça, abstrair de onde ela está. Fica com o corpo inerte enquanto sente as estocadas e o peso daquele homem de terno em cima dela, suando, um cordãozinho dourado com uma cruz balançando do seu pescoço grosso.

Depois é a vez do Elias, que é menor e demora mais. Ele fica passando os dedos no cabelo dela e botando a mecha de cabelo mais comprido pra atrás da orelha, o que é quase tão ruim quanto todo o resto.

— Eu ia falar pra ela ir arrumar um emprego lá na casa. Muito mais linda que aquelas indiazinha chumbrega que a Taís arruma. Mas desse jeito assim se fazendo de morta não vai fazer sucesso lá não. Tem que mostrar serviço.

— Verdade. As meninas lá sabem trabalhar, viu? A maioria.

Eles deixam ela deitada na mesa. Ficam conversando do lado como se ela não estivesse lá. Ela abre o olho rapidamente e vê que a chave tá em cima da outra mesa distando poucos metros dela. Tenta calcular o movimento exato que teria que fazer para sair girando de onde está e pegá-la num gesto só.

— Daqui a uma hora o guardinha do estacionamento vai embora. Fica só os da porta. Aí a gente leva ela pro carro.

— Beleza. Vamo ter que enrolar aqui então.

— É.

— Que horas é o jogo? Três?

— Quatro e meia.

— Puta merda. Que ideia esse negócio de copa no Japão. Japa nem joga bola.

— Eu vou ficar direto no bar. Vamo lá.

— Ah, não. Depois daqui eu vou pra casa tomar banho. Ponho o alarme e acordo na hora do jogo. Bem melhor.

Elias liga a televisão que tem na frente de sua mesa.

— Ó, tá passando uma reprise aqui. Cê viu esse jogo? Inglaterra e Costa Rica.

— Reprise é uma bosta. Reprise nem é jogo.

Elias fica sentado assistindo a televisão, ela sente de olhos ainda fechados o homem alto voltando para onde ela está. Quando ele pega a cabeça dela e bota o pau na bochecha, ela primeiro fica com a boca tapada, os lábios impressos um contra o outro com força. Mas depois de dois tapas de mão cheia, ela abre a boca e mantém ela aberta por alguns segundos, sentindo o volume cutucando o fundo da garganta, dando vontade de vomitar. Mas quando ela decide o que vai fazer, chega até a usar a língua, finge que está fazendo com gosto por dois segundos antes de morder a cabeça com toda a força de que dispõe.

O homem alto cai pra trás num grito agudo. Ela cospe a cabeça no chão, a ponta roxa suja de sangue rolando no chão. Ele leva as mãos até o cabo terminando em vermelho vívido, do qual já jorra sangue.

— SUA VADIA, PIRANHA.

Elias se vira e vê ela correndo até o canto da mesa, onde estava a chave, destrancar a porta num movimento só e sair correndo pelo corredor. Ela vai até a escada direto pro estacionamento, pula o mesmo muro que pulou pra entrar e corre pro mato até suas pernas cederem.

>>

19.

<

Assim que chegou em casa do encontro com a escritora, Murilo se lembrou de algo que já havia escapulado da sua memória imediata, mas que agora retorna. A conta de Fábio havia sido acessada em três lugares diferentes desde a sua morte além do fiel desktop de Murilo em Brasília. Em Amsterdam, em Rhode Island e depois no interior de Goiás.

Nestas três ocasiões (2014, 2015 e 2016), Murilo ficou sem saber o que fazer, mas não quis também notificar a plataforma. Nenhuma outra visita jamais foi notificada. Como o seu desktop havia se tornado o veículo padrão da conta, sua entrada não gerava mais essa mesma notificação. Ele sempre supôs que devia ser Letícia, ou alguém da família, que poderia ter acesso a algum dispositivo dele (notebook?) com a conta já logada e poderia ter acessado desse jeito algum dia.

Nas três ocasiões, Murilo passou a temer que um dia seu acesso à conta fosse negado, que alguém mudasse a senha. Isso nunca aconteceu. Mas foi a partir da segunda visita de outra pessoa que Murilo passou a sentir seu acesso àquela conta mais precioso, criando uma conexão mais estranha e cimentada com o espectro do seu amigo falecido.

Murilo ficou bem envergonhado quando leu o primeiro rascunho na conta de Fábio que claramente não era endereçado para ele e tampouco era uma obra de ficção. Isso em 2015, antes de compor o livro com o conto, quando ainda se impedia de ler a maior parte do conteúdo da conta.

Sabia que estava começando a ferir a intimidade do amigo em outro nível, mas ao mesmo tempo, quanto mais parava para pensar, mais aquele ato parecia inofensivo, o amigo estando morto. Era como ler as cartas e os cadernos do Pessoa, do Whitman, de algum anônimo Hitita ou Romano, de qualquer outro defunto. Morto não tem mais intimidade, afinal. Ficou envergonhado também porque esse primeiro rascunho era uma história bem pessoal, algo que Fábio talvez não contasse facilmente mesmo para os amigos.

Mas Murilo também achou o relato engraçado, o que o motivou a continuar.

Fiz análise pela primeira vez quando tinha dezesseis pra dezessete anos.

Pedi pra minha mãe. Ela primeiro riu depois ficou séria, falou que ia “providenciar”. Ela falava assim sempre que ia dar algo importante, que não era só mimo. Eu sabia que pra ela análise era uma coisa meio chique.

O analista ficava num centro comercial antigo de Goiânia que tava caindo aos pedaços. Seu escritório era todo em madeira escura, parecia de algum modo ser mais velho do que a cidade onde estava. Era um senhor fisicamente parecido ao mesmo tempo com o Freud e com o baixinho da Kaiser, com um bucho de chope e boina. Marco Túlio Bittencourt. Devia ter só uns sessenta e tantos anos, parecia pra mim ter noventa. Alternava o tempo todo entre estar com sono e estar alarmado. Ainda assim, eu queria impressioná-lo, por algum motivo, então ficava dando minhas interpretações psicanalíticas toscas dos meus sonhos, inventando umas histórias a respeito do meu pai e da minha mãe que eu achava que dramatizava melhor como eu me sentia do que qualquer anedota real.

Ele não falava nada, e nem parecia modular seu rosto nos poucos relances em que nossos olhos se encontravam na chegada e na saída. A primeira vez que falou alguma coisa, depois de três meses das angústias abestadas do jovem yo enunciadas de um jeito que, imagino, devia ser muito pretensioso e desonesto, ele emitiu um barulho meio bufado, falando “Você tá estressado. Isso é stress, pronto. Essa idade é assim”. Eu cheguei em casa puto, falei pra minha mãe que desistia.

Uns dois anos depois, minha mãe insistiu que eu fizesse de novo, dizendo que eu tava muito deprimido. Comecei a fazer com uma psicanalista recomendada por uma amiga próxima dela, uma senhora mais ou menos da idade da minha mãe, bonita, bocuda e com cabelo bem preto manchado de uns mechas brancas, um lance meio Susan Sontag rolando. Eu, desde o segundo, terceiro encontro, sabia que queria comê-la, o que acho que ajudou muito com a análise, porque queria muito impressioná-la com minha franqueza desarmada, minha habilidade em desmontar armadilhas ardilosas de autoengano. Isso colaborou com a relação ter durado quase um ano e me ajudado a, de fato, mesmo nessas condições, formular e enunciar muita coisa que nunca tinha enunciado direito. Até que ela falou uma coisa incrivelmente banal sobre um filme do Woody Allen e toda aquela magia danada que eu tava projetando pifou em segundos, a luz e o som de uma vez caindo, o som da máquina girando em falso. Nunca terminei oficialmente a relação, só parei de ir, um belo dia,

com três sessões não-pagas no mês. Bem infantil. E minha mãe continuava me dando a grana da análise em dinheiro toda semana (quase tudo era em espécie lá em casa, e eu na época nem juntava ainda o lé com o cré). Continuei saindo duas vezes na semana de carro, lá pras dez horas da manhã, como se ainda estivesse indo pra analista.

Na primeira semana eu me senti mal por estar enganando a minha mãe. Eu já ganhava uma mesada que era um tanto maior do que um salário mínimo, e que eu gastava com droga, livro e bebida, basicamente, além de viagens ocasionais. Aquele dinheiro adicional era pra minha saúde, e lá tava eu dez e meia da manhã no carro no estacionamento do shopping mandando um beque com as janelas fechadas antes de comer alguma besteira lá dentro ou comprar algum Blu-ray de filme que já vi e nunca vou reassistir.

Na segunda semana eu achei a solução perfeita para aqueles 350 reais semanais. Era exatamente o mesmo preço do programa de uma prostituta porto-alegrense que tava de passagem pela cidade, pelo que eu vi num fórum de recomendações desse tipo. Passei a fazer aquilo duas vezes por semana, no lugar da análise. Ficava na véspera vendo a oferta nos sites, marcava e saía com o dinheiro entregue da mão da minha mãe para a quitinete pouco mobiliada com uma mala no canto, a garota catarinense ou carioca com um tipo de quem acabou de acordar, geralmente mecânica e com sono. Quase sempre saía me sentindo um lixo, mas na véspera da próxima sessão aquelas fotos toscas e fotoxopadas, que eu já sabia que eram bem mentirosas, ainda assim conseguiam me atrair. Eu já tinha que sair de casa com aquele dinheiro na mão, afinal, então por que não? Melhor do que ficar falando abobrinha pra gente medíocre. Havia algo que parecia objetivamente bom em Comer Mais Uma Mulher Gostosa, mesmo depois da vigésima trepada deprimente de três minutos, depois da quinta brochada constrangedora com alguém pra quem jamais olharia duas vezes numa boate, eu continuava sendo figado. O homem hetero é, com certeza, o mais imbecil dentre todos os animais.

>

20.

<<

Rafaela nasceu em Vitória e era filha única. O xodó do pai, Alceu, que era um senhor orelhulho que se entendia, não sendo, a lata do Tarcísio Meira. O que ele era, na melhor das hipóteses, era um anagrama do Tarcísio Meira, em escala reduzida, com orelhas consideravelmente maiores. A mãe achava que o pai era um estouro entre as mulheres e desencorajava socialização excessiva. Então ele ficava em casa com as duas, quase toda noite, ouvindo boleros e Emilio Santiago e chamando a própria filha para dançar (até ela, aos treze, falar pro pai que achava aquilo estranho, e começar a sair com amigos).

Apesar de sair com frequência pra “fuleiragem”, como dizia Kelly, sua parceira pra tudo, Rafaela era mais tímida e evitava os homens compridos e fedorentos que rodeavam sua amiga. Uma vez, quando ela tinha quatorze, estava com Kelly, quando chegaram dois homens mais velhos para encontrá-las. Logo a amiga começou a ficar com um deles e o amigo foi chegando nela de maneira não exatamente violenta, mas ainda assim impositiva. O cara já dirigia e tinha um bigodinho meio cretino, não tinha murmurado nem duas palavras direito. Falava pra dentro. Mas já chegou chegando. Seu primeiro beijo de verdade na vida, depois dumas bitolas na infância, e vem com direito a gosto de cigarro e bigode rocento. E depois de conseguir o beijo, o cara já foi logo metendo o dedo seco e cheio de areia na boceta dela. Doeu, além de assustar, ela empurrou o cara pra areia e saiu correndo.

Depois disso, passou a sair menos, e demorou a namorar. Cresceu antes de toda menina da turma, duas pernas de ema e os ombros caídos de quem não queria entender nem assumir, ainda, o corpo que já tinha. Só com o primeiro namorado sério, já com dezesseis quase pra dezessete anos, e com a insistência derradama dele, é que Rafaela foi aceitar o tanto que era gostosa. Ele era baixinho e meio feio, narigudo, mas era doce e engraçado, além de venerá-la. Wesley. Insistia que ela ficasse por cima e ficava com uma cara assustada de quem assistia uma coisa de outro mundo se desenrolar. Eles não duraram muito.

Foi no primeiro emprego dela, de secretária de um dentista conhecido de seu pai, que ela conheceu o segundo namorado, Lucas. Era mais velho, tinha carro e parecia diferente dos moleques que ela conhecia, confiante e mais

sofisticado. Transava bem melhor que o Wesley, ainda que às vezes fosse meio agressivo demais, e tivesse uma fixação desagradável por gozar na cara dela. Ele ficava bonito pelado, mas às vezes ela achava aquele corpo todo sarado e quase todo depilado estranho, parecia falso como o de um boneco. Lucas falava sempre muito alto e agia como se tivesse metido com um milhão de coisas importantes ao mesmo tempo. Ela demorou uns meses pra sacar que era quase tudo conversa. Ele produzia festas perto de Vila Velha, eventos de sertanejo universitário, lançamento de energético, Djs gringos em festa open bar com esquema duzentos reais homem, cinquenta mulher. Depois de um tempo escutando as conversas mal-disfarçadas dele no celular, ela foi percebendo que várias dessas festas incluíam a participação de modelos ficha rosa. Na verdade, como ela veio a descobrir quando finalmente conseguiu fazer Lucas admitir, boa parte das festas das quais ele participava eram pouco mais do que desculpas para agenciar o encontro entre empresários locais, seus sócios visitantes e as garotas, que vinham do Brasil todo. Os eventos mal se sustentavam pelo ingresso e bebida, como ela foi notando, só compensava fazê-los pelo dinheiro a mais que ele recebia das partes interessadas.

Rafaela ficou em choque quando descobriu o quanto as meninas ganhavam, em média, e o quanto algumas delas nem pareciam puta direito (uma delas, uma toda convencida de São Paulo, inclusive se vestia melhor que ela). E ela lá que nem trouxa todo dia no consultório pra ganhar aquela mixaria. Na última briga que teve com o Lucas, depois de ele levantar a voz pra ela sem nenhum motivo pela vigésima vez e ela responder na mesma moeda, ele riu de um jeito exagerado quando ela falou que queria fazer outras coisas da vida, que tinha ambição de sair da cidade um dia. Ele riu e perguntou: “Ambição, sei, vai nessa. Vai fazer o quê, então? Dar a bunda?”

Foi só em parte de raiva dele que ela ligou no dia seguinte pro João Pedro (que Lucas chamava de parceiro, mas na verdade mandava nele) e perguntou como é que ela tinha que fazer pra começar.

O babaca do João Pedro, que conseguia ser ainda mais babaca que o Lucas, pegava metade do que ela fazia, no começo. Isso só pelos contatos que ele tinha, sem mexer um dedo. Era ridículo, claro, mas ela nem teria ideia de como começar sozinha. Ficar rodando bolsa perto ali do porto ela nem considerava, não só pela rua ser perigosa, mas pelo medo de ser reconhecida por alguém. Vitória nessas coisas era igualzinho cidade pequena. A mãe ela sabia que ficaria vermelhinha e gritaria igual porco morrendo se visse uma

coisa dessa, lhe daria uma peia com cinto, mesmo já velha. Não tinha nem dois anos que ela tinha lhe dado SURRA, uma por ter voltado mais cedo de uma viagem e outra por tê-la encontrado dormindo ainda bêbada com duas amigas na banheira do quarto dela com a única garrafa de uísque importado da casa (as amigas depois zoaram que devia ser mais por ter acabado com o uísque dela do que por ter bebido tanto). O pai ela nem conseguia imaginar como ia reagir, ele que tendia mais a fazer uma cara de assustado e confuso quando ela fazia alguma merda.

O primeiro cara pra quem ela deu por grana foi um fazendeiro do Mato-Grosso, baixinho, com uns sessenta anos, sobranças grossas como uma corda. Tinha uma pica gorda e rosinha e pelos espalhados em manchas erráticas pelo corpo. Pegava nela sem jeito e com força demais, mas de resto até que foi um estreante decente. Poderia ser pior, ela pensou. Deu uma de menos de dois minutos e já tombou pro lado como se nada mais fosse capaz de levá-lo tão cedo. Ela ficou lá meio sem-graça sentada na cama, foi só quando ele finalmente pegou o dinheiro do paletó e deu na mão dela sem mais olhar na cara é que ela percebeu que já podia ir embora. Ela nem acreditou que tinha feito quatrocentos reais assim. Duzentos, na verdade. Mas ainda assim. Tinha sido muito, muito ruim, mas era um emprego, afinal de contas. Se fosse bom, não pagava. Quando já tava nessa tinha dois meses conheceu numa festa do João Pedro com fazendeiros e dois deputados uma menina chamada Vânia (codinome Bella, às vezes Bellíssima), que falou que Vitória não tava com nada, que o negócio era alugar anúncio em algum site e ir pras cidades grande-grande mesmo.

— Com anúncio cê se solta desse encosto, minha filha, que tá comendo metade do teu trabalho. Ah, não. Ninguém merece. Só aqui em Vitória que eu aceito esse traste, porque ele me arruma uns figura que às vezes viram fixo. Ainda fica cheirando nosso cabelo e achando que tem direito a brinde. Folgado da porra. São Paulo já tá cheia de menina, mas também lá parece que não acaba de piroca carente cheia da grana. Te toca lá pra Brasília, minha filha. Lá é tranquilo, ninguém conhece ninguém. E lá tá é faltando menina gostosa e boazinha que nem você.

>>

21.

De todas as conversas de Fábio com Letícia que Murilo acabou lendo (e foram muitas, houve um período em que os dois usavam bastante o Gtalk), havia uma que chamava particularmente a atenção de Murilo, de 2010. Ele supunha, cruzando com outras coisas que tinha lido, que aquilo devia ter sido logo depois dela descobrir as dezenas de traições dele pela primeira vez.

— Oi, amor

— Não me chama assim. Fala logo o que você tiver pra falar, porque eu não tou com nenhuma paciência pras suas merdas

— Você sabe que não é fácil, me dá pelo menos uma chance de tentar explicar. Você ontem só fazia gritar.

— Puta que pariu, né, Fábio? Você vai insistir mesmo nessa bosta? Você acha que eu sou mais uma tonta dessas pra você ficar enrolando desse jeito, caralho? Eu não sou tuas sirigaita não, moleque. Sou idiota não, porra.

— Não, Letícia, caramba, calma. É que é realmente difícil de falar, sério. Eu mesmo tenho dificuldade de explicar pra mim mesmo.

— NOSSA COITADO NÉ. TODOS SHORA. MENOR VIOLINO DO MUNDO AQUI PRA TI QUERIDAO. TU QUER QUE EU FIQUE COM PENA DE VOCE AGORA?

— É como se tivessem vários compartimentos diferentes aqui, várias gavetas com vários Fábio's diferentes e eu tivesse que tentar reunir todos eles pra falar contigo agora, eu tou tremendo

— que drama, puta que pariu. <o_o'> que cara de pau do caralho

— É sério, Letícia. Desde os quinze anos que eu sou praticamente esquizo-frênico, sei lá, eu tenho uma personalidade toda recortada pra cada pessoa com quem eu interajo. E mais umas dez aqui dentro falando umas com as outras o tempo todo. Tenho pelo menos umas trinta pessoas diferentes aqui dentro, toda elas falsas, todas ardilosas. Todas elas escrotíssimas.

— Ma gente que quer isso. A sua ideia é fazer com que eu te despreze ainda mais do que eu já desprezo no momento, então? Tá dando certo viu garotão. Continua aí se afundando que tá show de ver

— Eu tou tentando te explicar, de verdade, você pode não acreditar, mas eu quero te explicar, porque você merece uma explicação. Eu desde moleque que tento me comportar como homem comedor com meus primos e com meu pai, como religioso e sério pras minhas vós e um pouco minha mãe, como bicho super esperto e sofisticado pros meus amigos online, como meio misterioso e sensível pras meninas, como brasileiro latinão suinguera pro povo gringo que eu conheço. E escondo de todo mundo o fato de que eu sou meio viado também. Você sabe disso. Só você. O tanto que essa coisa de dividir tudo, ter um jeito diferente pra cada situação, isso me deixou quebrado demais. E você sabe que nós demos tão certo justamente porque você via através disso, manipulava isso melhor do que eu. Mas eu não. Eu não manipulo esses níveis todos, essas interfaces todas. Elas é que me manipulavam. Elas que me vestiam, sei lá. Eu vou onde as vozes me levam, onde eu acho que os outros querem que eu vá, o tempo todo-todo-todo. Nunca tive um sentimento espontâneo ou autêntico na minha vida inteira. Eu tou falando sério. Não tou tentando me desculpar de nada, eu de fato não tenho caráter, sou essa coisa meio vaporosa que fica se adequando a qualquer forma, é ridículo e você não tem que lidar com isso, ninguém tem. Ninguém deveria ter que lidar com isso. Eu só quero que você entenda que as merdas todas que eu fiz decorrem disso, do fato de ser um retalho adoentado de gente, e não porque eu não te levava a sério. Ou porque eu tava cagando pra te machucar. Eu pensava nisso direto, direto, de verdade. Nessa possibilidade. Você foi a melhor coisa que já aconteceu comigo, mas eu consegui fazer a minha parte, não consegui montar aqui a partir dos estofos todos um espantalho minimamente apresentável, alguém que fosse digno pra te namorar. E eu me arrependo muito disso, de não ter tido essa força.

Continuei fazendo todas as minhas merdas, desde as broderagem das antiga que eu já te falei até comer amiga tua, sim, fiz tudo isso, continuei com todas as minhas merdas porque não consegui fazer outra coisa, porque sou fraco demais. Sempre fui fraco demais, e o mundo nunca me pediu direito pra ser outra coisa. Só não quero que você ache que eu teria sido capaz de fazer diferente com qualquer outra pessoa, porque eu não teria.

Sabe, Lets?

Não teria mesmo.

Letícia? Tá aí ainda? Vou parar aqui de falar, acho que era isso. Desculpa de novo. Enfim.

— Tou aqui.

— Tou chegando na sua casa em dez minutos. Esteja limpo e apresentável.”

Era muito estranho para Murilo ler aquilo, ter aquele estilhaço tão íntimo de duas pessoas ali recuperável, aquelas vozes que ele nem conseguia reconhecer, exatamente, com sentimentos cuja verossimilhança ele não conseguia julgar. Era muito possível que mesmo o Fábio não soubesse dizer o quão verdadeiro ele estava sendo naquele momento. Nossas palavras para esse tipo de coisa são muito imprecisas, Murilo lembrava dele falar em alguma ocasião. Entre a honestidade e a desonestidade há todo um espectro, todo um vasto território nebuloso, de meio-termos arredios e estranhos. E era como se Fábio estivesse sempre bem neste território. Nunca, ou quase nunca, nos seus extremos mais decididos.

Já tinha, agora, alguns anos que Murilo vivia enredado nesses rascunhos e em todos os outros estilhaços que encontrava nessa conta. Parte dele queria largar aquilo tudo para trás, outra parte nem conseguia se imaginar sem aqueles escombros pra remexer.

E agora ele era acusado de ser um mau editor de Fábio. Isso o tinha o deixado mais ofendido do que as críticas literárias à sua parte do livro. Essas pessoas não tiveram aquela bagunça toda jogada no colo para se tentar entender, como ele teve ao abrir a conta. Num único rascunho por exemplo, escrito um mês antes de Fábio morrer, Murilo hoje sentia que conseguia distinguir cinco coisas distintas acontecendo. Esse arquivo estava bem pra cima da lista de rascunhos salvos na conta, na primeira vez que Murilo a abriu. Ficou seduzido pelo mistério nunca resolúvel daquelas linhas iniciais, talvez pelo seu início críptico, que provavelmente nem queria dizer grande coisa (Fábio só devia estar chapado pra cacete).

Ainda assim, Murilo distinguia nesse trecho, depois de uma improvisação claramente escrita na voz cotidiana de Fábio consigo próprio, quatro vinhetas não-exatamente-desenvolvidas do CABOL. Uma envolvendo a criatura alienígena criada pelo Verde-Preto, outra do personagem Rodolfo, outra o personagem Nilson, outra do personagem Renato Mussum (que parece estar empreendendo, até onde Murilo entende, algum tipo de passagem da vida para alguma espécie de além simulado digitalmente). Nenhuma se conclui direito, da última não dá pra entender nada. Esse é o tipo de coisa com que Murilo tem de lidar, por causa do talento preguiçoso do seu amigo. Como

que ele poderia ter arrumado o livro melhor? Ele fez o que pode. Já pensa na resposta que faria quando sáisse o texto da garota na revista chique. Ainda assim, mesmo criando uma carapaça de defesa contra a acusação de mau editor, várias coisas que ela tinha dito continuam a perturbá-lo.

Além disso, apesar da sua paciência considerável, Melanie começou finalmente a reclamar da sua lentidão em apresentar um novo rascunho. Chegou a sugerir, timidamente, já que ele não conseguia começar nada novo de que gostasse, que talvez não fosse o caso de reeditar uma parceria com algum fragmento de Fábio? Perguntou como quem não quer nada, sabendo que era uma sugestão sensível. Segundo ela, ideia de seus superiores, não dela. Ela sabia como ele queria escrever algo sozinho, como isso era importante para ele. Mas enquanto isso não acontecia...

Murilo não disse que sim nem que não. Mas que odiou ler aquilo odiou.

>

22.

<<

Se lhe perguntassem quando mais novo, Wellington nunca imaginaria que pornografia acabaria se tornando por muito tempo a fonte mais duradoura de estabilidade financeira na sua vida. Ele nunca nem tinha sido um cara que consumia tanto dessas coisas. Quando era mais novo, fora cine privé da Band e fora as revistas eventuais que amigos compartilhavam, tinha que ir atrás você mesmo, comprar ou alugar, não tinha essa coisa de abrir a internet e ter um cardápio infinito de putaria gratuita sem constrangimento.

Quando adolescente, comprou uma ou outra revista dessas de banca e guardou por anos mocadas numa mesma gaveta. Só entrou na parte de putaria de videolocadora umas três vezes e não teve coragem de alugar nada. Viu em raras ocasiões fitas de putaria na casa de amigos e primos, mas não curtia bater uma junto com outros caras. Só foi começar a mexer com isso por causa de um primo que era do ramo, cujos pais eram bem mais ricos que os dele (o que não queria dizer muito). E só foi pedir emprego fixo quando a sua filha nasceu e ele viu que realmente ia precisar de grana, não dava mais pra ficar morando com os pais, trabalhando por uns períodos e ficando largado por outros.

Tava com vinte e seis anos, o máximo de tempo que havia ficado num serviço tinha sido dois anos de garçom num restaurante chique em Pinheiros, e isso já pareceu demais, no final ele não aguentava mais olhar na cara daquelas pessoas nojentas. O mercado de DVD tava começando a bombar e o primo dele, Rafael, trabalhava para uma produtora de um velho de sobranceiras cavernosas chamado Efrain Balabanian, que o primo chamava de “o turco” quando não estava presente. Sempre que falava do seu trabalho pra algum amigo ou conhecido contava vantagem do tanto de buceta que ele tava arranjando, que vivia afogando de tanta buceta, mas na verdade nos oito anos em que ele fazia isso só aconteceu dele transar com três das dezenas de atrizes cujos filmes ele ajudou a produzir.

Duas delas foi bem no começo, num dos primeiros testes que eles fizeram, ainda no consultório de dentista do pai do Rafael, no fim de semana. Depois do Rafael dizer que era só assim que elas conseguiriam o trabalho, naquele jeito autoconfiante dele que Wellington nunca entendeu daonde vinha. Um

metro e sessenta e cabelo duro de gel, sorrisinho cretino. Sem nem contar antes pro Wellington que ia fazer isso.

Wellington ficou constrangido e acabou comendo a garota também, depois de esperar o Rafael terminar, ouvindo os gritinhos roucos estranhos que ele dava na sala de consulta enquanto ele tava na de recepção. A mulher era a mais gostosa com quem ele já tinha transado na época, mas Wellington não gostou de fazer aquilo, a garota claramente queria que terminasse logo, o rosto cansado e meio com raiva durante o negócio. Acabou fazendo de novo na segunda vez que aconteceu, sem planejar mas sem saber negar, e de novo achando a coisa estranha e desconfortável, mas depois disso falou pro Rafael pra não incluí-lo. Rafael ficou ressentido, se sentindo julgado. Chamou o Wellington de cuzão e de viado, e falou que aquilo ali era só o trabalho delas. Depois amaciou e tentou argumentar, incomodado pelo julgamento implícito ali. Insistia de um jeito tranquilo, como se quisesse convencê-lo, que era só um agrado a mais, custava nada pra elas. Ele não tinha nenhuma vontade de discutir, muito menos de perder o emprego, só falou que ficava constrangido e ficou por isso mesmo. Ficou meses sem participar dos testes.

Depois de uma leve explosão, o mercado foi piorando dramaticamente alguns anos depois de Wellington entrar. Quase ninguém mais comprava DVD. O turco falava pro Rafael que agora só caminhoneiros e velhos de setenta anos com viagra é que compravam. Todo o resto das pessoas só vai e abre esses sites mesmo e pronto. O turco resmungava sempre “piratas!” com uma indignação que dava vontade de rir. Mas ele tava certo.

O que salvou a carreira de Wellington por uns anos foi uma festa de uma outra produtora, no Rio, em que Rafael conheceu um gringo chamado Mike. Esse cara tava querendo começar uma série onde ele comia garotas brasileiras e tava precisando de alguém que arranjasse essas garotas pra ele. Falou que tentou sair na rua aliciando garotas, mas sua falta de intimidade com a língua não ajudava. Rafael acabou se desentendendo com o gringo antes de começar, mais por orgulho do que por qualquer outra coisa, mas Wellington não escolheu lados, ficou na sua e acabou trabalhando pra ele por três anos, e depois disso arranjando trabalho com outras produtoras gringas que, por nicho ou por variedade, vinham eventualmente filmar no Brasil com garotas e garotos daqui. Ser mal pago em dólar é muito melhor do que ser mal pago em real, ele falava pros amigos.

Wellington nunca gostou muito do seu trabalho, tinha horas que ia

engrossando um nojo de algumas situações que ele presenciava e de algumas das pessoas que trabalhavam com ele. A maioria dos diretores eram babacas, e se eles deviam tratar mal as atrizes da terra deles, ali se sentiam diante de gente que valia ainda menos.

Os atores geralmente esculachavam nas cenas, a moda cada vez mais era essa, mas alguns ele via que até eram gentis com as garotas depois. Nunca deixava de impressioná-lo o quanto as cenas tinham ficado mais violentas de uns dez anos pra cá. Wellington viu isso mudando, deu pra sentir mesmo sem prestar muita atenção, ocupado com passar café, comprar lubrificante e carregar cabos. Às vezes imaginava bilhões de moleques de doze anos assistindo aquilo e dava um gelo na espinha, ele se benzia e olhava pra cima. Mas sabia que a sua participação ali no meio também não influenciava em muita coisa, e isso deixava ele tranquilo. Ele sair do ramo não faria com que o pecado sumisse no mundo.

Às vezes sentia raiva das garotas, também. Não sabia dizer o motivo. Não achava que tinha nada de errado em filmar gente trepando, nem em vender a imagem disso (se tudo mais se vendia e se comprava, afinal), mas tinha alguma coisa errada ali no meio que não sabia dizer o que era. Alternava entre sentir pena e desprezo, ali nas filmagens, limpando com enfado a porra que pegava nos olhos e nos cabelos delas. Nos seus momentos mais magnânimos, pensava às vezes que eram os homens que produziam aquilo tudo para outros homens consumir, que tudo que havia de escroto ali no meio era culpa exclusivamente deles. Mas de alguma maneira se ressentia das mulheres por provocarem aquele desejo todo. De certa maneira, ele pensava, as mulheres deixavam os homens tão doidos que eles se viam obrigados a consumir essas coisas. Não aguentavam. Não deixava de ser um pouco culpa delas, também.

A ex-mulher e a mãe enchiam o saco dele direto pra trabalhar com outra coisa, cansadas de mentir que ele fazia comercial e vídeo de casamento. Mas Wellington sentia que tinha ficado mais ou menos bom naquilo, e ele não era mais ou menos bom em mais nada. Sabia que não arranjaría algo melhor tão fácil, mesmo com a indústria pagando cada vez pior. Ele tinha era que aproveitar o que conseguisse de trabalho até a coisa quebrar de uma vez.

Sempre continuou esgueirando e procurando novos contatos, novos sites gringos, produtoras de outros cantos. E um dia recebeu um e-mail de um norte-americano que falou que não trabalhava, exatamente, com pornografia, mas que tava precisando dos contatos e serviços dele. Pediu só para confirmar

se ele tinha produzido um determinado filme (nem lembrava do nome, mas foi conferir no seu CV e tinha sim).

O cara não dava o nome, só falava que representava alguém muito rico do ramo da tecnologia e que toda descrição era necessária. Wellington ficou curioso, até porque sabia que serviços especializados assim às vezes davam uma boa grana (um conhecido dele tinha produzido um filme de estrelas pornôs americanas top de linha para um bilionário do Oriente Médio que encomendou para fruição pessoal, sem intenção de distribuir, e tinha sido pago de maneira bem mais generosa do que o normal).

Encontrou o cara num café. É a pessoa mais sem graça do mundo. De camisa social azul e sapatos marrons, um rosto que parece ter feições imprecisas mesmo enquanto você olha diretamente pra elas. Wellington diz que fala um pouquinho de inglês, mas ele só faz uma cara impaciente e começa a falar num português duro mas compreensível, meio puxando pro espanhol. Fala com a calma e a precisão de quem está lendo uma apresentação de Powerpoint dentro da própria cabeça. Fala que eles estão gravando uma tecnologia nova de realidade virtual e que o trabalho por isso precisa ser confidencial. Não vai ser distribuído comercialmente e tem a garantia de que não vai vazar para pirataria. A atriz pode escolher o homem com quem terá relações, contanto que ele tenha um porte atlético e membro acima da média. O ator terá que ser preparado para poder gravar a sessão, mas o processo é seguro, rápido e praticamente indolor. O cachê é de quarenta mil dólares para ser dividido como quiserem.

Wellington demorou um pouco pra reagir, diante daquilo tudo que foi empilhado nele de repente. A vontade foi de rir, mas percebeu pelo tom do cara que isso não seria apreciado. Tentou fazer sua melhor cara de profissional experiente e mandou seu melhor meio-pau.

— Quantos casais você quer que eu encontre? Curtem mais mulata, branquinha, índia? Brasil tem de tudo. As travesti também fazem muito sucesso no exterior. Tem uns holandês que –

— Você não entendeu. Ou eu acho que não fui claro. Seu trabalho não é de escolher as garotas. Isso só vai acontecer com uma garota. Cléopatra.

A cabeça de Wellington recuou um pouco. Ele tava falando da Cátia. Ele não via a Cátia tinha muito tempo.

— Você foi um dos produtores de HOT N' SKANKY BRAZILIAN GIRLS

DRILLED IN ALL HOLES VOL.7, não foi?

— Fui.

— O filme que contém a atriz Cléopatra numa cena com três homens numa banheira de hidro-

— Sim, sim. Eu sei de quem você tá falando. Mas aí complica, viu? É que ela se aposentou, até onde eu sei.

— Ah, sim. Pena. E tem certeza que ela não pode ser convencida a retornar, dadas as condições?

A cabeça de Wellington entorta pra direita.

— Ah, acho que pode, sim. Com jeitinho, né?

(*)

Cátia foi a terceira atriz com quem Wellington transou, desde que entrou no ramo. Mas tudo se deu em outras condições inteiramente. Cátia chegou com dezenove anos, toda afoita e ansiosa, pra fazer teste para um filme gringo. Isso em 2012, quando ele já se considerava um veterano e mal piscava diante das merdas que via e ouvia. Ela tava nervosa, mas claramente queria esconder isso e se mostrar decidida e tranquila. Quase conseguia. Fazia uma cara de má que não convencia tanto (e que ela repetiu no filme, convencendo menos ainda). Falou que faria aquilo uma vez só pra pagar um negócio que ela precisava. Que ela podia fazer qualquer coisa no filme, não tava nem aí, não tinha vergonha, mas que ia ser uma vez só e que por isso tinham que pagar direitinho. E que ouviu que os gringos pagavam melhor. Ela tinha um tipo meio de roqueira (usando tênis all star, e não sapato), muito morena, baixinha e com os olhos lindos, uma boca enorme. Quase não tava maquiada, o que Wellington gostava. Ficou muito mais atraído por ela do que ele costumava ficar com as meninas que iam fazer teste. Não era tanto o rosto, e o corpo dela era muito miúdo e reto pro gosto dele, mas tinha algo no jeito dela se mexer que deixou ele doido de cara. Ele até pensou, por um momento, em fazer o que o Rafael fazia (e ele tava sozinho naquele dia do teste, o que facilitaria). Mas pela firmeza que ela tinha, ele ficou com medo dela recusar, ou mesmo de aceitar a contragosto e dele acabar broxando. Broxar diante de uma mulher daquelas devia ser pior do que normal. Acertou com ela os detalhes e tentou ser gentil no dia da gravação, sabendo que os três atores que a comeriam não costumavam pagar leve (ele quase nunca mais presenciava as gravações

mesmo, tinha que estar lá por logística, mas ficava mais mexendo no celular num canto enquanto o povo suava e gemia no outro).

No dia da gravação, ela estava distante e reservada, e Wellington ficou dois anos sem vê-la depois disso. Um dia ele vai num show do Cia. do Pagode com dois amigos e vê que Cátia tá lá com duas amigas. A única pessoa no lugar usando coturno. Vai falar com ela achando que ela não vai lembrar, ou não vai querer falar com ele, mas ela acaba sendo super simpática, apresenta as amigas pros amigos dele e eles ficam conversando a noite toda. Acorda no dia seguinte na própria casa com a cabeça latejando e um bilhete da Cátia no criado-mudo. Eles tavam alucinados quando chegaram ali, aos poucos vai lembrando, uns poucos lampejos dela em cima dele que insistem ao longo do dia deixam ele duro e contente por umas horas, mesmo com a ressaca ainda castigante. Mas ela não deixou o telefone nem nada, e ele imagina que o fato dela ter saído corrido sem acordá-lo indicava que não tava lá muito preocupada em vê-lo de novo.

Aí agora, seis anos depois, vem isso. Ele vai nos arquivos da produtora e descobre o nome inteiro da Cátia, encontra ela no Facebook e fica quarenta minutos reescrevendo até mandar uma mensagem. Fala que sabe que ela não queria trabalhar mais com aquilo, mas que tinha uma oportunidade única.

Enquanto isso o gringo sem graça enchia o seu saco, falava que ele não podia esperar pra sempre. Ele manda a conta de Instagram da Cátia para o gringo pra ver se ele relaxa um pouco, e pra mostrar que já conseguiu encontrá-la. Meia hora depois ele recebe a mensagem: “O chefe mudou de ideia. Ele não quer mais a Cátia. Acha que ela mudou demais. Ele quer a amiga dela que aparece nessas fotos em anexo. Acha que consegue?”

>>

23.

<

Murilo tenta evitar pensar no que a escritora disse, mas não consegue. Fica revisitando trechos que acabou excluindo do conto, trechos dos fragmentos que não quis incluir e percebe que de fato acabou tirando muita coisa relacionada a sexo. Toda uma subtrama envolvendo pornografia e uma personagem chamada Cátia que Murilo nunca conseguiu entender muito bem como devia se integrar com o resto da história. Relê alguns desses trechos tentando julgar se era bom ou não, e não consegue decidir. Não sabia até onde ele havia se interessado pouco por eles, por tocar em assuntos e temas que lhe são mais distantes. Isso também era possível. Acaba dando de cara com um rascunho solto que ele nunca tinha lido, datado de 2008, em que Fábio falava do pai.

Era curioso como quase não havia nada de Fábio falando sobre seu pai, embora se notasse a sombra que projetava na sua vida. Murilo se lembra do pouco que falou na única vez que se encontraram e pensa que deve ser um daqueles casos de ausência conspicua. Este talvez seja o único rascunho que trata do ex-governador Anselmo.

Eu chego em casa tarde e meu pai está sentado na mesa da cozinha. Posso ver suas costas, o estranhíssimo formato fumaçado do que resta de cabelo espalhado na sua nuca num formato improvável, como se por um pincel japonês. Os dois foram num casamento de algum aliado político que na verdade é desafeto, posso ver as pizzas de suor na camisa azul clara. Ele está tentando emagrecer, deve ter se segurado de comer doces na festa toda e agora está comendo seu abacaxi com um montinho de açúcar em cima. Um homem muito gordo e muito cansado, acima de tudo. Bufa como uma gaita de foles, e pigarreia.

Desde muito moleque que eu tento entender como é possível fazer as coisas que ele faz e transitar nos meios em que ele transita. Pra todo mundo é fácil simplesmente odiar, desprezar todos os envolvidos como vilões de TV (o que eles são, meio literalmente). Mas eu tinha que continuar amando ele, tinha que tentar entender como era possível que o meu pai fosse aquela pessoa que todo mundo que eu respeitava odiava tão profundamente e com tanta razão. Eu hoje não tenho uma explicação melhor do que a que eu arranjei com doze anos, no fundo. Não há nenhum salto, nenhuma quebra. A mesma pessoa que

leva minha irmã pra piscina e fica com ela em cima do pescoço por um tempo enorme, ouve as histórias compridas, incompreensíveis e sem graça do meu avô e dos meus tios-avôs com um sorriso gentil, e canta alguma música americana brega do Frank Sinatra pra minha mãe no aniversário de casamento é quem cria ONGs de fachada pra pegar dinheiro de merenda escolar de criança miserável. Ajuda gente milionária a roubar terra pública, faz esquema com crédito fundiário pra família sem-terra. Faz todo tipo de atrocidade que existe sob o sol. Gostaria de ver as figuras que ele monta pra isso ser possível, entender o desenho que ele faz de si mesmo. Mas sempre que eu começo o engulho já me vem rápido demais. Melhor nem tentar. Não vale o boi.

>

24.

<<

É exatamente como nos filmes, Dennis pensa, assim que entra no seu quarto e nota os dois homens camuflados, no escuro, achando que não estão sendo vistos. Como os filmes mais sinistros, no caso. Quem diria. Botas embaixo da cortina, como um boi brincando de pique-esconde. Tenta não denunciar no seu corpo que notou, mas denuncia. Antes que pudesse recuar e sair do quarto, montam em cima dele cobrindo sua boca, ele tenta dizer que não vai reagir, mas não adianta. Injetam algo no seu ombro, dor aguda que dá lugar ao branco.

(*)

Dennis é levado para a garagem de um pequeno prédio de escritório na saída do centro de Belém. Pessoa alguma nas redondezas chutaria que aquele prédio tão sem-graça, de dois andares e de arquitetura genérica, uma linha de pastilhas quase toda caída percorrendo todo o seu contorno caixudo, era uma pequena base operacional da CIA. O terreno está no nome de uma holding de três empresas distintas, uma brasileira, uma boliviana e outra equatoriana. Quem tentasse determinar o dono derradeiro daquele lugar logo se perderia numa barafunda de empresas de fachada, laranjas caricatos e pistas falsas. Foi criada mais de quinze anos antes para organizar a lavagem do dinheiro resultante de uma operação de venda de pó que deveria, segundo o plano original, permitir uma infiltração na rede de logística ilegal de tráfico da América Latina para poder em seguida devassá-la por dentro. Esse era o plano oficial, o fato foi que a grana do orçamento sombrio do governo federal norte-americano custeou por mais de um ano a venda e distribuição de pó quase puro. E o dinheiro multiplicado no processo, além de pingar aqui e ali em agentes e colaboradores diversos, para os mais diversos fins, era usado para financiar operações extraoficiais pelo continente todo, campanhas de candidatos parceiros a interesses nacionais e corporativos, sumiços eventuais de lideranças campesinas. Era quase como a lógica do viciado em jogo de que precisa gastar o dinheiro ganho no jogo com coisas pouco saudáveis, já que foi ganho de maneira pouco saudável. O dinheiro já era sujo, não podia voltar pra agência de maneira alguma, e devia ser usado justamente para todas as coisas que a agência não queria jamais conectadas a ela. A brincadeira foi boa enquanto

durou, mas desde o onze de setembro que a grana pro pessoal da Inteligência na América Latina secou, foi toda para o Oriente Médio. O escritório só não foi vendido porque o labirinto burocrático não permitia que o imóvel fosse posto à venda em tempo hábil. A CIA, então, na pessoa inadvertida de Leocádio Dantas, advogado e assistente de tabelião, maçom, sócio do Paysandu, senhor de orelhas peludas e cardigã vinho encardido quase acoplado ao seu torso, alugava três dos quatro escritórios para empresas locais, e deixava o quarto fechado, os arquivos (a maioria, falsos, com alguns documentos genuínos criptografados e misturados no meio) ali acumulando poeira... O sr. Leocádio, lidava com agentes de campo diversos, quase sempre em inglês, há quinze anos, depositava o dinheiro do aluguel, fora sua comissão, fielmente. Sabia que tinha algo esquisito, mas não sabia o quê. Suspeitava antes de mafiosos de extração étnica nebulosa do que do governo federal norte-americano.

O prédio fica vazio no final de semana. Eles estão na garagem, que está livre de carros fora o sedã preto em que vieram. As poucas janelas estreitas, perto do teto, estão todas tapadas com fita crepe. Dennis está amarrado de cabeça pra baixo. Vermelho como um pimentão, com sangue nos braços e no rosto, farpas de madeira debaixo das unhas amareladas, algumas quase descoladas dos dedos.

Eles parecem estar conversando há algum tempo.

— O universo é uma expansão, e ela está acelerando, sabia?

— E daí? Acaba logo com isso, por favor. Não aguento mais.

— É essa a ideia, justamente. Você tá pegando o espírito. Nós somos só a última etapa disso. De algo que vem desde o Big Bang, uma única ereção se formando, doída pra jorrar logo.

— Imperialista de merda.

— Foi quando eu descobri isso que eu entendi. O que era o capitalismo. O que era a América. A natureza real do nosso destino. América eu digo os Estados Unidos.

— Claro que é isso que você diz. Tu é a escória dessa Terra. A maldição dela.

Dennis cospe no chão uma mistura de sangue e ranho. Timothy sorri.

— Eu tive meu momento de revolta jovem, como tanta gente. Depois de uma adolescência ingênua, em Connecticut, achando tudo lindo. Fui encontrar professores anti-imperialistas na universidade, descobrir sobre Laos,

Camboja, e tremer um pouco ao ver garotas e garotos lindos falando que o nosso país era fascista. Eram hipsters sujos, muitos, mas ainda assim eram muito mais atraentes do que os Youth for Buchanan, com certeza. As coisas que meus pais fizeram, e principalmente o rosto que aquilo tinha pros outros. Não era bonito. Não tinha entendido ainda o que era o mundo de verdade. Nós não inventamos a violência, sabe, como um esquerdinha ingênuo tipo você supõe. Ela sempre esteve aqui. Nós só tentamos botar alguma ordem nela. Mas eu também perdi qualquer meninice dessas de acreditar que estamos aqui pra fazer o bem, que promovemos a democracia. Esses papos. A democracia que a gente promove mundo afora é da equalização geral. O destino manifesto é um destino de morte, de como gerir a morte melhor e mais rápido. Acabar com isso logo, e com estilo. Como acelerar esse processo, acabar com o espetáculo de uma vez. Gozando o máximo pelo caminho. Não é muito mais complicado do que isso.

— De que merda tu tá falando, bicho?

— Chegaram a supor que tava tudo ganho, na década de noventa, que tudo rodaria no piloto automático agora, a expansão terminaria seu curso num par de gerações, tudo aquilo que é o caso entraria no livre mercado global e transnacional. Tudo entraria junto num sistema que nos levaria até o infinito e além, até a Starship Enterprise e a Federação etc. Não esperavam onze de setembro, aquecimento global, nada. Eu nunca fui tolo assim. Não sabia o que viria, mas sabia que tudo ainda estava em jogo. A China, os terroristas. Tem sempre muita coisa à espreita. O mundo livre está sempre ameaçado.

— Você entrou no modo discurso de super-vilão, mesmo? Me tira daqui, caralho. E a convenção de Genebra, porra, e essas merdas que você finge que ainda defendem, às vezes.

— Os ambientalistas querem puxar o freio de emergência, mas isso é puro sentimentalismo. Nostalgia por uma terra que já foi embora tem tempo. Não tem mais saída. A única escolha é ir mais fundo, dobrar a meta e a própria medida, e ultrapassá-las, ambas. Ir até o fim da linha. Chame de apocalipse, se quiser, a palavra só quer dizer revelação. A máscara de carne de borracha derrete, o robô cromado mostra as presas. O capital sairá mais forte deste ciclo. Com toda certeza. Nada o enfraqueceu até hoje. Só o fez mudar de forma. Só não sei se posso dizer o mesmo da nossa espécie. Tanto melhor, talvez. O Deus de Silício será muito mais forte que o homem, e seu carbono fracote. Que ele venha logo, com seu reino.

Timoty pega a mão inchada e sangrenta de Dennis com a sua, cobre com a outra. Aperta as unhas enfarpadas com força crescente. O seu lábio inferior mordido com força.

AA-
AAAH.

— Se você me disser onde ela está, onde estão as máquinas dela, eu paro de te machucar. Posso até te deixar vivo. Eu quase não gosto de fazer isso, sabe?

— Eu não sei, PORRA. Não sei. Eu não sou corajoso. Se eu soubesse eu falava.

— Mas não convenceu. Não com essa carinha de irlandês corajoso que você tem.

— Se soubesse não diria, mesmo. Ou mentiria. Teu bostinha. Mas eu não sei. A máquina deve estar em São Paulo, eu sei lá.

— Tá vendo? Assim você tá praticamente me forçando a te torturar, cara.

— Você não acredita nisso. Por favor. Eu te imploro. Me larga em qualquer lugar. Nunca vão nem acreditar em mim. Eu sou um bêbado, todo mundo sabe. Um cheirador do caralho. Um depravado.

— Essa é a situação perfeita. A nossa, aqui. Aquela de livro-texto, sabe, que a gente usa em discussão. Você protege uma terrorista perigosa que tem nas mãos um dispositivo poderosíssimo. Esse tanto eu sei, sr. Dennis. É meu DEVER MORAL enfiar essa farpa na sua unha.

Timothy enfia com gosto uma farpa mais fundo.

Dennis chora e se contorce com muita intensidade até parar abruptamente. Fica arfando dum jeito bem espaçado, a expressão retesa se soltando aos poucos. Parece tentar sair dali, na cabeça, tentar vencer a dor que lhe define sua existência naquele momento, concentrando ela toda num ponto. Mas claramente não consegue.

— Eu estudei com um professor cristão em Stanford que entendia que tudo é ressentimento. O que move a gente de verdade é inveja e ressentimento. Um ciclo sem fim disso. Um francês com cara cavernosa, um charme, ele falando. Ainda se fumava nas aulas, no início dos anos noventa. Logo antes da civilização acabar de vez. Mas não terminava aí, né? O papo dele é que Cristo acabou com isso. Quer dizer, acabar não acabou, mas zerou o joguinho,

mostrou como resolve a equação. Mostrou qual é a solução de uma vez por todas pra esses problemas todos, com o seu amor romano universal. Eu nunca comprei o negócio cristão, mas de resto eu comprei a filosofia dele. Acho que, no fundo, o que move o mundo é ressentimento e ciúme, em vários níveis. Quanto mais fodido você é, mais ressentimento você sente. Mas todo mundo sente. Não tem jeito. Todo mundo se sente fodido por algum lado, mesmo quem não é fodido por ninguém, não de maneira verificável.

— Me tira daqui, por favor.

— Eu lembro do que uma garota linda falou no curso dele. Irritando muito o professor, aliás, deu pra notar. Ela disse que seria até convincente essa história se os povos cristãos não tivessem se provado justamente povos que vieram para destruir essa terra. Os escolhidos para tomá-la toda com violência de todos os outros, usar todos os outros povos do mundo como papel higiênico e depois pedir para que agradeçam. A menina era loiríssima, descendente de nórdicos latifundiários de Wyoming. E dizia com a maior certeza e clareza do mundo que qualquer verdade moral ou espiritual que Cristo já possa ter tido se anula no instante em que os povos cristãos se tornam os carrascos de todos os outros. É óbvio, isso. Ou Deveria ser. Cristo teve seu momento, mas o ciclo de violência e ressentimento não tem fim. Ele é poderoso, até, e eu o respeito, mas pra mim é mais um fiapo nos dentes disso. Nas engrenagens disso.

— ...

— Nunca esqueci dessa menina, do que ela falou. Essa roda vai girar, não tem jeito. E se a gente não impedir, vai girar pra cima da gente. Nós, os brancos, só vamos impedir que a guilhotina caia sobre nossas cabeças acabando com a porra toda antes. Com essa fantasia delirante que corre desde a Revolução Francesa. De igualdade, de que todo mundo é lindo e merece tudo. Você não percebe? Quando o mundo descobrir de fato o que foi a Europa, de onde vem aqueles palácios todos, não vai sobrar um museu, não vai sobrar uma cidade daquelas de pé. E o mesmo pode cair sobre o meu país, eu sei. O pesadelo do colonialismo vai cair sobre todos nós se a gente não ficar esperto. O único jeito é fechar as fortalezas e erguer os muros bem altos o quanto antes diante da enchente marrom que vem.

— ...

— E acelerar o aquecimento global é a melhor forma de lidar com isso tudo. De acabar com essa palhaçada de democracia liberal globalizada, voltar para

os feudos e para a realidade territorial do mundo. Do sangue e dos povos. Da conquista livre dos grandes homens e dos povos escolhidos. Ou seja, deixar que as coisas mostrem o que elas são. Sempre foram. A besta debaixo daqueles olhos brilhosos da Disney.

— ...

— Não vai fala nada? Fica chato discursar assim sem você nem responder.

—....

— Morreu?

— ...

— Ih, morreu. E eu aqui falando sozinho.

>>

25.

<

Murilo sabia também que não deveria ler e-mails de Fábio para outras pessoas. Mas claro que, depois de um tempo, passou a ler esses também.

“Oi Fábio

Tempo que a gente não se fala, né. Depois de algumas semanas sem seu nome aparecer verde aqui finalmente caiu a ficha. Eu demoro com esse tipo de coisa, sempre fui meio boba nesse sentido.

Só depois fui te procurar, descobri a sua namorada tão bonita e pernuda e loira, obviamente a coisa toda se desenhou na minha cabeça em menos de dois segundos, em sua obviedade imensa.

Eu te odiei com muita força por mais ou menos uns cinco dias, daí logo arrefeceu, e eu passei a te achar ridículo. Ainda te acho ridículo, mas também sinto sua falta. Mesmo esse tempo todo depois. Não curto admitir, mas admito. Basicamente porque continuo como eu era quando te conheci, sem tentar fazer amizade, sem me estender pra além dos poucos canais já estabelecidos há pelo menos uma década.

Mas por que eu te mando um email então? Porque enfim fui jogar aquele joguinho que você me recomendou. Finalmente. Aquele meio bobo pós-apocalíptico. De fato é bem divertido ele. Mas aconteceu um negócio inesperado. Não sei se você lembra, mas esse jogo tem a peculiaridade de começar com você nascendo, a fase tutorial sendo umas cenas rapidinhas de você criança com seu pai, depois adolescente, depois juvenzinha. Eu óbvio joguei com uma menina, e a chamei de Flannery. Ao invés de descrevê-la, toma aí em anexo um screenshot dela linda dando um tiro certeiro na granada que o mutante estava prestes a jogar nela.

O negócio é que eu comecei a me afeiçoar de verdade a ela. Comecei jogando no Very Hard, como qualquer pessoa que se respeite. E a dureza daquele cenário, e da cara dela tão rígida e sensível, ao mesmo tempo. Rigorosa, forte e aberta como eu gostaria de ser. Comecei a levar aquilo muito a sério, de um jeito que eu nem sabia direito que rolava de levar a sério. Aquela ali era eu. Andando pelos destroços daquele mundo destruído renderizado no mínimo da qualidade do gráfico (porque o computador do meu marido não aguenta

mais). Tentando sobreviver, pegando carne de bichos mutantes mortos, procurando água potável em armários revirados de casas ruínas. Aquela ali era eu. Sempre que o jogo travava (e isso acontecia demais), continuava correndo o som ambiente do lugar onde eu estava, com o barulho de algum animal por perto. E eu achava que aquele mundo ainda estava acontecendo, mesmo a minha Flannery perdida entre planos. Deixava aquilo parado vinte minutos, quarenta, uma hora, lendo na frente do computador, dando uma chance pra que ele de repente entendesse todas aquelas tarefas empilhadas e corresse de novo o jogo. A mesma imagem travada de um mundo que não mais conseguia repetir a si mesmo. Um mundo morto.

Eu não queria nem terminar o jogo, porque isso significaria acabar de vez com aquela atualidade onde a Flannery (ou melhor, eu) existia e tinha vigência. Então andava pelas extensões enormes do território ociosamente, matava várias vezes os mesmos bichos, usava apenas as armas mais simples, para dificultar ainda mais as coisas, evitava os cantos dos mapas que pareciam reunir a resolução do jogo. Realizava todas as tarefas secundárias, repetia não só cada aventura, mas cada ação, cada mutante assassinado, cada centauro escorpião horroroso vencido, fazia cada gesto desses cinco, dez vezes, até atingir a versão mais elegante, eficiente e extraordinária de cada situação. Ataques críticos, desarmes, cabeças explodidas à distância. Dois saqueadores com uma bala só. O lança-chamas com sua carga levada nas costas do soldado chinês zumbi. Todos eles são você, claro.

Ainda não zerei o jogo, depois de um mês e algumas dezenas de horas. É óbvio que concentrar sua identidade num modelo 3d muito marromenos não parece ser uma coisa tão saudável a se fazer. Mas não é como se minha alma tivesse retornado pro desenho fixo que esse corpo projeta no mundo, que ele carrega pra lá e pra cá com seu peso, seu contorno real. Ela continua, ao que me parece, dispersa, em pedaços depositados por aí que eu nunca mais recuperei, nunca mais consegui rejuntrar. O tipo de estrago que só pessoas privilegiadas ao ponto da purulência (como você) conseguem provocar. O tipo de desperdício gratuito.

Espero, infelizmente, que você esteja bem (mas não bem demais, teu bosta, boy lixo dum caralho).

f.”

>

26.

<<

No dia em questão, Wellington primeiro encontrou Fabiana e Flávio de manhã numa lanchonete para tranquilizá-los e explicar um pouco melhor como tudo se daria. Comeu um misto-quente com suco, eles não comeram nada. Na verdade, ele já tinha passado as mesmas informações antes pra Cátia, e ela passou tudo pros dois no dia anterior (Wellington devia ter se asegurado mais no telefone, mas acabou que ficou com medo dela desligar a ligação e foi falando logo).

Mesmo percebendo que os dois já sabiam o que ele tinha pra dizer, Wellington repetiu tudo para eles, que confirmaram com a cabeça. Ele rindo, ela olhando pro chão. Eles pareceram simpáticos, Wellington quase se arrependeu de estar tomando tanto do cachê. Mas se não fosse ele, dificilmente ganhariam qualquer coisa, também.

Depois ele foi sozinho pra um apartamento em Pinheiros, onde o homem que tinha conhecido estava junto de um outro, baixinho e ruivo, careca, que se apresentou como o técnico do aparelho. Explicaram que o apartamento era alugado por um site novo aí, era uma casa rica e cheia de livros de arte, com máquina de café e sofás estilosos, um jardim de inverno pequeno e agradável. Do lado de fora tinha uma quantidade grande de gatos da região que o dono devia alimentar quando estava lá, mas que eles estavam ignorando. Usariam o quarto principal para gravar, era a melhor cama. Wellington começou a ter um pressentimento ruim quando viu a máquina. Não parecia em nada com uma câmera. Era um negócio que acoplava entre a nuca e a base do pescoço. O baixinho ruivo não olhava pra Wellington, fingia que ele não estava ali. Cochichava em inglês com o gringo. Wellington teve uma impressão súbita e muito nítida, ainda que difícil de explicar, de que ele era brasileiro, mas tava fingindo que era gringo também.

A amiga da Cátia e o namorado chegam exatamente na hora marcada, quatro e meia. O casal todo nervoso e bem arrumado, de banho tomado e perfume. Aquilo toca Wellington. Quando o ruivo explica que precisam injetar um negócio na nuca do cara, que chama Flávio, ele claramente fica cagado e olha para ele procurando ajuda. Wellington põe a mão no ombro dele e fala pra ficar tranquilo, embora ele mesmo não soubesse até aquele momento que

teria esse negócio de injeção. Fala aquilo mais de nervosismo, de não saber o que dizer, do que por sentir uma puta confiança no que tá falando. O ruivo garante em inglês, com o outro traduzindo, que é só pra melhorar a gravação, potencializar o sinal. E insiste que ele não precisa se preocupar com nada.

Acoplam o negócio no pescoço do cara e dá pra ver pela cara do ruivinho que alguma coisa não tava funcionando como esperado. Demorou muito pra ligar, quando ligou o cara reclamou de sentir um choque. Mas o gringo sem graça falou que aquilo era rotineiro e que já tinham feito aquilo dezenas de vezes. Pro rala e rola mesmo eles fecham a porta e deixam os dois sozinhos. Não antes de o cara ler mecanicamente uma lista de posições e coisas a serem ditas por um e pelo outro. Lembrando dos incontáveis sets em que já esteve, Wellington acha graça quando todo mundo sai da sala na hora do sexo.

Meia hora depois ele tá vendo no celular os gols da rodada anterior do campeonato paulista quando ouve o grito. Primeiro um grito estranho e breve, destrambelhado, que nem humano soou. E depois um grito comprido e agudo de horror que continuou soando na sua cabeça muito depois deles irem correndo e abrir a porta.

(*)

Cátia e o irmão estão debaixo da pouca proteção da marquise de uma loja fechada, domingo de tarde, enquanto a chuva aperta. Ela encara o irmão por um tempo.

— O que tá acontecendo?

Cátia não consegue responder, não sabe nem por onde começar. Dá um passo pro meio da rua e chama um táxi que está vindo na direção contrária. O carro para, Cátia pega o irmão pelo braço e puxa pra dentro do táxi. Fala o endereço que ouviu no telefone para o taxista e em seguida vira para o irmão. Eles pegaram táxi pouquíssimas vezes na vida juntos, a cara dele tá um pouco confusa, quase rindo.

— Olha, eu vou deixar o dinheiro com você, você segue no táxi até a estação mais próxima, beleza. E aí vai pra casa dos tios. Você consegue, né? Desculpa, bichinho. É uma emergência cabulosa.

Ele diz que sim, fazendo sua melhor cara de responsável e adulto, testa franzidíssima. Cátia desce e fala pro táxi seguir, olhando bem na cara do taxista e anunciando que tá tirando foto da placa. Ele é um homem troncado

com cara irônica e parece achar graça, mas responde de maneira mais sisuda quando vê a seriedade dela.

Cátia fica diante da porta da casa olhando o celular por alguns segundos. Não tinha sentido ela ficar esperando a Fabiana sair dali se ela sabia que a amiga estava em perigo. Cátia mal a conhece, não sabe como ela deve estar reagindo. Fica muito agoniada de tê-la botado naquela situação. Pensa em apertar a campainha e decide que é melhor não. Pensou antes em chamar a polícia, mas agora era tarde demais, eles iam demorar demais pra chegar lá. Olha em volta e pula o muro se apoiando na estrutura metálica de segurar saco de lixo. Quando cai do outro lado, os tornozelos doendo mas firmes, ela emite um “rá” baixinho. A parede de vidro que separa o jardim da sala está estilhaçada e tem muitos gatos contornando os cacos e cheirando tudo na casa, alguns se viram pra ela sem muito interesse quando ela aparece. Cátia pega um cinzeiro de pedra que encontra em cima de uma mesa e sobe as escadas tentando ser rápida e silenciosa ao mesmo tempo.

Depois da escada há um corredor que leva pra dois quartos. Um deles está com a porta fechada, o outro não. Quando Cátia atravessa o umbral vê que Fabiana está amarrada na cama, chorando, e que um homem incrivelmente branco está diante dela tirando o cinto e a calça. Fabiana a enxerga e arreganha os olhos, o que faz o homem branco se virar bem na hora que Cátia vira com o cinzeiro bem na sua têmpora. Ele cai pro lado com a expressão já mole, olhando de reflexo para o lado oposto, na cabeceira da cama, onde está uma pistola pequena e prateada. Cátia pula na direção da cabeceira e pega a pistola antes que ele consiga fazê-lo. Engatilha.

— Perdeu, babaca, perdeu.

>>

27.

<

Murilo vai jantar num tailandês sozinho e volta de metrô. No caminho da estação, andando pelo Village, a sua atenção vai sempre tentando determinar se encontra brasileiros nas várias pessoas que vê. Não sabe porque faz isso, nem chega a ser uma atividade deliberada. Apenas se vê se perguntando se alguém ali é brasileiro, e se surpreendendo com o seu sucesso em notá-los quase sempre ainda de longe. Além dos sinais óbvios (camisa do Corinthians), tinha toda uma gama de sinais vagos que se acertavam, às vezes acumulando num clique quase imediato.

Descendo as escadas da estação, na volta, ele vê um grupo de prováveis brasileiros atentos a uma tela passando canal de notícias. Nela há uma imagem de Lula sendo preso. Por mais que o coro conservador invocando aquilo crescesse há anos, Murilo achava que não aconteceria. Mas aconteceu. Percebeu o quanto havia parado de acompanhar notícias sobre o Brasil nos últimos meses, ao praticamente abandonar o twitter (de irritação de ver piadas com seu nome, e depois ainda mais com o fato de que essas piadas haviam sumido).

Murilo era simpático ao PT na época da eleição, mas isso mudou para alguma descrença depois de alguns escândalos, acompanhando um pouco o movimento dos seus pais. No final do governo Dilma, quase só tinha críticas a fazer, de Belo Monte ao estelionato eleitoral, mas claro que achou o golpe parlamentar uma palhaçada deprimente, ainda mais executado por quem foi.

Admite que havia gostado de ver o Marcelo Odebrecht e o Eduardo Cunha presos, como quase todo mundo, mas a Lava Jato sempre lhe pareceu forçada, principalmente na relação caricata com a imprensa, e foi deixando cada vez mais claro o tanto que também era enviesada na sua caça. Não sabia muito o que achar de Lula depois de tudo, não achava ele santo, mas com certeza tampouco era o corruptor caricato que pintavam. Do pouco que Murilo podia ver, tinha feito mais do que qualquer outro presidente pelos pobres, e isso num país de patrões e miseráveis. Ver aquele homem preso agora enquanto o Brasil era presidido por um vampiro de trezentos anos resgatou rapidamente todo um carinho profundo que Murilo já teve, ainda criança, em 89 e 94, e que antes parecia enterrado fundo. Ficou puto, de repente, com o juiz e todos os outros envolvidos naquilo, de um jeito que não ficava tinha muito tempo

com nenhuma pessoa de carne em osso.

Sente que devia se informar mais, devia estar mais informado sobre tudo isso há tanto tempo, e isso lhe dá uma puta ansiedade. Quer chegar logo em casa e se afundar em abas e abas. Já consegue escutar a propaganda antiga tocando no Youtube (Lula-lá, bri-lha uma estre-la).

Por muito tempo acompanhou, sem muita convicção, muito na inércia, vários amigos e arrobos de senso de humor parecido que tendiam a só bufar de cinismo diante da política como um todo. Desde a impureza dos acordos que a política institucional precisa fazer até a inocência de radicais convictos que genuinamente acham que vão conseguir vencer grandes batalhas contra as forças mais poderosas do mundo.

Passando dos trinta, esse cinismo indiferenciado começava a lhe parecer muito mais infantil do que qualquer crença de que se pode mudar o mundo. O mundo, afinal, muda o tempo todo. Geralmente para pior, e quase nunca nas suas bases mais fundas, nas suas assimetrias mais cabulosas, mas mudar ele muda. Murilo nota alguns desses mesmos cínicos mostrando entusiasmo pela campanha de Bolsonaro (ainda que um entusiasmo pretensamente irônico, em alguns casos). Deixa de seguir algumas dessas pessoas, e sente que não está entendendo tão bem para onde vai o movimento das placas. O que é pior: sente que talvez não estivesse entendendo tão bem por algum tempo.

Sentada do seu lado no metrô está uma mãe oriental com um bebê cujo sexo ele não consegue determinar. A mãe mexe com uma mão no celular, parecendo tensa com alguma coisa, e o bebê olha atentamente para ele há algum tempo. A mão direita do bebê pende imóvel muito perto da sua, as dobras gordinhas das falanges parecendo almofadas, as unhas que mal chegam a ter um formato definido. Ele tenta se lembrar da última vez que interagiu com um bebê, e se vê de repente esticando o seu dedo na direção daquela mãozinha, no que ele é imediatamente recebido, os quatro mínimos dedos agarrando com força o seu dedo indicador, provavelmente por instinto, pelo estímulo básico a uma das poucas atividades que aquele ser tão incompetente consegue realizar. O seu dedo fica ali seguro pela mãozinha quente do bebê por três estações, Murilo morrendo de medo da mãe perceber e achá-lo um perverso. Logo antes da sua estação, os dois vão embora.

Murilo lembra da impressão estranha que se depositou nele logo no primeiro dia nos EUA. O aeroporto de Newark, o ônibus que havia comprado

na internet e que na verdade saía de um outro terminal, a dificuldade que tudo mostrava para ele, de tão novo, a sua mala enorme que tombava toda hora, quase vazia, a sensação de dedos congelando que ele não conhecia e que imediatamente anteviu que o incomodaria bastante.

Além do frio, que Murilo jamais tinha conhecido naquela intensidade, assim que adentrou na cidade o estranho era justamente a falta de estranheza. O estranho era o tanto que tudo aquilo era familiar, o tanto que ele deixou o avião para se juntar a uma teia de referências que ele já conhecia, na qual ele até já habitava, de certa forma. Isso é que era o mais estranho.

Foi esse sentimento de extrema, mas bizarra, familiaridade que o perseguia desde que ele chegou nos EUA. E que ele só agora, depois de morar lá por quase um ano, começava a articular para si mesmo (depois de encontrar algo parecido expresso por Fábio nos seus rascunhos). Murilo não viajou nada pelo país, como achou que faria a princípio, só ficou atado àquela cidade fascinante. E tudo, o tempo todo, parecia falso. Filmado em estúdio, dublado, pré-montado.

Lendo sobre a prisão de Lula, Murilo vê também notícias sobre a campanha de Bolsonaro ganhando tração. Lembra daquele nome surgindo em nichos de uma direita que se dizia subversiva. A coisa parece uma piada, ainda que uma piada séria, aparentemente. Como Trump. E nesse caso ele não conseguia ver graça alguma. Murilo quer ir pra casa logo. Ele precisa ir pra casa logo. Mas já fez o contrato para um aluno de aluguel, ainda teria alguns meses por ali, devia tentar aproveitar.

Ainda assim, começa a a olhar o preço da passagem.

>

28.

<<

Depois de amarrarem o gringo na cama com o lençol e o amordaçarem com uma toalha de mesa, Cátia liga para Wellinton e explica o que aconteceu. Ele fica mudo por um tempo no telefone, claramente surpreso. Pergunta onde está o ruivo, e elas dizem que não sabem. Cátia fala que vai chamar a polícia e ele implora para que ela não faça isso. Fala que o Flávio já morreu mesmo e que se eles prenderem o gringo ele vai dedurá-lo também. Cátia diz que eles têm que fazer alguma coisa, não tem como deixar o cara amarrado lá e pronto. Wellinton ri e concorda, fala que tá a caminho.

— Tou chegando aí e a gente decide o que fazer.

— E o Flávio, cadê ele?

— O gringo deixou o corpo perto de um posto de saúde. Já foi.

— Puta merda, Wellinton.

— Eu sei, eu sei. Uma bosta do tamanho do mundo. Sei nem o que te dizer, Cátia. Tou chegando aí.

Assim que Cátia desliga, ela pensa em algo.

— A máquina deles ainda tá aqui?

— Tá sim. Tá ali atrás.

— A gente podia era tentar vender isso aí depois, hein? Pelo que entendi é tipo uma tecnologia de ponta aí que nem lançaram ainda. Um negócio assim.

— Vender pra quem, porra? Tá doida?

— Não sei, caralho, mas a gente descobre. Alguma coisa boa tem que sair dessa merda dessa fria que eu te botei. A gente não pode sair tão fodida disso aí e pronto.

— E o Flávio, ele falou alguma coisa? Onde que ele tá?

Cátia respira fundo, Fabiana entorta a cabeça. Ela conta o que escutou. A amiga senta e começa a chorar. Cátia pega um copo d'água pra ela, depois de tomá-lo inteiro de uma vez, os olhos delas acendem de raiva.

— Cacete.

Cátia nunca viu Fabiana assim. Ela tava pensando na dor que ainda sentia nos seios quando lembrou, e aí veio tudo de uma vez. Flávio debaixo dela fazendo a cara que fazia quando tava quase gozando, a boca meio aberta, os olhos tão vulneráveis. Sempre que ela tava por cima ele gostava de gozar segurando nos dois peitos dela. Ela sabia que isso deixava ele louco e achava bom, também, ainda que às vezes ele apertasse forte demais na hora. E dessa vez quando ele começou a gozar a expressão dele foi ficando mais e mais intensa, de um jeito que ela não tava acostumada, e isso foi dando mais e mais tensão nela. Tanto que mesmo quando ele começou a apertar seus peitos com muita força ela achou ruim, mas não estranhou tanto, achou que a situação devia ter deixado ele mais tarado que o normal. Só quando a mão dele enrijeceu, a expressão continuou vaga e solta e depois dele parar de gritar é que ela entendeu. Isso foi o pior de tudo. Ela ter demorado tanto pra entender. A culpa disso de repente desceu como uma lâmina na sua nuca.

Fabiana conta uma versão comprimida disso pra Cátia, que também começa a chorar. Fabiana fica com uma cara impassível por alguns minutos, até que levanta, vai até o cinzeiro que Cátia tinha usado, pega ele com calma, caminha até o gringo e golpeia sua cabeça com toda sua força duas vezes. Parece bastar. Ela derruba o cinzeiro no chão depois da segunda.

Cátia fica parada olhando, sem saber o que fazer.

— Limpa esse negócio antes de sair. E o copo também. Vamo botar aquela máquina numa toalha, ou sei lá onde. E vamo embora logo daqui, vamo.

>>

29.

Murilo estava com seu ciclo de sono inteiramente zoadado há algumas semanas. Dormia e acordava nas horas mais erráticas. Neste dia, tinha ficado a noite toda acordado no computador e acabou adormecendo só às quatro da tarde. Acorda com alguém batendo na porta do apartamento com força. Ele levanta a cabeça de uma vez, e o fio do fone de ouvido que ainda está na sua cabeça puxa o computador ao qual está conectado, no chão. Alcança o celular e vê que são nove da noite. Tira o fone e se livra também do mouse que estava embolado junto do fio (seus periféricos estavam sempre engalfinhados). A desorientação é tamanha que a impressão é de que aquele barulho pode estar acontecendo há horas, Murilo levanta e se vê só de cueca num espelho ao passar pelo banheiro. Sente-se sujo e bastante desarranjado, seus dedos meio grudentos, a garganta ranhuda. Bota uma calça de moletom que está jogada em cima do sofá da sala e vai ver pelo olho mágico quem tá na porta, tentando lembrar se havia pedido alguma encomenda ou se tinha algum compromisso hoje que lhe teria escapado (nenhuma das coisas parecendo plausível).

Um profundo cansaço já se depositou nele ao aproximar o olho, cansado por antecipação de qualquer tipo de interação humana que ele tivesse que ter agora.

Era Leticia.

— Deu pra ouvir você chegando na porta. Abre logo.

Murilo abriu a porta, e ali estava ela, braços cruzados e uma expressão que ele só saberia descrever como “brava”.

— Então, você certamente sabe quem eu sou, né? Eu também sei quem você é.

— Sim.

Murilo tinha muita dificuldade de precisar o tom com que Leticia falava e entrava na sua casa. Havia arrogância, isso era claro, e um tipo específico de presunção que ele não lembra de ter encontrado antes na vida, uma presença que muito imediatamente tomava o cômodo e transformava a situação numa cena cujo ritmo ela podia controlar. Ela era muito bonita e estava vestida toda de preto.

— Eu tava num bar aqui do lado com uns amigos lá de Goiânia quando do nada ele me fala que te conheceu – o Dayal.

Era um amigo goiano do Fábio. A pessoa mais neutra que Murilo já conheceu, não exprimia opiniões sobre nada, não achava nada sobre nada. Era possível esquecer da presença de Dayal enquanto encarava o seu rosto. Murilo gostava muito dele, embora nunca o tenha expressado.

— Caralho, o Dayal. Sim, ele tava na cidade e a gente se encontrou por acidente semana passada. Ficamos de encontrar, mas acabou nem rolando.

— Ele falou que se não se enganava você tava morando aqui do lado. Te conheceu pelas paradas lá do filme do Gominho, acho? Depois deu insistir ele acabou indo catar teu endereço no zap. Ficou meio constrangido quando falei que não te conhecia, mas deu. Eu nunca tinha pensado antes em te encontrar, mas por alguma razão essa coincidência me deixou maluca. Inventei uma desculpa pra eles uma hora depois e vim pra cá direto.

— Boto fé.

— Ainda fiquei uns dez minutos zanzando em volta do prédio, sem saber se eu te adicionava no facebook, se interfonava direto. E acabei cruzando com um grupo que tava entrando no prédio, fui entrando junto com eles. Não foi nem difícil. E então tou aqui.

— Então você tá aqui.

— Pois é.

— ...

— Eu não sei exatamente o que eu quero falar com você. Acho que eu meio que só queria te conhecer, né?

— Entendo.

Ela olhou em volta, julgou todo o apartamento em poucos segundos, deixando bastante claro com a sua expressão franzida e apenas ligeiramente perplexa não só que ela estava julgando toda aquela situação ali, mas que não gostava do que via.

— Você entende que é meio esquisito quando o seu namorado de nove anos quase marido morre e alguém te diz de repente que alguém tá publicando um livro com um negócio dele, e depois ainda dizem que vocês eram melhores amigos e um povo ainda começa a supor na internet que vocês tinham algum

caso esquisito. Você entende isso sem que eu tenha te dizer, né? Você é todo esperto, óbvio. E tal.

Murilo ainda tentava dar conta do que lhe havia parecido, naquela frase enorme, uma oscilação retórica mantida inquebrantável pelo tom firme, quando percebeu que precisava conjurar alguma resposta de algum tipo. Ele nem conseguia começar a imaginar como que ele poderia responder a uma coisa dessas.

— Sim, eu entendo que deve ser meio esquisito, foi o que conseguiu dizer.

— Vamos sair daqui? Desculpa, mas esse lugar tá um pouco deprimente, e acho que você nem quer que alguém além de você fique aqui, quer? É isso que você tá comunicando com isso aqui.

— Eu não me importo, mas tudo bem. Deixa só eu tomar uma ducha.

Ela não pareceu negar nem concordar, o que deixou Murilo um pouco confuso. Mesmo assim correu para o banheiro e tomou uma ducha cuja duração não pode ter passado de dois minutos, escovou os dentes em poucos segundos e vestiu o conjunto de roupas que parecia mais aceitável de todas aquelas conjuntamente amarrotadas no banheiro, depois de graduá-las em sua malcherência. Quando saiu, tentando fazer com que as voltas de seu cabelo ainda molhado se comportassem um pouco melhor, encontrou Letícia sentada na cadeira do seu computador bebendo uma pequena garrafa de algo que ele não conseguia identificar. Ele chegou perto dela tentando comunicar com movimentos gestuais muito vagos dos ombros que eles poderiam ir, mas ela nem olhou na direção dele e continuou calada por muito tempo. Ele sentou do lado dela, então, e ficou pensando em coisas para falar. Ele chegou a enumerar seis distintas possibilidades, avaliá-las todas, revirá-las pra ver as cores que davam. Todas pareciam bestas, empostadas.

— Eu também amava ele. Pode não ter sido difícil como foi pra você, mas também foi muito difícil pra mim.

— O filho da puta sabia o tanto que ia machucar a gente. Ele sabia exatamente o que tava fazendo com a gente.

— Sim.

— E ainda assim ele vai e faz essa merda.

— Mas você acha que foi por querer? Do jeito que você fala parece que foi por querer.

— Bicho, nem dá pra falar nisso, na verdade. Eu não sei como nem falar sobre isso. Eu não consigo me imaginar diante dessa merda. Quando eu me imagino diante dessa merda é como se eu mesma nem existisse mais direito. Eu tou falando sério. Até agora.

— ...

— Então eu vim aqui, na verdade, não foi pra ficar brava e ser babaca e sei lá o que pode ter parecido. Eu fico brava quando eu fico assustada, é toda uma coisa. Foi mal. Eu vim aqui pra saber o que você acha, depois de ler tudo que eu sei que você já leu dele, e a porra da sua inteligência que eu espero por favor que seja maior que a minha. Ou que esteja melhor informada aí, pelo menos. Que que rolou, hein? O que que ele tinha?

— Eu não sei.

— Como não sabe? Não tou pedindo uma certeza absoluta, mas porra, tu deve pelo menos achar uma ou outra coisa. Todo mundo tem seu diagnóstico.

— Não é que eu não ache nada.

Ela faz uma cara atenta e meio condescendente, como se não tivesse entendido ou tivesse achado besta. Mas ainda estava atenta e até meio sorrindo.

— Porra, bicho, já tamo aqui vivendo uma cena do Dawson's Creek. Me dá pelo menos alguma coisa, tu não consegue me dar nada? Ele não botou nenhuma coisinha a respeito de suicídio? Tu vai concordar comigo que o bicho se amarrava em veicular a opinião e a posturinha dele diante de tudo.

Murilo pensou na única vez que o encontrou, a cara dele tremendo.

— É. Daquele jeito de zoeira dele.

— É muito estranho pra mim, né? Pensar que todo aquele tempo você conversava todas essas coisas com ele, tinha toda uma intimidade. Aposto que você sabe muito sobre mim.

— É, pior que sim. Pelo menos filtrado por ele, né?

— Que tipo de coisa?

— Ah, não sei. E-eu não perguntava muito, mas o Fábio acabava falando algumas coisas.

— Ele falava de sexo?

— De vez em quando, não muito. Não era nosso assunto mais frequente, digamos.

Esse tempo todo ela não encarava Murilo direito. Olhava em volta dele, observava ostensivamente a sua roupa, suas unhas mal feitas, o seu apartamento. Ela estava com algum papel amassado na mão que ela continuava amassando e desamassando.

— Eu não convido muito esse tipo de assunto, né?

Depois dele falar isso, ela olhou direto nos olhos de Murilo pela primeira vez. Havia uma impetuosidade ali que Murilo nunca havia encarado diretamente, nunca havia enfrentado com os próprios olhos. Ela não só expressava muito com o olhar, mas parecia dizer frases inteiras, orações coordenadas e complexas. E só com os olhos, sem nem mexer as sobrancelhas ou a boca ou fazer qualquer outro gesto, só com aquelas duas azeitonas concentradas ela parecia dizer de repente não só Eu vou chorar agora, é isto que vai acontecer em seguida, mas também Me abrace. Isto não quer dizer que eu esteja vulnerável, exatamente.

Ela se aproximou e abraçou Murilo longamente, com força, ela em pé e ele ainda sentado, as mãos dele, que estavam apoiadas na cadeira, se levantando brevemente, mas não conseguindo nem abraçar suas costas nem envolver os cabelos dela, oscilando ali um pouco antes de acabarem caindo e ficando ali penduradas.

Só depois de uns bons segundos é que lhe ocorreu que aquela figura complexa e linda em cima dele era a mesma figura que Fábio teve montada em cima dele inúmeras vezes. Isso de alguma forma reconfigurou toda a cena, pareceu carregar mais a situação, como se agora ela tivesse um outro vetor, um sentido. E agora Murilo estranhamente não teve qualquer dificuldade em tomar a cabeça de Letícia com uma mão e abraçá-la com força com a outra.

Ficaram dois minutos assim, sem falar nada. Ela chorando baixo e ele pensando no que dizer, sem encontrar nada. Até que ela de repente pareceu cansar, levantou subitamente para ir ao banheiro e voltou já fumando um cigarro, a expressão muito diferente.

— Você não sabe como é. Sério. As pessoas acham esquisito que eu não consiga superar, mas não tem como. Você fica tanto tempo com alguém, fica tão ridiculamente íntimo daquela merda daquela pessoa. Quando ela vai embora é como se tivesse ido um naco seu, sabe? Tem uma Letícia aqui que

só existia com ele, só existia nele, mesmo, né, sei lá. E ela acabou, puf, não tem mais. Ele matou ela junto, sabe? Levou ela junto com ele.

— Deve ser foda. Eu não sei mesmo como é. Nunca namorei ninguém.

— Eu sei. E como ele tinha ficado aqueles três meses aqui foi ainda mais estranho. Ele tinha acabado de voltar, porra. A gente ainda tava matando a saúde. Tava resolvendo várias paradas. E aí puf. Tchau.

— Ele ficou três meses morando aqui?

— Foi, ué? Cé não sabia?

Ela abriu um sorriso diferente quando falou isso, como se muito satisfeita de saber algo que Murilo não soubesse, e não tivesse qualquer intenção de escondê-lo.

— Aqui Estados Unidos ou aqui Nova Iorque?

— Numa cidade pequena bem aqui perto, esqueci o nome agora. Ele veio fazer um curso de inverno numa universidade super fodona aí, antigaça. Ele tinha tentado passar no mestrado lá e mais nuns dois outros lugares, mas não passou, aí veio fazer esse curso pago de três meses. Ca-ré-simo, aliás, eu sei porque olhei o preço pra ver se fazia também, mas meu pai tava p da vida comigo na época também, enfim. Ficou mais por lá mesmo, mas veio várias vezes pra Nova Iorque. Encontrei ele aqui por uma semana, mas mais no início, quando ele ainda tava bem. No começo tava gostando. No final foi que ele deu uma pirada. Mas assim, meio séria. Ele não te contou mesmo? A gente não tava bem, na época, tava bem distante. O que acho que colaborou. Pelo menos deixou a coisa ir mais longe do que devia, sei lá.

— Eu não sabia de nada disso.

Murilo pensou em tudo que a escritora da revista chique havia dito. E que ele tentava manter no fundo da cabeça desde então (sem muito sucesso).

— Ele não falou pra nenhum amigo assim mais, como eu digo? Com menos grana, mais fodido de grana. Ele tinha essas vergonhas besta, né? Me disse que ficou bem depois de voltar, que a coisa era só com os Estados Unidos, que esse lugar não fazia bem pra ele, não sei o quê. Mas ele deu uma pirada séria, nem terminou o curso. Mandou um trabalho todo esquisitão pro professor. Meio manifesto metido a besta. Palavras dele. Eu não passei da página cinco, pelo vocabulário doido. Ele mesmo morreu de vergonha já no dia seguinte. A mãe dele até foi visitar ele assim meio de emergência. Porque ficaram com

medo dele, tipo, fazer uma besteira séria.

Ela para de falar e fica calada por muito tempo, Murilo começa a ficar constrangido. Foi mais pra ter o que fazer com as mãos que ele abriu o laptop que estava fechado ali do lado e viu que tinha três e-mails novos da agente, todos enviados nas últimas horas. Ele abriu o primeiro.

É o seu pai. Parece que ele está no hospital): Parece que é bem sério.

Por alguns segundos ele ficou sem entender a conexão possível entre a sua agente e sua mãe. Foi aí que Murilo percebeu que não falava com a família tinha muito tempo, e que ela talvez não tivesse nenhum meio de contatá-lo (só depois descobriu que foi um primo do Murilo de Palmas, Arrigo, que procurou na internet e descobriu o número da agência).

Letícia saiu assim que ele explicou pra ela a situação, franzindo a cara e desejando o melhor. Eles ainda se abraçaram de novo, rapidinho, e Murilo ficou surpreso de perceber como o encontro havia lhe feito bem. Ele nunca foi de abraço com ninguém, não que se lembre. Ficou ainda uns dez minutos só olhando pra tela do computador até retomar numa aba abandonada há dias um site agregador de passagens de avião.

>

30.

<<

O estádio continuava pasmo quando o jogo acabou, mas o clima ia aos poucos assentando na normalidade. Os estrangeiros achando graça e tentando não demonstrar demais, os brasileiros sem entender ainda de onde tinha vindo a bigorna que lhes tinha atingido. As pessoas acumulando nos corredores em direção aos portões, tirando suas últimas selfies. E foi aí que começou.

Primeiro o telão ficou azul e depois exibiu um texto e uma série de imagens violentas da realidade brasileira com uns ruídos muito desagradáveis junto, depois um rapaz num vídeo de má qualidade fez um discurso vago de extremismo político do qual a grande maioria pareceu entender coisa alguma. O murmúrio no estádio foi aumentando de maneira insuportável. E ainda não tinham liberado a saída.

E aí os alto-falantes do estádio anunciam que houve um assassinato no estádio e que a saída será atrasada até a cena ser isolada pelos profissionais. E que o assassinato havia sido do jogador Jáder, que não havia sido convocado para a seleção, mas que muitos ali achavam que devia ter sido. O sentimento no estádio foi piorando ainda mais, o murmúrio ficando cada vez mais espesso.

Quando os pássaros começaram a descer no topo do estádio e a se acumular em cima dele foi que muita gente começou a vomitar. Os homens principalmente, mas algumas mulheres também. Uns nos outros, no chão. Muita gente começou a rezar. Famílias e estranhos se abraçando e gritando por Deus. Os gringos pareciam ainda mais apavorados, se acumulando nos cantos e cochichando entre si, os mais endinheirados tentando acionar amigos e invocar helicópteros.

Eram maxalalagás, macucos, inhambuguaçus, jaós, tururins, anhumas, irerês, mutuns de penacho, cabeças-secas, curicacas, urubus-de-cabeça-vermelha, urubus de cabeça preta, urubus rei, quero-queros, maçaricos de bico virado, maçaricos solitário, maçaricos de colete, combatentes, jaçanãs, corujas buraqueiras, orelhudas, jacupembas, mães da lua e bacurais.

E aí da grama do estádio começam a brotar umas protuberâncias escuras e peludas. Os pássaros e insetos de repente se avolumam, tantos, acumulados

em torno dos holofotes, que o estádio escurece um pouco. Os celulares, que já não tavam com sinal direito, todos param de funcionar por inteiro, desligando ou travando.

O fato de que insetos e pássaros parecem estar agindo em conjunto e formando espirais é notado com alarme por quem está em condições de notar coisas desse tipo.

No meio disso tudo, havia uma cabine VIP que ignorava quase tudo que se desenrolava, apesar de chegarem neles os ruídos. Essa cabine, uma das apenas cinco SUPERIOR PLATINUM do estádio, havia sido confeccionada de maneira errada, na pressa (era pra quem tivesse por dentro poder ver o lado de fora e não ser visto, mas do jeito que fizeram você era visto por todo mundo e não conseguia ver nada que estava lá fora).

Havia onze indivíduos detidos momentaneamente naquela cabine. Eles são: Sandra Bittencourt, desembargadora federal de Minas Gerais, o empresário agropecuário Cristiano de Oliveira, o financista Rodolfo Estrada de Cunha Cabral, o senador Jarbas Vasconcelos, o publicitário Nathan de Menezes Villela, o empreendedor da área de tecnologia Peter Thiel, o empresário e ex-deputado Douglas Cunha & Melo, o empresário do ramo do entretenimento Ivan Girard, a empresária do ramo farmacêutico Elaine Kruger, o procurador federal Nuno Gomes Bonsucesso e o advogado Ricardo Feitosa Pedrosa.

Enquanto a tensão aumentava no estádio, esses onze estavam detidos nessa cabine e, pelo que contam, discutindo uns com os outros. Alguns do lado de fora notaram, da parte da arquibancada superior que estava ali mais perto deles. Acenaram, uns mais bêbados que acenavam pra qualquer coisa, mas logo deixaram de prestar atenção.

Quando era mais ou menos 19h15, Renato caiu de algum lugar (ainda não sabemos de onde) nesta cabine, quebrando uma parte do teto de vidro e fazendo um estardalhaço, o que fez que muita gente no estádio virasse a atenção pra lá. Assim que viram Renato ali todo alquebrado sobre pedaços de vidro, três dos onze (logo seis, logo nove) começaram a espancá-lo, cortá-lo, mordê-lo. Ele acorda gritando e eles aumentam a velocidade e a intensidade até o esquartejarem por quase completo (a palavra, infelizmente, é essa). O corpo não parecia com nada no final. Boa parte do estádio em volta assistia atento como à conclusão de um espetáculo.

>>

31.

<

O vôo menos caro que Murilo conseguiu comprar tão de última hora foi um por Atlanta. Ficou tenso a respeito da situação do pai quando leu o e-mail, mas agora que já tinha feito o que podia fazer, a crise conseguiu se apagar um pouco da sua atenção imediata. Falou muito rapidamente com a mãe no telefone para avisar que estava indo, sentindo-se um filho bacana e agilizado, mas nem lembrou de perguntar direito o que é que o pai tinha. Ela própria falou que era câncer, mas não falou de quê. Válter nunca teve os hábitos mais saudáveis do mundo, mas não parecia alguém frágil, Murilo mal considerou a sério a possibilidade de algo de grave acontecer com ele. Fez uma nota no celular para se lembrar de perguntar melhor assim que chegasse.

Tinha cinco horas de espera no aeroporto de Atlanta. Depois de andar o seu terminal inteiro duas vezes verificando distraído as ofertas de comida, de revistas e de apetrechos úteis para viajantes, ele se sentou num braço mais aquietado do terminal, com portões que não estavam sendo utilizados no momento, suas projeções retráteis dando em nada lá fora (carrinhos, cones e equipamentos incompletos deixados num cimento sujo que devia estar impossivelmente frio).

Murilo havia lido um punhado de ensaios sobre não-lugares, lugares contemporâneos de fluxo e outros lugares-comuns do tipo, antes de se encontrar de fato numa zona de embarque internacional. Consegue recuperar vagamente da memória algum teórico de prosa pomposa descrevendo aeroportos como ambientes vazios e desumanizadores. Mas ele se sentia tranquilo ali, num canto onde ninguém o incomodava, entre mundos, uma tomada para ele ligar o seu computador e escrever duas páginas sobre aquela própria situação, aquele momento, numa tentativa muito direta de se fixar, de inscrever sua presença naquele lugar tão abstrato e protocolar, seus cotovelos se fincando nos apoios da cadeira num esforço material de dizer para sabe-se lá que forças que ele, Murilo, está ali, sim. Ao mesmo tempo que está em caminho pra casa.

Ficou bem encucado com a coisa que a Letícia falou sobre esse tempo que Fábio teria passado em Nova Iorque logo antes de morrer. Como que o amigo não tinha contado pra ele na época? Pensou que devia ir atrás disso na conta. Primeiro veio aquilo tudo que a turca-americana tinha falado, depois isso da

Letícia. Será que ele tinha entendido errado a morte do Fábio? Será que tinha alguma coisa a mais pra entender ali?

Usando o Wi-Fi do aeroporto, Murilo procura na conta de Fábio o nome da universidade e encontra, de fato, diversos e-mails de lá relacionados ao curso. Tinham ficado soterrados na quantidade absurda de spam e informes sortidos que ele recebia dos lugares mais diversos e nunca deletava. Além das várias rejeições (Murilo veio a descobrir) de revistas norte-americanas acumuladas ao longo do ano.

Depois de revirar rascunhos que nunca tinha lido, Murilo acha que encontrou algo do período que a Letícia tinha descrito. Assim que ele começa a ler, uma agonia começa a lhe formigar os membros.

>

32.

<<

Eles levantam Laurivan do chão e o colocam em dois solavancos direto no camburão, onde já havia dois outros moleques algemados. Ninguém fala nada. Abafado como o suvaco do capeta. Só depois de alguns minutos um deles diz algo.

— Rodou com quê? Tu nem tava com a gente.

Laurivan demora pra entender que era com ele. Tenta responder que de fato nem tava com nada, só tava perto demais ali na hora, mas que os caras não acreditaram. Ou não tavam nem aí. Sua voz não sai direito. Sai só um barulho, um muxoxo desmaiado, indistinto. Acaba imitando o outro e afundando logo a cabeça entre os joelhos. Ela ainda zumbia da porrada no ouvido que havia levado do PM quando foi ganho. Não era a primeira vez que levava uma porrada, mas era a primeira vez num camburão. Já tinha tomado dura e baculejo algumas vezes, mas nada mais forte. Chegou a ser levado no ano anterior a uma delegacia pra depor depois de uma confusão numa casa noturna no centro. Não tinha feito nada na briga (que começou com um playboy virando um taco de sinuca nas costas de uma travesti e terminou com uma facada), mas ainda assim ficou tão nervoso na hora de depor que não conseguiu falar. Ficou empacado e gaguejando até do nada desembestar a falar uma série de palavras com a letra T na ordem que lembrava do dicionário. Riram da cara dele por uns cinco minutos sem parar. Chamaram gente em outras salas pra contar e riram de novo. Pediram pra ele repetir, e ele repetiu, dessa vez mais devagar, para renovadas ondas de hilaridade. Laurivan não conseguiu dizer coisa com coisa antes de tomar dois copos d'água em dois goles. Pelo menos o acharam inofensivo, depois disso, e no final deixaram ir embora.

Mas dessa vez Laurivan sabia que tinha rodado de verdade. Suas mãos e pés ficaram frios rapidinho. O carro ficou no trânsito uma hora e pouco, o calor acumulando num forno. Laurivan conseguia ouvir de leve os policiais conversando e rindo na frente, mas não distinguia as palavras. O rádio do carro tocava “The Rhythm of the Night”, e o grave ressoava ali dentro pelo metal quente.

Chegaram no CDP já de noite e logo tomaram o nome de todo mundo

numa sala apertada, um agente entediado no computador zoando o penteado de um, a roupa do outro, num tom que ele próprio parecia achar que era amigável, apesar da rispidez largada. Laurivan teve o instinto imediato de corresponder à simpatia agressiva, com medo instintivo de desagradar, mas quando viu que os outros ali só fechavam a cara, tentou imitá-los. O cara falou que o depoimento de verdade seria depois, que não tinha ninguém pra redigir hoje, e o sistema tinha caído. Mas ele já ia anotar ali no caderno pra depois registrar direitinho. Todos começaram a relatar como foram presos, mas o oficial interrompia todos os relatos, duvidando deles, e não deixava terminar nenhum direito. Não parecia anotar quase nada além duns rabiscos. Depois chamaram o cara que estava dando entrada para fazer outra coisa e não perguntaram mais nada, só levaram os três pra cela. Tinha mais de quarenta pessoas ali num espaço feito pra no máximo dez. Braços pra fora das grades, colchões muxibentos com cheiro de mijo sendo divididos por cinco ou seis. Pernas em cima de braços em cima de pernas. Muitos dormiam sentados na mesma posição desativada do camburão, cabeça entre os joelhos e uma carapaça de cotovelos, encaixados em outros corpos para ocupar o mínimo espaço possível.

Laurivan nunca se achou agoniado com espaço, foi se acostumando rápido com arranjos precários de moradia e com dividir casa com muita gente desde que saiu da casa do pai. Não se importava com algum calor humano e há tempo não tinha tanta privacidade, mas a contrição imediata que lhe veio naquela massa suarenta de homens cercando ele, o sentimento de não ter pra onde ir, não ter nem como esticar o corpo todo, isto tudo logo se apresentou como insuportável. E no entanto teria que ser suportado por semanas, meses daquele jeito. Anos? Eles tavam em agosto de noventa e oito. Quase fechou os olhos, mas tentou endurecer o rosto. Tentou sentar para encarapaçar de novo nos cotovelos, mas não tinha espaço. Todos já estavam armados nos seus cantos, ou encolhidos ou estirados numa posição cuidadosamente montada. Mal tinha espaço para ficar em pé direito sem peitar ou roçar alguém. Nem começou ainda. Ainda é o começo do começo. Ele devia ficar feliz que ninguém quis mexer com ele ali na hora. Tava quente e abafado demais, também. Todo mundo tava sonolento e desmaiado duma mesma pasmeceira.

Laurivan vê um homem magricelo se levantar de um bolo de gente, pegar um balde e ir para os fundos da cela, pisando cuidadosamente para evitar cabeças e pernas. O lugar todo é escuro, fora duas lapas de sol que chegaram

perto do corredor e da grade. O fundo é o único canto que não está apinhado de gente, e dele não se vê quase nada, é só quando o homem joga o balde vazio no chão que Laurivan ouve uma massa de ratos se espalharem. O homem abaixa o short e mija no chão, onde parece haver um ralo soterrado por detritos cabeludos diversos.

Laurivan fica nessa cela por oito meses, até ser julgado. O promotor, o defensor público e o juiz conversaram na sua língua ridícula com a maior calma do mundo, no ar-condicionado. Começa a audiência pra valer e o juiz pede para que ele explique o que ocorreu, ele diz que era inocente, que conhece gente que vende, mas não vende ele mesmo, que até já usou, mas não gosta, e que no dia não tava com nada. Que os PMs tinham pego um saco no bueiro e falado que era de todo mundo ali. Que pegaram dois dos moleques e foram caçando outros, que tinham lhe pegado de brinde. Que ele nem andava com os outros que foram presos. Ele mal entendeu sua própria condenação, seu sentido transpareceu mais pela expressão severa do juiz, um homem neutro e ausente de óculos azuis arrojados cujo pescoço mole retesava só na hora de condenar. Afasta-se a possibilidade de ser enquadrado como usuário pelas circunstâncias relatadas pelos policiais, cujo testemunho se lê cristalino nos autos, e cuja fé pública se desdobra naturalmente de sua função. A postura solicitante do réu num cruzamento conhecido por ser um antro de criminalidade local já seria mais do que suficiente bastante para configurar o animus deliquendi. O fato de não ter domicílio justificava, por óbvio, a manutenção da prisão provisória até aqui. É como decido.

Num ritual macabro, os homens decidiram a vida de Laurivan sem nem lhe informar em língua portuguesa corrente o que se passava ali na hora. Ele olhava para baixo, para os próprios pés, tentando ao máximo parecer penitente, enquanto xingava na cabeça o juiz e o promotor e suas mães de tudo de pior que já ouviu na vida. Imaginava os dois amarrados e olhando pra ele com cara de medo. A pena foi dosada e sentenciada com a gravidade de quem divide uma conta barata de almoço com colegas de trabalho. Laurivan passaria três anos em regime fechado por tráfico de entorpecentes. Poderia ficar menos se se comportasse direitinho. O defensor ouviu a sentença chateado, mas claramente nada surpreso. Todo mundo ali parecia mais enfasiado do que qualquer outra coisa, checando o horário no celular, ansiosos pela hora do almoço.

Num oferecimento ainda da guerra às drogas, iniciadas valentemente

por Richard Nixon, em versão latino-americana mais extrema, dublada em brasileiro, Laurivan ficou depositado como carne rançosa num presídio estadual com quatro vezes a ocupação legalmente prevista por dois anos e seis meses. Sob os cuidados da custódia penal paulista, Laurivan foi violentado por um homem, surrado por mais uns tantos (agentes públicos e privados), queimado com cigarros e esculachado de forma mais ou menos generalizada.

Passou fome e dor de dente, teve infecções e lacerações anais e intestinais. Seu cu arregaçado coçou sem interrupções por mais de três meses. Toda noção prévia que ele tinha de conforto e espaço pessoal, que já tinha se arrombado um tanto depois da adolescência (depois de pegar carona pelo Nordeste e morar no Rio nas condições e lugares mais diversos) foram radicalmente reconfiguradas nas primeiras semanas ali dentro. O arrombamento de ontem se sucedendo em sucessivos arrombamentos amanhã, de camadas e funduras que ele nem sabia que tinha. Como não tinha família que lhe levasse produtos de higiene, também precisou depois de alguns meses começar a contrair dívidas com grupos lá dentro para poder arrumar pasta de dente, escova e sabonete. Os códigos internos e as galerosidades daquele lugar não eram fáceis de decifrar, de início, mas aos poucos algumas amizades iam brotando e lhe ajudando.

Laurivan logo conheceu lá dentro um argentino de mãe brasileira chamado Emanuel, que lhe falava de muita coisa que ele jamais havia ouvido falar, num portunhol todo misturado e esquisito, começou a aproximar dele todo um vasto vocabulário que antes parecia só distante e inalcançável (daquelas palavras que mais o incomodavam, as que o dicionário sozinho não bastava para explicar o que era; que sempre se remetiam a outras palavras ainda mais cabeludas). O presídio tinha a biblioteca mais mal fornida e aleatória que se pode imaginar, um quarto abafado que ficou por anos fechado por falta de edital para bibliotecário e que só reativaram por insistência de um professor da escola do presídio (que limpava e organizava a sala ele próprio). Cheia de manuais de direito administrativo e volumes repetidos do Monteiro Lobato, além de uma cópia curinga do Naufrágio do Deutschland em versão espanhola.

Fez amizade com alguns companheiros de pavilhão ali que viraram seus irmãos (Denner, Lúcio, William). Descobriu com eles os Racionais Mcs, Sobotage, Cirurgia Moral e outras pedradas. Sentiu irmandade e comunidade de verdade pela primeira vez na sua vida fora da televisão. Viu alguns destes

irmãos morrerem nos meses seguintes, um de pneumonia, outro de facada no bucho. Passou a virada do milênio na cadeia, o que achou uma desgraça (desde criança ele ansiava, sem saber porquê, a chegada do ano 2000).

Descobriu (a contragosto, a princípio, mas acabou que descobriu) que não sentia prazer só com corpo de mulher. Que pinto era bom de chupar, e que até a dor de tomar no rabo podia ser boa demais, quando administrada com carinho (geralmente no silêncio e no escuro). Só não enlouqueceu de desespero ainda no primeiro ano pelos analgésicos, os de sempre, que ele já conhecia, e os mais extremos, particulares àquele lugar. Descobriu, principalmente, que ninguém sabe nada de nada até sentir dor na vida. Dor de verdade. Que se venha das tripas ou se te quebrem de fora. Ninguém sai da vida intacto, não tem jeito. E que qualquer um – que todo mundo a quem isso eventualmente chega – se redescobre e se desdobra em mil folhas que não sabia e nem sonhava que tinha quando enfim chega a sua própria hora de sobreviver no inferno.

>>

33.

<

“Desde que eu cheguei aqui que umas coisas foram mudando com cada vez mais rapidez. O fato de estar num lugar desses finalmente, uma universidade pica dessas, me deixava excitado, ainda que eu só tivesse lá porque tava pagando a porra do curso (caríssimo, caça-níquel) de verão, e não porque eu tivesse sido aceito no programa. Queria aproveitar aquilo como uma oportunidade de provar pra mim mesmo que eu conseguiria desempenhar num lugar desses, se fosse atrás de verdade. A biblioteca me deixou de pau duro a primeira vez que eu entrei, e de repente também com vontade de mijar, como eu ficava em loja de quadrinho quando era criança.

Na primeira semana que eu peguei beque (de um cara aleatório num parque em Boston, porque não conhecia ninguém), a segunda coisa que eu fiz foi fumar um e ir pra lá, ficar passando por aquelas estantes repletas e pensando nos quilos desnecessários de linguagem se acumulando como plástico no mar. Comecei a ler e a começar a declamar poesia em voz alta, em inglês e em português, quando tava sozinho em casa ou no mato. Coisa que eu nunca fiz antes, que sempre que eu tentava antes me parecia bem ridículo. De repente eu me via me investindo de corpo inteiro nas coisas, tentando imprimir em mim mesmo aquela cadência do jeito que ela acontecia de cair, ao invés de ficar o tempo todo olhando pra mim mesmo e pra pose que tava implicada naquilo que eu consumia. Um bando de coisa que nunca fez tanto sentido pra mim (Shelley, Racionais) de repente reverberava de toda a energia do mundo. Eu tava bem exaltado, digamos assim.

Isso durou um dos dois meses. Depois de umas duas semanas fumando demais e tendo horários muito erráticos de estudo por causa disso, estabeleci uma regra de só fumar o primeiro baseado depois de 6 horas de estudo ou escrita. Isso funcionou muito bem. A vontade de fumar me fazia sentar e estudar o mais cedo possível, e o mais concentrado, pra que as seis horas terminassem logo. Depois de duas semanas, seguindo o conselho do Jorge, o meu amigo dominicano de olho baixo e conhecimento enciclopédico de drogas e engenharia, disse pra eu experimentar adderal (nossa querida amiga ritalina), e que tinha um contato.

Comecei a tomar, às vezes amando às vezes odiando o efeito dela

combinado com maconha, um foco disperso paradoxal que às vezes permite ler poesia por duas horas seguidas, às vezes só te deixa com uma consciência muito intensa da concretude do que tu tá fazendo (fico sentado olhando pra uma folha de papel pensando que eu estou sentado olhando para uma folha de papel num prédio cheio de estantes com outros maços de folhas de papel enfileiradas, ao invés de só ler o troço e pronto).

Eu tava bem produtivo esse período, apesar de começar um texto novo a cada cinco dias sem terminar a maioria, eu também consegui terminar os trabalhos necessários para o curso e escrever uns contos dos quais eu gostei mais do que costumo gostar. E tava sem me preocupar tanto com comer alguém novo ou beber ou tomar mais outras coisas, como costumo ficar direto. O beque e a ritalina tavam bastando. Não só tavam bastando, há muito tempo eu não tinha mais uma coisa tão forte com beque, já tinha virado um anestésico (e um que nem funcionava direito). Mas lá, não sei se porque o beque era melhor, se era porque eu não podia fumar em qualquer lugar na rua, como faço no Brasil, e eu tinha que fazer mais rituais em torno. Só sei que a coisa batia de todo um outro jeito, eu comecei a ter uns sentimentos místicos muito fortes e que eu ainda assim conseguia entender nos sentidos mais literais e materiais do mundo.

De como a gente, todo mundo, queria alívio e refúgio dessa prisão do domo da nossa cabeça, queria se sentir conectado com forças maiores do que nós mesmos porque ninguém aguenta viver encerrado num nome e num corpo. Mas a mentira é essa, que a gente seja uma coisa só, ou que a gente seja inteiriço. A gente é sempre uma massa misturada ao meio, uma galera permeada de todo o resto, mesmo depois de cortarem o cordão. Eu fumava e lia os trem e sentia o mesmo sentimento que eu tenho desde moleque, de ser só um elo numa cadeia infinita, mas o que vinha com isso não era agonia nem angústia, como sempre tinha sido, era alegria, uma alegria concentrada e desembastada. Eu não era nada e isso era maravilhoso. Era a melhor coisa do mundo. Admitir isso fazia a ideia de morrer um dia doer um pouco menos, pelo menos pra mim.

Eu reli o Dao, li o Livro Egíptico dos Mortos e o Bardo Thodol, lia em voz alta os trechos que deviam encantar os membros do corpo e as instruções para te preparar para encarar as hordas de demônios que todo mundo carrega consigo, a onda que se faz e se desfaz, a parede que sai da parede. Eu era o amor da cabeça aos pés e enchia minha boca o dia todo com as palavras dos mortos.

Mas aí as coisas começaram a tremer nas bases. Começou no dia do meu aniversário, se não me engano. Eu vi umas coisas escritas com giz no chão perto do refeitório e eu achei que era uma mensagem pra mim. Isso porque a mensagem de giz começava falando HITCH e eu estava usando uma camisa do Hitchcock no dia. Uma camiseta surrada e furada num canto que eu tinha desde menino, e que era talvez minha camisa favorita. O mestre maior do controle onisciente com um charuto e um pássaro, comprada na Galeria do Rock em SP (toquei fogo nela junto com livros e outras coisas dentro de um balde, uma semana depois disso).

Depois fui entender que ‘Hitch’ era só o nome de um prédio da universidade de que eu não conhecia na época. A mensagem falava 22:00 e mais umas siglas que eu não lembro, mas que eu interpretei como querendo dizer o cemitério. Fui para o cemitério na hora indicada certo de que encontraria alguma coisa (ainda que parte da minha cabeça também estivesse rindo e falando ‘claro que não vai, deixa de ser idiota’).

Já tinha estado no cemitério com o Jorge e mais dois amigos pra fumar um, mas a gente ficava sempre perto da entrada. Dessa vez eu fui penetrando fundo no cemitério (que era de 1700 e tanto), iluminando as tumbas com a lanterna do celular enquanto ouvia Arnaldo Baptista – Bomba H sobre São Paulo.

(Olha as ideia)

Foi quando eu vi na folhagem o que parecia ser um caminho feito recentemente. Numa cerca viva alta e muito densa emaranhada de galhos marrons tinha uma interrupção abrupta que dava a aparência quase de um arco de entrada. Quando vi isso me veio uma certeza estranhíssima de que alguém tinha feito aquilo pra mim, de que eu me encontrava num território de jogo, de repente. Dentro de um trajeto motivado e pré-armado.

Tirei os fones que eu tava usando e falei, não muito alto, em inglês

Quem tá aí?

Mas não tinha ninguém, claro (além dos mortos todos). Continuei andando no caminho e percebi que chegava por lá na outra ponta do cemitério, que até então eu achava que não se conectava com a primeira. Aquele era um caminho normal do cemitério, então, e não uma coisa adicionada pra mim.

(Óbvio)

Mas a sensação de que tinha alguma coisa escondida espreitando pra que

eu descobrisse continuou. Minha cabeça alternava entre supor uma conspiração séria ou uma pegadinha besta feita por amigos. Na semana seguinte, quando eu tava escrevendo sobre Ulysses pra uma aula, encuquei que eu não podia voltar pra casa antes das 5 da manhã. Que se eu fizesse o trajeto correto durante o dia, eu encontraria alguém (ou alguma coisa) esperando por mim em casa. Não consigo mais recuperar exatamente o rastro de associações que me fizeram chegar nisso. Mas envolvia uma sala de leitura pequena e simpática que ficava na torre do prédio da biblioteca, onde eu tava relendo algum trecho da cópia que eles tinham de Ulysses e encontrei dentro uma folha com uma matriz e um mapa rudimentar do Campus desenhado com alguns asteriscos. Eu peguei aquilo tremendo, crente que era pra mim (só pelo fato de que eu tava lendo o livro naquele exemplar tinha umas semanas e que alguém que me perseguisse poderia, então, saber que me alcançaria deixando um papel ali, claro; Naturalmente).

Justapuz o mapa rudimentar com o mapa do campus no meu computador e entendi onde ficavam os asteriscos. Um era a biblioteca onde eu tava, outro era um dormitório que eu não conhecia e o outro era bem perto da rua onde ficava o meu dormitório. Eu peguei isso e os números e fui derivando de algum jeito itinerários que eu tinha que fazer, traçando a pé desenhos no mapa do campus que passavam pela aranha da Louise Bourgeois (porque claro que sim) na entrada do museu, davam a volta perto do cemitério e depois voltava pela rua das fraternidades.

Eu cochilava umas estiradas de quarenta minutos aqui e ali, mas não ia mais pra casa antes das 5h, tendo aula às 9h. Fiz isso durante uns quatro, cinco dias pelo menos. Chegava exausto em casa e, embora risse de mim mesmo, quando a mão tocava a maçaneta para entrar no quarto o sentimento era tanto de pavor quanto de êxtase.“

>

34.

<<

Depois daquilo, Tamires e Simone ficaram três anos sem se ver. Ainda conversavam com alguma frequência, mas Tamires tentava resistir um tanto, sabendo que era melhor não alimentar um negócio que não tinha como se concretizar de verdade. Tinha sido idiota de achar que aquilo podia ser real, já tinha tido a sorte de viver aqueles dias com ela, devia se acostumar com a ideia de que a melhor coisa da sua vida já tinha começado e acabado.

Por quatro vezes as duas fizeram sexo virtual. Tamires ficava impressionada com a maneira com que Simone conseguia se mexer e mexer a câmera, toda performática, a visão girando pra lá e pra cá para melhor enquadrar o seu corpo arquejando contra a almofada. O tesão que Tamires já tinha tentado engarrifar ficava explodindo pelas fissuras. Mas além dela se sentir desajeitada e enorme de gorda (ainda mais com a tela do computador mostrando no canto aquilo que Simone tava vendo, algo que a realidade sozinha tinha a decência de nos esconder na maior parte do tempo), era como se aquela comoção toda só piorasse ainda mais a saudade. Era uma aproximação de mentira que dava algum prazer na hora, mas que tornava depois a distância ainda mais insuportável do que ela já era. Aquela presença que não se decidia onde tava, a tela que fingia ser pele, mas que não era (mas nem de longe) pele.

Alguns meses depois da sua visita, Simone tinha melhorado de saúde. Tamires passou a achar que aquilo tinha simplesmente sumido, que era como uma perna que você quebra, põe no gesso, espera sarar e depois sai correndo tranquilamente como se nada tivesse acontecido. Nunca perguntava da saúde dela, se andava fazendo exames, nada disso. Tinha acompanhado de longe o momento mais pesado do tratamento e sabia que o negócio era bem debilitante, só de imaginar suava frio. Pensar na Simone passando por aquilo era absurdo, ela que era a alegria em pessoa, quando tava bem.

Em 2005, Tamires estava com vinte e dois e tentava engatar uma carreira tímida como ilustradora. Ainda morava com os pais, mas conseguiu uns contatos com amigos de internet, depois de postar uns trabalhos no tumblr, e foi aos poucos arrumando um ou outro trabalho publicitário que pagava mal pacas. Mas pagava. Foi quando chegou um e-mail da Simone que lhe deixou pasma:

CONVITE ABSOLUTAMENTE IRRECUSÁVEL

Venha para OURO PRETO a partir de JULHO. Venha de mala e cuia. Se não vier eu vou aí te sequestrar, e depois te mato.

Com amor,

S1m0n3

Como assim? Como assim mala e cuia? Ela perguntava pelo chat, mas Simone não respondia, apenas falava, em caixa alta, VOCE TEM TODAS AS INFORMAÇÕES DE QUE PRECISA OK DESDE JÁ OBRIGADA

Isso em maio. Ela antes de sequer pensar demais comprou uma passagem de ônibus com um dinheiro que não tinha. Foi se preparando para contar para os pais, mas acabou se despedindo deles só em julho, de um jeito críptico. Eles conseguiam ver o que tava acontecendo, viram o tamanho da mala dela e os sacos. Pareciam tristes, mas a relação era travada o bastante para que ninguém soubesse o que dizer. Gostavam de Tamires, ela sabia, mas a filha sempre foi tão estranha pra eles que eles não sabiam o que fazer dela, não sabiam como conversar, não entendiam nenhum dos seus interesses. Ela nunca tentou fingir que era a filha que eles queriam, e eles nunca chegaram a puxar a orelha dela por causa disso diretamente. Nunca disseram nada. Mas ela não gostava da sensação de se sentir uma decepção.

Quando chegou em Ouro Preto, chorou de felicidade antes mesmo de sair do ônibus. Quando encontrou Simone, antes que aquilo pudesse preenchê-la até as pontas dos dedos, notou que ela estava de gorro, e que nenhuma mecha do cabelo dela tava visível. Em meio-segundo entendeu. A doença tinha voltado.

Simone não tentou esconder. A família tinha uma casa lá que era da avó e que a mãe e os tios usavam nos finais de semana desde que ela morreu. Assim que chegaram na casa ela explicou direitinho a situação.

— Segundo me dizem, eu tenho na melhor das hipóteses mais uns onze meses de vida. Quando descobri isso falei pros meus pais que eu ia morar com você aqui, e que se eles quisessem poderiam me visitar uma vez por semana. Minha mãe chorou sangue, quebrou coisa e e tentou discutir, meu pai entendeu imediatamente pelo meu tom que eu não tava brincando. Fiquei dois meses com eles arrumando umas coisas e me despedindo de BH, além de fazer umas últimas consultas e testes por desencargo de consciência, e por

insistência da minha mãe.

Tamires não sabia o que dizer. O melhor dia da sua vida tinha se tornado no pior com uma rapidez lancinante. Perguntou se o diagnóstico era definitivo e ouviu que era, sim. Talvez ela vivesse mais um pouquinho se morasse no hospital, mas ela não queria morar no hospital. Ela já tinha passado os primeiros meses daquele ano no hospital.

— Eu quero passar o resto da minha vida com você, Tama. Pena que isso nem soa tão romântico, quanto não dá nem um ano direito, né?

O fato de que elas tinham um prazo de validade tornava tudo muito urgente. Praticamente não brigariam nenhuma vez nesse tempo todo, sempre que uma esboçava essa possibilidade a outra fazia uma mesma cara de “sério mesmo?” que desmontava a situação, as duas começavam a rir, ou a chorar. Muitas vezes os dois.

Quando conseguiu emplacar uma série de desenhos num livro educativo que lhe rendeu mil e quinhentos reais, Tamires se sentiu a coisa mais poderosa que já existiu. O pai dela fazia aquilo num mês. Mandou um e-mail para a família contando e recebeu de resposta diversas imagens de gatos e bebês vestidos de flores falando de sucesso e garra, da mãe, e uma série de pontos de exclamação e sorrisos (!!!!!!! (...)) (: (: (: (: (: (: ;), do pai.

Ela gostou de Ouro Preto, que era pequena e, ao mesmo tempo, tinha uma universidade e tava do lado de BH. Um ótimo meio termo entre o mato e uma cidade enorme. Simone diz que não queria ir muito pra BH, mas o entusiasmo de Tamires com a ideia de repetir algo daqueles primeiros dias que as duas haviam tido juntas convenceu Simone a marcar uma ida no final de semana seguinte. Elas caminham o dia todo, Simone fica mostrando as igrejas e os prédios todos e dando muita informação sobre a construção e a história toda do seu uso. Tanto o pai quanto uma prima eram arquitetos e ciosos da história mineira, já tinham dado aquela mesma aulinha várias vezes em viagens e almoços de família. Ela dava a versão comprimida e provavelmente meio errada em detalhes, de Aleijadinho e o ciclo de ouro e tudo mais, mas dizia que a dela era bem mais divertida de ouvir, com certeza.

Tamires achava os prédios bonitos, tava tão embasbacada por tudo que se passava que também se encontrava muito receptiva de uma maneira geral à possibilidade da sua nova cidade se revelar, de fato, como o lugar mais bonito que existia. Mas quando Simone mencionava algum detalhe arquitetônico ou

cultural relacionado à escravidão ela de uma vez via aquela lugar todo com um rastro de algo feio, feíssimo. Sem redenção possível presente ou futura. Pensa em alguma maneira suave de dizer isso, mas percebe o entusiasmo da Simone lhe contando aquelas coisas e desiste. Simone ela mesma já tinha admitido a “onda ruim” que dava lembrar daquilo, mas tentava desviar esse sentimento ressaltando o aspecto de criação popular coletiva que havia ali no meio, uma força explodindo naquelas bordas. Tamires só aceitava aquele argumento até certo ponto. Mas, no fim das contas, a pessoa que ela amava parecia só contente da vida com a existência daquele prédio em suas curvas líquidas e rijas ao mesmo tempo, impossíveis, mas bem ali diante da nossa cara, naquelas calçadas íngremes com as casas mudando de nível a cada número, as pedras molhadas da mata úmida em volta, de uma névoa que parece querer se esparramar nos morros. Não seria difícil ignorar aquele retrogosto e aproveitar aquela beleza por alguns meses, pelo menos. Depois ela deixaria a onda errada baixar. Naquele momento, tudo parecia pulsar junto com aquela vontade de viver ao máximo o tempo que ainda tinham juntas.

>>

35.

<

Murilo fica grato de conseguir sentar perto da janela. No pequeno punhado de vezes em que esteve num avião, nunca conseguia tirar totalmente da sua cabeça de que estava num cilindro complicado com uma série de estruturas trabalhando para manter tudo voando. Nunca conseguia esquecer e simplesmente assistir um filme, ou comer o macarrão sem graça, sem ter a todo tempo consciência de que estava fazendo tudo isso dentro de condições estranhíssimas.

A certeza de que em algumas horas estaria em casa, no Brasil e em Brasília, deveria ser reconfortante, mas agora o fato de que está viajando para encontrar seu pai doente, internado no hospital, chega com um peso maior pela primeira vez. Encontrar esta cena não era exatamente uma perspectiva animadora, tão melhor do que aquele momento. E agora que ele também está sentindo mais desconforto do que costuma sentir no dia-a-dia, Murilo se pega pensando de verdade pela primeira vez na possibilidade, afinal bastante grande, de que seu pai esteja sentindo dor naquele momento. Talvez muita dor. Bem, com certeza, ele não está.

A cada dez minutos em que Murilo tenta dormir e não consegue, reinicia-se uma mesma alça de ansiedade, suas pernas ali toda hora instando nervosamente na contenção da parede e do banco à sua frente, sua mochila no chão oferecendo uma resistência inoportuna, a impressão estranha e súbita de que ele iria morrer. Não agora, ela não derrubava a relativa certeza estatística de que estava bastante seguro naquela situação. Mas apenas a certeza de que ele iria morrer algum dia. De que é isso que ele estava fazendo no momento, era isso que tudo está fazendo, sempre. Já passou dos trinta, já cresceu o que tinha pra crescer, agora só tá decaindo e morrendo, fazendo ensaios diversos para morte. Quer ir ao banheiro, se levantar, fazer o sangue circular nas pernas, uma voz sensata da sua cabeça sugere que aquela inquietação metafísica seria largamente estimulada pelo seu sustentado incômodo físico nas últimas horas e pela certeza chata de que esse estado perduraria ainda por mais algumas. Mas tinha vergonha de acordar o senhor ao seu lado, que parecia ter tido tanta dificuldade de dormir e que parecia agora totalmente apagado, talvez sonhando, o seu rosto de meia-idade desativado

numa expressão que parecia quase morta.

E, no entanto, as entranhas lá dentro deviam estar metidas em fantasias fundas. Mesmo o seu pai, dopado no hospital, devia estar sonhando com algo.

Murilo quase nunca mais se lembrava de seus sonhos. Teve alguns anos uma fase relativamente longa de perseguir sonhos lúcidos, lendo na internet sobre técnicas que você pode dominar, os pequenos macetes que te dão a habilidade de habitar aqueles cenários fantásticos com a sua vontade. E até conseguiu um pouco, depois de meses insistindo, começou a ter sonhos lúcidos com frequência, montava e desmontava mundos segundo sua vontade. Mas a sua imaginação nunca conseguia se divertir de fato nas cenas fantásticas que ela própria conjurava, piratas, ninjas e torres medievais ligadas por pontes mambembes rapidamente sumiam, os figurantes desistindo do que estavam fazendo. Sua mente acabava tendendo pra imagens mais verossímeis, vidas possíveis, ainda que não suas, cenas prosaicas de gente andando nas cidades de primeiro mundo que ele sempre quis conhecer, tendo momentos lindíssimos com homens e mulheres elegantes diversamente configurados como amigos e companheiros de status sexual indeciso, recebendo a admiração de inúmeras pessoas em ambientes que pareciam tanto acadêmicos quanto midiáticos, publicando livros, dando palestras, sendo uma versão muito mais bonita, viável e atraente de si mesmo e não essa coisa disforme e aquietada que ele era (o mero fato de a nossa vida ser essa aqui, e não qualquer outra).

Murilo nunca conseguia acreditar nas próprias fantasias sonhadas, por mais vívidas que elas fossem, e olha que a sua imaginação conseguia figurar as cenas com muita vividez visual, muita precisão e acurácia a ponto de impressionar a si mesmo (um fenômeno que ele nunca conseguiria entender como era possível, através de que mecanismos). Mesmo quando as cenas vinham em alta resolução, sempre sabia que eram apenas configurações conjuradas por ele e pra ele, e isso desmontava a graça de tudo. Tentou por um tempo treinar para criar sonhos onde conseguisse enganar a si mesmo, mas a complexidade retórica do negócio resultava apenas em pesadelos ansiosos e esquisitos, onde ele desmascarava a si próprio repetidas vezes, revelando o Mágico de Oz por trás das cortinas e alavancas, a coisa toda escalando numa bagunça tão densa que acabava por acordá-lo, além de deixá-lo com uma gastura que ele tinha que acalmar indo tomar água gelada na cozinha, estalando todos os dedos com calma, certificando-se no espelho

que sonho e realidade não estão na mesma sala (uma coisa era uma coisa, outra coisa era outra, afinal).

>

36.

<<

Como já falei, foram 11. Nem mais, nem menos. A maneira com que praticamente todas as coisas são feitas no Brasil é inteiramente inaceitável, me parece.

Estou em casa sentado numa cadeira de plástico dessas brancas e curvas que têm em todo lugar. Temos várias dessas aqui em casa, que geralmente ficam no banheiro da área de serviço empilhadas uma em cima da outra, como aquelas batatas fritas mais chiques que vem num tubo, suas curvas em ondinha cabendo direitinho em todas as outras curvas em ondinha.

Isso porque são feitas industrialmente, de modo a se repetirem com perfeição. Provavelmente com técnicas e aparelhos importados. Se fosse um brasileiro de fato a fazê-lo, sairia certamente torto, como diria o meu atual chefe (por quem tenho, aliás, nada além do mais alto apreço).

Quando criança eu gostava de esmagar crânios de gatos recém-nascidos, assim como desmembrar insetos utilizando, no mais das vezes, uma régua escolar. Animais não são nada, na minha opinião, apenas pedaços de coisas que se agitam e andam por aí. Burros e sujos. Quem traz pra dentro de casa um cachorro ou um gato ou um porco e o trata feito gente comete uma enorme barbaridade. Beijam na boca, ainda por cima, e têm suas pernas encoxadas. Isso tudo influência do Esquerdismo, que amolece as pessoas nesse sentido e em tantos outros. Não faço mais essas coisas, mas às vezes sonho que estou colocando meu braço num moedor de carne. Não é exatamente um sonho, se for pra ser preciso. É mais um devaneio, quando a gente tá ocupado com alguma coisa e a cabeça vai ficando meio no automático, mas um bastante vívido e involuntário como um sonho. Não parece doloroso, eu vejo a carne saindo rosa em tirinhas e toda mole, vou enfiando o braço até chegar no ombro. É uma imagem que sucede de forma agradável, como aquelas que apareciam na tela dos computadores antigos quando você deixava ele quieto por muito tempo, de formas geométricas que ficam dobrando e se desdobrando umas nas outras.

Tudo no Brasil é mal feito, pouco sério. Por causa da nossa colonização ibérica, só funcionam aqui as máquinas que a gente já compra feitas, de outros

lugares, é só ver. Os nomes são sempre estranhos (Samsung, Hewlett-Packard etc), e os insumos voltados para os seus lugares de origem, de modo que continua a prosperar a nossa preguiça e a ineficiência.

Eu estou no momento tomando ditado do senhor Desembargador Bulhões de Carvalho Feitosa. Ele é muito devagar, tanto na confecção do raciocínio quanto na enunciação, o que por um lado torna o trabalho modorrento, por outro ridiculamente fácil. Ele está de licença há mais ou menos seis meses, desde que parte da imprensa esquerdopata começou a persegui-lo por causa de umas bobagens envolvendo uma decisão sua, decisão que me pareceu não apenas inteiramente correta, mas brilhantemente confeccionada, num sentido técnico.

O sr. é muito corajoso e se recusou a se curvar, logo se prestou a preparar um livro que pretende enviar a diversos de seus amigos influentes. Vai pausando entre as frases (que ele pronuncia de forma claríssima e sentenciosa), fica relendo e as reformulando baixinho, certificando-se de que aquela será a construção definitiva. Essa lentidão toda que me permite alternar a janela e escrever isso aqui nos intervalos.

Sempre fui muito bom em prestar atenção em mais de uma coisa ao mesmo tempo. É um dos meus muitos talentos. Lembro desde moleque que conseguia ficar a aula toda pensando em colocar o meu pênis em diversas partes do corpo das minhas colegas Luciana, Cláudia, Sandra, Juliana e Marlene (cujos lindos ainda fluorescentes corpos aparecem nos meus sonhos de vez em quando, embora na realidade presente e concreta dos fatos quase todas tenham, infelizmente — a internet demonstra — embargado) e, ainda assim, apreender palavras e conceitos-chave repassados pelos professores. Como Mercantilismo, Capitania Hereditária, meiose, percentagem etc.

É como envesgar os olhos, você se divide e deixa que uma parte sua vá se moldando aquilo que está sendo dito, enquanto a outra parte é livre para percorrer aquilo que a sua vontade queira percorrer. Eu mal registrava que estava aprendendo, mas quando chegava na hora da prova, conseguia responder todas as questões corretamente, sem grande dificuldade.

Não tenho dúvida de que foi essa habilidade (se quiserem chamar assim) que me permitiu a bem-aventurança de passar em tantos concursos públicos. Foram seis (não contando os vestibulares para os meus cursos de Administração e Direito, cursados nas federais de diferentes unidades da federação).

Cada um melhor que o outro, até chegar no TJ, onde me adequei plenamente não apenas ao caloroso ambiente de trabalho, mas a todos meus colegas e às minhas obrigações. Mas eu nem me apresentei ainda.

Sou nascido no ano de 1982, no município de Almirante Tamandaré, no Paraná, considerado pelo IBGE um centro subregional. Centro sub-regional ou não, é uma cidade de merda, na minha opinião. Eu não sabia disso quando morava lá, porque pra mim era a única coisa do mundo, além do Rio de Janeiro e das cidades americanas na televisão. O meu pai era militar, mas saiu da corporação quando eu tinha dez anos, foi para Cascavel, empregou-se como diretor de segurança da empresa de porcelanato de um amigo dele de escola e meses depois foi para Porto Alegre. Eu, minha mãe e minha irmã nos mudamos para Porto Alegre dois anos depois. Ele já tinha lá uma casa, inclusive com piscina, e um carro. Eu não entendia na época o que meu pai fazia e de fato só fui entender muito depois da sua morte. Meu pai parecia menor na realidade, e parecia ainda mal preencher o pouco tamanho que tinha. Tanto eu quanto minha mãe e minha irmã somos maiores que o meu pai, o que dificulta um pouco que sua figura seja levada a sério, na minha opinião. A minha irmã, além de ser alta, é também extraordinariamente bonita, com uma boca carnuda e pernas inacreditáveis. Isso é curioso, considerando que, o meu pai e a minha mãe somos bastante feios. Chega a ser desagradável olhar para o meu pai, que além de feio provoca pena. A minha mãe é uma “feia simpática”, por disposição, sorridente. O mais estranho da beleza da minha irmã é que ainda assim é possível verificar que suas partes decorrem dos meus pais, apenas combinadas de maneira mais feliz. É difícil não acreditar na existência de um Deus enquanto se observa a minha irmã, da mesma forma que é quase impossível acreditar na existência de um Deus enquanto se observa o meu pai. Isso por si só talvez já demonstre o quanto das nossas crenças são circunstâncias. Já fiz crêus de incrêus e vice-versa em poucos minutos, o Renato dizia.

Pois bem.

Eu estou escrevendo isso aqui para que fique registrado, devidamente, quem que fez o quê. Ouvi muita merda, muita putaria na internet e as coisas têm que ser esclarecidas. Eu não matei o Jader. Eu sou antes de tudo um patriota.

O primeiro foi um moleque cantor chamado Jemerson. Jemerson. Só ali já cê via, né, que não ia sair coisa boa. Viado que só a porra, viado que não

cabia mais onde. Nem no cu arrombado dele cabia mais onde ser tão viado. E dançava e o caralho e vestia umas roupas ridículas feias pra caralho que ele devia fazer de lençol e cortina e cartolina, sei lá do quê, umas coisas meio de ET, meio do espaço, um troço realmente inaceitável. Eu vi uns cinco ou seis vídeos dele, não inteiro né, mas adiantando a barrinha. Cantava com uma voz aguda ridícula e uma musiquinha parecendo de videogame, mas com o tempo todo errado.

Eu só teria pena desse sem-vergonha se não fosse o sucesso ridículo de crítica que tava fazendo, gente falando as coisas mais ridículas e fazendo as reportagens mais dramáticas e cheias de jargão sem sentido dessa gente de esquerda cuja vida inteira parece consistir em competir em ver quem que sofre mais pelo sofrimento alheio, quem acha mais bonito ser feio.

O imbecil postava tanta foto de si mesmo o dia inteiro e falava tanto o dia inteiro que foi fácil descobrir onde ele morava, assim como foi fácil descobrir um dia em que ele tava sozinho em casa de madrugada.

Bati na porta, mesmo. Não precisou nem arrombar. Já de máscara. Ele abriu e ficou rindo perguntando quem era antes de fazer cara de assustado. Aí é Flow with the go, amigo. Afundei a cara dele com o cano. Foi duma vez, até grudou. Ele tremeu, gemeu esquisito ainda um tempo. Nunca é como aquelas mortes de filme, que vai limpinho, como se desligassem o interruptor. Tem sempre ali um estrebucho, uns negócio, uns sangue que sai de onde tu não espera. É bonito, à sua maneira. E a consistência de crânio quebrando você não tem ideia. Lembra bastante, e não estou nem brincando nisso, a da crosta de um crême brulée ao ser vencida pela colher.

Quando vi a lista do Renato reconheci três nomes que já me faziam espumar de raiva e fui conferir quem eram os que eu não conhecia. Aí que eu vi que ela era quase perfeita. Era bem o que eu tava procurando para o meu projeto de purificação. Aquilo ali era tudo que tinha de mais podre no Brasil, justamente tudo de merda que impedia que a gente fosse pra frente. Eu queria limpar de uma só vez um espaço, cortar algumas da cabeça da hidra e mostrar pra outros aí que é possível fazer a diferença, dar a cara a tapa, matar a cobra e mostrar o pau.

Quando comecei a purificação, o Renato não tinha postado a lista toda, entende? O Jader eu também odeio, mas não mataria. Não ainda. Ele não tinha postado ainda os primeiros lugares, era tipo uma contagem regressiva.

Quando conheci o Renato ele ainda não era um esquerdista alucinado. Eu ainda me lembrava do Renato que conheci e com o qual convivi em 2007 (2011?), em Belo Horizonte, e que era na época uma pessoa muito mais sensata. Excêntrico, né, já tinha lá as viadagens dele meio evidente, a gente diria, mas também com muitos valores ali no meio. Eu não tenho como descrever a onda de raiva e nojo que se assomou sobre mim quando infelizmente descobri o último twitter do Renato (@necromantesensaul, hoje deletado), onde ele reproduzia todo esse clichê da vagabundagem. Legalização da maconha, idealização da macumba, viadagem como essa grande revolução do não sei o quê, tudo que a esquerda acha que é lindo e santo.

Eu conheci ele numa aula que eu comecei a fazer com um professor que era seguidor arrependido do Olavo, o saudoso @Antikythera. Eu só fui fazer aula com esse cara, porque o Olavo me pediu pra prestar atenção nele, e eu encarei como uma tarefa. E comecei a gostar das aulas. Um grupo bacana se formou em torno do professor e o Renato um dia apareceu na aula para desbancar o cara. Ele era diferente de todo mundo ali, mas era também muito crítico à esquerda, ainda que por outros motivos. Arranjou jeito de se dar bem com quase todo mundo, até porque lhe pagavam cerveja. Depois descobri que Renato era amigo do Milton, que eu conhecia de muito tempo atrás quando ele tinha uma péssima banda punk com um amigo meu.

Eu não chegava a ser skinhead, porque tinha medo de me complicar no meu trabalho da época, cargo técnico num prédio do Governo do Estado que ficava ali perto da praça da liberdade. Mas tinha minhas simpatias, ia lá na Savassi ver a fauna de moleques roqueiros novos com jeito de viadinhos, ranhando o nariz e guardando muco na boca tanto para expressar meu nojo quanto por hábito. Eventualmente cuspiu perto de alguém, no chão, olhando bem pra ele. Tinha uns que reagiam, né, o que era a glória. Uma desculpa pra sentar a mão numa vagabunda ou num vagabundo daqueles. Mas era sempre uma porrada só e pronto, saía vazado. Só pra extravasar, mesmo. Ainda era meio covarde nessa época.

2013 me inspirou muito. Fui para as ruas envolto na bandeira do Brasil, em BH. O gigante acordando. O problema é que foi bagunçando, né? Você via muito petralha retardado e vagabundo andando na rua junto com gente de bem e patriota. Como tudo no Brasil, acabou virando putaria. Mas foi ali que eu entendi mesmo que o Brasil tava lutando consigo mesmo, tava com as entranhas todas revoltadas dessa guerra entre os cidadãos e os vagabundos.

Foi aí que numa noite em julho vendo uns vídeos do Olavo e do UFC de madrugada, depois de ficar ligado assistindo 300 (filme que eu assisto pelo menos uma vez por mês, desde que foi lançado em Blu-Ray) que eu realmente aceitei meu chamado. Percebi que aquele era o projeto da minha vida, minha vocação (do latim vocatio). Se eu perdesse minha vida ou fosse preso no processo, tudo bem. Minha semente estaria plantada, meu lugar no panteão dos heróis nacionais (Ayrton Senna, Coronel Ulstra etc) estaria garantido. Foi aí que eu comecei a me preparar de verdade para a purificação.

>>

37.

<

Demorou, mas Murilo acabou conseguindo dormir algumas horas no voo. Acorda com o pescoço doendo da posição troncha em que acabou ficando, uma impressão vaga de que acabou de sonhar com algo horrível. Assim que o avião aterrissa, enquanto espera se esvaziar, Murilo se esforça pra conjurar uma imagem dos pais e percebe que tem alguma dificuldade de recuperar detalhes de como estavam da última vez que os tinha visto.

A cabeça de Murilo tenta produzir um arremedo mental da aparência dos pais a partir de memórias antigas enquanto observa diversas malas que não são a sua revelando-se sucessivamente na esteira, o formato de cada uma anunciado pelo movimento sacudido das tiras pretas de borracha que escondem o trabalho dos carregadores lá fora. Assim que reconhece a sua própria mala, uma única imagem de repente se apresenta com uma força inesperada na sua cabeça. Da sua mãe na bancada da varanda de casa cortando duas mangas que tinha acabado de pegar de uma árvore da rua, e da sua animação de constatar o tanto que estavam perfeitas. Dele a vendo retirar habilmente com a faca um naco grande e suculento, feito de um amarelo impossivelmente concentrado que lhe lembrou na hora o conteúdo poroso de uma canetinha. Murilo aceitou o pedaço que ela te deu tão animada, mas não gostou, e demonstrou isso imediatamente com o retorcimento involuntário do seu rosto azedado, a boca tentando rejeitar e cuspir fora aquele gosto. O tanto que ela pareceu ficar desapontada o surpreendeu na hora, e o tocava de novo agora. Ele odiava todas frutas que não eram banana até hoje. Talvez ele devesse experimentar uma manga de novo.

De algum jeito, mesmo sem ter combinado isso, Murilo se vê antecipando que sua mãe estaria ali para recebê-lo no aeroporto, quando sai do desembarque carregando no carrinho sua mala enorme e estufada de livros. Não que fosse plausível imaginar aquilo, já que ele não tinha avisado pra ela que horas ele chegava e nem qual era o seu voo. Era apenas a estrutura daquela cena, tão familiar, que lhe convidava a esperar a imagem de alguém esperando por ele. Uma expectativa entranhada daquele tipo de lugar ali ser onde pessoas se reencontram, se abraçam, choram, reajustam a figura que mantinham de uma pessoa amada mais uma vez ao seu corpo reapresentado

à gravidade e ao chão.

Mas não tinha ninguém, claro, apenas duas fileiras de estranhos tentando olhar através dele, não o reconhecendo, querendo ver outras pessoas. Pegou o táxi para sua casa, percebeu que aquela era não só a primeira vez que ele pegava um táxi em Brasília como possivelmente a primeira vez que ele dizia o seu endereço em voz alta para alguém. O seu endereço.

No rádio do táxi, falava-se sobre uma facada que Bolsonaro teria sofrido em Juiz de Fora. O motorista falou que nunca gostou muito deste cabra, mas que se tavam tentando matar ele, é porque ele devia ser bom. Falou isso de um jeito simpático, rindo, Murilo teve que sorrir, de reflexo. Tentou formular uma resposta contrária, mas não conseguiu. Os números que Bolsonaro tinha já eram assustadores pelo que representavam, mesmo que quase todos analistas concordassem que ele teria um teto. Com aquilo, ali, então, a campanha dele tinha tudo para crescer mais, dois jornalistas concordavam no rádio. Ouvir aquilo tudo assim que estava ancorado de novo naquele país lhe deu um frio na espinha.

O táxi chega em menos de quinze minutos. A casa parecia ter sido repintada durante sua ausência. O branco da parede e dos cobogós parecia refulgir de uma confiança que lhe pareceu estranha, errada. Ainda tinha as chaves de casa, mas demorou um bom tempo para resgatá-las de dentro da mochila (que continha um casaco de moletom pro avião, três livros, um caderno e vários dejetos arbitrários, notas fiscais e restos de lápis apontados, dos quais ele nunca se livrava).

Tentou fazer com que seu ingresso na sua casa fosse o mais ruidoso possível, para que ele não tivesse que mandar um 'oi de casa' ou coisa do tipo, que sabia que sairia bem desajeitado da sua voz. Estava há dias imaginando como seria encontrar sua mãe, que reação teria e como que ele conseguiria responder a ela. Imaginou várias versões diferentes do seu rosto ao encontrá-la, platitudes que sentia que devia dizer, mas que não conseguia vestir, por mais que as achasse apropriadas e talvez aconselháveis.

Mas a sua mãe não estava lá. Isso quase não computou na sua imaginação, que estava tão pronta para receber aquela cena. Só entendeu depois de uns dez minutos sentado no sofá, absorvendo o lugar onde estava e a familiaridade sedimentada que tão rapidamente se reinstalava nele, como se ele nunca tivesse saído, como se no fundo ele sempre estivesse contido ali naquela

disposição espacial, naqueles móveis, naquela sala apertada com pilhas de revistas, no sofá vinho que cheirava a pelo menos cinco substâncias diferentes e ricamente destacadas (suor e café, principalmente), da mesma forma que sempre estamos contidos na linguagem, no espaço-tempo ou em qualquer outra dessas coordenadas que nos precedem.

Murilo entrou no seu quarto, mas achou melhor não ligar o computador. Ficou encarando-o como um objeto, como mais um móvel. O seu monitor empoeirado, o teclado com a capinha de plástico que sua mãe deve ter resgatado de alguma gaveta entulhada depois de ele sair (e de alguma forma a imagem dela fazendo isso lhe ocupou por mais de um minuto, repetida em infinitas variações pungentes, até encontrar a sua destilação chekoviana mais tocante possível).

Quando ela chega e encontra ele sentado no sofá, mal pisca, o rosto sem modular nenhum sentimento. Só fala com uma voz seca:

— Teu pai tá lá no Santa Lúcia.

Ele não antecipava essa frieza. Tentou se colocar diante dela para ajudar com a malinha que ela estava carregando, mas ela protegeu a mala com o corpo, dispensando a ajuda.

Os dois ali, aqueles meses todos, naquela mesma casa, passando por aquilo, e ele tão longe.

— Deixa eu te ajudar.

— Não precisa.

Ele não estava exatamente preparado para aquela recepção. O que mais lhe impressionava não era só a sua incapacidade grosseira de ter antecipado aquilo, de ter imaginado com alguma precisão como sua mãe estaria, mas a sua própria incapacidade continuada e arrastada de lidar com a cena. Não sabia o que fazer, como falar com ela, como se postar diante dela, que tom assumir, como abraçá-la, como sequer tocar nela (o que ele ainda não tinha feito). Ela foi até a cozinha e encheu um copo d'água. Tomou em dois goles compridos. Ainda tava de pé quando finalmente falou, o tom neutro.

— Você abandonou a gente, meu filho. Eu nem entendi direito quando saiu lá o seu negócio. Você não explicou, não disse nada. Só foi e pluf.

— Eu levei vocês pra jantar quando me deram o dinheiro, lembra?

— Foi, isso foi ótimo, mas aí tu nem avisou que ia viajar pros Estados Unidos até uma semana antes. E de repente tu tinha comprado uma mala e tava falando que tava indo embora. Que não tinha passagem de volta ainda. Assim, pan. Depois liga e avisa que vai morar lá um tempo, não dá telefone de contato, não dá nada. A gente, oi? As poucas vezes que você ligou seu pai ficava quase histérico.

— Sério? Ele nem pedia pra falar.

— Claro. Você ficava dois segundos no telefone. Falava duas coisas naquele muxoxo, não perguntava nada e dava tchau. A gente tava num orgulho do seu livro, mas você nem queria ouvir. A gente ficou sem entender.

— Não achei que vocês quisessem.

— Como não?

— Não sei.

— Seu pai acabou de morrer.

— Como assim. Agora?

— Sim, agora. Que horas são? Umass duas horas atrás, por aí. Eu falei pra ele que você tava vindo e ele achou bom. Não sei o quanto ele entendeu, tava bem dopado, mas acho que entendeu sim. Eu já comecei a burocracia no hospital, mas tem muita coisa pra fazer ainda. Um inferno.

Ela ainda tá com o copo d'água na mão. Olhando fixamente pra um ponto qualquer lá fora. Seu corpo está numa pose canhestra, corcunda, de quem está tão cansada que nem consegue mais pensar em como descansar. Desativada.

— Que que ele teve direito? No telefone você só falou que era câncer.

— Foi no estômago. Quando a gente descobriu já tava enorme já. Ele sentindo dor tinha tempo e sem querer fazer nada, falando que era só gases. Não deu nem três meses depois que descobriram. Já tava em metástase. Eu demorei muito pra conseguir falar com você.

— Nossa.

— E ele demorando esse tanto pra ir no médico. Precisou chegar no ponto de rolar no chão de dor pra aceitar ir no médico. Tei-mo-so que só ele.

— Mas como ele tava? Como foram esses últimos meses?

— Seu pai sofreu muito. Diz que é um dos câncer mais dolorosos que tem,

né? De estômago. Dos mais dolorosos. E ele demorou pra aceitar remédio. Aquela coisa de homem que finge que não tá sentindo, acha que é frescura, que não é nada.

Murilo tentou imaginar isso e não conseguiu. Mesmo quando finalmente tentou abraçar sua mãe, a impressão subsistia de que o seu interesse era o interesse naquela cena, que ele estava investido na situação como diante de uma estátua decepada, cujos gestos brutos e estilizados você encara de longe. Ele sabia muito bem que isso não era saudável, não era legal. Tenta pensar em algo pra falar e não consegue.

— Certidão de óbito. Esse nome tão horrível.

— É mesmo. Mas se fosse bonito era pior. Não é bonito mesmo não. A coisa.

A mãe ainda parecia fria. Pareceu apressar o abraço pra que terminasse logo, e depois de dizer duas frases pra ele sobre onde eles guardavam as toalhas agora, foi para o seu posto usual no sofá e ligou a televisão. Ele conseguia entender, claro, que ela tivesse puta com ele por vazar e praticamente não dar notícia nenhuma. Mas achou que a sua presença naquele momento deixaria ela feliz. Ou pelo menos um pouco menos desconsolada. Mas ela só mantinha o mesmo rosto derrubado, sentada no sofá da sala com as pernas recolhidas. Ele sabia que tinha que fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. O relacionamento deles tinha pouquíssimo repertório.

— Você tá mal, né, mãe?

— É muito difícil, filho. É muito difícil. Quase trinta e cinco anos. Quarenta que eu tou com ele. Dum jeito ou de outro. É um pedaço da gente que vai.

— Eu imagino. Claro. Deve ser. É que você sempre foi tão forte, por isso acho que tou um pouco surpreso. Não tou sabendo reagir.

— Forte? Cê tirou daonde que eu sou forte? Eu só me agarrava no Válder desde sempre.

— Quando o vovô morreu você não ficou tão abatida, por exemplo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Nada. Completamente diferente. Você sabe. Eu morei quase trinta e cinco anos com o seu pai. O seu avô era muito difícil, Murilo. A nossa relação nunca foi boa. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

— Você sempre diz isso, mas ele me parecia tranquilo. Meio tantan, talvez,

super na dele, tal, mas tranquilo.

— Você pegou ele velhinho, frágil. Mas você não tem ideia, menino. O que ele fez com a sua avó, o que ele fez comigo. Trancava sua vó em casa quando eles mudaram pra Brasília. Imagina. Saía pro trabalho e deixava ela trancada. De loucura de ciúme.

— Sérió?

— Ele me batia e torcia meu braço e me machucava de um jeito ou de outro quase todo dia da minha vida desde os cinco, seis, até eu ter uns quinze e começar a revidar. Aí ele parou, porque é covarde. Sádico e covarde. Não te falava isso pra você não odiar seu avô. Acho que é importante ter avô e avó, essas coisas. Mas aquele homem era o cão. O cão.

— ...

— Isso sem nem falar o tanto que ele era racista.

— Sérió? Racista?

— Ele nunca aceitou o Válter, nunca. Sempre fazia uma cara amarrada pra ele, não cumprimentava direito. Foi por isso que eu parei de ir lá.

— Mas por que você diz que era racismo? Você fala como se não pudesse ter outro motivo pra não aceitar o pai.

Murilo só falou aquilo porque estava surpreso com o que tinha acabado de ouvir, sentiu um impulso inesperado de defender o avô. Mas logo pensa que a mãe devia conhecê-lo melhor do que ele, afinal, e que provavelmente não devia ter falado isso do seu pai, que afinal acabou de falecer. Elizete parece chocada com o que ouve, e de repente desesperada para convencê-lo do que estava falando.

— Eu ouvi não foi uma nem duas, foram várias vezes. Antes da gente romper de vez, ele fazia umas piadinhas esquisita e depois achava ruim se você perguntava o que ele queria dizer. Isso quando não escapulia do nada umas frases bem escrotas, bem violentas, quando o Válter não tava, e que depois ele não tinha nem coragem de repetir. Se você tivesse conhecido de verdade a família dele, e graças a deus não conheceu, não acharia nada esquisito o que eu tou dizendo.

Percebendo como a mãe havia ficado chateada, Murilo se arrependeu com força do que tinha acabado de falar. Ela parecia inconformada.

— Tou nem acreditando que você falou isso. Ainda mais agora. Não dá pra acreditar em você às vezes, menino.

Elizete arregalou os olhos com uma raiva que ele nunca tinha visto nela, quanto menos direcionada a ele.

— E qual que seria o motivo, então, pra não aceitar seu pai, hein, Murilo? Me diz, meu filho? Hein?

— Deixa pra lá, eu não devia ter dito isso. Desculpa. Claro que eu não devia, foi sem noção. Eu não quis dizer nada específico, só não quis aceitar que meu avô era racista, é algo ruim de se descobrir.

— Ele não tá nem frio, moleque. É muita cara de pau.

Ela não falava com ele assim devia ter mais de dez anos. Ele realmente não esperava nada disso.

— Foi mal.

— Você dizer uma coisa dessa do seu pai. Dum pai que sofreu tanto por um filho. Ainda mais hoje. Cê foi pra ele o próprio pão que o diabo amassou, garoto. O pão que o diabo amassou.

— Eu? Ele que nunca gostou de mim direito. Nunca nem conseguiu esconder.

— Alguma hora ele teve que ficar grosso, né? Teve que responder. Ninguém é santo não, ninguém é de ferro. Depois dos anos e anos de esculacho que você deu nele, também, do seu desprezo todo, do seu ódio, de tanto ódio, cê queria o quê? Que fosse tudo amor e carinho pra sempre? Uma hora a pessoa desmonta, Murilo. Ninguém aguenta, não.

Murilo olha de volta com uma cara confusa. Do que diabos ela tava falando?

— Você não lembra?

Ela fala isso com uma cara brava e confusa, indignada, a testa franzida numa expressão carrancuda e grave que Murilo tem certeza de que nunca viu nela antes.

>

38.

<<

Ninguém tava esperando, não. Que ela voltasse assim toda-toda, poderosa, olhando de cima embaixo e falando as coisas na cara. Quando saiu aqui cê não imagina. Amuadinho, amuadinho, ficava no canto dele, falava que ninguém nem ouvia direito, tudo pra dentro, tudo embolado. Apanhava de todo mundo. Até de varapau ele apanhava, aquilo ali. Que tinha as pose ali anunciando já tinha, né, mas era uma bicha quieta, quietinha, mesmo. Voltou foi só aquela vez, também. Pra mais nunca. Era o segundo festival de inverno, devia ser 2005, então. O povo achava aquilo o máximo, chamando de “A Suíça Piauiense” porque só faz 35 grau, só, de noite. Tou brincando, né, imagina. Até faz um friozinho gostoso, mas eu achava e ainda acho que era o uó aquele negócio, o povo com gola rolê e o caramba. Tomando vinho de caixa achando o máximo. Mas pelo menos começou a vir um povozinho de fora, até. Eu por muitos anos era praticamente a única bicha em Pedro II. Praticamente assumida, né, eu digo. Era trabalhoso, viu, não tenho nem que dizer a quantidade de merda que já tive que lidar nessa vida. Único motivo de não ter sido assim tamanho o esculacho é que minha família tá aqui desde que ainda era Matões, quando era Pequizeiro aqui ainda. Tamo aqui tem pouco tempo não, aqui na cidade o povo respeita os Ferreira da Rocha ainda. Todo mundo conhece a mercearia, o povo mais antigo lembra da padaria ainda. Eu tenho essa cara assim meio misturada, mas era todo mundo português ali, até onde a vista alcança (isso é sangue árabe, porque português também é tudo meio escurinho, o brasileiro não tem muito pra onde fugir).

Foi lá que eu vi. Lá no bar onde o pai dele bate ponto toda noite tem trinta anos pelo menos. Até hoje deve estar lá. O menino deve ter ido direto da rodoviária pra lá. Tá todo mundo naquela resenha de sempre falando de futebol e de buceta quando chega lá o menino sem uma perna, com muleta, uns mullets horríveis e uma camiseta de alguma banda horrível dessas, é Sepultura, é Moléstia, não sei o quê. Uma cara destruída de quem tava muito doido ou tinha acabado de chorar muito, ou os dois. O pai já tava mamado e juro que acho que demorou mesmo pra reconhecer. O próprio filho. Acho que principalmente pela perna, né? Cê vai ver e de repente não é só que seu filho tá ali depois de dez anos com uma cara de viado mulambento maconheiro

que vende miçanga na praia, mas tá lá ele faltando um pedaço, ainda por cima. E o menino também não ajudou muito, fez só foi gritar o nome do pai e ficar encarando de uns dez metros de distância, uma mochila dessas enormes cheio de tranqueira pendurada. Dali os dois foram embora, ninguém ia ver o seu Pedro falando coisa pessoal na rua, que nunca foi coisa do seu feitiño. Mas vi o menino duas vezes antes dele ir embora da cidade, e nas duas vi que ele tinha voltado espevitado que só a porra. O povo que reconhecia chegava a maioria assim respeitoso, por causa da perna, não vi falar de ninguém que chegou nele zoando. E praticamente todo mundo ele respondia com grosseria. E umas grosseria maluca, elaborada, que cê nem entendia, ainda por cima. Coisa de gente maluca mesmo. Eu achei foi uma pena quando ele pegou e foi embora de novo.

>>

39.

<

— Desde os seis ou sete que você só fazia era unhar o seu pai. Era só ele chegar perto demais que você fincava a mão na cara dele, gritando.

— Eu?

— E daí pra frente foi só piorando, xingava ele das coisas mais absurdas, falava que ele era burro pra tudo que ele falava, ficava humilhando ele, rindo de tudo que ele falava errado. Tudo, tudo.

— Eu?

— Tentou aquela vez cegar ele com faca, pulando de cima do armário do quarto que nem um bicho. Mordendo a mão dele o tempo todo. Todo mundo falando pra tirar você de casa e seu pai não queria nem saber.

— ...

— Jogou copo de vidro com força. Parecia que queria matar. E não foi uma vez, não, foi bem umas três vezes. Depois de um tempo ele nem queria chamar médico, porque ficava com medo de tirarem você da gente. Internar em algum lugar. Seu pai odiava médico, mas odiava psicólogo ainda mais. Todo psiquiatra e psicólogo que ele te mandava ele ficava puto depois, brigava com o cara, te defendia quando falavam que você era isso, era aquilo. Ele tentou tudo desse mundo pra você parar de odiar ele, fez tudo. Nada adiantou, Murilo. Nada.

— ...

— Uma hora ele desistiu, né? Ia fazer o quê? Foi endurecendo. Normal. Válter foi um santo. Mas até você ter doze anos ele chorava direto. Chorava no travesseiro pra você não ouvir e não fazer troça dele. Porque você fazia. Chamava ele de chorão, de mulherzinha.

— ...

— E o jeito que você gritava essas horas, meu deus. Meu deus. Parecia um bicho, Murilo. Parecia um bicho.

Ela agora parecia com mais raiva do que tristeza. Levantou e foi pro quarto. Murilo continuou sentado no sofá, quase imóvel por mais de uma hora.

>

40.

<<

Quem botou esta fixação na cabeça dela foi o Dennis. Sem querer. Tavam eles um dia lá na casa dele, fazendo churrasco de legume e falando sobre as várias tretas que ele já havia descoberto a respeito da elite paraense nos anos que ele estava ali. Conheceu gente de vários grupos sociais diferentes, primeiro como empresário, depois como voluntário da Pastoral Carcerária. Desse segundo grupo ele foi ficando mais próximo. Padres e irmãs esquerdistas e aguerridos na causa, que não saíam muito e com quem ele só dividia conversas sérias sobre os mesmos assuntos (e, o pior, geralmente sem beber). Ainda assim, eram mais simpáticos do que os poucos empresários que tinha conhecido.

Mas foi um deputado que ele conheceu, Evair, ligado à Pastoral de uma maneira pouco compromissada, que o apresentou pra muita gente na cidade, expandindo seu círculo pra órbitas mais soltas. Começou a sair pra beber com ele e amigos dele, que numa quarta podia ser gente de movimento social em algum bar pé sujo e na quinta empresários locais de varejo e mineração no bar do Sheraton. Evair era divertido e parecia partilhar pelo menos alguns valores com Dennis, ao que tudo indicava. Que ele não fosse o cara mais consistente do mundo incomodava só um pouco, mas na falta de outra companhia ele era um cara divertido. Mais divertido de sair do que os padres caretas, com certeza.

Um dia tavam lá com um cara que era mão direita do dono da maior rede de supermercados do estado, cujo nome Dennis nunca entendeu. De origem japonesa e expressão muito séria sempre, cicatrizes no rosto. Um cara cuja vida, parece, havia sido difícil. Tavam os três falando de como era difícil conseguir mulher depois de uma certa idade (e, no caso dele e do Evair, de uma certa barriga).

O japonês falou que tinha descoberto um lugar maravilhoso a meia hora dali de carro e que desde então não tinha mais esse problema. Dennis admitiu, claramente envergonhado, ali pros irmãos e pro Renato, que ele já tinha recorrido a putas algumas vezes na vida. Tanto antes quanto durante quanto depois de ser padre. Mas sempre se arrependia depois. Nessa noite ele hesitou, mas depois do sexto uísque foi convencido por Evair e pelo japonês. Ele

só falou que tinha umas menininhas maravilhosas. Dennis achou estranho o “meninhas”, mas achou que devia ser só o jeito do cara falar.

Quando ele chega, vê que, de fato, as mais velhas ali mal pareciam ter dezesseis anos. É uma casa de madeira no meio do mato, depois de quarenta minutos de onde eles estavam. Eles ainda dirigiram dez minutos de estrada de terra bem acidentada, Dennis ficando tonto e já se arrependendo da ideia antes de chegar. A casa é grande e parece recente, feita com pressa. Tem mais de dez garotas, uma mulher de uns sessenta anos chamada Taís, com um leque e sombra roxa, e dois homens enormes vestidos de preto que ficam na porta olhando pra frente (um dentro e um fora).

No térreo da casa tem um bando de almofadas espalhadas onde as garotas ficam deitadas e sentadas, vendo televisão, mexendo no cabelo uma da outra, fumando beque. Elas também se picam, o japonês disse com nojo, dá pra ver nos braços de algumas, mas só fazem isso num banheiro no segundo andar, porque a imagem desagradava alguns clientes. Evair achou exótico.

As mais novas não parecem ter nem quatorze anos. A maioria com tipo de índia, várias negras, duas bem branquinhas que parecem ser as mais disputadas. Dennis vomitou assim que entrou. Foi expulso de um jeito mais ou menos agressivo por um dos homens enormes, Evair falando que chamava um táxi pra ele e, enquanto fechavam a porta, pedindo desculpas pelo comportamento do amigo.

Quando Dennis contou isso, os irmãos começaram a falar, ao mesmo tempo, que tinham que fazer alguma coisa. Que não dava pra fingir que não sabiam nada e pronto. Ele concordou, mas falou que nem imaginava o que fazer. Falou que tinha visto lá dentro um dos herdeiros da maior fortuna de Belém, um moleque de uns trinta e poucos anos que Dennis tinha conhecido num jantar beneficente. Tinha chegado lá com um deputado. Deve ser um negócio bem protegido. Não dá pra chegar pra polícia e denunciar e achar que eles não vão atrás de você depois.

Ainda adiciona que nem sabia direito onde era, e não daria pra perguntar pro Evair ou pro japonês depois de ter reagido daquele jeito. Eles suspeitariam. Só lembrava que logo antes de virar pra estrada de terra tinha uma outra entrada com uma placa antiga e meio apagada que falava SÍTIO ARA-GUAIA.

Ela não falou mais nada depois daquilo. Agiu como se o assunto tivesse

morrido. Mas começou a pedir pro Emerson dirigir com ela pra procurar o lugar. Depois de saírem quatro vezes ao longo de um mês, dirigindo sempre por uma hora e pouco nos arredores de Belém, acabam encontrando a placa. E uma entrada de estrada de terra poucos metros a frente.

Quando encontraram a casa, ela batia com a descrição do Dennis (além de ter as janelas todas vedadas). Desligaram o farol e ficavam olhando um tempão. Não tinha o que os dois fazerem ali. Ela ficou falando que se tivesse uma arma podia chegar atirando e resgatar as meninas. Ele ri e fala que ela só conseguiria se matar fazendo isso. Talvez matar uma das garotas no processo, por acidente. Depois disso ela se calou.

Como ela não sabia dirigir (achava a atividade repulsiva), ele achou que o fato de que não pediu para ir lá de novo como sinal de que ela teria desistido da historia. Mas um dia saiu de manhã cedo falando que daria um passeio pelo mato sozinha e na verdade foi, a pé, até lá, com um mapa que fez antes em casa e a câmera digital do Dennis na mochila.

Demorou seis horas pra chegar no lugar. Pegou um ônibus até o lugar que parecia mais perto e depois caminhou pela beira da estrada, atenta para que um motorista bêbado ou caminhoneiro dorminhoco não a pegasse. Quando chegou perto da casa devia ser umas quatro da tarde, o anúncio de chuva tava borbulhando no céu já tinha tempo. Ela se cobriu com uma lona preta que trouxe e ficou escondida entre as árvores ali entre o final da estrada de terra, onde os carros estacionavam, e a entrada da casa. Fez o possível para se camuflar enquanto olhava para as janelas e para a porta para ter certeza de que não era vista. Ficou lá por dez horas, comendo bananas e nozes que tinha trazido na mochila. Tirou fotos de três garotas saindo rapidinho uma hora, com a mulher mais velha e tomando um banho de mangueira. A mulher mais velha parecia impaciente, falando que elas tinham que tomar banho daquele jeito mesmo, porque a anta da Kelly tinha quebrado o chuveiro transando com o Matias. E tirou fotos depois dos onze homens que foram chegando a partir das sete da noite. Quase todos brancos, a maioria com mais de cinquenta anos, alguns com motoristas e seguranças.

Ela esperou meia hora antes do último carro ir embora pra desmontar o posto e voltar. Tava completamente exausta, mas tinha também uma raiva explodindo continuamente que ainda mantinha o passo rápido até em casa. Quando chegou eram nove da manhã do dia seguinte, Emerson, Dennis e Renato estão reunidos na sala, mortos de preocupação na sala, e a saúdam

com uma mistura de alegria e irritação. Antes de falar qualquer coisa, ainda arfando, ela tira a câmera da mochila e mostra as fotos.

>>

41.

<

Murilo não consegue dormir. Em parte pela troca de fuso horário, e por ter dormido no avião (ainda que mal). Mas principalmente por causa do peso inassimilável do que havia acabado de ouvir. Quando deu duas da manhã e nada do sono chegar, a mãe fechada no seu quarto há horas, ele decide sair pra caminhar. Tira da mala algumas de suas roupas mais fedidas e malamanhadas para que parecesse tão esquisito que afugentasse qualquer contato indesejado. Não chega a ver ninguém andando ali perto quando sai, exceto dois vultos tentando dormir juntos debaixo de árvores maiores, remexendo suas posições em cima de um tatame de papelão.

Fuma três cigarro seguidos, o que quase nunca acontece. A pressão sobe, sente o sangue latejar na sua cabeça. Fica sentado num banco de praça rachado, contido pelo halo de luz laranja do poste diante dele e pensando naquilo que a mãe acabou de contar. Era possível que ele lembrasse de tudo tão errado assim?

É verdade que a memória dele a respeito da própria vida sempre havia sido bem vaga. Murilo se orgulhava de saber um punhado de poemas de cor, além de uns poucos trechos de prosa. Decorou primeiro alguns do Drummond e de Eliot sem nem tentar, aos quatorze, e depois começou a ler outros com a intenção deliberada de memorizá-los (Cabral e Marianne Moore sendo os mais recorrentes). Também mantinha na cachola em recorrência quase permanente uma série profusa de ideias e filmes já digeridos, pensadores, personagens, atores, eventos e detritos históricos, tudo rebentava na sua cabeça o tempo todo sem que ele controlasse muito o seu fluxo (Shelley morrendo afogado na Itália tão novo, a Revolta da Vacina, o imperador Maximiliano sendo executado, o personagem Frasier saindo do Cheers e ganhando seu próprio seriado, tudo disputava e se acotovelava no mesmo espaço, como se tudo que já aconteceu estivesse sempre recorrendo junto no leito que corre no fundo da sua cabeça).

Mas já o fio linear da sua vida mesmo, a história daquele seu corpo no espaço, isso era quase sempre bem difícil de se resgatar. O que vinha vinha enevoado, misturado de maneira muito confusa. Tenta lembrar do seu pai sendo agressivo com ele desde criança, que era até agorinha uma verdade

entranhada que ele tinha pra si mesmo, mas não consegue posicionar nenhum momento ou imagem concreta. Tenta lembrar daquelas coisas que a mãe disse, dele mordendo e batendo no pai, mas não consegue tampouco.

Ele também tenta, mas não consegue, sentir com força o peso da morte do pai. Não com a força que acha que devia sentir. Sabia que aquilo era errado, ainda mais depois de ouvir o que ouviu. Talvez se tivesse visto Válder agonizando no hospital seria diferente, mas do jeito que tudo aconteceu ele sentia que ainda mal conseguia digerir aquele fato. Parecia abstrata como a frase de uma notícia que aparece na barra da tela.

Assim que volta pra casa, tomando cuidado pra não fazer barulho, passa por uma foto da família emoldurada do lado da televisão. Num churrasco na casa de algum parente que ele nem lembra quem era. Os pais sentados em cadeiras de plástico, Válder fazendo joinha com as duas mãos, a mãe rindo, Murilo com uma camiseta muito comprida do Patolino e uma cara emburrada, esquisita, uns onze anos. Evidência inegável de que ele já teve, de fato, aquela idade, apesar de não lembrar de quase nada.

Sabia também que a mãe tava mal e que ele ia precisar lidar com aquilo. Nunca tinha lhe ocorrido antes, por incrível que pareça, que chegaria o momento em que ele teria que cuidar dela, mas agora isso era evidente. Olha em volta e percebe que a única coisa que lhe traz paz no momento é aquele lugar onde ele tá. Não conseguiria dizer de que forma sentia que pertencia àquele lugar, por meio de que traços, exatamente, que o seu sentimento se adensava. Como que um lugar que sempre lhe pareceu tão apagado — pouco mais do que um cenário de cartolina diante da qual sua atenção voraz podia se desenrolar — podia, de repente, importar mais tão mais do que os outros. Mas era o que acontecia.

Pega duas folhas de papel de um caderno que fica perto do telefone, a caneta BIC que sempre fica por ali junto e começa a escrever:

É como se eu precisasse tomar a mim mesmo como personagem pra me levar a sério. E eu digo isso no sentido mais imediato do mundo, não numa distância entre aspas. Eu preciso me servir de todas os pequenos truques e macetes que uns senhores e senhoras inventaram para dar estofamento aos seus fantoches nos teatrinhos que fizeram do mundo. Eu preciso disso a sério pra tentar me inventar minimamente, no mundo mesmo de carne e osso. Porque assim não tá dando. Não tá viável.

A voz que me veio para o Concreto me é esquisita, meio chupada nem sei de quem, aquela coisa meio voz-abstrata-num-quarto que nunca me agradou. Sei que não parece, mas a voz começou comigo tentando imitar o conselheiro Aires (com as devidas etc). E ainda assim foi a que veio. E eu só fui perceber o que estava fazendo depois de umas cinco páginas. Que eu estava narrando a voz que escreve a minha vida, que essa era a ideia toda, imaginar a minha vida como escrita por alguém. Quase certamente vai parecer um truque que se acha esperto, com cotovelada e piscadela. Mas a forma não é o que importa, além de não ser tão original. O que me interessa é a voz, seu timbre e ritmo. E, como eu já disse uma vez, é uma questão de sobrevivência (na época era mentira, depois não foi, hoje é e não é). Tem gente que é budista, tem gente que é corinthiana. Eu tou tentando achar alguma coisa.”

Murilo fica uma meia-hora deitado pensando se ele encontrou uma voz. Pensa no pai agonizando no hospital por dias. Ainda não consegue dormir, mesmo estando exausto. Decide de imediato que tem que se tornar um filho decente, mas não tem ainda ideia de como. Quando vê que já está amanhecendo, Murilo vai até a padaria e compra pães, queijo e presunto, pão de queijo, manteiga e suco de laranja. Vê na televisão da padaria que Bolsonaro está subindo nas pesquisas, mas decide rejeitar a realidade daquela frase, por um instante. Fica esperando a mãe acordar com muita expectativa, mas isso não acontece na hora que costuma acontecer (das sete pras oito). Quando dá oito e meia, ele bate na porta dela, fala que o café tá na mesa. Ela aparece na porta de pijama e cara amassada de quem acabou de começar a dormir. Mas vai até a sala e parece enormemente surpresa, quase pasma, com o filho ter comprado café, embora não diga nada. Ela toma o suco de laranja inteiro num gole só, come quatro pães de queijo.

— Eu fiquei muito impressionado com o que você falou ontem. Eu queria que você falasse mais.

— Do quê?

— Do meu pai. Das coisas que eu fazia. Eu não lembro de nada disso.

Ela olha pra ele com uma cara cansada.

— Não sei nem por onde começar.

>

42.

<<

Sandro era a figura mais forte e patética – no sentido mais fundo da palavra – que Renato já tinha visto da carência em toda sua vida. Não passava fácil um mês sem que Renato lembrasse dele ao menos uma vez. Era um homem feíssimo, de corpo estranho e troncado, que vestia há meses, senão anos, sempre uma mesma camisa quadriculada fedida e um boné do América de Minas. Ficava sempre ali pelo Bar do Jeremias no centro, geralmente do lado de fora. Quase não bebia, mas não recusava um cigarro ou teco, aceitando os dois com uma alegria infantil. Ainda assim tinha fama de bêbado por sua pronúncia toda derramada e por não parar de falar. Todo mundo que chega no bar é de algum jeito interpelado por Sandro, com voz forte ou fraca.

— Você parece amado, hein? Ou. Alguém te ama, não ama? Hein?

Quase ninguém respondia. Ele falava isso pra praticamente qualquer um que estivesse sozinho. Pares de pessoas, de qualquer ordem, ele quase sempre recebia com:

— Eta. É o amo-o-or.

E um sorriso tristíssimo.

Muita gente reclamava com o Jeremias, pediam para enxotá-lo, mas ele morria de pena, e além do mais o Sandro era América; os americanos eram poucos e minguavam, por isso tinham que se unir, ele sabia. Jeremias sempre dizia que Sandro era inofensivo.

Havia quem contasse que ele teria sido expulso de casa pela mulher depois dela encontrá-lo no banho com o sobrinho de quinze anos. Agora morava com a tia e dormia umas noites na rua. Outros falavam que isso era maldade, mas ninguém confirmava ou desconfirmava a história.

Ele se oferecia para toda e qualquer pessoa que estivesse sozinha. Mas sua forma de se endereçar às pessoas (a meia distância, sem olhar diretamente pra elas, apenas modificando o seu fluxo contínuo de fala incoerente para tentar iniciar uma conversa) não costumava dar muitos frutos.

Um dia Renato saiu do bar completamente trêbado, umas três e tanto, vendo que dali não ia sair nada e ainda insatisfeito com a ideia de ir pra casa

com tesão e sozinho. Viu Sandro lá no seu posto revirando o cinzeiro de fora do bar em busca de uma bituca fumável, levou ele pros fundos, pôs a mão dentro dos seus shorts amarelos, tirou o pau roxo e fedido pra fora e chupou com entusiasmo até Sandro gozar na sua boca (o que não demorou muito). Sandro agradeceu umas cinquenta vezes na voz mais doce do mundo. Até hoje Renato considera aquele um de seus atos mais cristãos.

>>

43.

<

Quando sua tia Elaine chega, no final da manhã, os dois ainda estão conversando. É uma senhora rija e magérrima com um sorrisinho fixo, mesmo que às vezes triste. Ela parece derrubada como sua mãe, fala que tá lidando com a funerária. O enterro vai ser no final da tarde. Ela cumprimenta Murilo do jeito que geralmente cumprimenta, meio assustada. Fala que tinha visto a foto dele no jornal, dá parabéns. Ele não sabe o que responder, só faz um barulho disforme enquanto sorri.

Embora chamem de tia, ela é na verdade prima de seu pai, a única família que ele ainda tinha na cidade, depois do irmão morrer uns anos antes. Havia sido muito próxima do casal quando Murilo era criança, mas acabaram se afastando depois, ele nunca entendeu o motivo. Os três vão no carro dela até um restaurante tradicional de carne de sol que tem ali do lado, um que frequentavam no passado, mas que tinham parado de ir porque Válder achava que tinha encarecido mais do que merecia. Ficam o almoço conversando sobre ele, sobre como era bonito na adolescência e na juventude, a teimosia, a frustração dele no trabalho. Murilo ouve tudo com atenção como se estivessem falando de alguém que ele mal conheceu.

A sua tia faz menção duas vezes a um incidente no trabalho que Válder nunca teria superado.

— Aquilo ali, viu? Aquilo ali tirou dez anos da vida dele. Além de ter quebrado a carreira dele no meio.

A mãe não disse nada, mas parecia concordar.

Quando Elaine foi ao banheiro, Murilo perguntou pra mãe que história era aquela. Ela respondeu com alguma impaciência.

— Foi pouco depois que seu pai passou no concurso do Senado. Já tinha sido efetivado, mas tava lá tinha poucos anos. Muito antes de você nascer. Pediram pra ele fazer um negócio e ele viu que tava errado, falou que não ia fazer. Nunca me explicou assim no detalhe, na verdade. Mas falava que era uma coisa horrível que eles tavam fazendo. Eu sei que depois disso começaram a excluir ele, impedir que ele ganhasse os adicionais, que avançasse na carreira. Jogavam ele pras piores funções. Aquilo foi ruindo ele por dentro,

com o tempo. Ele dizia que tinha superado, mas acho que ele nunca superou.

Pensando melhor, Murilo até se lembrou de ter ouvido aquela história sim. Lembrou-se de ser bem novo e escutar o pai reclamar daquilo, como reclamava dos políticos e da Seleção Brasileira. Mas Murilo nunca tinha diferenciado muito os objetos da sua irritação. Imagina de repente o rancor do seu pai com o ambiente de trabalho se acumulando ao longo de anos como detritos tóxicos de mineração numa barragem. Sempre tinha entendido o humor de merda do pai como um fato natural anterior a qualquer determinação, agora tentava pensar nele se endurecendo com as intempéries do tempo. E não só por causa do trabalho, mas por causa dele também, Murilo. Do tanto que ele, aparentemente, havia tornado tudo mais difícil. E por quê? Se essas eram as desculpas do pai, qual era a desculpa dele?

O enterro tem só eles três, mais dois amigos do trabalho e um conhecido antigo do futebol (de quem Elizete nem lembrava). Nenhum familiar se prontificou a viajar, embora dois tenham mandado flores. O padre fala por um tempo enorme da ressurreição, e sua mãe ouve tudo com uma cara impaciente, só Elaine parece tirar daquilo algum conforto. Murilo vê o seu pai deitado no caixão, uma renda fininha guardando o seu contorno ali dentro, a expressão ao mesmo tempo pálida e brilhosa como de um boneco de cera. Não há nada mais natural e nada mais incompreensível do que um cadáver. Murilo entendeu pela primeira vez porque faziam aquilo. Não é que tornasse mais fácil de entender, a morte continua inaceitável, mas há algo na materialidade de encarar um corpo desativado que ajuda a se acostumar com a brutalidade da ideia. Era como se até aquela hora parte dele ainda suspeitasse que o pai fosse do nada sair do quarto ou do banheiro, uma toalha nos ombros, o rosto cansado. Mas não. Aquela composição, aquele arranjo ambulante de carne já tinha ido embora, não tinha volta. A ideia de enterrar alguém dentro de uma caixa ainda parecia mórbida a Murilo, mas ele entendia agora a necessidade do ritual. De algum ritual. De fato alguma ficha caiu ali dentro que não havia caído antes. Ele imagina as entranhas do seu pai ardendo e doendo, vermelhas e pulsantes. Uma dor interna se adensando e se aprofundando ao longo de meses. E aquelas mesmas entranhas agora apagadas, servindo de ambiente e alimento para outros seres.

Na hora de jogar a terra no buraco, Murilo observa a dupla de coveiros e a sua naturalidade com aquilo tudo. Aquilo pra eles não era nada além de mais uma tarefa no dia. Eles claramente tentam se mostrar respeitosos, falando

baixo um com o outro sobre algo casual e dissociado do que estão fazendo, mas quando começam a jogar terra no buraco, depois de baixarem o caixão, tem algo no gesto que deixa sua mãe desesperada. Talvez tenha sido o baque surdo e ritmado de terra caindo na madeira, tudo que tinha de bruto implicado naquele barulho. A fatalidade e a sua cadência. Ela não fala nada, mas assim que vão caminhando pro carro de Elaine, ela vira para Murilo e desaba nos seus braços. Ele vence seu constrangimento inicial e tenta apertá-la forte, só percebe depois de alguns segundos que também está chorando junto. Nenhum dos dois consegue falar coisa com coisa. E ele percebe de um golpe só, um interruptor ligado num quarto muito escuro, que ele vai conseguir cuidar da mãe, sim. Claro que vai. Ele não tem nem opção.

>

44.

<<

O Renato amava dançar. Ama, quero dizer. Pensa numa pessoa que realmente não devia ter ficado aleijada (não que alguém deva, mas enfim). Eu sei que não é assim que fala mais, foi um deslize. Esqueci qual o jeito certo. Na primeira vez que eu vi ele assim, acho que uns dois anos depois do acidente, fiquei chocado de ver a mobilidade que ele já tinha. Claro que ainda tinha dificuldade pra caralho, também, dava pra ver, e na época mais do que hoje, mas aquele corpo dele tão líquido parecia que já tinha se forçado a dominar aquela configuração nova. Te juro que não parecia, assim, assistindo, que faltava alguma coisa. Parecia que ele tinha nascido assim. E na época ele ainda não tava com aquela prótese sinistra que ele foi arrumar depois, toda estilosa. Que ela arrumou pra ele, né? A primeira prótese que ele arrumou era tão ruim que ele quase não usava. Ficava com a muleta na maior parte do tempo. Aquela perna sem ter a companheira pra ajudar, o movimento em falso que o cotoco fazia às vezes. E a cada hora ele negociava o equilíbrio mambembe de um jeito diferente.

Foi no interior de São Paulo, em 2005. Não ouvia falar dele tinha três anos. Do nada, um dia, recebo uma ligação de um psicólogo falando que um certo Laurivan tinha me botado como seu único contato de emergência. O cara foi atrás de meio mundo até me achar, desses funcionários públicos que carregam tudo nas costas. Falou que tinha sido detido por ameaçar várias pessoas numa churrascaria com um espeto cheio de coraçãozinho, e insistir reiteradas vezes para que o músico presente tocasse uma canção de Guilherme Arantes “imediatamente” no seu teclado (o que ele me negou depois com veemência, dizendo que era um exagero, ele não tava ameaçando ninguém, só estava sendo enfático, que as pessoas não têm senso de humor).

Uma semana depois eu tava lá. Nervoso pra caramba. Nunca tinha entrado num hospício antes (eles não chamavam assim, mas era assim que eu chamava pra mim mesmo enquanto entrava). Foi difícil chegar, era numa área rural. Tinha um pátio de chão verde e umas plantas feias moribundas, fiação exposta no corredor. Uns velhos sentados juntos num canto, conversando e jogando dominó, uma mulher de uns quarenta anos e uma expressão muito forte andando sozinha e fazendo movimentos erráticos com o cotovelo. Em

alguns, você via exprimido no corpo o que parecia ser um registro de intensidade muito maior do que o suportável, e em outros você via o contrário, uma carcaça vaga e rala que parecia inconsciente de onde estava. Esse segundo grupo devia ser pelo remédio. Remédio desses pra cabeça me dão tanta agonia quanto doidura em si. As duas coisas se misturavam tanto no caso da minha mãe, que é hipocondríaca e viciada em qualquer coisa receitável, que pra mim a imagem de uma coisa sempre puxa a outra. O meu sentimento ali diante daquela gente era de gratidão. Eu tenho muita merda na cabeça, viu, mas eu sei que quase sempre dá pra ser pior. Bem pior. Não sei até onde vai o céu, mas o inferno não termina nunca. O fundo dele não tem fundo, já diria o outro.

O Renato tava bem no canto do pátio, num banco pintado recentemente de amarelo, fumando um cigarro e usando um gorro cinza e rosa. De calça de moletom cinza toda suja e uma camiseta amarela-clara do Roberto Carlos. Tava frio no dia. Ele chorou quando me viu, falou que não precisava ter ido, aí me abraçou e beijou minha orelha. Agradeceu doze vezes (aprox.).

Eu perguntei o que tinha acontecido com a perna (não falei assim, né, acho que só indiquei com a cabeça e uma cara compungida). Ele falou que perdeu salvando três órfãos de uma motosserra desgovernada. Eu fiz cara de anram, beleza, ele falou que era mentira, que tinha sido só um órfão, só. Ele sempre teve essa coisa de transfigurar a vida sofrida dele numa comédia. Não sei como. Mas foi a única vez que ele não me convenceu, de fato, que achava graça. A dor tava estampada demais para sair quando ele abria o sorriso, mesmo aquela lapa larga de sorriso que ele tinha, uma lua toda envergada.

Falou que tinha passado por uns momentos escrotos, mas que agora tava ficando melhor. Tinha voltado a ler muito e tava querendo estudar. Falei que podia ajudar ele um pouco. Ele fez uma cara de quem duvidava mas falou que ficava muito agradecido. Falei que com grana não ia rolar tanto, porque tava curta (e era verdade, eu tendo já dilapidado quase tudo que restou numa recaída braba depois que minha mãe morreu, fora a casa em Belém), mas que podia sempre mandar livro. Ele perguntou o que eu sabia dos irmãos. Conteí que a Eva tava lá no Canadá trabalhando, que eu tinha arrumado um jeito dela chegar lá (tive que contar pra ele que na carteira falsa que eu fiz pra ela, ela chamava EVA GOMES – porque eu não consegui inventar nada melhor na hora – Renato riu pra caramba, sabendo que ela deve ter ficado puta).

Ele não sabia o que tinha acontecido com o Emerson. Eu tive que contar. Ele não conseguiu dizer nada em resposta, só ficou pasmo.

Eu perguntei que que ele tinha feito pra ser levado pra lá, ele não quis me contar. Falou que tinha passado uns meses ouvindo vozes e tendo umas ideias erradas. Mas que não era loucura-loucura, ele jurava, era só o desespero de sempre, do dia-a-dia, mais desconforto extremo, esculacho generalizado e uma péssima combinação de substâncias. E aí falou que a vida dele sempre tinha sido complicada, toda acidentada, e que quase que o único período bom-bom mesmo dela tinha sido lá em Belém comigo e com os irmãos. Que a gente tinha não só ajudado ele, mas mostrado um bando de mundo que ele nunca imaginava e que ele acha que nunca teria descoberto sem a gente. Deixou ele ganhar confiança pra se desdobrar depois de outros jeitos que ele jamais imaginaria quando moleque. Fiquei emocionado pra caramba, meus olhos chegaram a marejar.

Conversei antes de sair com o psicólogo dele, um lacaniano novinho muito simpático, meio labrador humano de espírito, que parecia um Osvaldo Montenegro mais sorridente. Fiz todo elogio verdadeiro sobre o Renato que consegui imaginar. Ele disse que todo mundo lá gostava muito dele e que se impressionava muito com a cultura do Renato. O único problema do comportamento é que ele tinha transado com boa parte dos internos, mas mesmo isso no final das contas acabou se mostrando positivo ali pra comunidade, apesar de uns drama de ciúmes cujas consequências ainda se desenrolavam.

Quando a gente tava se despedindo, Renato falou que iria pra BH depois de lá porque tinha um amigo dono de uma videolocadora que lhe ofereceu um emprego. Eu falei pro Renato que tinha um lar mantido por uns amigos franciscanos meus na cidade onde ele poderia, quase certamente, morar por um tempinho. Dei o nome e o contato lá dentro. Ele falou que iria pra lá com certeza, mas, pelo que procurei saber, nunca apareceu. Talvez por orgulho de receber ajuda, talvez pelo constrangimento que dá ficar entre franciscanos, com aquela bondade toda borbulhando como refrigerante diet. Depois disso, nunca mais vi a figura.

>>

45.

<

Murilo passa a acordar cedo sem querer, todo dia desperto e sem sono lá pras sete e pouco. No segundo dia, decide empreender uma faxina, percebendo que o estado nunca extraordinário de limpeza da casa havia chegado a níveis ainda mais preocupantes. Consegue varrer alguns cantos, passa um pano mixuruca com detergente que até melhora a situação, mas sente que não adiantou tanto. Outros cantos mostram-se resistentes aos panos encardidos e ao aspirador de pó desalentado, que puxava sujeira sem nenhuma convicção, vomitando poeira velha de volta. Decide que vai atualizar os equipamentos e materiais de limpeza da casa em breve, só não naquele mesmo dia. A mãe já fica impressionadíssima quando acorda e nota a pequena melhora, chega a rir quando imagina a cena dele tentando usar aquele aspirador velho.

Depois de uma semana de volta, Murilo acorda um dia descobrindo, por um e-mail da agente, que enfim saiu o texto da garota turca. De cara vê que é um texto comprido (a barra de rolamento ao lado fica pequenininha quando ele abre). Puta merda, já sente suas extremidades esfriando. Vai lendo apressado, ansioso pra ver se tem alguma coisa bombástica. Acaba que o texto é menos sobre ele e mais sobre o Fábio, argumentando que teria surtado perto do final da vida a partir do relato de alguns amigos e de outros sinais documentados. O tom era uma mistura de relato jornalístico e ensaio pessoal. Além de pessoas que o conheceram no campus durante esse período, havia um funcionário do dormitório onde ele estava, e todos davam relatos consistentes sobre o seu comportamento excêntrico. Saía de madrugada pelos dormitórios batendo na porta de gente que ele não conhecia, andava fantasiado com bigode postiço, fazia perguntas estranhas para os poucos amigos que havia feito, como se todos estivessem fazendo parte de uma pegadinha armada contra ele. Chegou a entrar de madrugada no quarto de uma estudante asiática que estava dormindo pelada, embora tenha pedido desculpas enfaticamente e saído correndo em seguida, gritando que havia se enganado. Este último incidente gerou uma pequena intervenção da direção, e a visita da mãe teria vindo poucos dias depois disso.

Fatma cita ainda amigos brasileiros do Fábio com quem ela também conversou e que confirmam que ele voltou muito estranho dos EUA. Segundo ela,

os amigos que ele encontrou no tempo entre voltar a Goiânia e seu suicídio (e ela tratava a morte como um suicídio evidente, quase inequívoco) relatam uma pessoa desconfiada, tensa, que parecia suspeitar a participação dos seus amigos mais próximos em alguma trama perversa.

A menina argumenta então com muita veemência que o conto comprido ou novela que serviu de base para Murilo confeccionar o Concreto Armado, assim como vários dos trechinhos adicionais do mesmo universo ficcional, eram, na verdade, o testemunho de uma mente doente e doída, cujos momentos mais salientes e expressivos haviam sido retalhados por um editor repressor e reprimido. E cita, nesse sentido, vários trechos que Murilo achou melhor tirar, a maioria por achar bobos demais, proselitistas demais, incoerentes ou só mal escritos. Em especial umas partes enormes que falavam de ciúme e de pornografia, da ABIN e da Polícia Federal.

Só lá pro final do texto que Murilo realmente aparece, pouco mais do que uma figura mesquinha e covarde que tira tudo que tem de radical e estranho no texto do amigo para transformar sua morte num evento literário facinho e digestível, com leves pitadas fajutas de pretensão eco-feminismo e imaginação utópica clichê. Diz que a obra final é muito inferior ao que havia de potência criativa real nos escritos do Fábio (ainda que esses fossem também, sem dúvida, erráticos e inconstantes na forma e no arremate, ela admitia). A ofensa estética incomoda Murilo mais do que a ética.

Sente-se principalmente injustiçado pelo texto, e com isso sua vontade é de logo desconsiderá-lo por inteiro, mas partes do argumento sobre Fábio o deixa muito perturbado. Também não ajuda que a garota escrevesse tão bem, como Murilo já sabia que escrevia. O estilo fluido e persuasivo dela transformava um relato extremamente parcial numa configuração que agora passaria a parecer irreversível para a maioria dos leitores, com certeza. Mesmo gente que simpatizasse até então com Murilo, ele imagina, poderia mudar um tanto de opinião. Não demoraria para que alguém traduzisse, já deviam estar resumindo os pontos no twitter. Surgem na sua cabeça alguns rostos atraentes de rede social lendo a matéria, o rosto de desaprovação iluminado pela luz fria do aparelho.

Lembra de como Fábio lhe pareceu naquela última noite, a única em que se encontraram cara a cara. Ele tava mesmo muito estranho, mas Murilo não tinha nenhuma referência prévia ao vivo e a cores pra saber como ele se comportava no dia a dia. Achou que aquele jeitão exasperado e irrequieto

era só o jeito dele.

Termina o texto ainda deitado na cama e a vontade imediata é de continuar umas horas ali deitado, se lamuriando e observando aquilo reverberar, a repercussão engrossar na internet. Imagina já oitenta por cento das pessoas concordando com ela, rapidamente piorando e amplificando os termos do que ele fez e deixou de fazer.

Antes do livro ser publicado, Murilo nunca havia tido uma relação ansiosa com redes sociais. Usava pouco, e nunca teve perfis públicos. Foi só depois do livro que ele mudou a conta do twitter para seu próprio nome, e tentou, dentro dos limites do seu constrangimento, produzir algo como uma performance pública de escritor. Não postava com frequência, mas vivia pensando em tuítes que acabava não postando, e já gastava com isso mais tempo nisso do que gostaria. Postava piadas convolutas e extremamente específicas que não faziam sucesso, e deletava horas depois. Quando tinha lá uns trezentos seguidores, não se incomodava tanto quando uma piada boba não ganhava like algum. Agora que ele tem dois mil e tanto, acaba dando uma importância enorme à maneira com que tudo que ele posta ressoa ou deixa de ressoar. Ele se vê pensando em 140 caracteres, e podando o que vai falar para não melindrar tal ou tal pessoa que ele sabe que agora o segue. Uma boa parte dos seus dias nos últimos meses parecia ser gasta tentando buscar aquelas descargas imediatas de aprovação.

Por isso mesmo, por saber que uma porção desmedida da energia vital dele já andava depositada naquela plataforma, Murilo decide evitar a vontade mórbida e quase irresistível agora de ver o que estão falando dele por lá. Ele se força a levantar e preparar o café junto com a mãe. Vê no jornal (que eles ainda recebem embora quem realmente lesse fosse o Válder) que vai passar o terceiro filme do Dr. Mabuse no Cine Brasília e chama a mãe para ir lá na sessão das 17h. Ela fala que não vai naquele cinema tem bem uns vinte anos e que nunca ouviu falar desse filme, mas aceita. Os dois vão caminhando até lá, Murilo tendo que reduzir o passo pra não ficar ultrapassando ela o tempo todo.

Ela acha o filme muito estranho, mas bom, e principalmente parece feliz de ir lá com ele. Diz que havia esquecido como era bonita aquela sala. Na volta, comem duas fatias de pizza Dom Bosco cada.

Só quando a mãe vai dormir é que ele se permite a voltar a pensar no texto

sobre o seu livro e o Fábio de novo. Volta para os seus rascunhos e tenta procurar mais sinais do que teria acontecido com ele.

>

46.

<<

Quando Tamires acende a luz do quarto vê que Rafaela tá deitada numa das camas, acumulada num canto perto da parede, o lençol todo desfeito.

— Opa, foi mal. Não vi que cê tava aí.

— Tranquilo. Não tava dormindo não.

— O povo já tá todo todo lá fora. A Amanda dando a aula de Yoga lá dela com o Renato. Achei que você tava fazendo com eles.

— Eu tava, mas cansei.

Tamires não era de perguntar muito como as pessoas estavam. Mas já tinha percebido antes que Rafaela parecia deslocada, e isso ela conseguia entender muito bem. Ela tem que ajudar o Pedro a cozinhar, mas decide sentar um pouco no pé da cama antes.

— Tá tudo bem, querida? Cê parece desanimada.

— É, sei lá. Bateu um medo de repente. Eu fiquei um tempo meio no delírio aqui de vocês, entrei total na onda. Mas aí eu me liguei que fui eu que me arrisquei mais aqui. De todo mundo, sou a pessoa mais fácil de acharem pelo Jarbas. Eu que não sei o que vou fazer da vida depois, não sei nem onde vou morar. E se der merda eu é que vou me foder. Com certeza.

— Relaxa, não vai dar merda. Amanhã a gente deixa ele lá no posto e pronto.

— Será? O Renato fala daquele jeito e parece simples, mas porra.

— É, eu sei. Na real eu também tou com o cu na mão.

— E, assim, eu não sei de você, não sei do Renato. Mas claro que se der merda os outros vão ficar de boa. Eles têm grana, os pais deles são isso e aquilo.

— Mas essa é a ideia, né? O carro é do Pedro, o sítio é de alguém lá da Amanda. O Renato acha que isso vai proteger todo mundo. Eles não vão querer que isso vire um escândalo, sabe?

— É, eu sei, eu sei. Ele me falou. Faz sentido, até. Mas porra. Eu já tou vendo. Que se der merda eu que vou me foder. E eu não vou me foder sozinha.

— Relaxa. Ninguém vai se foder. Pelo menos ninguém vai se foder sozinho. Prometo. Se tem uma coisa que essa galera sabe fazer é se foder juntinho.

Rafaela olha pra Tamires com uma cara pouco crente. Ela tentou fazer uma piada, mas queria dizer algo que fosse verdade. E ela mesma percebe que no fundo não sabe se acredita no que acabou de dizer. O Brasil era o Brasil, afinal. Só se fodiam de verdade alguns, e os de sempre.

Só Tamires e Renato conheciam Eva-Evandro, só eles haviam administrado a injeção na nuca dos sequestrados, sem que os outros vissem (fingindo que só cortariam o cabelo). Só eles sabiam que havia sido ela quem tinha escolhido os alvos e dado todas as informações precisas sobre a rotina deles. Além de ter sugerido, antes disso, que os dois se aproximassem de filhos revoltados de gente poderosa (tanto para conseguirem meios materiais para a operação quanto para ajudar a evitar qualquer repercussão eventual).

Tamires às vezes se sentia mal de se aproximar cada vez mais de pessoas com quem ela não estava sendo exatamente honesta. Mas lembrava da Eva falando que assim era melhor, que assim todos estariam mais protegidos, e tentava acreditar nisso como podia. Lidar com uma dose de doidura por vez ajudava, deixava a irrealidade geral da coisa toda se dilatar e arrastar no tempo, até virar algo como a realidade anterior. Só que essa nova realidade que chegava era dez vezes mais vívida que a de antes, mais densa e espessa, com o volume todo no talo, o gravão tremendo o peito e a roupa.

>>

47.

<

Murilo percebe que tem vários rascunhos de Fábio de uma mesma semana (que se deu mais ou menos um mês antes da sua morte). Ele já tinha começado a ler alguns logo que abriu a conta pela primeira vez, mas não tinha terminado de ler a maioria daquele bando, principalmente porque davam muita agonia. Todos eles, em algum nível, destoavam do resto da conta toda. Agora ele lia até o fim cada um deles em busca de sinais.

Eu não sei mais o q q ta rolando. N sei mesmo. Alô Lombardi, produção? Sei que não aguento mais nem uma semana disso. Eu fico em casa e abro o computador e tudo parece que tá me falando alguma coisa. Eu saio pra andar sem internet pra espaiar e tudo aqui em volta parece programado, parece pré-montado pra me receber, como um quarto de hotel iterado até preencher meio continente (e sempre +1 quarto, sempre +1 quarto, pro lado). Não é à toa que esses imbecis do vale do silício acham que a gente mora numa simulação. Essa terra é toda igual a ela mesma, é uma mesma imagem morta de uma família puritana branca parindo a si mesma várias vezes, querendo engolir o mundo todo pra cagar frutose de milho e garfo de plástico embalado em plástico dentro de um saco plástico.

Todo dia eu arrumo e descarto mais ou menos uns vinte esquemas diferentes pra explicar o que tá acontecendo comigo. Por algumas horas ontem achei que uma inteligência artificial experimental criada para simular a consciência dos mortos tava se comunicando comigo por uma conta no twitter. Claro que estaria, como não?

Depois me vi crente-crente que uns e-mails que eu tinha lido na lista do Pynchon sugeriam que talvez houvesse algo enterrado pra eu desenterrar num cemitério em Boston. Anram. Isso porque encontrei versos modificados do Wallace Stevens num e-mail que fazia uma piada sobre documentos enterados em criptas, daí abri o artigo da Wiki do cemitério onde ele tá enterrado, abri um PDF com um mapa do lugar, encontrei sinais evidentes deixados para mim ao longo do documento. Só alguém que me conhecesse perfeitamente conseguiria deixar essas pistas. Mais pronoia que paranoia, saca. Risos. O tanto que fui mimado e criado com carinho (ainda que não d'Ele), senhor num país escravos. O mais estranho é que eu sei de onde vem. Sei que tem a ver

com uns delírios de grandeza, com narcisismo, de achar que tudo tem que se referir de volta pra mim e às minhas poucas neuroses, minhas culpas e medos particulares (talvez porque na prática o mundo de fato é todo concertado para me servir, eu enquanto membro do 0,01%, risos) Só sei que eu acordo da noite aterradora e tudo parece ativado de novo. A normalidade que eu sempre conheci no Brasil não vem, nunca chega. Tudo tá falando comigo, comunicando alguma coisa, me vendendo algo, me chamando psiou como o sapo de fraque que só dança quando ninguém mais tá vendo, tudo se ligando a algum trem que se liga a um outro trem que se liga a uma cadeia iterativa da qual sou um peido molhado e, no final de tudo, à morte, o único denominador comum de verdade. A Grande Equalizadora. Na maior parte do tempo, ele tentava se separar dos movimentos pelos quais sua cabeça passava, como se estivesse observando de uma distância segura os afetos que eles envolviam, mas ele continuava perseguindo aquilo. Fazendo trajetos pelo campus, deitando eventualmente e olhando pras estrelas como se lhes requisitasse instruções adicionais do que fazer.

Fui ver um filme outro dia no espaço de artes todo lindoso que tem aqui depois de ver um papel num poste anunciando a sessão que de algum jeito me pareceu claramente que tava ali só pra me alcançar. Porque claro que estaria.

O filme era um negócio arrastado sobre uma mulher que encontrava uma mala de fitas e as escutava em casa. Elas eram de um casal que viveu nos anos quarenta e gravava recados um pro outro, a maioria deles sacanas, descrevendo o que tinham feito juntos, e a masturbação durante a distância, e o que iam fazer no próximo encontro. Então tem essas fitas e várias pessoas ouvindo elas e fazendo caras de apreciação e surpresa diante dos barulhos arrastados e ruidosos dos gozos velhos e pitorescos daquelas pessoas (as fitas estão em péssimo estado de conservação, parte do filme envolve a sua recuperação técnica cuidadosa por uma equipe diligente de senhoras de uma universidade canadense). E o gozo solitário, que era gravado para não ser solitário, e que agora reverberava muito além do seu destinatário inicial. E todo mundo percebia que se gozava diferente antes de se ter sons de gozo simulado amplamente disponíveis por aí. Ou pelo menos aqueles dois davam essa impressão. E no meio do filme eu comecei a ter certeza de que eu tava ouvindo eram os gozos da Flávia, uma menina com quem eu tive um negócio uma vez. E que o filme era uma espécie de farsa muito elaborada que ela estava fazendo em colaboração com alguma outra pessoa com muito dinheiro

e meios, e que o odeia o suficiente para tanto (o meu pai, portanto). Por mais que ele percebesse os vários saltos no seu raciocínio, percebesse que aquilo tudo não fosse nem remotamente provável, ele ouvia o gozo gravado e achava que era o seu, ouvia o gozo dela achava que era da Flávia. Não tinha nem ideia porque, mas era o que sucedia, era o que soava. Espera até o final do filme que algo extraordinário e além de qualquer razoabilidade seja revelado, mas o filme apenas se arrasta por mais meia hora e termina. Ele lê os créditos de maneira meticulosa e acha que capta pelo menos três piadas internas evidentes endereçadas à sua pessoa. Muito sutis, mas evidentes. Quem quer que estivesse pregado essa peça nele certamente era muito esperto. E muito engraçado. Isso ele tinha que admitir. Mas ainda assim favor parar.

O fato do negócio mudar da primeira pra terceira pessoa, assim do nada, era o que mais tocava Murilo. Podia ser só um deslize de alguém escrevendo chapado, mas podia ser outra coisa.

>

48.

<<

Eu já tinha feito cinco gravações bem sucedidas com a 3i quando deu errado pela primeira vez. No Brasil, em São Paulo, logo a primeira que eu mandei fazer no terceiro mundo. O cara chegou a morrer, imagina. Claro que não fiquei nada feliz, ninguém queria que isso acontecesse. É possível que tenha acontecido porque não mandei minha máquina original para o Brasil (basicamente porque não confiava no lugar). Então mandei a cópia que mandei fazer em Shenzhen (os caras de lá são capazes de fazer engenharia reversa de qualquer coisa).

Ela tinha funcionado direito aqui em casa, então não sei se lá na hora deu problema sozinha ou se sofreu algum dano durante o transporte. Eu adoraria saber, até pra já apanhar o elo fraco na cadeia e não repeti-lo. De todo modo, enfim, eu a perdi e não acho que vá recuperá-la. Foda-se, também. Pelo menos a gravação foi feita e enviada para nuvem com segurança antes da lambança final acontecer. Acabou saindo a foda gravada mais cara da história, com certeza. Em mais de um sentido.

E o pior é que quase valeu a pena. Meio cretino dizer, mas enfim, não sou nada senão honesto. E não por ter gravado a foda com a garota, que, apesar de ser uma baita duma gostosa, parecia encabulada durante a coisa, meio fria. Talvez por saber que estava sendo gravada, claro. Nem todo mundo tem aptidão, digamos, pra fazer aquilo. Eu devia aprender a julgar este talento melhor, aliás, antes de encomendar uma operação desse tamanho. Se for pra gastar um braço e uma perna, se for pra matar alguém, que valha a pena. Rio de mim mesmo, e depois me benzo, fechando a cara. Até eu admito que exagero às vezes.

Os caras que meu atravessador local arrumou deviam ser uns broncos, lidaram com a coisa dum jeito péssimo. Mas prefiro esquecer dos detalhes, de todo modo, não valeu tanto pela garota, valeu mais pelo fim, mesmo. A conclusão macabra da gravação acabou sendo o diferencial, a sensação integral do rapaz gozando e morrendo logo depois, até o arquivo travar.

Quando recebi o arquivo, acabei dando para o meu valete, Tamaz, experimentar antes de mim. Dizendo pra ele que devia ser uma delícia, claro, e

não que o arquivo me assustava. Era meu assistente pessoal em casa há anos, agendando meus compromissos e comprando minhas passagens, fazendo minhas compras de natal etc. Ele foi introduzido à máquina por necessidade, e acabei com o tempo convencendo-o a experimentar os arquivos (prová-los, na verdade). Desde o início a ideia era usá-lo um pouco como cobaia para arquivos novos, mas eu honestamente também queria compartilhar aquilo com alguém.

Eu não tinha muito intimidade com os outros usuários da 3i que eu conhecia (era como Eliot chamou um dos protótipos, querendo dizer INTEGRAL IMERSIVE INTERACTION, ou algo assim, embora todos lhe dissessem que achavam o nome inviável, como produto).

Geralmente, Tamaz parecia contente em experimentar. Nesse caso, ele se mostrou meio relutante. E claro que eu entendia o porquê, não dava pra saber se aquilo seria seguro. Considerei a possibilidade de contratar uma cobaia, mas já tinha gente demais envolvida com aquela história. Ficamos em silêncio por um tempo, eu mexendo no couro velho e abatido da poltrona de seu escritório (que já foi o escritório do assistente de meu pai). Tamaz eventualmente disse que se dispunha a prová-lo. Mas que eu deveria cuidar de sua esposa e filha se algo acontecesse com ele.

Achei a declaração meio solene demais, e acabei rindo. Mas concordei. Ele era um tolo de aceitar aquilo como acordo verbal, considerando como eu sou uma pessoa voluntariosa e volúvel (palavras dele, num contexto que ele não sabia que eu tava ouvindo). Mas acho que teria cumprido o acordo, sim, se algo tivesse acontecido com ele, mas não aconteceu. Ele foi pra casa em seguida e disse que experimentaria o arquivo antes de dormir.

(Não fazíamos a coisa um na presença do outro, claro, isto seria estranhíssimo).

Encontrei Tamaz de manhã, mais cedo do que costumo descer para encontrá-lo. Ele estava sério, disse de cara que jamais gostaria de repetir a experiência, com certeza, mas que agora que passou sentia que gostava de tê-la tido. Certamente não foi prazeroso, e nem agradável, mas ele sente que passou pela morte e voltou, mesmo que de mentira. E se sente transformado por isso.

Tamaz falou isso numa seriedade que jamais havia manifestado comigo, e que me constrangeu. Meu instinto, como sempre nesses casos, era rir. E eu de fato esbocei um sorriso grande. Ele não reagiu. Isso só me deixou mais

constrangido, eu queria parar de rir, mas não conseguia, minha boca se contorcia sozinha num esgar involuntário e mal reprimido. Eu pedi desculpa por ter feito ele passar por aquilo e disse que não sabia se experimentaria eu próprio o vídeo, se era tão desagradável assim.

Passamos uns quinze minutos discutindo desenvolvimentos recentes do meu portfólio de investimentos, que havia se diversificado bastante depois da venda que minha família fez do império de gás natural e energia do meu falecido pai. Eu hoje estava distribuído em quatro bancos em três países diferentes, com bens igualmente distribuídos pelo mundo. Meu pai era um dos tubarões que tinha os contatos certos para conseguir as oportunidades de privatização da região depois da queda do muro. Um advogado e lobista que trabalhou no setor de energia pública por anos até sentir o sangue espalhando na água. Deixou uma montanha de dinheiro e de dívidas, de amigos e inimigos, na Ucrânia, na Rússia, na nossa Geórgia e onde mais se quisesse. Nunca o conheci muito bem, ele não tinha paciência para crianças, nem para adolescentes. Eu nunca nem sonhei que conseguiria um dia herdar aquelas responsabilidades. Ainda mais depois de ver meu tio, um velho inescrupuloso e obsessivo, falhar em manter o domínio sobre a coisa toda e tentar por alguns anos com toda a energia que tinha em seu corpo rijo de abutre.

Vender a carcaça do império para um grupo russo, mesmo que abaixo do preço, me parecia ótimo, embora tenha incomodado outros membros da família. Eu só queria o dinheiro, mesmo. Ganhar seiscentos milhões agora me parece obviamente melhor do que talvez ganhar novecentos daqui a cinco ou dez anos. Parece uma diferença abstrata demais, embora seja a coisa mais concreta do mundo. As minhas centenas e centenas de milhões de dólares ficam lá acumulando desde então. Em quinze anos, virou um tanto mais de um bilhão. Isso só delegando as decisões pras pessoas corretas, e fazendo algumas apostas aqui e ali. Algumas delas foram boas, mas não me iludo, sei que as fiz baseado em quase nada além de palpites bem informados. Não toma mais do que umas três, quatro horas da minha semana, se tanto. Por anos eu fazia tudo que bilionários fazem. Iates e jatinhos e os hotéis e restaurantes mais exclusivos, o tempo todo, as iguarias mais exóticas e as safras mais disputadas de Romanée Conti. Tudo isso cansa rápido. Você continua fazendo, e é bom, mas não é nada demais. Nos últimos dez anos, eu quase não jantava fora de casa, quase não viajava, nem mesmo para as finais da Champions. Só via o dinheiro acumular e fazia algumas compras imobiliárias extravagantes

que eu aproveitava pouco (uma vila na Toscana, um vinhedo lindíssimo na Argentina com uma mansão colonial reformada com muito bom gosto, duas penthouses em Manhattan etc). Vivia uma vida extremamente confortável e caprichosa, mas sem requintes muito vistosos, considerando meu estrato.

Sendo franco, posso dizer que já era um tanto viciado em pornografia antes da 3i. Eu já fazia uma “sessão” pelo menos duas vezes por dia, na grande maioria dos dias. Para não dizer praticamente todos (e para não dizer quatro ou cinco sessões, na verdade). Eu sei que é um pouco demais, mas pelo que leio aí de uns doidos no reddit, meu nível é bem normal, diria até saudável, talvez. Tem gente muito, muito pior.

E já acho o hábito um progresso, ainda que tímido, comparado a minha relação com prostituição dos dezenove até os vinte e poucos. Para alguém que tinha uma libido heterossexual tradicional, uma quantia ridícula de dinheiro e nenhum grau verificável de carisma pessoal, a equação sempre me pareceu bastante óbvia. Ainda demorei um pouco, considerando o costume da família (começar lá pelos quinze, ir com os primos mais velhos nas casas tradicionais). Fui sozinho, e só aos dezenove. Me apaixonei por uma modelo da Moldávia que fez um comercial da nossa empresa de gás e estava, é claro, tentando me enrolar.

Precisei de um tempo para aprender a separar as coisas. E gastei nuns dois anos muito mais dinheiro do que gastei na década seguinte. Uma montanha de dinheiro em putas russas, tchecas e eslovenas, em festas deprimentes em que três ou quatro delas tentavam fingir que se divertiam. Depois de brochar algumas vezes com umas modelos de Instagram muito antipáticas e presunçosas, depois de acabar saindo no tapa com uma ladrazinha em Kiev, decidi que pornografia era um vício muito melhor. Isso há muitos anos, já.

Por isso que a 3iii aqui teve essa força toda. Veio num mundo que já tinha se estreitado até aquela faixa tinha um tempo. E de repente alguém vem me mostrar que a faixa tinha uma fundura muito maior. E um tipo de fundura que me agradava bem mais do que a fundura do sexo, se encaixava bem melhor com minhas próprias neuras. Depois de evitar repetir demais, no início, eu hoje já usava a máquina todo dia, sem falta, mesmo com a dor de cabeça que ela dava, repetindo obsessivamente as gravações que eu havia conseguido comprar e as que eu tinha mandado fazer. Não me cansava da máquina, mas me cansava das poucas dezenas gravações que eu tinha, ficava sempre querendo outra coisa. Aqui e ali, conversando com as poucas pessoas que

sabia que também usavam a máquina de Elliot, consegui trocar as minhas por outras gravações que começavam a circular entre os usuários. Mas ainda era pouca coisa rodando.

Ouvi falar de uns picaretas que estariam vendendo experiências 3i históricas absurdas como se fossem verdadeiras. Coisas totalmente inacreditáveis que iam de Marco Antônio comendo Cleópatra, coisas do tipo, até o Robert Downey Jr. comendo a Marisa Tomei nos anos noventa. Devia ser uma simulação hiperrealista aí nova, com alguma rede neural combinada com a tecnologia do Eliot, ou alguma coisa assim, claro, nem imagino feita como. O que eu ouvi é que pelo menos dois ou três luminares do Vale do Silício teriam pago uma grana ridícula por elas. Tem que ser muito trouxa. Mas quem sabe elas não valem como simulação, mesmo? Isso na mesma época em que o Eliot morreu naquele acidente estranho com o carro dele. Gente da empresa dele traindo, os ratos abandonando o navio? Vai saber. Sei que é questão de tempo até alguém botar algum desses pra circular.

Além das garotas e atrizes de quem eu encomendava vídeos, a máquina te deixava formigando de outras possibilidades. Eu pensava em maneiras elaboradas para conseguir gravações de atrizes e cantoras famosas transando, mas ainda estou longe de conseguir algo realmente suculento. Enquanto a máquina fosse aparatosa daquele jeito, as gravações teriam que ser consensuais, isso parecia certo. Ninguém vai esconder facilmente que está gravando com aquela coisa toda atrás da cabeça. Eu pensava nisso enquanto Tamaz lia o relatório mensal do hedge fund em que eu tinha algumas dezenas de milhões investido. Quanto será que eu teria que torrar se fosse financiar um aperfeiçoamento da tecnologia? Não sei se é algo insano de sequer se considerar.

Tamaz, aliás, tem uma esposa muito gostosa. Com aquele tempero local, tetas incríveis e uma cara de danada. Eu pensava muito nela enquanto me masturbava, frequentemente ensaiando ao mesmo tempo na cabeça um cuidadoso pedido de quanto Tamaz cobraria para me ceder uma gravação íntima dos dois. Ainda não falei, mas sei que vou falar, algum dia. Só tenho que decidir qual a soma que posso falar que não vai ofendê-lo demais. Penso nele próprio gozando na cara da mulher enquanto o encaro falando sobre futuros de trigo e de petróleo.

Agradeço meio do nada, interrompendo o falatório modorrento dele, e falo que será tudo por hoje. Subo pro quarto pra experimentar a gravação brasileira, ainda tenso a respeito de como seria. Já imaginava como oferecer

depois para Jason e Peter, os outros usuários de 3i que ele conhecia e com quem trocava gravações às vezes. O snuff movie derradeiro, rá. Macabro demais talvez até para o Peter (que aliás, de resto, gostava era de outra fruta).

A transa, como falei, não tinha nada demais. Mas o final daquela gravação no Brasil era de fato a sensação mais intensa, certamente a mais estranha, que eu já tinha sentido. O cume rápido e costumeiro do gozo, que se estende no máximo por alguns segundos, e logo se percebe arrefecendo, continuava prolongando a intensidade até um platô insustentável, e aí começa a doer. Isso acontecia em dois segundos, no máximo. Não sei dizer, mas parece mais. A dor logo se interrompe, os sentidos vão aos poucos também cedendo. Vem um cheiro forte de queimado. Mas um queimado que vem meio de dentro do teu nariz mesmo, não sei explicar.

E aí não há nada. Mas esse nada não há, por um segundo, em você, que ainda está ali super vivo, fechando aquela experiência como parênteses fecham uma oração dentro de uma frase. E aí de algum jeito eu sinto aquele intervalo, aquele vazio, dando lugar ao meu corpo de novo. Era como morrer e renascer. Mas não do jeito fajuto que dizem isso com qualquer merdinha, com arte, com arco-íris, não sei o quê. Tou falando de uma sensação literal de que você deixou de existir e voltou a existir de novo. Tipo como se a tua existência toda, e não só teus pulmões, estivesse prendendo a respiração. E de repente soltasse.

Eu que nunca antes havia visto qualquer graça ou sentido na ideia de reencação, fiquei genuinamente emocionado. Eu tinha fungado a própria morte e voltado. Essa máquina era o único entretenimento que importava, o resto era tudo besteira. Tudo morto e enterrado, coisa do século vinte. Amanhã.

Amanhã mesmo, sem falta, eu pergunto pro Tamaz quanto ele quer pra gravar a experiência de meter na gostosa da mulher dele. Tem que ter um número.

49.

<

Depois do sucesso da sessão do filme do Fritz Lang no Cine Brasília, Murilo começa a procurar filmes que acha que podem agradar a mãe. Baixa A Roda da Fortuna, Ninotchka, Serpico, e assistem os três ao longo da semana, ligando seu computador na televisão da sala. Dois filmes mais animados e felizes e um mais bruto, dosados com cuidado. Ela ama todos, “cada um mais lindo que o outro”, fala numa ligação pra Elaine. O tom mais violento do terceiro filme agradou menos, mas o fato de conter o jovem Al Pacino mais do que compensava. Murilo põe pra baixar seu Ozu favorito e dois outros do Lubitsch, um dos quais ele próprio nunca viu antes.

Há meses Murilo recebia vários e-mails por semana a respeito do filme do Renato Mussum. Depois de muito vai-não-vai, finalmente haviam conseguido o dinheiro para a produção alguns meses antes, e as duas primeiras semanas de filmagem seriam ali em Brasília. A maior parte do orçamento havia sido obtido via edital do estado de Goiás, uma parte menor tinha sido por patrocínio via leis de incentivo, e no final complementaram com uma campanha de financiamento coletivo. A princípio, Gominho e a produtora, Rita, tentaram conseguir tudo pelas leis de incentivo, mas as primeiras (e, no final das contas, únicas) empresas interessadas todas pularam fora depois de ler o roteiro. Mas aí teve um edital estadual atipicamente polpudo que acabaram ganhando, e isso conseguiu dar o bastante para complementar com alguns apoios de empresas menores. Muita gente achou ridículo o filme ser feito com grana pública e ainda assim pedir crowdfunding pra complementar (fez sucesso um comentário no twitter dizendo que o pai de Fábio podia financiar a obra toda com folga, tendo já roubado tanto dinheiro de todo mundo). De todo modo, não chegava a ser um orçamento milionário.

Gominho se exasperava com as críticas em público e nos e-mails, dizendo que ganharam o edital porque o projeto deles tava bem feito e tinha relevância e reverberação comprovada, insistindo ainda que o pai do Fábio nem era mais governador do estado. Isso era verdade, mas era difícil não notar que o governo atual era uma continuação quase indistinguível do anterior, tanto em secretários apontados quanto nas alianças na câmara estadual.

Anselmo Carvalho tinha ungido como seu sucessor um jovem protegido

político, Adonis Gurjão. Com quarenta e poucos anos, bombado como um herói de Liefeld, um tipo geral de quem saía do Palácio de Governo direto pra um iate em Angra dos Reis todo final de semana. Adonis ganhou a eleição de 2014 no primeiro turno e com um pé nas costas, e estava bem cotado para se reeleger. Os marqueteiros e analistas todos concordaram que não atrapalhou nem um pouco que Anselmo e a esposa tenham aparecido chorando durante meses em todo jornal local.

Anselmo chegou a fazer um comercial em que andava num gramado florido com Adonis, falando de como o seu amado e falecido filho sonhava com um Goiás melhor, com mais saúde, mais empregos, mais segurança (com fotos de Fábio adolescente e criança, sorrindo, passando sob um sax meloso), dizendo ainda que ele sempre acreditou que o filho ia sucedê-lo um dia na política, se não fosse a tragédia. Mas como em toda crise surgem oportunidades, agora surgia um novo horizonte com ele, Adonis. Justo quando a desesperança bate na porta, a gente responde com otimismo e entusiasmo (o comercial passou por uma semana até a mãe de Fábio vê-lo um dia de madrugada e quebrar a televisão do quarto com uma garrafa de vinho; no dia seguinte parou de passar).

Agora que está em Brasília, Murilo considera dar uma passada no set. Viu pelo e-mail que tinham filmado umas cenas na BCE da UnB e filmariam outras na Esplanada naquele mesmo dia. Nunca tinha conhecido Gominho pessoalmente, mas tinha uma simpatia vaga por ele. Metade da curiosidade era de ver um set de filmagem, que ele nunca tinha visto na vida, a outra metade era de conferir os bastidores do que ele imaginava que, no fim das contas, seria um filme péssimo. Manda um e-mail avisando que daria uma aparecida e recebe uma mensagem chocada poucos minutos depois (“Claro !!!!! Chega +++”).

Murilo pega um ônibus até a rodoviária em direção ao lugar onde entendeu que tudo estaria montado. Depois que desce e começa a caminhar no gramado seco da Esplanada, aquela rota tão cênica (ainda que mal guarnecida de sombra ou calçadas), Murilo percebe que não anda por ali tem anos. Quando chega ao lado do congresso avista a aglomeração de gente e equipamentos na frente do STF. Cabos sendo desenrolados e ligados, umas cinco pessoas pressurosas circulando e outro punhado entediado mexendo no celular. Um coro de doze dançarinas e dançarinos estão praticando uma coreografia, todos têm chumaços de algodão presos ao longo do corpo como se fossem nuvens emoldurando deidades. Murilo não lembra de ver nada parecido no

roteiro. Mas também não chegou a ler o negócio inteiro, na sua versão final, retocada por mil mãos.

Dois tiozinhos perto de um furgão da Band estão ali perto achando graça e tirando foto com o celular. No final da praça tem uma viatura e dois policiais por perto com uma cara levemente irritada. Gominho está pegando um cafezinho de uma garrafa térmica. Parece tenso. Perto dele uma menina que Murilo pensa que reconhece de fotos como Rita, a produtora, tá com uma lista de papel e apontando coisas com uma caneta fosforescente.

— Então, a gente não conseguiu igual você queria, mas o Alex jura que dá pra fazer isso na pós, tranquilo.

— Não vai ficar tosco?

— Ele disse que fica tosco-massa.

— Como que é tosco-massa?

— Ah, aí é com ele.

Murilo se aproxima e fica por perto para ver se Gominho o reconhece. Isso não acontece, ele chega a acenar, mas não é visto. Uns dois minutos depois, Gominho termina de mandar um áudio no celular e sua visão acaba pousando em Murilo. Quando isso acontece, seu rosto se acende de reconhecimento, ele faz um gesto cênico com os braços pra cima. Quase cai pra trás.

— Cara. Que isso, doido. Tu veio mesmo. Caaaara.

— E aí, e aí?

— Porra, bicho, que honra. Eu achava que tu não saía da toca não. Tipo jamais. O Fábio sempre falou que não tinha nem certeza direito se tu existia.

— Exagero dele.

— Ele me falou que às vezes achava que você podia ser várias pessoas. Tipo vários japoneses pequenininhos metidos num sobretudo.

Murilo ri alto, o que é raro, seu nariz chega a fazer uma fungada involuntária que provoca um minissobressalto no seu interlocutor. Gominho diz que o fotógrafo ainda tá se entendendo com a luz e ainda tão esperando arrumarem o figurino do Renato. Quem é que tá fazendo o Renato, Murilo pergunta (imaginando, assim que vê a cara um pouco confusa de Gominho, que isso tenha sido discutido exaustivamente na lista de e-mails onde ele está incluído).

— Um menino muito bom, muito mesmo. Cê tem que ver. Mas eu tou feliz que tu tá aí, porque hoje é das nossas cenas assim mais, tipo, vistosas, sabe? Geralmente não tem tanta graça assim não, sabe? De ver filmando. Maior enrolação.

— Tem tempo que eu li os roteiros. Mas admito que não lembrava dessa parte.

— A gente foi pegando uma coisa ali, uma coisa aqui. Essa cena é tipo um dos delírio do Renato, que são todos números musicais, tal. A gente pegou uma galera foda pra fazer as música. Toda essa confusão aqui prum negócio que vai durar tipo um minuto. Cinema é muito creize, véi. Nunca mais que eu invento de fazer filme. Trabalho demais, trabalho demais. Gente demais.

Os dançarinos e dançarinas param um pouco de ensaiar, alguns sentam no chão e ficam mexendo no celular, dois deles continuam dançando sozinhos uma dança diferente daquela que estavam ensaiando. Três das mulheres estão conversando seriamente sobre a reforma trabalhista em curso no Congresso. Ele percebe que todos os (sete) homens dançarinos têm um tipo bem feminino e todas as (cinco) mulheres têm um tipo bem masculino, duas delas de cabeça raspada, uma de moicano e duas de cabelo bem curto. Quase ninguém parece fazer aquilo da vida, nem pelos corpos nem pelo jeito. O mais gordinho dos homens fica tentando fazer um mesmo salto rodopiado que não parece dar muito certo, e um outro bem alto com uma peruca branca enorme fica apontando e rindo pra caramba.

Murilo lembra de Fábio em algum momento fazendo piada que Gominho era “o homem mais hétero que existe”. O que aquele cara tava fazendo dirigindo aquilo ali? Procura um lugar pra sentar e decide que vai ficar o dia inteiro.

>

50.

<<

Cátia está sentada numa poltrona no canto de um Starbucks em Copacabana, olhando em volta os barbudos de fone de ouvido trabalhando nos seus macbooks, turistas suados checando a internet, executivos em pé falando sozinhos (no meio de telefonemas ou entretidos em surtos psicóticos, vai saber). Wellington chega com uma água e um pão de queijo numa bandeijinha.

— O café é tipo trinta reais. Um copão enorme. Surreal.

— Já tinha visto esse lugar em filme mil vezes. Sempre quis entrar num. Mas não entendi ainda qual é a graça direito.

Cátia e Wellington estavam tensos, mas ele não deixava de esgueirar um sorrisinho excitado de vez em quando. Ela acabava rindo junto do sorriso dele, mas tentava emburrar a cara de novo em seguida, para parecer séria e profissional, em controle, caso o homem com quem eles haviam marcado já estivesse por ali. Tinha custado quase três semanas de conversa até arranjar um comprador em potencial para a máquina. Não era exatamente o tipo de coisa que você chega e bota no Mercado Livre, afinal. Wellington conhecia um maluco que conhecia um maluco que trabalhava com pornô em realidade virtual, e a partir dele os dois chegaram num gringo que pareceu muito animado com a descrição que fizeram, depois de reformularem a descrição entre si umas vinte vezes (“uma máquina de realidade virtual que grava a experiência corporal toda”).

Vieram de ônibus de São Paulo, saíram do Terminal Tietê duas e meia e chegaram no final da manhã no Rio. Isso em junho de 2014. A última vez que ela tinha estado na cidade havia sido pra fazer um filme produzido por Wellington. Os dois pensam em mencionar esse evento, mas não mencionam.

Cátia ainda não sabia se podia confiar em Wellington. A versão que ele contou de tudo parecia crível, e ele não tinha tanta culpa da merda, afinal. Todo mundo era adulto ali, mas ele ainda era o cara que tinha botado ela e a amiga naquela treta. Não sabia o que achar dele. Pelo jeito meio deferente como ele a vinha tratando até agora, ela conseguiria lidar com ele sem problema até a história terminar, pelo menos. Nem considerava transar com ele de novo, depois de tudo, mas ele claramente sim. Talvez o fato tão gritante dele ainda

se sentir atraído por ela significasse, por hora, que ela pudesse confiar nele.

Josias, o amigo do amigo do Wellington (gordinho mineiro de mullets que tinha uma pequena loja de TI e falava como se dominasse todos os assuntos sob o céu), é quem tinha cunhado a versão final da descrição que eles pretendiam fazer hoje, e havia ainda aconselhado os dois a fingir que sabiam direitinho o que a máquina era. É claro que não contariam a história toda, se nem pro Josias contaram.

Ele ainda disse pra dizer, quando perguntados, que aquilo era tecnologia experimental, ainda, coisa sigilosa, segredo industrial. Por isso vocês estão vendendo assim escondido. Ou ainda (e isso o Josias já falou rindo) fala que é um protótipo militar. E ele ria sem fazer barulho direito, só o nariz guinchando como aqueles animais de borracha quando apertados. Isso vai deixar os cara doído.

O combinado é que encontrariam um homem de terno branco. Cátia achou estranhíssimo. O cara era um sambista velho, era o Zé Pulintra? Como assim? Eles tinham dado os nomes Roberto e Vanessa, que ela tirou não sabe de onde.

Exatamente dois minutos depois da hora marcada, entra um homem alto e incrivelmente branco, com um terno branco claramente muito caro e bem cortado. Destoa tanto do ambiente que as pessoas todas olham de maneira ostensiva, sem esconder. Ele chega acompanhado de dois armários de terno preto e óculos escuros que entram logo depois, mas não mantêm uma proximidade que torne inequívoca a relação entre os três. Ficam em pé num canto e logo se misturam ao ambiente como se fossem seguranças do próprio Starbucks.

Wellington acenou para a figura com alguma timidez, um sorriso constrangido que logo se enfezou, tentando ficar mais grave. Cátia nota que os dois seguranças estão posicionados bem do lado das duas saídas do café. O homem branco se aproximou cumprimentando com uma mão frouxa e beijando a mão de Cátia, que o acha nojento de cara.

— Queridos. É um prazer. Meu nome é Timothy Aaron.

— Prazer, Cláudio.

— Vanessa.

— Encantada. Vamos direto ao ponto. Antes de qualquer coisa eu queria saber como é que vocês botaram as mãozinhas suas num protótipo

experimental militar. Hein? Da – na – dinhos.

Ele falava isso num português perfeito, mas inosso nas vogais, enquanto botava na poltrona do lado de Cátia um lenço bordado chique que parecia custar o preço de uma moto e sentava em cima. Cláudio engoliu seco, conseguiu nem disfarçar. O grande trunfo deles, o cara já mandava de primeira. Cátia respondeu antes.

— Não te interessa como a gente conseguiu. Você quer ou não quer? Quatrocentos mil agora. Em dinheiro.

— Calma, calma.

— Opa. Não era cem mil?

— Isso era antes de você confirmar que era um protótipo militar. Você sabe então o valor desse negócio. Não sabe? E você não é o único interessado.

— Querida, você não tá entendendo. Eu sou do governo dos Estados Unidos. Vocês estão cometendo um caramba de crimes. Ninguém vai pagar nada. Se vocês entregarem logo, talvez a gente não preste queixa. Talvez a gente seja bonzinho com vocês. Isso se vocês entregarem de uma vez.

Wellinton já estava pálido. Ergueu os braços num gesto troncho, desesperançado, e bufou. Ia começar a falar alguma coisa, mas Cátia emitiu um barulho e um gesto de impedimento com a mão e os olhos que fizeram ele quietar. Ela respondeu de um jeito ríspido.

— Calma, Roberto, porra. E em seguida para Timothy:

— Você não tem poder aqui, caralho. Não tem esses bagulho de jurisdição? Cê tá jogando verde com a gente. Se tu tivesse aqui dentro da lei, tu já chegava com alguém da polícia brasileira, não?

— Cátia, cala a boca. A gente vai te dizer onde tá a máquina, senhor. Tranquilo. Tudo tranquilo.

Ela pensa no irmão, por um instante. Até hoje tendo que morar com os tios. Ela não pode ser presa. Lembra também da Fabiana e da família do Fábio. Não podem sair de mãos abanando dessa merda toda. Os olhos dela acenderam.

— Cala a boca, tu, teu frouxo. Ele tá blefando, caralho. Eu já vi isso em filme. Se ele fosse prender a gente de verdade, já taria a PF aqui, ou sei lá. A Civil. Tô errada? Só a gente que sabe onde a máquina tá.

— Se a senhora vê muito filme deve saber também que a gente tem meios

de agir além da nossa jurisdição. Queridinha. Mas estou vendo que o senhor Wellington está a fim de colaborar.

— Eles já sabem nosso nome, Cátia, porra, cabou, fodeu, pronto, aceita logo que dói menos.

— Vocês podem tocar o terror, mas você não vai fazer isso agora, aqui, no meio da paulista. O Wellington acha que sabe onde tá a máquina, mas ele não sabe. Só eu sei. A gente não cometeu crime nenhum. A gente encontrou essa merda dessa máquina escrota porque algum gringo tarado tava fazendo pornografia com ela usando gente daqui, e você não vai botar as mãos nela sem antes fazer a gente sorrir. Não vai. Tem gente que sofreu pra caralho pra gente botar as mãos nessa merda e tem gente que precisa muito desse dinheiro. Nem que você me prenda.

Timothy mudou de expressão inteiramente. Pareceu relaxar, e ficar até excitado.

— Vocês nem sabem direito o que a máquina faz, sabem?

— A gente sabe que é de realidade virtual. E que grava a experiência da pessoa. Do corpo todo.

Timothy tentou, sem muito sucesso, conter um tremelique de excitação claramente sexual. Wellington ficou constrangido, Cátia entendeu exatamente com o que estava lidando.

— 500 mil. Cabou de subir. Última oferta.

Timothy já estava contido, de novo, mas nisso seus olhos acenderam de uma percepção aguda e prolongada. Como se só naquele momento ele tivesse se dado conta, agora de uma maneira irreversível, de que Cátia era uma mulher incrivelmente atraente e, por isso mesmo, odiável de um tanto difícil de se suportar.

— Você conhece ela? Eva? Vocês conhecem ela, 'é isso?

Cátia de repente ficou confusa. Não tinha ideia do que tinha acontecido, mas sacou pelo arco das sobrelhas daquele homem estranho que finalmente tava com o manejo da situação. Ela não fala nada, e ele segue desembestado:

— Eu te dou 600 mil se você me entregar a Eva. Na mão, em notas. Sem perguntas. E a gente esquece essa história toda de prender vocês também.

De quem diabos é que ele tava falando? Cátia demora um pouco para

responder. Ela chega a começar a enunciar que não sabe de quem ele tá falando, mas alguma coisa nela estala, olhando bem no olho dele.

— Olha, eu não conheço ela, mas conheço quem trabalha com ela. E se for quem eu tou pensando, eu jamais entregaria. Assim, se eu soubesse, né, onde que ela vai estar. Jamais entregaria.

Cátia não tem ideia de quem ela tá falando, mas está vendo o desejo desesperado estampado no rosto dele. Ela sabe que precisa responder logo pra não perdê-lo. Quem quer tanto alguma coisa, vai aceitar qualquer proposta.

— Só tem uma coisa que me faria mudar de ideia.

— Ótimo. Diga.

— Um milhão de dólares dentro de uma mala.

>>

51.

<

A circulação de Elizete está péssima, receitam-lhe um remédio para afinar o sangue, mas ele bate mal com outros remédios. Ela vai no médico para lidar com isso e toma uma bronca quando diz que não consegue tomar tudo sempre no dia correto. “É um rapaz muito novo com covinhas no queixo, parece a Murilo ser uma pessoa presunçosa que encarava a velhice como um defeito de caráter incompreensível. Ainda assim, ficou impressionado com a bronca. É a primeira vez que a acompanha numa consulta.

O consultório fica ali perto, no final das 700 sul, então os dois voltam a pé pra casa. “Tenta confrontá-la de novo com isso de não tomar os remédios direito, ela responde que “médico fica tentando adiar, mas quando meu corpo tiver que ir, também, não tem jeito”.

Murilo compra pela internet uma caixinha com os dias da semana assinalados, e uma agenda pra ficar na mesa da sala a todo tempo, contendo consultas futuras, recomendações médicas e orientações gerais (percebeu que precisava compilar tudo daquela forma pra que a atenção dela conseguisse se deter melhor nos detalhes e nas suas relações).

— Eu ainda tenho um pouco de dinheiro, mãe, deixa eu te ajudar com isso tudo.

A mãe olha pra ele meio assustada quando ele diz essas coisas, como se a dificuldade dela de conciliar a imagem que já tinha do filho com aquela figura nova fosse tão grande, tão extraordinária, que quase não conseguisse de fato processar aquele momento. Apenas depois dele levá-la ao médico é que começou a se tranquilizar, começou a acreditar que de fato seria capaz de ajudá-la com aquilo tudo.

Murilo enfim compra um novo aspirador, um que o vendedor insiste em chamar de “vassoura elétrica” porque se usa de pé, não curvado. Também compra um esfregão igual os americanos, e vários panos novos, além de detergentes, água sanitária e luvas. Decide que vai, com a ajuda da mãe, faxinar a casa como ela não era faxinada há anos, de cima embaixo. A tarefa leva dois dias inteiros, em que eles, em geral, conversam ou escutam muito rádio (pontos altos, para Elizete, sendo sucessos de Gal, Marina Lima e Djavan).

Os dois criam um hábito quase religioso de cozinhareem juntos e jantarem assistindo “Os Sopranos”, que Murilo sempre quis assistir inteiro de cabo a rabo e que imaginou, corretamente, que a mãe poderia gostar. A primeira temporada sente que ela assiste só porque nunca aconteceu antes do filho propor que assistissem uma série juntos. A princípio parece se incomodar com a relação complicada entre mãe e filho, como se talvez entendesse que o gesto do filho de escolher aquele seriado em particular pudesse ter um peso, mas aos poucos foi se envolvendo com os personagens e com a trama. A partir da segunda temporada já passa o episódio quase todo reagindo intensamente e, depois, faz especulações longas, às vezes profundas, sobre as decisões e a possível vida interna daquelas pessoas de mentira. Murilo acha graça na capacidade intensa dela de se depositar ali naqueles termos ficcionais, tinha esquecido que ela tinha aquilo fundo nela (como ele também tinha, e tanto) e fica contente que consegue encontrar um objeto que a mantém envolvida e intrigada no meio do luto, pensa que aquela era a vantagem de um seriado em relação a um livro. Eles podiam dividir aquilo, sentar juntos diante do negócio e seguir aquele fio da meada ao mesmo tempo. Nem um romance nem um filme te dava isso, não exatamente.

Também se impressiona com o tanto que a mãe parece ter envelhecido desde que ele havia ido para os EUA. Comentou uma hora a mecha de cabelo branco dela e ouviu que os fios já tavam vindo tinha tempo, que ela tinha era desistido de pintar desde que viu que o Válder não sobreviveria. Murilo tinha comentado como um elogio, sempre achou cabelo branco um negócio simpático e charmoso, mas viu que não foi assim que ela entendeu. Ele não sabe dizer o quanto que ela realmente mudou nesse período e o quanto que os olhos dele estão se reacostumando a vê-la como um ser mais frágil. Por mais que tivesse uma relação apagada com os pais, era como se a figura deles ainda mantivesse até hoje na cabeça dele o tamanho que elas tinham quando era criança. Aquelas duas montanhas em torno das quais Murilo vivia e que determinavam o curso e a valência de todo o resto. Agora olhava para a mãe, suas manchas roxas e pretas ao longo dos braços e das coxas, suas enxaquecas noturnas mais sustentadas do que antes, seu medo visível diante da solidão e da velhice que se colocam, em bloco, como seu futuro inevitável.

Elizete passa a falar muito de Válder, principalmente de noite, na janta, antes de assistirem alguma coisa. Conta das poucas viagens que haviam feito antes de Murilo nascer, de como os dois eram mais leves nessa época, quase

não brigavam. Murilo duvida, vendo as caras sempre tensas nas fotos, mas não diz nada. Elizete mostra um álbum dos dois numa quitinete em Guarapari, acampados perto do rio Araguaia. É doloroso para Murilo tentar imaginar esse pai que ele não sabia que tinha até agora, e que havia partido antes dele sequer poder começar a entender essa incongruência direito. Como se o pai tivesse morrido antes várias vezes naquela casa, e mesmo dentro da sua cabeça, antes daquilo suceder da maneira derradeira e definitiva no hospital. Ele tentava servir agora como espaço para a mãe depositar suas memórias, mas continuava sentindo que não conseguia ainda dar conta da perda. Até porque a perda vinha também da sua incapacidade de dar conta das coisas, de dar conta dos outros, principalmente. Sabia que aquelas mortes seriam digeridas devagar, fragmentada em pequenos pedaços e pingando aos poucos, como um arquivo enorme baixado de uma semente só.

Quando anoitece e Murilo não consegue dormir, geralmente abre o e-mail do Fábio e vai reler algumas das últimas coisas salvas. Tem uma, específica, que ele acaba relendo várias vezes, a mais enigmática de todas. Não só pelo texto estranho e sem lugar, mas pelo fato de haver seis iterações exatamente iguais do mesmo texto num espaço de dois dias. É a menos obviamente autobiográfica, talvez fosse só um experimento formal de algum tipo.

Primeiro lhe ocorre como um exagero, uma interpretação forçada. Mas depois de algumas horas Murilo não consegue deixar de ver algo muito ominoso ali, como se aquela sucessão de frases pudesse, devesse ter desencadeado algo irreversível no Fábio, perto do fim. Algo quebrou nele nesse período nos EUA, e aquela sequência de frases tomou parte nisso, de algum jeito.

>

52.

<

Linda nasceu em Salt Lake City, mas a família se mudou para Illinois quando ela ainda era criança, a mãe com medo da influência Mórmon que as filhas pareciam receber na escola. A mãe, o pai, as duas irmãs e as tias, todo mundo era religioso de uma maneira que não parecia trazer nenhum alento. Havia procedimentos a seguir e muita ansiedade a respeito do seu desempenho, mas nenhuma alegria, nenhuma juntura afetiva agradável na repetição mecânica dos movimentos da fé ou no ato de transmiti-los aos outros.

Linda era diferente, sentia desde a adolescência que tinha uma linha direta com o espírito santo. Primeiro vieram os êxtases arrastados, desde que ela começou a menstruar, eles apareciam assim que a cólica sumia, e a deixavam se contorcendo sozinha no quarto, no sol, assustada, a cara oscilando entre um sorriso involuntário e uma cara de pavor. Sabia que era a presença de Deus, mas quando tentava explicar para alguém, as pessoas achavam que ela estava descrevendo masturbação, então ela desistiu de tentar. Ela nunca fazia aquilo, imagine. Nos transes acontecia sempre de ela prender muito a perna uma na outra, se contorcer toda, claro. É assim que funciona, só ver os quadros e estátuas antigas. Mas não tinha mão nenhuma.

Essas experiências foram arrefecendo com o tempo, praticamente param antes dos vinte, mas em compensação os recados que recebia de cima só foram ficando mais frequentes e diretos. Eram sussurros, geralmente coisas sutis – um par de palavras, um nome – quase inaudíveis, mas presentes. E ela sempre foi toda ouvidos. No ônibus ou numa fila de supermercado, quando ela sentia o tédio começar a espreitar por debaixo das coisas, ela às vezes fechava os olhos e sentia que tudo já tava queimando, e que de olhos fechados dava pra ver melhor, naquela penumbra preto-rosa que aparecia quando fechamos os olhos diante da luz do dia, que ali ela conseguia ver algo mais real do que naquele espetáculo pálido que aparecia com eles abertos, pessoas entediadas num mundo morto, todo mundo querendo se aproveitar de todo mundo, sugar todo mundo. O mundo já se consumia e se conflagrava todo em pecado, eles só não conseguiam ver isso, coitados.

Lembrava dos treinos que faziam quando ela era criança, na escola, pro caso de um desastre nuclear. Suas irmãs e amigas morriam de medo da

bomba, falavam dela o tempo todo, às vezes até antes de dormir. Ela dizia que não tinha medo nenhum da bomba, que a bomba era a prova de que o juízo final viria, e quando viesse seria a própria luz. Ninguém vai sentir dor, ela falava pra tentar confortar as irmãs, lembrando de um documentário que tinha visto na TV sobre as bombas que jogaram no Japão. Tudo vai virar gás de uma vez só.

Desde adolescente passava madrugadas pensando em todos os países que não viviam sob a asa protetora de Jesus Cristo, seus habitantes perdidos em cidades e costumes grotescos, insuportáveis de feios, suados e sujus. Ela sentia o esforço que era amá-los com o mesmo fervor com que amava sua família e vizinhos como quem sente a panturrilha reclamar numa ladeira, e por isso mesmo continuava a declinar esse sentimento quase toda noite, longamente, sofrendo vicariamente a sua danação, amando violentamente na sua cabeça rostos marrons vagos e esquisitos. Com vinte e quatro anos, Linda estava cansada de trabalhar no salão de beleza da família e de responder perguntas sobre namorados e casamento todo santo dia (sua irmã mais nova já casada, a mais velha estudando contabilidade). Foi depois de receber um folheto na rua que ela imediatamente reconheceu como um recado divino — no meio de janeiro, o frio bruto ventando no seu rosto — que ela decidiu ir fazer trabalho missionário na América do Sul. O ano era 1984.

Dez meses depois, ela estava no Tocantins morando perto de uma aldeia Krahô. Só tinha um outro padre morando lá no momento, e ela ia com ele começar a planejar uma ação de médio prazo. Eles não tinham autorização para fazer aquilo, e ela estava agindo um pouco por conta própria, por fervor e impaciência. A maioria dos índígenas mal olhava pra ela, e quando olhavam, olhavam com uma displicência que ela nunca tinha visto antes em ninguém, nem nos latinos que trabalhavam no jardim de uma vizinha sua. Ela já contava com a maioria deles andarem por aí quase pelados, esse lado ela até conseguia entender como uma espécie de inocência, ainda que uma completamente equivocada. O que ela achava mais estranho era o jeito deles ficarem deitados por aí, estirados na rede ou no chão mesmo, em qualquer sombra. Parecia que eles não tinham vergonha nenhuma na cara de serem tão preguiçosos, de ficarem tão moles daquele jeito indecente. O demônio parecia tão entranhado em tudo que assim que Linda chegou se sentiu muito desalentada. Não seria nada fácil.

Uma garota em particular pegou a atenção de Linda ainda na primeira

semana. Diferente de todas as outras mulheres da mesma idade, mais desbocada e irritada, não parecia aceitar nada que lhe dissessem, com olhos felinos muito pretos e muito acesos. A maioria das outras mulheres não parecia gostar tanto dela, mas uma minoria via muita graça no seu deboche todo, que às vezes era também carinhoso, seus olhos se fechando quando ria e cismava em puxar um coro de escárnio junto com ela, geralmente com sucesso. Enquanto a maioria ouvia o que Linda falava de Cristo com educação, ainda que raramente interessados, no máximo sorrindo de canto de boca ou trocando olhares irônicos entre si, essa garota fazia questão de contestar qualquer parte da história, chamando de mentira ou só ridicularizando algum elemento que para ela não fizesse muito sentido. Quando Linda quis explicar que Cristo dava a outra face quando recebia um tapa, ouviu:

— Mas esse deus de vocês é brocha, hein? Como que ele ganhou dos outros assim?

Nem conseguiu responder, só ficou com uma cara alarmada por alguns segundos enquanto todo mundo ria largado. Uma das garotas mais boazinhas riu junto, mas falou para Linda não ligar, que aquela ali era assim mesmo com todo mundo. Ouviu dizer que essa garota ia às vezes pro povoado perto, a pé, sozinha, bebia e namorava com caboclos da região. Muitos homens faziam isso, mas as mulheres faziam menos e geravam mais comentários. Pouco depois dela engravidar, começou a dizer que já conversava com seu filho na barriga. Dizia que ele já anunciava que as coisas iam mudar quando nascesse, que ia tocar o terror e trocar tudo de lugar.

Muita gente tirou sarro até alguém lembrar do avô dela, que via tudo quanto é espírito e sonhou com muita coisa que acabou acontecendo. Embora ninguém saísse admitindo em voz alta por aí que levou aquele papo a sério, alguns homens e mulheres mais velhos começaram a ficar alarmados, ainda mais com a agressividade com que ela fincava aquilo no ouvido de todo mundo como algo certo, algo que, no fundo, já não poderia nem ser revertido. Os mais novos continuaram rindo, achando que era besteira. Mas alguns dos mais velhos já tinham ouvido aquilo tudo antes.

>>

53.

<

o sol batendo de murro, latejando, sua cabeça zumbindo um pouco, tudo como que derretido, no mínimo detido de outro fluxo, dactílicos duplos dobrando as pontas como ancinhos e puxando os pés dos participantes do programa de calouros, uma presença outra, ali no espelho, que se sente sem que se consiga encará-la direto, no sentido de impossibilidade, impedimento físico, ponto-cego embutido.

(Você vai enlouquecer até amanhã)

Um estetoscópio frio, aquela cara meio olhando pra cima, atenta

(Mas já tem muito tempo que ela morre? Pelo menos cinco anos

E como que entrou aí? Acho que foi um negócio que eu comi, dôtora

Não tou falando com você Mas tá entalada, oxi

Diga 27? não, é 33, vai o jingle)

As coisas se repetem em outros planos. Instâncias menores, fractais, nas camadas menores, aneladas e aninhadas.

(esse tanto já deu de sacar, já, eu imagino? espero)

Algo que não está mais aqui, que sumiu tem tempo. Mas ainda dá pra ver as peças dela por detrás do palco, as deixas marcadas com fita crepe no chão, e às vezes se levanta um fantasma dali, inteiro.

E você vai enlouquecer até amanhã

Tu tenta puxar o tapete pra mostrar o alçapão, mas em todas essas reversões existe — é claro, ali mal educado gritando, queimando, dando úlcera, dando cancro — a vontade de afirmar alguma coisa, de inscrever alguma presença. Um último ar-rá! pra amarrar o episódio, a falta que faltava;

Taqui ela agora, ó,

bem na tua frente.

(E se amanhã o dia não amanhecer

é que alguma coisa muito estranha aconteceu)

Volta pro começo. A 3a vez é o truque, é o charme e o funk, vai. A luz ainda não voltou, lá fora estava antes amarelo dos postes, mas agora parece azul, você não sabe de onde, um azul espalhado na folhagem escura e no pouco pedaço de céu que chega. Tem uma quadra de futsal e um poste bem na sua frente.

(Você vai enlouquecer até amanhã)

O poste tem algum defeito que faz com que ele, de tempos em tempos, e de maneira absolutamente irregular, tenha sua luz enfraquecida por alguns segundos e logo fortalecida de novo, o halo de luz expandindo e retraindo. Não fica claro se é fim-de-tarde ou madrugada, mas estamos entre o dia e a noite. O halo é claro como água, como cristal, e ele expande e retrai, retrai e expande.

Como se algo estivesse prestes a acontecer.

>

54.

<<

De: Acertainslantoflight@gmail.com

Para: tamiresnogimaiu@gmail.com

Assunto: Parece Que O Jogo Virou Não É Mesmo

Ei,

Tu sabe que eu não gosto de escrever. Grandes merda palavra. Mas senti a necessidade de registrar algo, pra que conste, se algo rolar comigo nos próximos dias. Você, no momento, é a única pessoa em quem eu poderia confiar.

Tá fazendo um mês agora que eu comecei a notar uma acoplagem estranha entre eu e a minha própria rede, montada aqui no galpão. Mesmo quando não tou ligado na máquina de 3iii, mesmo quando tou dormindo, algo da acoplagem se mantém, minha consciência continua distribuída para um suporte digital. É bizarro demais, tem que ser a criatura, só pode ser ela fazendo essa conexão perdurar depois que a máquina desliga. É a única explicação (tá aqui do meu lado no tanque dela, aliás, enquanto escrevo, assistindo documentários em velocidade acelerada num tablet, ainda não conseguimos trocar nada parecido com uma conversa).

Aquele dia que te mostrei a máquina na tua casa, e não te deixei usar, acho que te falei da coisa das sub-rotinas, de como eu consigo ir estendendo um instante de modo que o tempo fica quase ilimitado, quando tou acoplado na máquina. Como num sonho, mas real pra caralho. Real demais.

Pois agora outra coisa tá acontecendo, algo bem mais sinistro. Do mesmo jeito que eu consegui entrar no fundo da consciência dos meus alvos, acho que a criatura entrou no fundo da minha. Ela está lá como a primeira camada, antes do resto todo palavroso que vem por cima. Eu estou dentro dela, sendo mais preciso. Do seu sistema operacional, mal comparando. Ou do seu servidor.

Não sei se dá pra entender, mas o sentimento é esse, e vem sendo esse tem semanas. Primeiro era só tipo um zumbido no fundo da cabeça, eu já sabia, mas não sabia que eu sabia. Demorou para que eu entendesse o que tava se passando. O que rolou foi que um mês atrás eu tava procurando algo para me

distrair de madrugada e acabei lendo o resumo da trama de um romance de ficção científica (que é o que faço, quase sempre, ao invés de ler os romances). A trama era quase toda boba, mas a premissa básica do livro me interessou: o personagem é um programador que deixa antes de morrer um Daemon cheio de ações engatilhadas em série. Ou seja: um programa que fica correndo no fundo de um servidor. A possibilidade de deixar uma série intrincada de ações esperando para serem disparadas por um determinado gatilho, isso de algum jeito deu um comichão na minha imaginação.

Você sabe como eu tou querendo armar alguma coisa com a criatura desde que voltei pro Brasil. Alguma coisa grande. Sentia que precisava apresentar essa força pro mundo, que era minha responsabilidade fazer isso, e cada vez mais fui pensando que a Copa era perfeita pra isso. Mas ainda não sabia direito o que fazer.

Quando chamei você e Renato para me ajudarem a implantar o transmissor naquelas pessoas, meu plano era muito vago, eu admito. Só queria forçar algumas imagens e ideias na cabeça daquelas pessoas, pra ver se elas mudavam de lado, se começavam a entender a merda cabulosa e amaldiçoada na qual tavam metidas até o pescoço. Minha ideia era usar aquele pequeno grupo como cobaia. Já que o jogo de forças hoje parece inquebrável, o capital livre e móvel demais para ser enfrentado em qualquer região, já que os ricos se protegem com esses muros todos, com essas camadas de abstração, a gente tem que arranjar um jeito de destruir o poder deles por dentro (mas dentro mesmo, entrar literalmente no sonho dos cretinos). Claro que foi um fracasso, eu não saberia como fazer nada disso. Não é assim que se muda nada. Só consegui quase enlouquecer um par deles, até agora. E fazer com que o Renato e a Rafaela fossem procurados pela polícia. Ainda assim eu tava tentando arranjar um jeito de usar aquelas pessoas implantadas e a criatura para produzir um espetáculo, algo que ajudasse a todo mundo sentir que a cena mudou, que o mundo não é mais aquele mundo do século dezenove, de crescimento eterno e expansão eterna da destruição. Que a gente não está, e nunca esteve, sozinho no universo. E ler essa sinopse desse livro bobo de ficção científica me deixou de novo com a cabeça formigando com possibilidades.

Fiquei alongando esse exercício mental lombrado de engenharia social multimeios durante alguns dias. Imaginando o que seria genuinamente possível de ser realizado por uma pequena aliança poderosa e articulada, não para fazer a mortandade idiota do livro, tão estadunidense, mas pra fazer

algo mais interessante. Os pontos-chave do fluxo do mundo começam a se desenhar na minha cabeça quase sem querer, pensando em tudo que o poder da criatura poderia interferir. Nos oleodutos principais do mundo e de como travar seus sistemas à distância. Em quais são as principais rotas de logística global, os canais e portos por onde os containers passam e qual é a superfície de ataque destes sistemas. Quais são os principais paraísos fiscais e os escritórios de advocacia por onde os ricos do mundo escondem seu dinheiro e o tornam irrespondível a qualquer um.

Penso nisso e penso também no lado mais simbólico da coisa, num jeito de armar uma intervenção realmente catártica como os rituais de psicomagia coletiva que eu já te falei que a gente conversava de fazer, em Belém, tantos anos atrás (o Renato, meu irmão e o irlandês).

Comecei a pensar nisso tudo dia quatorze de maio de 2014. Cinco dias depois, descubro na minha própria rede uma série de scripts que não lembro de ter escrito. Muita coisa eu nem consegui entender ainda o propósito, mas descobri por exemplo que três dos implantados receberam convites para a semifinal da Copa pela criatura. Passei horas tentando entender como ela conseguiu fazer isso, e ainda não cheguei perto de entender.

De repente, me veio uma explicação horrível, mas que de cara eu achei que devia ser a correta. Ela está fazendo tudo convergir para aquele dia, tentando criar um evento tenebroso, um evento que eu mesmo desejava, em partes, que era todo feito a partir das minhas fantasias, mas que eu jamais teria as caras de tentar armar de verdade. Assim que eu confirmei isso, combinei com o Renato de ficar logado no jogo para tentar proteger ele, querendo manter ele longe do estádio. Mas também não deu certo. E agora eu não sei o que ela vai fazer amanhã, e não consigo ainda me comunicar com ela pra entender. Tou um pouco com medo, Tamis. Acho que não tem por que ter medo dela. De verdade, não acho. Tou com medo é de mim, mesmo. Do que eu posso ter pensado, ou sonhado. E do que isso tudo pode engatilhar, da reação que pode causar. Ao mesmo tempo que uma parte de mim não quer tirar ela da cidade, mesmo se isso fosse fácil de fazer agora. Uma parte de mim tá doida pra ver o que vai acontecer.

>>

55.

<

O repertório de Murilo na cozinha antes de sair de casa se limitava inteiramente a ovo frito e cozido. Em Nova Iorque, chegou a aprender a fazer um par de receitas simples, e agora tentava convencer a mãe a provar as receitas que ele experimentava, nem sempre com sucesso. A primeira que ele fez e ela gostou foi um lombo de porco com shoyu, gengibre e mel.

Passa algumas semanas assim, cozinhando e assistindo filme com a mãe, lendo só de manhã e de madrugada. Pelo luto, os dois acabam se permitindo ignorar um pouco as eleições, até porque não conseguem lidar com a realidade de ver aquele homem tão odioso e odioso passando para o segundo turno, com o antipetismo dando cada vez mais à sua campanha a aparência de uma força inevitável. No dia em que Bolsonaro é eleito, eles ouvem algumas casas e carros comemorando por perto, e pela primeira vez Murilo percebe o que devia ser óbvio pelas pesquisas. Ele está cercado de bolsonaristas naquela cidade. Passa a olhar para todas as casas com bandeiras do Brasil com uma mistura de suspeita e ressentimento.

Acompanha as avalanches de tuítes e textos diversos nas suas redes sociais. Sente alguma obrigação de se posicionar, no mínimo quer se diferenciar dos isentões e daqueles que se acham bons demais para se sujar com política. Mas não sabe o que dizer, não sente que tem nada pra contribuir. Pessoas mais preparadas fariam suas análises complexas e matizadas aí, e toda sorte pra elas, mas, para Murilo, Bolsonaro parecia só de uma obviedade tenebrosa. Um arremedo concentrado do que havia de pior do Brasil, de sentimentos e de gestos profundamente entranhados naquele território. Só não consegue imaginar ainda qual seria a extensão daquele pesadelo, e torce para que seja breve.

Sabe também que o seu dinheiro tá acabando e que precisa procurar alguma coisa nova pra fazer. A mãe tinha uma poupança e a pensão mixuruca do pai, mas ele não quer mais pegar dinheiro dela, na medida do possível. Escrever outro livro parece mais do que improvável, quanto mais vendê-lo. Teria que se resolver com Melanie depois. Começa a sondar amigos atrás de traduções que possa fazer por dinheiro, descobre que, com seus poucos contatos e seu pequeno nome, talvez consiga alguma tradução de romance,

mas não pagam bem e é muito difícil conseguir trabalho constante mesmo se gostarem de você. Descobre com uma amiga que estão contratando no escritório onde ela trabalha (tradução de patentes, meio período). Mais chato, mas pelo menos mais estável. Talvez ele precisasse justamente de algo meio mecânico e neutro, no momento.

Um dia, perto do fim do ano, Murilo acorda com o celular vibrando. A única coisa que fazia o seu celular vibrar com frequência era a sua conta de e-mail (quase sempre spam). Ainda está amanhecendo. Ele planeja só dar uma olhadinha e voltar a dormir, mas vê que chegaram dois e-mails pra ele. Um de uma tal Letícia Bontempo Bittencourt (quem? ah, sim) e um do Fábio.

Oi?

Ergue o torso na cama subitamente como quem acorda de um pesadelo num filme ruim, estando ainda na penumbra de quem ainda não acordou inteiramente, ainda misturado ao sonho que já morreu e que não se recupera, mas que ainda de algum jeito lhe imprime de algum sentimento vago. E por um par de segundos tem uma impressão curta, mas muito convincente, de que os últimos anos todos foram um delírio. Que o Fábio e seu pai nunca morreram, que ele nunca publicou nada, nem saiu do Brasil, que Bolsonaro nunca foi eleito. Que ele morava com seus dois pais, tinha um amigo chamado Fábio e um novo dia começaria agora nesses termos. Em Brasília, na Asa Sul.

Murilo abre o e-mail e põe os óculos, a resolução bruta da realidade deixando ele mais desperto de uma vez só.

Bicho,

Devia ter falado isso DIREITINHO no último email mas esqueci. Tive pensando e acho que faria todo sentido te deixar com a LIBERDADE TOTAL de mexer nas minhas coisas escritas todas. Agora já mas principalmente se algo me acontecer, digamos. Não é como se eu levasse a vida mais pacata do mundo. E não só o negócio que eu te mandei que eu fiz em cima do mundo do CABOL. Não acho que aquilo esteja minimamente próximo de pronto, mas você já disse antes que tinha interesse, enfim. E te digo com toda a seriedade possível (inclusive para efeitos aí do mundo real “a lei dos homens”) que pode usar tudo, que por favor faça isso, use os detritos que eu deixo aí pra montar alguma coisinha que funcione melhor que elas soltas.

(sério, favorvaleu)

A principio quero dizer as varias coisas que eu já te mandei, mas se tu for espertalhão e conseguir entrar na minha conta pode usar os entulhos que tiveram la, também, tem muita coisa. Pode ler tudo (tudo mesmo), e fazer das disjecta membra o que bem entender.

Se tiver interesse, agora ~~plim~~ é tudo seu, através dos poderes investidos em mim pelo estado do Maranhão (pelo qual eu quero dizer o brasileiro único & invisível). Faz o que tu queres desse troço, fi.

VAE, PUTO DEUS FIO (é latim, não lembro o que significa, mas adoro)

Keep on truckin' ''''''

>

56.

<<

Cátia sai do Starbucks meio desnorteada. O gringo de terno branco tinha comido na mão dela, perto do fim, mas agora ela tava fodida. Não tinha nem ideia de quem era a pessoa que tinha prometido entregar. Ela e Wellington andam alguns quarteirões da Nossa Sra. de Copacabana num passo rápido, querendo sair dali de perto logo, um mar de gente andando apressada na rua dando uma naturalidade à mecânica do que eles tavam fazendo. Ela para na frente de uma lanchonete árabe, respirando rápido, menos pelo cansaço e mais pela ansiedade.

— Que que a gente vai fazer agora? Você sabe quem é essa garota?

— Não.

— Porra, você quase me convenceu que sabia.

Eles haviam combinado com o gringo de marcar de encontrar a tal da Eva em algum lugar privado, de preferência remoto. Não disse mais nada, mas Cátia imaginava que a pessoa seria apreendida por eles no lugar. Timothy pediu que levasse a máquina para o encontro também, se possível. Mas não, se fosse deixar Eva suspeita. Eles poderiam marcar a entrega da máquina depois, se este fosse o caso. Eva era a prioridade. Cátia queria o dinheiro todo de uma vez, então disse que levaria a máquina para o encontro.

Os dois entram na lanchonete árabe e compram duas esfihas e um mate, sentam no canto.

O telefone de Cátia toca. É uma amiga com quem ela não fala tem semanas. Estão em vários grupos de Whatsapp, mas não lembra de ela ter ligado nenhuma vez antes na vida. Atende com uma cara confusa.

— Alô?

— Menina, tudo bom? Tu não acredita. Recebi um contato duma garota que falou que te conhece, uma Eva. Entendi nada, mas ela insistiu muito. Sabe quem é?

Aquilo vem tão do nada, e o nome para Cátia não tendo nenhuma relevância anterior, ela demora para sequer responder. Mas tudo tinha sido tão bizarro até aqui que ela decide só aceitar, seguir o fluxo.

— Claro, claro. Eu tava precisando falar com ela também. Coincidência, menina.

— Pois então. Ela falou que não dá pra ser por celular, e que você saberia por quê.

— Eu sei mesmo. Como a gente faz, então?

— Pode ser na Lapa? Ela chega lá rapidinho. Ali nos Arcos mesmo. Ela tá de camiseta amarela.

Cátia desliga com um sorriso na cara.

— Era a tal da Eva. Marcou de encontrar a gente agora. Vamo lá?

Wellinton nunca esteve tão confuso na vida. Eles olham o mapa no celular, terminam as esfirras e pegam um ônibus algumas ruas à frente.

(*)

Uma hora depois, estão se aproximando a pé dos Arcos da Lapa. Cátia pensa que não combinou propriamente de levá-lo, então pede para Wellinton ficar ali pelos arredores, sem se aproximar demais.

Wellinton compra um cachorro-quente e come meio amuado, espiando de canto de olho. Cátia anda um pouco ao longo dos arcos até passar por uma garota solitária recostada em um deles. Seus olhares se cruzam imediatamente. Poucas vezes achou uma mulher tão atraente e tão feral, ao mesmo tempo. O cabelo de cuia curto e desgrenhado, um casaco verde sujo e pesado demais para o bafo daquela noite.

— Oi.

— Oi.

— Acho que você prometeu me entregar pra um gringo maluco que fala que é da CIA, não foi?

— ...

— Tudo bem, relaxa, não tem problema. Você nem sabia quem eu era, sabia?

— Não.

— Tava só enrolando ele, não tava?

— Tava.

— Pois melhor ainda. Pra mim foi ótimo, era bem o que eu precisava.

— Eu não tou entendendo.

— Aquele cara tá atrás de mim tem tempo. Ele é obcecado comigo desde que me contratou pra trabalhar com ele e eu abandonei o trabalho. Mas ele não tem nem ideia no que ele tá metido.

— Anhm.

— Eu só preciso que você faça o seguinte. Fala pra ele que eu estarei no jogo do Brasil, em Belo Horizonte. A semifinal. Ele vai reclamar, mas você explica que sabe que eu vou tentar fazer algo sério no jogo e que estarei durante a partida em cima e em volta de uma sala específica que comanda todo o sistema de áudio e vídeo do estádio, os alto-falantes e o telão. Isso tudo é verdade.

Cátia não consegue evitar uma leve entortada na cabeça, como a de um cachorro inquisitivo. Tudo que estava acontecendo já era bem esquisito, mas só agora Cátia considera a possibilidade da mulher ser maluca.

— E se ele te pegar lá? O que você vai fazer?

— Isso não tem como acontecer. Não ali, não nesse dia. E eu preciso que você faça uma outra coisa pra mim.

>>

57.

<

Como assim? Alguém tinha entrado na conta do Fábio? Era uma piada? Tinha que ser, claro. Uma pegadinha escrota armada por algum cretino que odiasse Murilo por algum motivo. Ou cretina, sejamos inclusivos. Mas quem?

Quem poderia saber exatamente o e-mail que ele sempre quis receber, para mandar pra ele agora daquele jeito? E quem poderia usar a conta do Fábio para isso? A cabeça vai direto para Fatma, mas Murilo sabe que era um pouco paranoico de sua parte. Ela teria mais o que fazer, imagina-se (e seria uma forma bizarra de chutar um cachorro moribundo, ainda por cima, depois daquele artigo). Então, era uma piada escrota ou era um sonho. Não parecia haver terceira opção, claro, e sonho não devia ser.

Murilo fica dois minutos parado, só rodando essas conjecturas em falso com o celular em cima do cobertor, o losango recortado de sol que chega no seu colo começando a esquentar suas pernas embaixo do cobertor. Antes de decidir se responde o e-mail absurdo ou ignora, lembra que tinha também recebido um da Leticia.

Oi Murilo

Tudo bom? Gostei muito da nossa conversa aquele dia, viu. Me fez um bem, nu. Cê n acredita, ajudou a mexer umas coisas aqui que tavam meio emperradas, boto fé. E aí tu não imagina: o celular que o Fábio tava no acidente ficou comigo, o pai dele me deu no enterro, falando que só a tela tinha quebrado (e o comédia é que na real a tela já tava quebrada antes, aliás, então é como se tivesse ficado intacto, na real). Enfim. Liguei ele só um punhado de vezes depois disso e sempre me permiti mexer muito pouco. Em parte porque eu tinha medo de encontrar alguma coisa que não queria no celular (o que nunca aconteceu), em parte porque não queria esgotar aquele último rastro da sua presença que eu guardava só pra mim. Não me permitia mais do que cinco minutos por vez, sempre que ligava. E acabou que quase esqueci dele, nos últimos meses, consegui me fazer esquecer, não sei como. Acabei encontrando ontem enquanto arrumava minhas gavetas e decidi mexer nele de novo, decidi devassar aquilo de uma vez, acabar com aquela última latência, e quando abri o email pra olhar com mais calma percebi que tinha um negócio

salvo na caixa de saída. E era pra você, não deve ter mandado a tempo, deve ter perdido o sinal na estrada antes do acidente. Tava lá esperando desde 2013. O celular tava sem chip funcional esse tempo todo, então eu liguei no wi-fi e o email mandou. Tantos anos depois.

(cê entenda que a última coisa que ele tentou mandar no celular tenha sido pra você não foi exatamente um negócio assim bacana de se descobrir, então considere isso aqui uma puta duma boa ação da minha parte, de nada filhão, disponha)

*: Leticia

Então tinha sido isso. Nenhum mistério sobrenatural, só uma última comunicação caprichosamente retida nos dutos e enviada, de repente, além da vida. Murilo teve um gosto estranho de desapontamento, mas continuava sendo uma surpresa incrível, até emocionante. De toda forma era com certeza um alívio confirmar que Fábio queria, de fato, que o amigo usasse tudo que escreveu. E era um alívio inesperado. Pensou até em comunicar aquilo para Fatma, para rebater ao menos parte de suas críticas, mas se a própria já havia acessado a conta uma vez sem ver aquilo, podia achar que era fraude.

A impressão de irrealidade sobrevive ao café da manhã com a mãe e continua recostada ao longo do dia como seu pano de fundo. A posse iminente de Bolsonaro certamente contribui para esse sentimento de que derretiam-se aos poucos todos os padrões e moldes antigos do verossímil.

>

58.

<<

ENFIM, A VERDADE SOBRE O TAL “RENATO”

desmentindo mitos sobre a controversa vida e o trágico fim de Laurivan da Silva, o infame “Renato Mussumo”

BLOG DO EUSTÁQUIO GOMES – A VERDADE DOA A QUEM DOER

Todos sabemos do espetáculo terrível que concluiu o já desastroso jogo Brasil e Alemanha em Belo Horizonte, na terça passada. A cena dantesca foi repassada em versões e ângulos diferentes para praticamente todo smartphone no país ao longo da semana. Mas quem era aquele homem de aspecto tão brasileiro e que acabou tendo um fim tão trágico, culminando um dia que já estava repleto de desastres? Cheio de desastres e com ainda mais, ousou dizer, mentiras e exageros...

Como se sabe, o caso dos “onze canibais grã-finos”, como noticiado pelo jornal sensacionalista EXTRA, virou sensação mundial na semana seguinte, assim como a vida e opiniões de Laurivan, o “Renato Mussumo”, como o próprio se apresentava. É importante que a imprensa livre faça seu trabalho agora, de maneira célere e decidida, para que essa névoa de mitos se dissipe o quanto antes.

Agora que a poeira baixou, podemos começar a juntar as peças. Laurivan Rosa da Silva, mais conhecido em alguns cantos da internet como o “Renato Mussum”, ou “Mussumo” (em aparente referência aos dois artistas mais notórios dos Trapalhões) nasceu em Pedro II, no Piauí, em 1978. Foi preso pela primeira vez por tráfico de drogas em 1998, ficando dois anos detido em um presídio no interior de São Paulo. Em 2005, foi detido numa churrascaria por se comportar de maneira violenta com quem ali trabalhava, dessa vez acabou mandado para uma instituição psiquiátrica. Segundo o inquérito policial levantado pelo Estadão, já lhe faltava, então, uma perna.

Voltou às ruas, pouco depois, e passou a ser um postador assíduo na internet, principalmente na plataforma Youtube. A maioria dos seus vídeos foi deletada da internet alguns anos atrás, mas alguns espectadores antigos descrevem sua fase inicial como uma espécie de místico que misturava de maneira humorosa, claramente improvisada, ignorante e incauta, as práticas

esotéricas mais diversas. Mesmo sendo “um tanto picareta, e quase assumido”, como descreve um seguidor seu de longa data, Rodnei, “até onde eu sei ele ainda assim ajudava muita gente”. De outras testemunhas, que preferem não se identificar, ouvimos relatos bastante opostos, relatos de uma prática terapêutica irregular (com características de “curandeirismo”) que teria piorado o quadro psiquiátrico de uma série de pessoas, alguns de maneira grave.

“O que caracteriza o Renato, antes de tudo, é a cara de pau”, relata um antigo amigo, Arnaldo, que diz ter se afastado dele alguns anos atrás, quando este começou a se radicalizar. Arnaldo também admite que o amigo já cometeu diversas práticas ilegais, “alguma falcatuas aqui e ali”, mas que não era uma pessoa violenta. Talvez fosse verdade, no passado. Quisera “Renato” tivesse apenas continuado nessa trilha de guru de auto-ajuda com um trambique eventual. Mas já sabemos que não foi isso que sucedeu.

O que contradiz essa imagem do guru folclórico e inofensivo, naturalmente, são os inquéritos da Polícia Federal, que vieram a público com a reportagem tonitruante da VEJA, sábado passado, na qual Renato era investigado como suspeito de sequestro de pelo menos cinco pessoas, entre elas um senador da República, com mais quatro comparsas. Estranhamente, não seriam sequestros por dinheiro, por isso mesmo nunca ganharam a grande mídia. Foram sequestros “de natureza terrorista, cometidos por um grupo extremista e eco-errorista de esquerda”, palavras da Polícia Federal. O inquérito foi vazado com trechos censurados, então não sabemos quem são os asseclas de Laurivan, mas alguém bem conectado na PF me relatou, em primeira mão, que seriam filhos de gente rica e importante (que teriam sofrido lavagem cerebral ao longo de semanas para financiar e organizar essas atividades).

Quase exatamente como no caso Charles Manson, ainda que menos trágico, ainda bem (graças, é claro, ao trabalho das nossas forças de repressão criminal). Aqui poupo detalhes gráficos da natureza dessa lavagem cerebral, que explicam um pouco a censura parcial do inquérito. Aliás, é impressionante a infantilidade do imaginário de revolução do esquerdista (farei um debate na semana que vem sobre isso em São Paulo com Guto Martins e o Filipe de Orleans e Bragança, o “Duquinho”, em breve mais informações).

Ao que tudo indica, “Renato” foi o principal artifício de uma tentativa juvenil perigosa de terrorismo, que acabou terminando de maneira infeliz e escandalosa, certamente lamentável para todos, causando esse papelão para o país no estrangeiro.

A mesma fonte da PF também me confidenciou que, pelo menos, duas dessas pessoas sequestradas pelo grupo estavam no camarote em que Laurivan foi morto. O que isso quer dizer, eu não sei, mas a trama engrossa, como diriam os norte-americanos.

Na névoa de coisas atribuídas a ele, há apenas uma que já podemos dizer de maneira decisiva que é falsa. A suspeita inicial de que ele teria assassinado o jogador, homossexual, Jader, divulgada inicialmente pela internet e depois propagada pela imprensa, continua sem nenhum fundamento. O fato é que a internet se preencheu nos dias seguintes de postagens e reportagens malfeitas, associando o indivíduo Laurivan com uma série de atividades subversivas. Chegaram a apresentar uma lista que ele teria feito de artistas e personalidades da internet, em 2013, e mostrar que todos os membros dessa lista, incluindo Jader, haviam sido assassinados no último ano. Essa correlação foi apresentada como prova de um comportamento violento da parte de Laurivan, mas é evidente que a lista era apresentada como elogiosa (chamava-se, quando foi publicada inicialmente, em dezembro passado, de “XS DOZE MAIORES BRASILEIROS DE 2013 EM TODOS OS MEIOS”). De fato é estranho que quase todos os membros da lista de Renato tenham sido assassinados no espaço de um ano, mas isso não prova que ele seria o responsável. O certo é que esta sinistra conexão deve também ser devidamente investigada e esclarecida.

De todo modo, ao que tudo indica, a vítima do estádio não era, no final das contas, esse cordeiro inocente, esse representante exemplar do povo brasileiro trabalhador.

Isso está longe de justificar o que ocorreu ou a maneira como ocorreu. Vingança não tem rigorosamente nada a ver com justiça. Mas certamente desmonta, de imediato, todos os infinitos textões e memes da esquerda das últimas semanas que vêm tentando transformar a figura desse homem quase num novo Cristo. É importante ter proporções das coisas e encarar os eventos na frieza objetiva dos fatos. Laurivan era um homem perigoso e desequilibrado, que aparentemente estava planejando algum atentado violento ao jogo. Infelizmente, para ele, seus atos tiveram um fim feio e violento. Um fim que não se justifica e que precisa ser processado pelos devidos trâmites legais, sem nenhuma dúvida, pois ninguém está acima da lei. Mas que está longe de significar esse “sacrifício exemplar do povo pelo capital”, nas palavras ridículas e oportunistas de um deputado do PSOL. É um tremendo desrespeito ao

povo brasileiro, tão pio, tão honesto, ser comparado a um homem de conduta tão desviada.

>>

59.

<

Murilo e Elizete começam a fazer yoga assistindo vídeos no Youtube. Depois do filho insistir muito para mãe fazer algum tipo de exercício, ela um dia responde que faria, apenas se ele fizesse também. Depois de duas tentativas mal sucedidas em que afastaram o sofá da sala para ganhar espaço, que não duravam nem dez minutos praticando, Murilo decidiu comprar roupas mais adequadas para os dois e um tapete de borracha apropriado (pra ela, ele se contentava com o tapete normal da sala coberto por uma toalha).

O seu corpo não consegue fazer nem as posições mais simples sem que venham doses de dor e desconforto que lhe parecem extremos. É como se a sua panturrilha estivesse descobrindo sua própria existência agora, tão tardiamente, e de maneira escandalosa. Ele dificilmente aguenta mais de meia hora, enquanto a mãe, indo bem devagarinho, fazia o vídeo quase todo. Aos poucos, os dois melhoram bastante, mas permanecem cautelosos nas posições mais simples.

Murilo fica surpreso como se adapta bem ao trabalho de tradução de patentes. O salário é baixo, mas como não está gastando muito, morando com a mãe, consegue economizar uma parte. Ele precisa se concentrar muito para terminar a carga diária em quatro ou cinco horas, mas a verdade é que ele não consegue escrever nada há meses, então não é como se sentisse que aquilo lhe impedia de fazer nada mais importante com seu tempo.

Era bom ser recompensado, de maneira material, por usar a única habilidade que ele desenvolveu na vida (o conhecimento das regras de escrita de duas línguas). Era uma tarefa em grande parte mecânica, mas não deixava de ser um pouco criativa. Ganhar dinheiro por escrever ficção havia sido melhor ainda, mas era tão mais tenso e arrodado de outros elementos, era tão difícil de dar certo mesmo quando dava. Aquilo, ao menos, era bem simples. Não dava para ficar empacado e ansioso, certamente não do mesmo jeito. Ele provavelmente não se sentirá do mesmo jeito se continuar no emprego por muito tempo, não acha que quer fazer aquilo pelo resto da vida. Mas, no momento, parecia ajudá-lo a ficar mais são e estável do que estava antes.

Um dia, em julho de 2019, depois de tomar banho, Murilo está deitado na

rede e absorvendo aquela endorfina de terminar uma sessão de yoga, o prazer específico de ter usado o corpo de maneira extenuante e de tê-lo colocado em posições que nunca tinha assumido – ambos ainda novos e estranhos pra ele. O celular treme e Murilo se força a esperar um pouco antes de ver o que é. Consegue fazê-lo por um minuto quase inteiro.

De: Ap3n4sumr4p4z@gmail.com

Para: mafrye@gmail.com (conferir)

>>>Murilência da audalência,

sinto lhe informar que tou aqui ainda (não é que tenha voltado risos, não é nada tão fantástico, só nunca fui de vdd mesmo). E pq q venho por meio deste enfim quebrar esse silêncio, tu me pergunta?

Bicho, finalmente chegou a mim o texto da Fatma. E me ocorreu que pode ter te deixado bolado, de algum jeito. Espero que não mas enfim. Notei que você sumiu um pouco das suas redes. SE FOR O CASO, ligue pra essa besteira não. Ela é brilhante mas viajou demais ali também.

Sdd, fi.

Se quiser encontrar e entender a coisa toda, que tb não vou explicar demais aqui, venha para a COMUNA MUCUMÃ, lá pelo KM 45 da BR 060 – GO (tem um mapinha em anexo).

(acho que não preciso nem dizer pra pf fvr não contar pra ninguém, né, óbvio).

Abs~~

(ass: ~-vcsabequem~)

Murilo ri enquanto lê e, depois de ler, também, deixando o celular em cima da barriga. Depois daquele e-mail surrealmente retido na caixa de saída, e o da Leticia logo depois, Murilo continua esperando uns dez minutos algum sinal adicional, uma segunda comunicação.

Algo que desconfirmasse a doidura daquele primeiro e-mail ou algo que a prolongasse em algo ainda mais ridículo, ainda mais estapafúrdio. A segunda bota tinha que cair, não era possível. Mas não veio nada. O mundo era largo e comprido demais, afinal, e a fundura nunca chegava mesmo a um fim. Murilo não conseguiu dormir aquela noite, a cabeça no máximo pesca

antes de voltar pra mesma série insólita de palavras e a possibilidade teimosa e distinta, que ainda continua lhe parecendo a mais provável, de ser algum babaca curtindo com a sua cara.

>

60.

<<

Rafaela, já quase adormecendo, ouve o celular vibrar na prateleira de vidro, agudo e histérico. Levanta de sobressalto. É uma mensagem no whatsapp, ela lê sem desbloquear a tela. Levanta, vai ao banheiro, arruma o cabelo. Pega a bolsinha de tabaco, abre, tira um filtro e põe na boca. Não prossegue, fica parada com o filtro na boca, a testa fechada. O interfone do seu lado toca, ela atende e aperta com alguma pressa.

— Opa. Abriu?

— Abriu.

Durante vinte e poucos segundos, Rafaela escuta passos subindo a escada, seu rosto indo de um aparente pavor pra uma excitação infantil. Arruma de novo o cabelo, volta o filtro pra dentro do saco de tabaco, levanta e abre a porta.

Heloísa aparece de cabelo curto, sobretudo preto e botinas marrons e pedulas, cumprimenta ela com os olhos brilhando.

— Nossa, querida, quanto tempo. Vesh, mainha.

— Muito, né?

— Tu tá linda.

— Você também.

Rafaela esboça um sorriso um pouco constrangido, Amanda o imita.

— Adorei tua casa.

— Ah, brigada. Ainda tou arrumando, né? Ainda tou me entendendo com as lojas aqui.

— Ah, mas já tá super com jeitinho de casa, mesmo.

As duas ficam sustentando, e amplificando de volta, o mesmo sorriso, olhando uma pra outra, como que checando e calibrando o quanto daquele outro humor que as duas conheceram no passado, por tanto tempo, o quanto daquele sentimento largo e intenso, continuava acessível. O quanto era possível reativar aquele circuito. Parecia um mundo muito distante, ali naquele apartamento nos arredores quietos de Lisboa.

— Que loucura, né?

— Demais.

— Muito bom te ver.

— Você também. Desde aquele dia na tua casa que a gente não se via, né?

— Isso, acho que sim. Última vez que vi o Renato, também.

— É. Você achou ele esquisito, aquele dia?

— Quando que ele não era esquisito? Mas sim, achei sim. Parecia que tava querendo contar alguma coisa pra gente, sei lá. Que ele não contou. Mas aquele dia foi tenso também. Todo mundo sacando que era o fim.

— É. Não pensei isso, não, isso dele ter algo mais pra contar. Mas talvez. Eu até hoje não consigo aceitar o que aconteceu com ele.

— Eu também não. Mas calma, né? Já tamo desembestando a falar aqui, nem cheguei ainda.

— Nossa, desculpa, a louca aqui. Tira o casaco, tira.

(*)

As duas mastigam, ao mesmo tempo, um biscoito de queijo, que Heloísa trouxe do Brasil porque lembrava que Rafaela gostava. Nota-se, pela diferença de entusiasmo das duas ao mastigar, que só uma delas degusta o petisco com intensidade. Rafaela serve mais café numa xícara para Heloísa, que indica com a mão que não precisa, sem surtir efeito.

— Vem cá. Você às vezes também do nada lembra de alguma coisa que rolou lá no sítio? Ou nas viagens? Tipo as nossas aulas lá com os veio assustado ou os rituais doido do Renato.

— Demais. Me vem uns flashes assim no metrô ou até conversando com alguém. D´á uma vontade de contar pros outros.

— Comigo também, principalmente se é uma conversa sem graça, assim. Gente que não tá falando nada com nada, que só tá repetindo fofoca besta de celebridade, treta de twitter. Eu começo a ficar com uma gastura do papo e do nada lembro dumas cenas dessa época que são tão incongruentes com o dia-a-dia, que eu fico meio imaginando, por meio segundo, se eu sonhei ou se aquilo rolou mesmo.

— Por um tempo, eu ficava conversando direto sobre isso com o Pedro,

quase todo dia. Ele sentiu mais do que eu, até. Voltar pra vida normal e fingir que nada aconteceu, ele achava muito bizarro. Achava que a gente não podia, que a gente tinha que arranjar um jeito de continuar a viver daquele jeito. Bancar aquele sentimento.

— Pelo que eu lembro, ele confiou no Renato mais do que a gente, né? Coitado. Ficou esperando o e-mail ou a ligação até o fim. A famosa terceira fase do plano. A última vez que eu falei com ele, ele ainda achava que ia rolar.

— Ficou, o bichinho.

— ...

— Mas te falar que eu fiquei por um tempo, também. Achando que algo viria ainda.

Rafaela parece um pouco constrangida de admitir isso.

— Eu não acho que ele tava só mentindo. Acho que o Renato e talvez a Tamires, e sei lá mais quem, tavam manipulando a gente pra fazer outra coisa, hoje eu vejo isso, mas acho que o papo todo que eles diziam que acreditavam era real. Eles queriam fazer aquilo tudo mesmo, só não incluíram a gente na porra toda. Na visão toda, sei lá.

— É. Talvez. Nunca tinha pensado com essas palavras, mas acho que sempre senti algo mais ou menos por aí. Que eles tavam enganando a gente, mas também não tavam.

— Mas que merda que eles tavam querendo fazer, afinal? A coisa da Copa? Você acredita naqueles relatos doidos? Acha que eles tiveram a ver com aquilo?

— A coisa dos pássaros e das coisas que cresceram na terra? Devia ser um holograma, né, sei lá. Ou todo mundo tava doidão. Tinha um papo de que botaram um negócio nas bebidas que tavam bebendo do jogo.

— Eu vi isso, meu pai me repassou também. Mas não tem nada a ver, teve uma reportagem de algum jornal grande falando que tudo vinha lacrado das fontes. E como que todo mundo vai e vê a mesma coisa?

— É, não sei. Enfim. Mas você não fica com uma impressão, às vezes....

— Ahm.

Heloísa parece alerta depois de ouvir isso, por mais que Rafaela tenha dito duma maneira despretensiosa, sem nem saber ainda direito o que ia falar.

Ela parece notar a expectativa da amiga.

— Por mais que tenha sido horrível, das coisas mais horríveis que cê pode imaginar, e ainda mais daquele jeito.

— Diz.

— Por mais que não dê pra imaginar direito que alguém pudesse querer arquitetar aquilo pra si mesmo.

— Não. Claro que não.

— ...

— Fala, menina. Desembucha.

— Ainda assim, cê não acha que ele pode ter de algum jeito se colocado naquela situação?

— Como assim?

— Eu não sei. Eu não sei mesmo. Só acho bizarro demais.

— Tá culpando a vítima, poxa.

— Não, não é isso.

— Tou zoando, eu sei, eu sei que cê não tava dizendo isso.

— Então, mas e aí?

— Sim.

— Sim?

— Eu também acho. O Pedro também acha. Mas eu não falo pra ele que eu também acho, falo que ele tá doido, porque senão ele pira.

Rafaela faz cara de quem pede por mais explicações.

— Mais ainda do que ele já tá pirado, digo.

— Pirado cê diz como?

— O Pedro teve uns momentos bem punk. Bem punk. E eu que cuidei mais do que ninguém. O namorado babaquíssimo largou ele assim que começou a dar ruim. A coisa é que naqueles dias ali, ele se sentiu ele mesmo pela primeira vez na vida. Com o Renato e com a gente. Um marmanjo, imagina, e um cara privilegiado como ele. Eu senti algo parecido, mas pro Pedro acho que foi muito maior. Aí, nessa onda, ele se sentia desafiado a

continuar aquilo, e não conseguia. Uma coisa era fazer isso puxado pela mão por alguém mais solto e mais doido do que você, outra coisa era sair na rua e vestir aquilo mesmo, assumir pelo resto da vida, o tempo todo. Confrontar o mundo com o que você é. Não é fácil. Ele ficou uns nove meses só reclamando disso e reclamando disso dum outro jeito e aí reclamando disso dum jeito mais ou menos parecido com o primeiro. E aí, né, o Pedro sendo o Pedro, e conhecendo só dois modos, não é nem oito ou oitenta, é oito ou oitocentos, ele um dia foi e meteu o louco num jantar hiper formal lá de negócios da família dele, apareceu no seu jeitinho de sempre na casa da vó, mas com uma mochila grande. Isso um dia depois do pai e a avó confrontarem ele, super dramáticos, por causa do que tinham ouvido do Renato e do que a gente fez, e dando um esporro nele, ela chamando ele de depravado e não sei o quê. Aí ele vai pro banheiro do antigo quarto do pai e desce como uma dominatrix segurando um balão de hélio de cifrão e cantando algo cuja letra ninguém entendeu, mas que um dos convidados, um senhor canadense extremamente presbiteriano, reconheceu como sendo um showtune picante dos anos trinta. Enfim, mó cena.

— Que ótimo. Maravilhoso.

— Desculpa. Eu falo igual uma condenada. Se deixar, eu não paro.

— Eu gosto. Cê sabe que eu gosto.

— Eu acho que ele queria envergonhar o pai. Sei lá. Só pode. E consegui. Parece que a avó surtou, não quer mais ver ele nem pintado, já o pai respeitou o que ele fez.

— Que coisa. E vem cá, eu também queria te perguntar um negócio. Você conheceu ela?

— Quem?

— Não sei o nome. Cabelinho de cuia com umas mechas na orelha. Um tipo de indiazinha. Meio machona. Linda, linda.

— Não. Quem?

— Veio falar comigo logo depois do Renato morrer. Me deu um bolo grosso de euro, um passaporte italiano falso e uma passagem pra Portugal, além de contatos aqui pra quando eu chegasse.

— Caraca. Ela é a Carmen Sandiego?

— Pois é. Parecia filme de espião, fiquei completamente sem entender. Achei que eu tava fodida, quando saiu aquela reportagem falando que o Renato tinha sequestrado senador e era procurado pelos americanos pelo diabo a quatro. Eu tava certa que ia ser presa, tava quase fugindo pro interior, mas não tinha dinheiro. E aí pronto. Ela bate na minha porta, entrega isso, me dá um abraço, pede desculpas e some.

— Caramba.

— Aí eu perguntei pra Tamires, a última vez que encontrei. E ela me admitiu que tinha sido ela que tinha armado tudo, desde o começo. E que ela não me contaria mais pra minha própria segurança.

— Gente do céu.

— Eu achei o máximo.

— Como que a gente volta pro chão depois disso, né?

— Não é, menina. O jeito é não voltar, não completamente.

Rafaela ri de um jeito falso, como se tivesse tentando achar aquilo uma piada, mas não achasse graça. As duas ficam encarando os próprio joelhos, por um tempo, os olhos igualmente distantes.

— Cê ainda lembra dos trem da ritmanálise?

— Nooosssa. Lembrava não. Assim, lembro que tinha, né, claro, esses papos todos aí. Mas já esqueci quase tudo, não cheguei a entrar muito fundo não, ao contrário de vocês.

— Pois é. A gente embarcou meio demais, né?

As duas riem.

— Os exercício, aqueles calendário.

— Ai, ai. Só ele, né?

— É. Só.

— E você faz ainda, e tudo?

— Pior que faço. Não sempre, assim. Não religiosamente, mas faço.

As duas voltam a ficar em silêncio. Rafaela começa a mexer de leve os ombros e os quadris, erguer e girar os pés no chão, sem levantar, como quem encena uma versão comedida e apressada de uma coreografia complicada.

Heloísa ri muito, pega a mão da amiga e imita a mesma série, mas com mais precisão e lentidão.

>>

61.

<

Murilo chega ao destino no início da tarde, pouco mais de cinquenta minutos de carro sem trânsito. Combinou de pagar um pouco mais ao Uber pelos cinco ou sete minutos de estrada de terra.

O lugar é um sítio de tamanho médio que parece ter sofrido reformas semi-improvisadas recentemente, incluindo a extensão de um quarto nos fundos que ainda não recebeu pintura. Tem três carros bem sujos de lama estacionados na frente (um celta e um ford KA, ambos pretos e um pouco amassados, e uma land rover prateada, imponente e um pouco incongruente).

Murilo vai se aproximando e vê no gramado terroso na frente da casa duas crianças sem camisa correndo atrás de galinhas. Da casa, sai uma garota grande e toda tatuada com uma travessa grande cheia de legume cozido (abóbora, abobrinha, inhame).

— Cauãããã, vem comer.

Ela olha pro Murilo e parece confusa, erguendo uma sobrancelha de maneira simpática mas ainda assim inquisitiva.

— Opa. Pois não?

— Oi. Me mandaram um convite pra vir aqui hoje. Aqui é a comuna Mucumã, né?

— É sim. Quem que te chamou, meu bem?

— Eu não tenho certeza do nome, pra falar a verdade. Mas meu nome é Murilo?

Ele está tão confuso que sai como uma pergunta, como se ele próprio não soubesse.

— Aah, tu que é o Murilo. Pronto. Tou sabendo já que você vem, bem-vindo, meu bem. Cê já almoçou?

— Já, brigado.

— Ah, se tiver espaço aí come com a gente. O Carlos fez três quilo de comida, geral nem tá aí hoje, vai sobrar com certeza.

Murilo só fica mais confuso. Afinal, quem é que o tinha chamado? Pensa

em perguntar, mas a garota continua procurando o tal do Cauã. Sem falar nada, ela indica um caminho pra Murilo com a mão e ele segue nessa direção, atravessando a casa. O lugar está apinhado de coisa, mas é organizado, cheio de caixotes e pastas coloridas. Lá dentro, vê-se alguns computadores com monitores grandes, latas de tinta e pincel pelo chão, quadros terminados e inconclusos, muito livro e muito papel, uma bandeira do MST e um pôster do Pepeu Gomes. Duas meninas estão num sofá, metidas num cobertor e ouvindo algo no computador, as duas com fones de ouvido e expressões atentas à reação da outra. Na porta da cozinha, tem um grande quadro magnético branco, com um círculo escrito TAREFAS e várias setas irradiando e apontando para nomes ali em volta. Murilo não sabe como cumprimentar as duas garotas de fone e acha melhor ir pra varanda.

Saindo pra área externa, vê-se, mais pro fundo, uma horta bonita e extensa misturada ao mato, antes dela, uma fogueira extinta com cadeiras de praia em torno e um violão em cima de uma delas. A direção apontada pela garota dentro da casa, levada até lá fora, chegava até uma mesa comunal grande, de madeira, com um único ocupante sozinho de calça esportiva amarela lendo um texto xerocado e fumando um cigarro palheiro. Veste uma camisa surrada do Olodum e tem um rosto que parece agressivamente deformado em torno da boca e de onde normalmente estaria um nariz. Murilo prefere não olhar diretamente, para não ser indiscreto. Senta-se no outro canto da mesa larga comunal no jardim, sem falar nada. Em volta, tem ainda bancos de madeira improvisados em cima de tijolos e uma poltrona antiga de couro toda rasgada vomitando seu estofamento em três rombos. O ocupante larga seu texto e olha em sua direção.

— Murilão da situação. Fala, fi. Não é que tu veio mesmo?

Só aí Murilo entende mesmo. Ou admite que entende.

>

62.

<<

Em 2002, Renato saiu de Belém. Pouco depois, perdeu os contatos virtuais que tinha dos irmãos e de Dennis. Logo achou que nunca mais os veria. Esse último, ele acabou encontrando numa casa, em que ficou internado na segunda vez que foi detido, em 2005 (um encontro que lhe fez bem, embora ele não tenha gostado de ser visto por ninguém do jeito que tava na época).

Por anos, Renato nem imaginava encontrar a garota de novo. Até que ela chega uma manhã, do nada, e bate na porta do apartamento no prédio modernista chique na praça da Liberdade, em BH, de um ex-namorado arquiteto que ainda era apaixonado por ele e tava fora da cidade. Renato estava morando de favor no lugar, cuidando das plantas e gatos. Não durou muito, mas ele nunca morou tão bem na vida, antes ou depois. Na época, tava desistindo de ser a Soraia, depois de ser expulso do mestrado e de um punhado de situações horríveis terem se desdobrado de suas estratégias terapêuticas heterodoxas. Sentiu que precisava repensar muita coisa, abandonou a personalidade que o havia habitado pelos últimos anos. Estava tentando repaginar tudo, reformatar a vida, como acabava fazendo, por necessidade externa ou interna, de uns quatro em quatro anos.

E aí que a garota um dia vai e bate na porta dele, às nove da manhã, enquanto Renato limpava a caixa de areia do gato. Ele a recebe segurando um saco cheio de cocô e areia empedrada de xixi. Assim que os dois se viram, ela encarou, arregalada, a falta de perna dele. Ele só disse, pois é, e falou que passaria um café ótimo, que ele mesmo tinha acabado de moer (via-se rápido na cozinha que a casa era de um desses entusiastas e puristas de café).

Renato contou uma versão resumida do que aconteceu com a sua perna (a versão real, prosaica, que ele quase nunca conta pra ninguém), ela reagiu com uma cara de consternada. E não aguentou, logo falou sobre a desgraça do que tinha acontecido com o irmão dela. Ela olhou pra baixo e os dois se abraçaram, o que Renato não lembrava de já ter acontecido antes, nem na época de Belém (até porque nunca chegaram a se despedir). Ela nunca foi de abraçar ninguém, além do irmão. Aquilo era novo.

— Eu nem sabia que cês tinham brigado. Fiquei sabendo da morte pelo

Dennis, mas só.

— Pois é. Não foi tanto a briga, não. A gente nem sabia brigar. Ele que teimou que a gente não podia se ver, nem morar na mesma cidade. Aquela porra de culpa lá dele. Você sabe.

— Eu sei, é. Foda.

— Djesa e suas chacretes. Maria e suas filiais. Ele nunca teve escolha.

— Eu fiquei mal pra caralho quando descobri. Acho doido que não tenha dado uma noticiuzinha de nada. Segundo o Dennis, os cara do IML até demoraram a admitir, pra ele, o que tinha rolado.

— Não vamo falar disso não. Eu não consigo.

— Tá bom.

— ...

— E cê ficou no Canadá esse tempo todo, então?

— Não, não, imagina. Não aguentaria aquela friaca. Fiquei um tempo na Bolívia, outro lá em Belém, mesmo. Outro em outros cantos por aí.

— Que chique, menina. Aff. Eu ainda nunca saí do bananão até hoje, acredita?

— Cê sabe que ele achava que o que aconteceu comigo em Belém era por causa dele, né? Ou por causa do que a gente fazia, sei lá.

— Ele te falou isso?

— Ah, ele nunca chegou e disse com todas as letras, mas quase. Dava pra sacar. Já falou umas maluquices que bastaram.

Não olhava para o Renato ao falar. Tampouco sorria. Ele não lembrava de tê-la visto numa posição vulnerável antes. Era bom, mas era estranho. Chegava a ser incômodo.

— Mas qual é a treta lá que cê falou que ia falar? Tava toda-toda, não sei o quê.

— Ah, puts.

Ela sorri de novo o sorriso de diaba dela, o que alegra Renato de novo.

— Acho que se eu te contar, tu me chama de doida.

— Duvido.

— Cê não ouviu ainda, ué. Eu me meti com uma galera que cê ia amar demais, demais. Uns ativista de tecnologia, uns hacker radical anarquista. E alguns deles faziam parte duma celulazinha obcecada com a DARPA. Sabe?

Renato tava com os olhos do tamanho do mundo. Queria fingir que sabe, mas queria também saber o que era, então não falou nada, só concordou com o queixo de maneira faceira. Ela sorriu e entendeu.

— The Defense Advanced Research Projects Agency. É a galera sinistra da pesquisa militar de ponta, nos EUA. Enfim, é uma longa história, nem cabe contar agora. Mas o que importa pra ti, aqui e agora, é que eu consegui meter minhas mãos numa máquina absurda, Renato. Absurda. Só te mostrando mesmo. Cê tá com tempo?

— Quando que eu não tenho tempo pra ti, meu mel? E pras tua mirabolância?

Os olhos dela tavam brilhando. Ainda sem olhar diretamente para ele.

— Então, dois anos atrás, essa DARPA comprou uma interface experimental de imersão integralmente intensiva, nas palavras deles. Que funciona a partir de um micro-emissor e receptor, instalado na base do crânio. E a gente conseguiu botar as mãos nela.

— Vesh. Mas que que ela faz?

— É uma máquina que liga nela mesma uma consciência diretamente, sem interface gráfica. Com isso, rapidamente tavam desenvolvendo a tecnologia de gravar e reproduzir o bruto da sensação, do input sensorial. No começo, conseguiam tirar umas imagens super ruidosas, às vezes uns sons. Mas, depois de um tempo, o negócio ficou praticamente perfeito.

— Tá de zorra? Té parece. Chegam e recuperam tudo?

— O que não se consegue extrair, a nossa própria percepção preenche, saca? Cada nova iteração do algoritmo foi melhorando isso, esse jeito da nossa cabeça completar as lacunas do arquivo. Esses projetos de leitura de mente não nasceram ontem, afinal, tão aí desde os anos setenta, mas por décadas eram pouco mais que uma piada. Uns safados agitando modelos toscos no ar e prometendo mundos e fundos. Parece que a base dessa parte da tecnologia, na real, teria nascido das pesquisas de ponta pra uploadar mente em máquina, nos últimos quinze anos. Em grande maioria, bancado por bilionário que querem viver pra sempre, risos.

— Eu ouvi falar que eles tavam nessa, mas não imaginava que era sério.

— Obviamente, isso jamais vai funcionar como eles querem, mas de todo modo precisa dessa parte crucial, um meio de integrar sua consciência atual diretamente na máquina. Por que, senão, do que adianta? Tem um white paper anônimo, conhecido apenas dentro desses círculos, que apresentou esse problema em 2002 e deu essa solução duvidosa. Não adianta reproduzir a mente, se não se criar uma maneira de passar da experiência corporal para a experiência digitalmente mediada. Fazer o upload da sua mente sem conseguir essa parte, significaria só criar um clone de você mesmo que vai viver para sempre, com as suas posses, enquanto você morre como qualquer um. Não é isso que eles querem. Então investiu-se quantias totalmente surreais de dinheiro nesse problema: como fazer a transição final do corpo pro silício? Da consciência orgânica para uma consciência metálica. Pra mim, não é nem um problema de verdade, mas enfim. Parece que conseguiram, em parte.

— Então, o que ela faz?

— É difícil descrever. Mas você consegue se transmitir pra dentro da máquina. Sua consciência passa a ser mediada por ela. A sua duração, digamos.

— Mediada como?

— Essa é uma palavra ruim, na real. Pensando agora. A experiência é exatamente contrária a de ser mediado. Tudo aparece pra você como se tivesse dentro de tu. Como se fosse tua imaginação montando. Só que cem vezes mais vívida.

— Eita.

— Imagina fechar os olhos e dentro de você tem um desktop, só que um desktop sem limites.

— Parece muito assustador, na verdade.

Ela ri.

— Claro. E meio que dava errado, na maior parte do tempo. Depois de muito tempo testando com porcos e chimpanzés, começaram a testar em humanos. Os primeiros humanos a usar relataram que se sentiram presos numa duração meio-corpo-meio-máquina. Em alguns relatos, parece completamente insuportável. Um cara ficou pouco mais de meia hora dentro e disse que achava que tinha ficado meses. Logo apontaram que algo parecido pode ter acontecido com os porcos e chimpanzés, mas ninguém tinha como

perguntar pra eles.

— ...

— Pois é.

— Tem que operar antes?

— Não é operar-operar. Só injetar um trocinho embaixo da pele. Só para potencializar a emissão e a recepção da onda mesmo, senão não passa direito do crânio. É uma malha transorgânica. Vai se misturar com teu corpo rapidão.

— É o quê? Quase-orgânico soa péssimo.

— Transorgânico. Protótipo de biotecnologia, copiado dos chineses, parece. Eu te juro de pé junto que é seguro. Ou pelo menos tá sendo, até agora.

Diante da cara ainda incrédula de Renato, toda amassada na boca, ela virou o rosto e levantou o cabelo de trás com a mão, mostrando a nuca e uma marquinha quase imperceptível entre os dedos.

— Eu testei em mim mesma primeiro, claro. Tava doida de curiosidade e não ia ser babaca de usar alguém de cobaia.

Renato toca a marca com os dedos.

— Já nos primeiros testes que eu fiz, descobri um negócio que até agora não sei se fui eu que inventei. Quando os osciladores da sua consciência sincronizam com os osciladores da máquina, isso cria uma distorção temporal, que é o que causava esse bug de deixar a pessoa presa no meio do caminho por um tempo aparentemente enorme.

— Distorção como?

— Nisso da tua consciência ficar indo e voltando milhões de vezes por segundo entre o teu crânio (porque é isso que tá acontecendo), a sincronia bioquímica neural está sendo circulada dum jeito tão acelerado e fragmentado na máquina que acontece algo muito esquisito com a tua noção do tempo. A primeira vez que eu usei, tive a impressão de ficar umas seis horas num sonho muito esquisito, muito lúcido e vívido, onde eu conseguia acessar pastas do meu computador como se fossem caixas de papelão, num depósito todo limpinho e verde. Quando acordei, tinham passado nem cinco minutos direito.

— Isso rola com sonho às vezes.

— Mas não é daquele jeito todo derretido de sonho. É muito concreto. Eu pude sentar e ler ou escrever páginas e páginas de código, organizar mil ideias, salvá-las no disco e recuperar depois. E acordo, não passou tempo nenhum. Passaram, tipo, cinco, dez minutos. Eu acordo com uma puta dor de cabeça, mas sento e consigo lembrar de tudo, acessar tudo.

— Caraca.

— Eu usei demais nos últimos tempos, sei lá. Tentando fazer coisa demais. Devo ter vivido uns cinco anos, nas últimas semanas. Tou tentando parar. Me dá umas enxaquecas, às vezes, que puta que pariu. Não deve fazer bem.

— Doidera.

Ela parece feliz com o efeito que está tendo no amigo, que de um assombro cênico, exagerado, passou a um pavor quase religioso. Diante disso, abre um sorriso maior do que o que já estava abrindo.

— Isso é só metade da treta. Tu não imagina. Agora é que fica maluco o negócio. Porque na mesma infiltração em que a gente apanhou esses projetos, a gente apanhou outro arquivos, que tavam criptografados dum jeito ainda mais cabuloso dos que os primeiros. E esses arquivos falavam de uma força-tarefa aí, secreta, que teria encontrado, enquanto procurava por outras coisas, o negativo material de ondas cerebrais gravadas há muito tempo.

— Ondas cerebrais gravadas?

— Sim.

— Vai te foder, como assim?

— Demorou até que percebessem que o que eles tavam lendo era uma consciência guardada. Que aquele rastro ruidoso era o adensado composto de ondas eletromagnéticas da consciência de alguém. Pelo que eu entendi, dos e-mails que a gente conseguiu recuperar, só descobriram isso por acidente, porque tinha um mesmo pesquisador polímata indiano trabalhando nos dois projetos. Tanto o da máquina de uploadar a cabeça, quanto no de procurar matéria escura. O cara percebeu que tava lidando com o mesmo tipo de onda ali. Só que uma era o negativo da outra. As consequências disso, tu não tem ideia. Na verdade, ninguém tem ideia. A explicação que eu mais gostei foi a desse indiano, que parece que ninguém levou a sério. Não acho que ele tá certo, mas achei engraçado. Segundo ele, sabe porque que o universo tá expandindo o tempo todo? Porque o passado ainda tá aí, escondido, engordando

com todo presente que engole. O ruído negativado dele fica guardado nas fibras do espaço. Ou melhor, o passado é as fibras do espaço. O cara, que chama Ramachandran, propõe então que aquele poderia ser algo como “o disco rígido de Deus”.

Renato tava olhando pra ela, com uma cara de apaixonado.

— Vamo lá, deixa eu te mostrar. A máquina tá lá na casa da Tamires.

Eles vão de moto até Ouro Preto, pra casa da Tamires, que está dormindo quando eles chegam, dez e tanto da manhã. Acha melhor não acordá-la. Os dois vão pro quartinho dos fundos e ela lhe mostra uma máquina ligada no que parece uma cadeira de dentista modificada. Parece meio mambembe, as entranhas todas expostas. Renato se senta nela e olha para a amiga com uma cara de medo, ao mesmo tempo, fingido e genuíno.

(...)

— Cada pessoa responde de um jeito. Tem gente que mal consegue engatar, parece. Você respondeu muito bem, tuas leituras até agora tão muito nítidas, assim. Geralmente demora na primeira vez, viu?

— Cê tá falando isso só pra me agradar.

— Desde quando eu faço isso, Renato?

— Deve ser então que a minha imaginação é show demais, as imagem já vêm tudo linda, tudo em HD.

— Cê deve estar exausto, né? É cansativo o negócio. Eu tou com isso tem tempo e até hoje nem deu de testar nem metade dos arquivos que eu tenho.

— Quero ir de novo.

— De novo? Tu vai fritar a cabeça, bicho.

— Vou não, põe de novo, põe. Põe um outro aí. Qualquer um. É tudo lind demais. Bem melhor que filme. É o show da vida.

(...)

Tamires estava com o sono invertido, apareceu nos fundos com uma cara de zumbi quando já era quase meio-dia, disse que tinha botado pão de queijo no forno e voltou pra cama. Então depois de um bom tempo usando a máquina, os dois se recolhem pra tomar um café com pão de queijo e goiabada.

— Mas, então, desde que eu pus a mão nessas máquinas, eu tou com uns

plano meio mirabolante esquentando na cabeça. E eu preciso de alguém pra me ajudar. Você é uma das poucas pessoas em que eu confio nesse mundo, Renato.

— Oxe, beleza. Tamo aí, demorou. Mas tipo o quê?

— Tem um garoto em Brasília, um playboy nerd que escreveu uma história em quadrinho. Parece ser um cara tranquilo, não conheço. Ele é importante por um motivo que não posso te explicar agora. E eu preciso preparar ele pra uma parada. E pelo que eu andei pesquisando sobre você, acho que teus dotes pra isso serão adequados.

— Sei não, hein? Fiz uns trem que deram ruim, aí, recentemente.

— Com certeza são mais adequados do que os meus, Renato. Eu mal sei falar com as pessoas.

— Se você diz.

— Eu tou com esses brinquedos aí e ainda não decidi o que dá pra fazer com eles. Mas quero fazer alguma coisa. Se você tivesse um poder meio sinistro nas mãos, o que que você faria?

Renato olhou pra longe e estirou os braços pra cima, como se estivesse pensando fundo.

— Eu sempre quis fazer com o Brasil inteiro o que eu fazia com meus pacientes, em BH, naquela época.

— Você diz aqueles negócios que você falou que fazia quando era a Sandra?

— Isso. Eu estudava a pessoa a fundo, ficava semanas, às vezes meses, preparando. E aí eu construía uma situação verdadeira-falsa que era perfeita pra ela virar a pessoa que ela queria ser. Não de uma vez, né? Mas pelo menos pra passar por um limiar importante, por um umbralzinho novo de transformação. Chegar, como a gente falava, num outro patamar, né? E a pessoa mesmo sabendo de antemão que devia ser pegadinha, quando a coisa surgia, mesmo antecipando que aquilo ia acontecer, na hora ela acreditava. Quando chegava na hora agá mesmo, todo mundo abraça aquilo e vive o negócio dum jeito muito intenso, até intenso demais. Ou enfim, quase todo mundo.

— E você acha que dá pra fazer isso com um país inteiro?

(...)

— Caceta. Tou passado demais com o que tu tá armando. Quem diria que

aquela criaturinha reia mexendo nos CPU em Belém estaria metida em coisas assim?

— Eu diria. Sempre soube.

— Você sem ninguém pra puxar a orelha fica insuportável, nossa senhora. Eu sei que tu já se acha, eu sei, já deu pra entender. Mas o pior mesmo é que mesmo a sua se-achância considerável não equivale à sua cabulosidade, viu?

— Cê é muito engraçado, Renato.

— Sempre que cê fala assim comigo, na verdade, é condescendente, cê já reparou? Cê só fala que eu sou engraçado, cê nunca ri.

— Já.

— Cretina. Mas tu vai esculachar, hein, com esses trem tudo que cê arrumou? Cuidado, viu. Vai esculachar quem? Não vai fazer nada violento-violento também, hein? Não quero nem que cê me conte tudo mesmo pra eu não ter que contar se me pegarem. Porque cê sabe que eu não me aguento. Olha a cara de diaba, eita.

— Não sei do que você tá falando. Sempre fui uma pessoa responsável e observadora de leis, membra exemplar da comunidade.

De repente, Renato emite quase um grito.

— Vi-rá!

— Oi?

— Impávido quem Mu-hammad A-liiii.

Ela ri pela primeira vez, em algum tempo. Ele claramente fica feliz de ter conseguido.

— Vai te catar, Renato.

— Virá que eu vi.

— Tu tem doze anos de idade?

— Nãñãñãñãñã-nãñã Bruce Leeeeeeee

— ...

— Virá que eu vi.

>>

63.

<

— Então. Deixa eu te explicar

— Por favor, véi. Vou estar precisando.

— O acidente rolou mesmo. Eu não tava em nenhuma condição de dirigir, fui muito imbecil. A real é que eu não tava bem das ideia naqueles dias, você viu como eu tava. A merda maior é que eu tava dando uma carona pra dois amigos meus de Goiânia, o Sávio e o William. Encontrei eles na festa rapidinho, depois de falar com você. Enfim. Não tava nem há meia hora na estrada, quando derrapei numa curva que fiz rápido demais. O carro bateu direto numa obra do lado da estrada de madrugada. A sorte é que tinha um vigia ali, guardando as máquinas da obra, por isso o socorro chegou logo. Mas um dos moleques morreu na hora. Eu acordei meia hora depois numa ambulância com meu pai na minha frente.

— Seu pai?

— Um dos PMs que chegaram no lugar reconheceu o meu carro e meu nome, aí ligou pra ele direto, que tava num evento ali perto, no interior. Só depois que eu fui entender a coisa toda. Os dois amigos que eu te falei tavam sem cinto e se pegando forte no banco de trás quando rolou o que rolou. O William foi jogado pra fora do carro só de cueca, e o Sávio, que ficou preso nas ferragens, mas só fez quebrar um braço, tava só de camisa. Os caras chamaram meu pai, porque sabiam que ele não ia querer aquilo vazando pra imprensa. Filho do governador bate carro com dois viado dentro, um deles morre. Aquilo não tinha como sair, era péssimo pra ele, tal e tal.

— Caramba.

— Pois é. Eu chorei pra caralho, xinguei ele de tudo. Foi ridículo. Tinha mais uns três caras lá na hora, pelo menos, além dos bombeiros e de um PM. Todo mundo ficava num canto sem falar nada, meio constrangidos. Bizarro demais. Perguntei o que ia acontecer com o William e ele falou que levariam levar pra Goiânia pra entrar em contato com a família. Inventar alguma história não seria difícil, tem acidente de carro e de moto todo dia. O Sávio tava em choque, em posição fetal sem falar nada. Meu pai falou alto, pra ele ouvir, que seria tratado num hospital privado e podia ganhar um trocado se

se comportasse.

— ...

— Pois é. Eu não sabia nem o que dizer. Ele só bufou e falou daquele jeito dele. Você faz só o que quer e depois eu que tenho que limpar sua merda. Até hoje. Eu tava com muita raiva dele por tudo que ele tava fazendo, mas tava com mais raiva ainda de mim. Pensei por um instante em contar a verdade pra família do William, mas uma parte de mim já sabia ali mesmo que eu nunca teria a espinha necessária pra fazer isso. E aí meu pai fez uma cara esquisita e falou: Não vai ser fácil esconder isso, filho. A imprensa vai cair em cima se descobrirem que morreu alguém. Os meninos aqui todos me respeitam, eu já falei com todos eles, todo mundo entende que a situação é delicada, não é simples. Complica pra mim, mas complica de verdade pra você. E ele ficou me encarando como se quisesse que eu propusesse alguma alternativa, e eu não tava entendendo.

Murilo também não entendia.

— De repente, ele vai e fala: mas se você tivesse morrido no acidente, aí ninguém vai reclamar nada. Uma coisa é você matar alguém, outra é você se matar. Aí todo mundo fica é com pena da gente, da família toda. E ele sorriu aquele sorriso mais filho da puta dele. O sorriso de verdade dele, que não é o que aparece nas fotos.

— ...

— Eu chega demorei pra entender o que ele tava propondo. E aí lembrei de um pequeno bordão que já tinha ouvido ser repetido algumas vezes, entre meu pai e dois amigos antigos dele, um que eu achava que era só piada quando criança, e que eu percebi ali, na hora, que não devia ser. No Goiás não tem dessa não, não tem treta, não tem rolo. Qualquer merda que dá a gente troca os corpo.

>

64.

<<

Rodolfo se encontra sonado de jet lag, no bar de um hotel em Hong Kong. Tenta se manter acordado, enquanto escuta o final de uma história comprida que Philip não termina de contar. Evita apoiar o rosto nas mãos, porque sabe que assim vai fatalmente cochilar.

As histórias de Philip eram tão compridas quanto eram confusas. Não raro, as premissas do início começam a soar elusivas já pela metade, ele sempre se empolga demais com detalhes. O português veste um sobretudo Burberry, cor creme, muito sóbrio e pesado, companheiro antigo seu de viagem. Já Philip usa uma espécie de capa arrojada da marca Miu Miu, estampas modernas de inspiração tradicional japonesa em seda multicolorida. O amigo de Rodolfo (talvez conhecido fosse mais justo) era um investidor muito bem-sucedido e conectado, que aproveitava, quando estava fora do seu próprio país, para usar suas peças mais extravagantes, de alta costura, aquelas que ele não tinha coragem de usar em qualquer lugar. O engraçado é que mesmo longe de casa, Philip dificilmente conseguia bancar tão bem as próprias escolhas, passava a noite tenso, encarando o modo como era visto pelos comensais e garçons e arrependendo-se da escolha, visivelmente.

Mas não era nem por seu gosto em moda e nem por seus contatos no setor financeiro que Rodolfo havia procurado Philip. Ele foi acionado única e especificamente por seu conhecimento íntimo e impecável das antigas famílias aristocratas da Nova Inglaterra, e de seus podres. Parece perceber a distração de Rodolfo e, meio irritado, muda de assunto bruscamente. Os dois conversam em inglês.

— Então, tá ficando tarde. Diga logo o que você tava querendo comigo, Rodolfo, antes que você durma aqui na minha frente.

— Lá vem. Desculpa, Philip, eu ainda tou no horário de Lisboa, poxa. Cê sabe que eu adoro suas histórias.

— Não precisa me enrolar, Rodolfo. Fala logo.

— Pois então. Vou ser direto. O que você sabe sobre Timothy Bedford?

— Ai, meu caralho. Timothy Aaron Astor Schuyler-Havemeyer, III?

— Imagino que não tenha outro. Que que tem?

— Nem sei como começar. O que que você quer saber desse desastre?

— De onde você o conhece?

— Eu não o conheço. Não pessoalmente. Não sei tanto, mas sei de mais coisa do que gostaria. Por que você quer saber?

— Ele vem enchendo muito o saco, pra falar a verdade. Tentando se meter onde não deve, insistindo muito para saber mais do que devia sobre o projeto complicado e sigiloso de que te falei.

— Aquele misteriosíssimo, sei. Sobre o qual você não conta nem meia fofoca.

— Pois é, mas não por causa disso. Digo, não é o projeto em si que interessa ele. Parece que ele tá obcecado com uma ex-funcionária que roubou algo do projeto. Nunca o encontrei, mas já ouvi falar de duas pessoas que encontraram, todas expressando um sentimento parecido com o que vi na sua cara agora. Imagino que não seja um homem muito fácil de engolir.

— E o que que ele já sabe?

— Não temos certeza. Parece que sabe que parte da operação estava localizada na Bolívia. Mas acho que ele não sabe muito mais do que isso. O que me disseram é que tinha contatos fortes. Ele é da CIA, é isso mesmo?

— Mais ou menos. Só sei que entrou do jeito mais ridículo, nepotismo brabo, sociedade secreta e o escambau. Nem sei nem se tá na folha de pagamento, se tem um título oficial. Timothy é o neto cagão de um ex alto-conselheiro da CIA, mão-direita de Allen Dulles no final de carreira, responsável direto por mais merda que você consegue botar em dez documentário melodramáticos. Um cara que foi realmente importante pra criar aquela máquina assombrosa deles. O pai do Timothy tinha bem menos poder que o avô, mas o mesmo sangue no olho, e ainda maior ambição política ostensiva. Esse pai, Timothy II, eu conheci bem, uma figura, você encontra foto dele em tudo que é encontro farofeiro de gente poderosa, jantar beneficente pra isso e aquilo, esse tipo de coisa. São amigos da família Bush desde sempre, assim como dos Clinton. Mas Timothy terceiro é o que mais faz merdinha na família, o que mal conseguiu formar, o que chegava nas festas super formais da família nos Hamptons com coca na gola da camisa polo e um arbusto inteiro saindo debaixo do eixo da 4x4. Isso eu te digo, porque vi uma vez. Uma cara de palerma arrogante que

— você não imagina. E parece que só piorou depois do pai morrer.

— Sei.

— Mas transita em lugares que você nem imagina, e todo mundo só faz passar a mão na cabeça. Dá umas sugestões imbecis que ninguém escuta em reuniões pra as quais não foi chamado. Fica pedindo acesso a vídeo de ataque de Drone, imagino que pra bater punheta em casa. Mas a coisa dele mesmo é tentar repetir o espectro do pai e do avô. E o pai dele, em especial, trabalhou muito com cultura, nos anos sessenta e setenta.

— Isso dentro da CIA?

— Isso. Era um cara culto, antenado, viajou muito, trabalhou, principalmente, na América Latina. Parece que liderou um grupo ali dentro, que criava revistas e fundações, incentiva festivais e intelectuais que estivessem no ponto certo. De preferência anticomunista, mas o ideal é que parecesse apolítico, no mínimo simpático aos EUA, e ainda assim tivesse uma pinta de rebeldia, de subversão. Apoiaram muita coisa assim, bancando desde exposição de expressionismo abstrato, até conferência de teorias radical de vanguarda.

— Sei.

— Enfim, já ouvi coisas contraditórias e não gosto de passar informação imprecisa. O que todo mundo concorda é que tudo que o filho mais queria era imitar o pai. Andou no final dos anos oitenta pro noventa com produtores de música e cinema, tentou sem muito sucesso ficar amigo de deus e o mundo. Mas parece que nunca conseguiu muita entrada por aí. Então foi migrando pro vale do silício, fazendo pontes entre o DoD e as gigantes de tecnologia. Tem também que ele é chato pra caralho. Tem isso. Uma pessoa insuportável. E olha que eu tenho pele grossa.

— Posso imaginar.

— Enfim, é isso. Tudo que eu sei sobre a peça.

— Já ajuda muito, Philip. Fico te devendo uma. Eu não tinha ideia ainda com o que eu tava lidando. E você pensou no meu convite?

— Pensei, acho que pode ser divertido, mas pra te falar a verdade eu odeio futebol, sempre odiei. Então vou pensar bem, digamos. Não conte comigo.

— Eu entendo, pena. Fui convidado por um cara muito chato e tou doído

pra arrumar mais alguém pra ir comigo. Parece que esse Timothy também vai estar por lá, mas vou tentar evitar a peça.

>>

65.

<

— Aí foi isso. Meu nariz se esbagaçou todo, meu rosto teve umas escoriações pesadas, mas que quase não deixaram marca. De lá, me levaram de ambulância prum sítio do meu tio, onde só tinha uma senhora mais velha e muito carrancuda com roupa de enfermeira, mais ninguém. Fiquei me recuperando lá por uma semana e nunca descobri o nome dela. Mesmo a gente assistindo televisão junto o dia inteiro. Tratou dos meus ferimentos e me fazia comida, mas não falava nada, e não parecia querer que eu falasse também. Foi só uns meses depois que eu fui levado pra uma clínica em Goiânia de madrugada pra fazer uma plástica. Parecia aquelas cenas de médico operando mafioso, sabe? Só eu, meu pai e o cara, um cirurgião famoso da região. O cara era uma figura, todo bombado e de pele laranja repuxada, queria reconstruir meu nariz dum jeito finérrimo, bem diferente do que era, e fazer harmonização no meu queixo. Deixar daquele jeito bizarro de boneco, que eles acham lindo. Pedi pra deixar o nariz arregaçado mesmo, que só reconstruísse o mínimo funcional. Ele ficou muito incomodado, falou que o trabalho dele era deixar bonito, mas eu insisti e ele acabou cedendo. Não sei se vou ficar assim pra sempre, mas no momento eu prefiro ao meu rosto antigo. Pela primeira vez na vida minha aparência combina com o jeito que eu me sinto por dentro. Risos. Deformado do rosto e das ideia.

— ...

— Minha mãe ficou enlouquecida, né? Com a coisa toda. Queria matar eu e meu pai. Ele a princípio queria mentir pra ela, mas eu falei que não conseguiria fazer isso, não sou tão desnaturado assim. Mas quando foi me encontrar, eu expliquei que eu queria aquilo, ela acabou aceitando. Aceitando não, ela viu que não conseguiria me convencer do contrário. A gente combinou de se encontrar de cinco em cinco anos. Ela queria que fosse mais frequente, claro. Eu fiquei seis meses numa fazenda que a família tem no interior, morando sozinho lá, mas quase enlouqueci de novo naquele lugar. Percebi que não tou ainda em condição de morar sozinho. Morei um tempo no Uruguai num coletivo de lá, mas cansei rápido. Tou aqui tem dez meses e tá massa, tá rolando.

— E o povo da casa sabe quem você é?

— Só a Camila sabe. O resto não. Ela tá aqui tem um tempão, meio que manda em todo mundo, embora a proposta toda seja horizontal e tal. Minha amiga desde adolescência, pessoa firmezaça. Não queria contar pra ninguém, com medo da coisa esparrar, mas com ela achei que dava pra correr o risco. E com você, claro. As duas únicas pessoas fora da família até agora. Cheguei aqui um dia na tora sem avisar, até porque ela não usa internet tem anos, e expliquei o básico da história. Ela não ficou nada orgulhosa de mim, digamos assim, mas também não vai me dedurar nem nada. Imagino que talvez alguém da casa venha a sacar um dia, eu e Camila não temos mais o mesmo círculo de amigos, mas eles se cruzam, a kombi da burguesia, né? A gente tem visitas às vezes, e tal. Mas espero que ainda possa ficar aqui até o final do ano, pelo menos. E aí çaço outro lugar. Talvez na Chapada Diamantina, eu gosto muito do Vale do Capão.

— Não sei nem o que dizer.

— Eu sei que é escroto o que eu fiz. É muito escroto. O William morreu por minha causa e a família dele nem sabe disso. Nem sabem o que aconteceu com ele, na verdade, só que ele morreu num acidente. E eu até hoje não sei quem é que botaram no caixão no meu lugar, se era o William, se tava vazio. Eu vivi minha vida da maneira mais escrota e egoísta possível e fugi dela e da minha família quando tive a chance. E ainda assim, mesmo com tudo isso, no dia depois da minha operação, eu me senti muito bem. Essa sensação de que eu não era mais ninguém, que eu tava largando todo o acúmulo dos meus anos na Terra. Não era mais nada com nome ou título, não tava em registro nenhum. Não tinha mais aquele nome.

— ...

— Eu lembro de perder o controle do carro, não do acidente. Mas eu sonho com ele quase toda noite. E no sonho é em câmera lenta. Tem anos que eu não assisto “Crash”, do Cronenberg, mas total impressão de que o sonho vem chupado todinho dali. Ou da minha memória dele, enfim. Eu assisto de longe o carro se esmagando, o William sendo jogado pra fora e se espatifando num pedaço de concreto, aquelas formas todas se transfigurando violentamente por causa de um deslize bêbado, imbecil, de milésimo de segundo. Passei um tempo enorme me perguntando se eu quis aquilo. Porque eu tava mal, sim, eu tava pior, naquele dia, do que o normal. O e-mail que eu te mandei, logo antes, era de alguém que tava pensando na morte. Mas eu sou dramático, fantasio carta de suicídio direto, desde que eu li a do Kurt. Então não sei se quer dizer

tanto, também. Já pensei muito e a melhor resposta que eu consegui até agora é que não. Eu não queria bater o carro. Assim, pulção de morte, tarari-tarará, querer morrer a gente quer sempre, em algum nível, sem querer querendo, beleza, mas eu, com certeza, não queria bater o carro naquela hora, não com os moleque no banco de trás, não daquele jeito. Sabe?

— Eu acredito.

— A gente é treinado pra espremer sentido de toda e qualquer merda, mas não é assim. Tem muita coisa que não quer dizer nada. Muita, muita coisa. Que é só ruído, dedo no cu e gritaria. A maior parte das parada, até, eu diria.

— Até rimou, deve ser verdade, então.

— Vai se foder, vai.

Os dois riem.

— Saudade, bicho. Quanto tempo.

— Também.

— Enfim. Se for pra ser criterioso, claro que o acidente significar significa algo. O meu privilégio escroto, minha displicência, o poder ridiculamente monstruoso que tá engavetado na barriga de um carro igual aquele que eu tinha. O fato de que só deu pra fazer o que fizeram com o William porque ele é preto e a mãe dele é secretária. Então significa tudo isso aí. Com força.

— Sim.

— Mas eu não queria. Eu não queria mesmo. Não desse jeito.

A cara dele entorta toda. Chega a parecer um porco, a maneira como o rombo do meio se amassa junto com o movimento.

— E a Letícia?

— É. Essa é a outra coisa bem vergonhosa do rolê. Bem zela mesmo. Vou nem fingir que acho de boa não.

— Você não contou nada pra ela, né? Nem pensou?

— Não. Ela não ia aceitar. Eu tenho muita vergonha de admitir pra ela que foi essa a solução que eu arranjei. Sei lá. Não consigo mesmo. E ela faz parte da versão que morreu, tá completamente entranhada nela. Se eu trago ela comigo, não adianta nada isso tudo. Nada mudaria, saca? Eu só arrastaria ela comigo pra morte.

— Ela ficou muito mal com a sua morte. Ainda tá.

— Eu imagino. Mas ela ficaria muito mal com a minha vida, também, acho. Não tinha muito pra onde correr ali.

— Hm, sei.

— Tou te dizendo. Mas pera, como que você sabe como ela tá? Ela nem posta nada em rede social direito mais.

— A gente se conheceu. Lá em Nova Iorque. Um dia só, conversamos só sobre você.

— Caramba. Por essa eu não esperava não, viu?

Ele ri e faz uma cara de quem está, com alguma dificuldade, tentando imaginar a cena. Murilo ainda quer saber mais.

— E de resto?

— Ah, eu leio um pouco, tenho muita coisa baixada pra imprimir e ler no computador. Trabalho na horta, limpo a casa. Não tenho mais aquela compulsão de comer gente o tempo todo, viajar, de consumir tudo que existe e é o caso. Quer dizer. Claro que não foi embora completamente, mas agora eu sou essa pessoa aqui. Tou tentando ficar de boa. Parece que tá dando. Tá melhor do que tava. Ou menos pior.

— Como que cê mandou o último e-mail? Você não tem celular, tem?

— Tenho nada. Mas eu vou pra Alto Paraíso, às vezes, pra usar uma lanhouse. Quando a crise de abstinência tá braba. Vou com um cosplay de hippie doido do cerrado, fico cobrindo meu rosto com uma viseira, é muito comédia.

Murilo ainda estava sem saber o que dizer. Aquilo tudo era absurdo demais. Mas claramente estava se passando diante dos seus olhos.

— Aliás, né, ficou legal demais o livro, pô. Mandou benção.

— Você achou?

— Total. Eu sabia que cê não ia fiação. Adorei a narradores sem gênero até o fim. Danado. Danades.

— Nem todo mundo curtiu.

— Cê tá falando da Fatma?

— Sim.

— Ah, ali, véi. Ali foi outra coisa. Eu dei em cima dela numa ocasião, a gente chegou a conversar rapidinho, ela deve ter ficado mordida quando eu morri, sei lá. Essas coisas às vezes mexem com as pessoas, né? Ela deve ter ficado numa de querer solucionar o mistério, desvendar a minha morte, e achou que tinha achado uma chave que explicava tudo. E isso passava por você. Sei como é essa sensação. Consigo nem culpar ela.

— Pode ser. Mas o pior é que tem um lado de verdade no que ela falou, tu sabe. Eu tirei muita coisa do teu trem que achei exagerada e que talvez fosse melhor que o resto, na real. Hoje eu vejo. Tentei botar meu decoro travado em cima do teu negócio, e isso não foi legal.

— Bicho. Esquece. Mesmo se tiver rolado um pouco disso, não importa. Tu fez lá a parada como te pareceu melhor. Ficou show.

— Não sei.

— E é um livro, não é tipo a cura da Malária. Tá de boa, também.

Os dois riem.

— Cê tá ligado do filme, né? Do Gominho?

— Tou.

— Que onda, né?

— Eu tou feliz por ele. Dele estar se metendo a fazer mesmo e tal. Mas tou meio que morrendo de medo. De como vai ficar, tal.

— Pois é.

— Você conversou com ele, não foi? Alguém falou na internet que você foi consultor pro roteiro.

— Conversei, mas na real eu nem li o roteiro direito.

— Amo Gominho.

— Ele é ótimo. Mas também não sei sei o que achar do filme. Vi eles filmando uma cena, até.

— Sério?

— É, na Esplanada. Um negócio meio musical, assim.

— Eita.

— É. Na real, me chamaram pra ver o primeiro corte. Vai ser sábado agora.

— Cê vai?

— Acho que sim.

— Caraca, queria muito ver.

— Te mando um e-mail depois, se quiser.

Murilo estava muito feliz do amigo estar vivo, era muito bom poder conversar com ele de novo. Ainda assim, mal conseguia olhar direto pra cara de Fábio, não só pelo nariz todo aberto aquele buraco esparramado pela cara, mas também pela expressão corporal, que parecia toda desativada, os ombros caídos. Murilo lembrava da energia excessiva que parecia circular pelo corpo do amigo na primeira e última vez que tinham se encontrado, de um circuito que parecia sobrecarregado e querendo se gastar. Talvez aquilo fosse angústia, e não vontade de viver. E isso agora, então, era o quê?

— Que que aconteceu contigo nos Estados Unidos? Eu só fui descobrir por alto pela Letícia.

— Ah, eu dei uma pirada. Uma pirada meio séria, bem diferente de tudo que tive antes. Mas não foi uma coisa só, não. Era uma pilha de coisa. Quando voltei, achei que tinha ido embora, que tava de boa. Mas não tava não. Sabe aquele dia que a gente encontrou.

— Claro.

— Eu tava o tempo todo querendo te perguntar uma parada e não perguntei.

— O quê?

— Assim, já aviso que é um negócio meio bizarro. Eu meio que... meio que achava que cê tava curtindo com minha cara. Que era você que ficava me mandando uns e-mails estranhos.

— Como assim?

— Não sei. Fiquei um tempo durante esse período, pouco antes de morrer entre aspas, interpretando as coisas que eu lia na internet como se tivessem falando comigo diretamente, fazendo referência a um bando de coisa muito específica que faz sentido pra mim, tal. E uma hora que eu tava tentando imaginar quem que seria esperto o bastante, me conheceria bem o bastante, pra fazer isso desse jeito, só consegui pensar em você.

— Que onda, véi. Eu jamais faria nada disso. Óbvio.

— É. Imagino que não, mesmo. Mas daí eu ficava com vontade de te perguntar, mas nunca perguntava. Ficava achando que se fosse eu, não podia perder o jogo, não podia chegar pra você assustado perguntando. Tinha que resolver a coisa toda antes. A figura na tapeçaria, e tal.

— Que viagem, fi.

— Eu sei, eu sei.

— E aí eu fiquei imaginando que motivo cê teria pra me odiar, qual era a onda, e não conseguia imaginar. Aí eu alternava entre achar que tipo cê queria só me enlouquecer ou cê queria tipo me fazer passar por uma parada, saca? Tipo um rito de passagem, uma merda dessa. Por causa da relação que a gente tinha com escrita.

— Nossa, eu acho que não sou uma pessoa tão interessante assim. Fico até meio lisonjeado de você supor um trem desse.

— Risos.

— Risos.

— Achei também por muito tempo que você que tinha começado o CABOL.

— Hah. Quem dera.

— Ainda acho, na verdade.

— Quem começou aquilo tem muito mais imaginação do que eu. Com certeza. Eu sou só um escrivão, um copista.

— Minha teoria favorita é de que você começou aquilo com tipo quatorze anos e depois esqueceu. Tipo o imortal do Borges, que esquece que escreveu a Odisseia. Nas devidas etc.

— Té parece. Tu às vezes faz uma imagem de mim que eu invejo um pouco. Não sei donde cê tira isso.

— Mas sério. Aqueles primeiros posts. Aqueles que só falavam dum jogo surtado e um laboratório na Bolívia cheio de bichos mutantes, tal. É total a tua voz aquilo.

— São teus ouvido, Fábio.

— Me chama assim não.

— É pra te chamar de que, então?

— De nada, de preferência.

— Então tá, ô preferência.

Os dois riram baixinho. Ficam ali mais um tempo sem saber muito mais o que falar. Trocam recomendação de filme e livro. Murilo fica adiando ir embora porque imagina que, depois daquilo, talvez nunca mais visse Fábio na vida (o que, de fato, sucedeu).

>

66.

<<

Tudo tá em jogo, mesmo quando não parece. Sem aquele caô de que escrever é perigoso, é isso e aquilo. É nada, não aqui, não agora, pelo menos. Ninguém se importa, ninguém tá lendo. O que não quer dizer que não estejamos lidando com forças terríveis, que não estejam em jogo. Tá tudo empenhado e desempenhado em tudo, mesmo em arte metida a besta, feita pros meia dúzia de babaca que lê livro paquidérmico e experimento digital nesse país. É tudo exemplo bizarro de trabalho livre, tentando mostrar outro mundo que não seja esse. Isso na melhor das hipóteses, claro. A pior, eu prefiro nem falar hoje.

Ontem pedi não só 1, nem 2, mas 3 pedaços de torta por aplicativo. El signature move de la eternitá. Cargas de Much rejoicing Y de verguenza subsequentes. Depois me masturbei vendo pornografia por mais de uma hora. Os dois burros siameses, andando em círculos e em falso. Vontade de voltar ao CABOL, mas nunca termino nada, nem ali, nem fora dali. Não é agora que vou começar, né não?

A busca saudável e gozosa por novidade e mudança e invenção, que é o próprio tempo, colonizada por infinitos thumbnails com infinitas mulheres gostosas complacentes, dobráveis. Andaime de desgraça recobrimdo tudo. Que desgracem adiante. Raianda presitecomante (aí sim), é só quando chega que chega. Preformance nenhuma, é um encaixe que é um estouro (i.e., um estouro) da pesada, como tem que ser. A levada, quando vem, desencadeia a cadência necessária, não se per-forma nada que ela não seja. Ou seja. Calma que mal começou, menino. Calma. Isso é só o desforro pra forrar o fundo, uma última tentativa antes de fechar a conta. O drops de hortelã na garganta. Reclame dos plins-plins. Agora é que vem, senta que lá vem a

~~

Para a criatura não existe, propriamente, passado e futuro como uma linha que progride, caminho que vai pra frente e deixa algo para trás. Não como existe para nós, que usamos palavras, temos olhos e costas, que esses olhos não enxergam. Ela foi feita por seres para quem o tempo é anelamento interno que cede a anelamento externo, para quem não existe, exatamente, distinção entre sono e vigília. Tentaram simular a biologia terrestre, mas

com seu próprio encanamento espaço-temporal, digamos. Sua própria espessura verde e trevosa. Saiu isso. Isto tudo já foi estabelecido, mas é necessário sim, infelizmente, recapitular. Porque chegou a hora.

Não é que o futuro já esteja presente para ela. Isso não seria possível, o futuro não existe ainda, ele é o que emerge do que passa, pura invenção justamente em não ser nada. A gente, que é mamífero e tem olho e dorme e tudo mais, vive nessa borda tensa que continua pra sempre se concretizando, o tempo se apresenta para nós como revelação ao mesmo tempo contínua e atomizada, o corte reconstruído que a gente faz da queda da gravidade. Para ela, o tempo é uma alça que se conecta consigo própria ao se perfazer sem nunca cortar o circuito. Anel que se expande em toro expansivo e intensivo sem nunca parar nem dormir, propriamente. Pense numa bolha que nunca parasse de crescer, ao mesmo tempo que sua base se desfaz.

Não é fácil, eu sei.

O que é importante é entender que o mundo pra ela não se dá numa sucessão de instantes, certamente não como esses nossos. O seu agora é a crista de uma onda que nunca para de tomar. A criatura se demora num instante expandido e circular, que se renova em campos e lateja de tudo em seu entorno, tudo que está prenhe e prestes a quase acontecer, instante viscoso, espesso e profundo, pântano pedaçado de todo o meio que a infecta e que aos poucos ela infecta de volta, feito como mosaico das tésseras de cada presente que emerge daquela selva vasta e selvagem de relação.

Pois pronto.

Assim que a alça está prestes a se conectar, ela se expande e colapsa, implode e explode. Continua sempre quase tocando seu próprio interior, ao se desvirar. Tudo que está prestes a acontecer ali em volta começa a ressoar também por ela, por aquele nexa enovelado, denso e aninhado de conexões espiraladas, que a criatura começa a produzir em torno de si sempre que se concentra em ampliar sua banda de recepção. Com esse processo, análogo ao nosso “instante”, a criatura envolve e desenvolve do seu próprio jeito as vibrações que temos por som e luz. Ao mesmo tempo, e não só. Não tente dobrar isso para os seus parâmetros, porque não dá. Apenas aceite. Receba.

A criatura está agora nos fundos de uma casa nos arredores de Ouro Preto, mas é só deixar a espiral se ampliar por um tempo, concentrando e deixando a luz carregá-la, que ela consegue sentir o corpo e a cabeça de pessoas

que estavam na área metropolitana de Belo Horizonte, naquele momento. Senhorinhas sentadas na varanda de casa em Contagem, crianças jogando videogame em Soledade de Minas Gerais, um grupo de garis dependurando-se no caminhão de lixo, quaresmeiras, ipês amarelos, murtas, goiabeiras, angico-vermelhos e sibipirunas se enrolando umas nas outras, engolindo luz e ar e trocando com tantos outros seres, embaixo e em cima, tatuzinhos e lombrigas, sanhaços e sabiás (besouros e baratas, tantos besouros e baratas). A consciência de todas essas formas de vida concorrem confusamente no fundo da cabeça da criatura em ondas convolutas, pedestres numa calçada. E ela estava decidida a fazer surgir ali, no jogo, uma imagem forte que havia conseguido captar nitidamente outro dia. A criatura não entendia o que estava acontecendo naquele estádio, mas sabia que era um evento importante para os humanos. Não à toa havia tantos deles ali e em volta. A criatura estava totalmente investida em cumprir uma figura que entendeu ser invocada pela única humana na qual realmente confiava. Ou chegava perto disso.

A criatura ainda se sentia longe de entender os humanos, embora conseguisse senti-los vibrar de longe e de muitos jeitos. De jeitos demais, na verdade, o problema era esse. Principalmente pela quantidade de aparelhos ruidosos, de barulho e de outras emissões que ressoavam junto, mas não só. Eles falavam usando ondas mecânicas de ar perturbado, ao mesmo tempo que gesticulavam e faziam expressões com os olhos e os outros apêndices faciais. A criatura não entende como que se deve comunicar com tantas partes soltas, agitadas simultaneamente. As plantas não se comunicavam dessa forma tão aparatosa, dispendiosa. Era tudo muito mais econômico e preciso.

A criatura ainda tinha muita dificuldade com palavras, embora já tenha entendido que são objetos pedaços de som e espaço em que os humanos colocam todo tipo de ideia e imagem. O funcionamento de linguagens e sistemas formais era imediatamente intuitivo para a criatura, ainda mais quando se encontravam em máquinas elétricas. Eram peças de jogo de encaixe, assim como proteínas e ondas. Mas qualquer conversa trivial entre duas pessoas lhe parecia, assim como pareceu ao anciões do Verde-Preto de amônia, sempre perturbadora e inescrutável.

Ainda assim, nas poucas vezes em que a criatura conseguiu se conectar com humanos, achou muito interessante se sincronizar com aqueles cérebros. Limitados e frágeis, claro, custou a aprender a manusear com cuidado aquele monte de carne dobrada. Mas eram também resilientes e inventivos, a seu

modo pitoresco e rudimentar. Com certeza faziam umas voltas muito estranhas, devia ser por causa dessa coisa de imagem (a criatura tinha um medo instintivo de imagem, talvez porque a ideia parecia tão estranha e ofensiva a seus criadores).

A criatura também tinha medo dos humanos, ainda, não conseguia deixar de ter. Lembrava com frequência da cabeça das três senhoras com quem ela primeiro interagiu, depois de nascer. De como a mente delas era um lugar, ao mesmo tempo, vazio e repleto, cheio de fantasmas e cheio de dor, tudo permeado de um falatório eterno, uma voz puxando outra, que puxava outra. A criatura também lembra de manipular números numa interface, enquanto era guiada pela consciência daquelas três senhoras, sem entender o que estava fazendo. Lembra da dor que sentia nesses primeiros contatos e da confusão por não conseguir se mexer direito, não poder ver o sol. Foi essa dor que fez ela matar aqueles primeiros humanos, algo que não gostou de fazer. Mas ela também tinha acessado a cabeça daquele garoto (que acabou morrendo) e depois da garota que a protegia. E, com isso, ela viu que havia muitos labirintos diferentes de dor, cada um muito diferente do outro, ainda que feito das mesmas peças. E viu que havia grupos diferentes de humanos, que havia os que viviam inteiramente dentro daquela máquina toda de destruição, rindo e contentes, e havia os que viviam fora dela, ou nas suas bordas, com muita dificuldade. Era confuso, os próprios humanos se dividiam de outras maneiras ainda mais estranhas. Sem nada parecido com uma palavra, a criatura havia sido quimicamente embutida do organograma básico do que seus criadores haviam pensado para o planeta e sua espécie dominante. Por isso, a criatura sabia bem, na sua ossatura flexível e lenhosa, que a sua intenção era representar as outras espécies, em especial as plantas, contra o domínio violento daquela espécie. Mas sabia também que matar humanos não era desejável, devia acontecer só em casos extremos, principalmente de autodefesa. Ela quer assustá-los, sim. Quer reduzir a empáfia daquela espécie arrogante e, em particular, dos seus espécimes mais poderosos. Talvez ela queira fazer até mais do que isso. Mas ela também sabe que está ali pra ajudar.

~ ~

Subir escada com uma perna prostética não é mole não, meu bem. Mesmo com essa prótese sinistríssima, tão mais ágil que a minha velha, tive que parar depois de alguns andares. Também já não tenho o melhor dos fôlegos, destruí foi muito esses alvéolo ao longo dos anos, os bichin. Devo ter demorado

uns dez minutos pra subir até o andar que a garota falou. Eu fui quase tudo nessa vida, se tu for ver. Geral se presta a um bando de papel, desde bebezinho até cair duro, a vida é um palco e tal e coisa, cês sabem tanto quanto eu, mas tenho que admitir que arrebentei a boca da porra do balão, nisso aí, nesse quesito em particular. Desempenhei muita gente diferente, alguns montados pra uma interação só, um único momento intenso; outros que duram, vão vivendo na gente, passam a ocupar espaço, inquilinos desejados ou indesejados, empestam nossos dedos, a bacia, as juntas, mas principalmente a garganta. Fui bem umas seis, sete pessoas diferentes, nos últimos quinze anos. Renasci primeiro na prisão, depois quando conheci os gêmeos e o Dennis. De lá eu saí doido pra fazer alguma coisa nesse mundo, pra causar, deixar minha marca, não importa qual fosse. Mas o mundo vai arrombando a gente adiante e adiante, até não poder mais. O Renato foi isso. Uma coisa de se fingir mais doido e mais transão e mais solto do que eu era, quando eu ainda não era, até virar. E virei, bem ou mal, mal e bem. A Soraia foi isso, mas foi abortada no meio. Ela veio duma vontade dupla que sempre tive, de ser um estudioso scholar sinistrão e de ser mulher. Tentei virar as duas de uma vez, além de terapeuta fistaile seguindo meus próprios preceitos teóricos experimentais visionaríssimos, a própria Freud traveco 3.0. Coisa demais ao mesmo tempo, não deu lá muito certo, não. Percebi que eu não era nem o merda absoluto que eu achava que era e que tampouco conseguiria fazer tudo que sonhava fazer. Não era assim que funcionava. E nisso a Soraia acabou se desfazendo, hoje não sei nem do que me chamar. Homem-homem eu não sou, mas também não sou qualquer outra coisa com nome, não que eu saiba.

Tem muito jeito diferente de querer ser algo além do que o teu RG diz. Eu, quando era a Soraia, me sentia plenamente aquilo, não me sentia uma versão falsa de nada, mas nunca quis que fosse irreversível, que não pudesse voltar a ser o Renato. Tinha até algo de assustador nisso, nessa facilidade com que me veio, com que me desveio depois, tanto uma coisa quanto outra. Quando você não tem nada, é bem mais fácil se transformar da noite pro dia, é a única coisa que é mais fácil, aliás. Nisso, eu pulei de vida e de onda sempre que precisava, de vitória-régia em vitória-régia, pra não afundar. Demorei vinte poucos anos pra gostar do meu pau, mais uns outros tantos pra me entender com meu cu, então aqueles outros mundos possíveis me pareceram sempre movediços demais, chão que vai te sumindo enquanto cê anda. Nunca ganhei dinheiro direito com nada, nem tirei diploma de nada, só fui estudando sozinho as

coisa igual doido e repetindo o que eu ouvia por aí, trampando com coisas aleatórias do jeito que acontecia de acontecer, de um dia, pro mês, pro ano seguinte. E, de repente, tudo foi dando muito certo pela primeira vez, ali em BH. A partir de 2009, mais ou menos, depois de dar tantas voltas, depois de me foder tanto. Muita coisa se azeitou de um jeito que achei até que pudesse ganhar estabilidade na vida, virar uma pessoa direita e bem-sucedida, com tudo em dia, tudo correto e apurado, profissional e sentimentalmente. Tava com trinta e um anos e ganhei mais dinheiro do que em qualquer outro período, antes ou depois, até tudo dar errado. Tava indo bem na academia também, mais do que todo mundo esperava, mais do que eu próprio esperava, até dar muito ruim. Nada de bom dura muito. Fiquei mal quando vi que não seria mais a Soraya, não ia inventar uma forma revolucionária de terapia coisa nenhuma, não ia tampouco, e muito menos, defender meu mestrado revolucionando a história da religião (não a história da história da religião, não sei se deu pra entender, mas enfim, qualquer coisa rebobinem aí vocês). Fiquei sem nem conseguir cuidar de mim. Só não fui morar na rua porque, a essa altura, já tinha uma rede considerável de amigos e ex-amantes nessa cidade que me sustenta quando eu caio. E, ainda assim, caí fundo ali viu? O fundo do fundo não tem fundo, como o Dennis sempre diz. Saudade daquele pimentão irlandês.

Foi por aí que a Eva, essa coisa maravilhosa, volta de sei lá onde pra me dar o papel da minha vida. Me pirulita pra lá e pra cá, me dá dinheiro, me dá um plano, um propósito. Ainda que tudo muito mal-explicado, estranhíssimo. Mas ok, vem junto com uns VR mucho do alucicreize. Foi bonito, foi? foi intenso? Foi. Vendi esses trem pra alguns bilionários e centimilionários na Califórnia? Também. Não posso reclamar. Mas agora tá me enrolando também, eu sei que ela tá. Com alguma coisa que eu nem imagino o que é e que vai rolar nesse estádio aqui hoje, com toda certezíssima, e muito possivelmente em detrimento da seleção brasileira de futebol, que pode não ser flor que se cheire, mas que também não merece explodir, nem nada assim. Não o Thiago Silva, pelo menos. É muito ridículo esse meu hábito, sabe, Jô? De recapitular a minha vida sempre que posso, como se alguém tivesse perguntado, como se fosse uma coletiva de imprensa, turnê de despedida. Como se tivesse passando um E! true hollywood story dublado sobre a minha vida. Com eu mesmo narrando, no caso. Finalmente chegar o andar que a garota falou, meus alvéolo já pedindo arrego. Eu entreabro a porta e fico espreitando,

vejo que tem um segurança de terno preto bem do lado dali. Não quero que me pergunte o que eu tou fazendo. O tipo que eu faço passa muito pouco despercebido. Quando ouço ele ir ao banheiro, aproveito para escapular para o único camarote cuja porta estava aberta e desprotegida.

O camarote parece que não foi concluído, mesmo com o jogo já correndo solto. O vidro parece estar zoad, não se consegue ver direito lá fora, parece refletir com muito mais força o interior do camarote, só que todo distorcido, espelho de palhaço. Ouço uma discussão ali perto e penso que preciso me esconder logo em algum canto. Não tem nada, exceto umas poltronas semichiques, ainda plastificadas e empilhadas, junto com materiais de acabamento nas suas caixas.

Subo em cima de uma dessas caixas, tiro a minha prótese e guardo na minha mochila. Ouço de novo as vozes chegando perto da porta, abro uma gradinha no teto que se revela muito vulnerável, talvez mal instalada, quase querendo abrir, e me pirulito pra dentro do duto de ventilação. Ele é tão grande e espaçoso, parece também pedir para que entremos, como nos filmes. Não consigo fechar de volta o duto, então me arrasto com pressa, não sem alguma dificuldade e agonia, mas consigo avançar alguns metros ali dentro com relativa rapidez. O tempo inteiro fica vindo na cabeça uns relances de tudo que vi na máquina da diaba. Fui Gal Costa dando pro Gil em Londres, no final dos anos sessenta, imagina. Um dia inteiro. Eu fui um japonês vendo João Gilberto em 2002. Vesh. Juana Inês colando velcro com a Marquesa de Paredes, Joana D'Arc surtando em batalha. Lembro de tudo isso, enquanto meu joelho rala nos cantos do duto e eu sinto minha bacia batendo suas quinas naquele metal. Não chego a ser claustrofóbico, mas também não sou claustrofílico, nem nada, gostar ninguém gosta de ficar entalado, de não conseguir se mexer direito. Já dizia o Bentinho que tristeza em qualquer bicho é basicamente isso.

Tem muita coisa na vida da qual eu me afastei não porque eu não quisesse ir mais fundo, mas porque dava medo demais de entrar em algo do qual não conseguisse sair depois. Acho que eu já tinha isso antes de ser preso, claro que depois só fez piorar, só fez ficar mais agudo. Foi assim com vários relacionamentos que esculhambei antes de ficar sérios demais, foi assim com vários empregos, foi assim com a Umbanda e o axé em geral. A primeira gira que eu fui, em São Paulo, já vi que se deixasse eu quebrava junto com aquilo ali até sabe-se lá onde. Me fez muito bem, acho, o tanto que eu fui. Ao contrário de

outras fés que eu já tive e deixei de ter sem grandes sobressaltos, sem grandes dramas, a coisa é que eu achava, e ainda acho, o rito forte demais. As batidas, a dança, a força daquilo me dobra rapidinho, me faz... É um negócio forte demais, sabe, te arrasta junto até você ser outra coisa, não tem nada mais real do que aquilo. Na primeira vez que fui, senti que os santos baixariam em mim. Senti isso nitidamente, um interruptor que se acende num quarto escuro. E, por isso mesmo, me deu tanto medo. Me dá tanto medo, mesmo que seja um pavor bonito, santo, não é um medo de algo que seja malvado, que seja ruim, mas é o pavor daquela força, mesmo. O mundo é claro e é escuro, ao mesmo tempo, o sol nunca para de brilhar, mas ele brilha no meio duma escuridão que é muito, muito mais vasta que qualquer supernova.

Fica claro que poucos metros adiante, o duto já chega em outro cômodo, outro camarote. E também tá bem mais estreito, agora. Eu lembro da piada cruel do Kafka como quem lembra dum mau agouro. E noto que tou começando a ficar entalado de verdade, que se eu me mexer de maneira destrambelhada agora talvez piore, talvez nem consiga mais me soltar. A agonia de ter os membros contritos me vem de repente como insuportável. Tem anos que não me acontece, não de verdade. Lembro de ser moleque e de ser segurado por moleques mais velhos que tavam zoando meu cabelo e o jeito que eu mexia, lembro de ser detido com um joelho nas costas e a cara no asfalto, quando fui ganho em São Paulo. Lembro de estar de carona na estrada, num carro com mais sete pessoas, o motorista trêbado, lembro de capotar e sentir a perna esmigalhando debaixo de ferro retorcido e outras carne amassada, enquanto o rádio do celular de alguém ainda tocava sertanejo tranqüilão. O sentimento da perna que estava lá e que de repente não tá mais, que continua voltando por anos como membro-fantasma, dor que parece uma paródia teimosa daquela falta tão real. Tudo isso volta, ali de uma vez, no tubo apertado. Eu, um xamã Tamoio, vendo espíritos, eu, um rapaz que sobe no palco num show do Parliament Funkadelic em 1978 e bate nos pratos com as mãos. Lembro de entrar no metrô do Rio pela primeira vez e ficar pasmo com aquilo, de achar incrível a coisa mais futurista do mundo, um trem debaixo da terra. Inacreditável que algo tão vindowo já tivesse chegado até no nosso bananão. Quando entrei no vagão havia um trem de se segurar que se dependurava numa haste metálica com uma espécie de tubo segmentado, também metálico. Esse trem de segurar era gostoso de mexer, movendo-se de acordo, e apenas de acordo, com o que os gomos permitiam. E dentro de

cada gomo metálico dava para ver uma pequena repetição da cena toda ali do vagão, todas as pessoas distorcidas e narigudas, anãs ou gigantes, tubos dentro de tubos o tempo todo. Já não respiro direito, já não me vem ar, ou o ar não me enche mais, e isso, só o começo disso, já me faz quase desistir. Eu sei de repente que vou morrer ali, naquele tubo, daquele jeito. E pronto. Um rato engolido por uma jiboia metálica, encontrado anos depois por arqueólogos, depois que BH explodir em alguma hecatombe futura (que vem já já, imagino). Eu, que tinha sido Cleópatra dando pro Marco Antônio, Lee Perry desenterrando microfones do fundo da terra, Alice James fritando de febre na cama, Gerald Hopkins chupando um rapaz num banheiro público, Marisa Tomei dando para Robert Downey Jr. numa festa, Max Roach tocando com Mingus. Me vem uma coisa que me treme todo, as juntas todas, não consigo evitar, tento e não consigo frear a onda nos ombros, mas ela desce até o pé, até o cotoco. Fico mais preso do que eu estava, e mais agoniado ainda. Fora do tubo, em diferentes camadas, com diferentes intensidades, todo mundo tá gritando e gritando. Se tu ouve direito, ninguém nunca para de gritar, nada nunca vai embora, nunca te abandona, eu demoro pra perceber que não é o estádio todo que está tremendo (até é, mas não desse tanto). Que o tubo está caindo mesmo da sua estrutura, me fazendo deslizar lentamente pra baixo. Lá embaixo, eu só consigo ver que tem um vidro, e mais nada. Eu só me vejo rezando pra toda entidade que conheço, de repente, sem acreditar direito. O tubo cede, meu corpo começa a deslizar, e eu prendo a respiração, esperando o baque, misericórdia, Exu que me guarde, Ev-

~~

O suposto camarote especial dessa merda já tem quase dez pessoas apertadas dentro. O jogo já tinha virado uma piada, antes de Rodolfo se desentender e ser levado até aquele lugar bizarro. Ele não era brasileiro, mas se sentia, ainda assim, um pouco ofendido com o desempenho da seleção do Brasil enquanto ex-metrópole, lateralmente. Rapidamente começa a ficar desagradável ali dentro, até quente. E alguns deles insistem em martelar uns mesmos papos idiotas.

— Não, não. Sério. Se você toma um 1982 é outro vinho. Você não vai nem reconhecer.

— Não duvido. Mas não sei nem se tenho esse nariz todo.

— É. Se não tiver, não vale, é o mesmo que queimar teu dinheiro.

Os seguranças do evento insistiram que todos teriam que ficar momentaneamente detidos ali, juntos, até serem interrogados. Como se todos tivessem feitos coisas da mesma gravidade. Na verdade, cada um tinha feito uma besteira diferente. E ninguém ali era qualquer merda, não. O que Rodolfo e, pelo menos, duas outras pessoas já concluíram é que vários deles ali dentro (talvez todos?) têm uma porra dum chip de interface 3i implantado na nuca. Isso se torna rapidamente o elemento mais saliente daquele conjunto, a informação mais importante, portanto. Não é exagerado supor que todos foram influenciados por esse chip a se comportar de maneira extrema na última meia hora, por alguma motivo.

Reunir todos eles no mesmo lugar, portanto, obviamente parece uma má ideia. Mas vai explicar isso pro leão de chácara que botaram na porta do camarote. Que essa opção só os deixava mais vulneráveis. Rodolfo tenta explicar sua hipótese para um grupo no seu entorno, mas ninguém o escuta. Consegue ouvir vários resmungando em inglês sobre como o evento era uma organização de quinta e que aquilo só podia acontecer num país fuleiro daqueles (nos equivalentes aproximados de suas próprias expressões vernáculas).

Rodolfo começa a ficar muito mais ansioso do que já estava. A dor de cabeça está latejando a ponto de achar que terá um derrame. Ele não pensa isso tem décadas, desde o seu primeiro casamento, desde muito antes das várias técnicas para lidar com ansiedade. Sabia que a criatura estava perdida, mas considerava isso uma perda, no máximo um possível escândalo (e um no qual ele honestamente teria mais orgulho do que vergonha de participar). Nunca havia levado a situação a sério como uma ameaça pessoal até agora. A história do vazamento massivo de contas em paraíso fiscal, aquilo já era um sinal mais preocupante, ele sabia que a criatura seria tecnicamente capaz de fazer isso sem dificuldade. O que seria um mundo em que não existisse mais segredo, mesmo, nem para os ricos?

A figura bizarra da CIA, Timothy, finalmente deu as caras e cumpriu a promessa de ser uma figura exasperante. Estava no camarote de Peter, assim como Rodolfo, e o sondou sobre seu envolvimento com o projeto, de maneira bem abrupta, sem tato nenhum. Parecia estar claramente pensando em outra coisa e olhando no relógio o tempo todo. Sumiu antes de Peter e Rodolfo surtarem e serem expulsos de lá pela segurança.

Agora esse aparelhos todos se apagando na mesma hora, isso é o que mais assusta Rodolfo até agora. O que poderia fazer aquilo, um pulso

eletromagnético? Ele pergunta para Peter, sem saber direito como estes funcionavam de fato fora dos filmes. Peter não responde, nunca gosta de demonstrar que não sabe alguma coisa. Rodolfo sente se instalando por todo o estádio um clima estranho e ominoso, depois de um jogo que já havia sido bizarro.

De repente, algo lhe bate ainda mais forte. Rodolfo não sabe se está delirando, mas tem a nítida sensação que tem pelo menos duas criaturas, além dele próprio, dentro da sua cabeça naquele momento. Sabe perfeitamente que esta não é uma coisa normal de se pensar. Mas também sabe que está lidando com algo muito fora de tudo que compreende.

Apesar do vidro distorcido quase não permitir que vejam o que tem lá fora, a desembargadora, de coque muito apertado e roupa formal demais, aperta os olhos contra ele e diz que consegue ver um pouco. Diz que o céu parece coberto de pássaros. Ninguém reage, exceto dois caras que começam a rir. Ninguém parece levar a sério.

Criado católico, Rodolfo era incréu, mas supersticioso, e se vê plenamente convencido, num momento de quase júbilo, de que aquilo ali é uma espécie de apocalipse. Seja cósmico, seja divino, seja acidental, seja o que for. Chegou enfim, chegou o juízo. E virão atrás da cabeça de pessoas como ele, Rodolfo tem toda certeza. Um sentimento agudo de sobrevivência lhe invade, tenta pensar nos contatos que pode ter no Rio, que poderiam lhe garantir proteção privada e confiável no momento. Depois percebe que muita gente poderosa estaria fazendo o mesmo agora. Já está se aproximado de uma crise de ansiedade, quando ouve algo rachando, cedendo. Olha pra cima e vê que um homem está caindo do teto. Como que alguém quebra um teto de vidro assim? Esse camarote tá todo bichado. A estrutura cede aos poucos, então não cai com tanta força, mas cai cheio de vidro estilhaçado. A desembargadora corre para perto, assim que reconhece a pessoa que estava caindo. Rodolfo não sabe porquê, mas sente um nojo, uma raiva, um asco, um medo daquele homem que caiu do teto. Acima de tudo é um medo que ele sente daquele homem tão esquisito, tão feinho, tão desagradável. Embora nunca tivesse, até então, pessoalmente agredido nada maior do que uma barata, Rodolfo imita os primeiros que começam a chutar suas costas e suas costelas. Alguns o xingam como se o reconhecessem, em especial a desembargadora e dois homens, que são de longe os mais violentos. Rodolfo não sabe porque odeia e teme aquele homem, mas o odeia e teme com uma ferocidade que não sabia que tinha. Desce o pé nas costas daquele corpo com a mesma fúria dos seus irmãos.

int main()

]boot

(BEM VINDES A TODES, ABSOLUTAMENTE TODOS OS NOZES, AO MAGNIFICO PANORAMÁGRAFO MEMORIUM, OMNI-DIRECIONAL E MULTI-MODAL, YEYBA, CARALHO, BELO D+)

Uma trombeta faz um pequeno piparote de anúncio que tenta sair triunfante, mas sai falho, rouco e raquítico

(Que tiro foi esse, hein, caçulinha, Ô Bira? Produção?)

PANTAFÁÇUDO ME TRAZ OS INSTRUMENTOS TUDO, PLIZ, O PLANO

(Tou com um probleminha na PAQUIMENINGE, na DURA-MÁTER, sabe, meu bem?)

Pantanizando tudo, infestando mesmo, não é, e en-fes-tan-do também. Mi-se-ri-cór-dia. Agora tem cor? É site, é? É FILME! ?

((A DURA DURINHA QUE MANTÉM NOSSO FLUIDO CEREBROSPINHAL TUDO ALI JUNTO, ELA PARECE QUE))

Gente, tem cor e som agora.

(CADÊ ASSISTENCIA TÉCNICA,

CADÊ?, Ô PRODUÇÃO)

NOS QUARENTA E NOVE DO SECONDI PIANI NAS ULTIMISSÍMAS PRIMEIRAS CALENDAS APARECE PLIM DE REPENTE UM PAQUEBOTE PRA CARREGAR A GENTE ATRAVÉS DA BARREIRA, NÃO MAIS QUE DE REPENTE, QUANDO MENOS SE ESPERÁVAMOS

(vai que não ia, ia que foi, foi não fundo,

e pans;

AI CACETA,

MEUS SENHORES, VOCÊS – OS SENHORES –

NAO PERDEM POR SE ESPERAREM)

como quem faz:

PAN PARARAN PAN PAN PAN PAAANs

\0'.

67.

<

Murilo volta para Brasília muito contente, sentindo que descobriu um milagre, embora saiba que não passe de um embuste, no fundo, e um que causou dano a outras pessoas. Ainda assim, não deixava de ser um amigo que voltava, envergonhado, dos mortos (por mais que aquela não fosse uma forma bonita de fazê-lo, nem de longe).

Mesmo vivo, Fábio continuava sendo um espectro, de certa forma, de-liberadamente deformado e escondido. Seguiria ali num canto, nota de rodapé não lida, sem dar mais sinal de vida, transfigurado em mais de um sentido. Será que aguentaria aquela vida reclusa por muito tempo, Murilo se perguntava? Talvez desista de ter morrido, em algum momento, como já desistiu de tanta coisa.

(*)

Poucas semanas depois, Murilo é chamado para um apartamento na 205 norte para ver o primeiro corte do filme sobre o Renato. Chega quinze minutos depois do combinado, sendo que haviam pedido pontualidade. Corre do Uber até a portaria do prédio, como se fizesse diferença.

Murilo é o último a chegar. Tem treze pessoas apertadas na sala do apartamento, quando ele entra, todas ansiosas e viradas para ele, quando a porta abre (lembrando um pesadelo recorrente de anos atrás em que Murilo entrava sem querer numa festa surpresa de estranhos). O sofá e as duas poltronas estão repletas, tem gente sentada no chão e fumando na janela.

Na mesa de vidro, há um cesto com doritos e pastas de tomate seco e azeitona. A televisão está conectada por um cabo HDMI num Macbook virado para a janela. Gominho e uma garota de cabelo pintado de ruivo estão atrás do computador e fazem um breve discurso:

— Então, é uma versão café com leite ainda, hein? Olha que falta correção de cor, falta mixar direito, falta várias parada. Então relevem, viu?

— Tem uma hora que é pra ter um laser que não tem, também.

— É, tem uma hora que tem que imaginar o laser com a imaginação.

O filme começa tocando “Onda”, do Cassiano e mostrando um rapaz

magricelo de mullets andando pela Avenida Cristiano Almeida, em Belo Horizonte, depois pegando um ônibus para o centro da cidade. Depois fica alternando umas cenas compridas e realistas, onde Renato trabalha em um bar e conversa com uma jornalista, que quer fazer uma reportagem sobre ele (enquanto excêntrico local), e umas cenas musicais alucinadas que são as histórias inacreditáveis que ele conta pra jornalista, como sendo da sua própria vida.

A graça, até onde Murilo entendeu, é pra ser o contraste entre a vida acidentada, normal e difícil daquele homem, e o mundo colorido e animado que ele contava e cantava pra si mesmo. Dizia que tinha viajado no tempo e influenciado toda a cultura nacional, desde o começo dos anos sessenta, decisivamente. Na música, na literatura, na teoria crítica, na moda, no design de exteriores e interiores, na dança, e, enfim, como não?, na práxis revolucionária. O roteiro tinha lá seus momentos, poderia ser mais engraçado se o ator não fosse péssimo, Murilo achou. Um cara muito bonito, mas em charme, moreno do olho claro, que tentava dar um ar alucinado e sensual pra tudo que falava sem muito sucesso. Desde que leu as primeiras aparições do personagem no CABOL, anos atrás, Murilo sempre imaginou Renato como um cara feio e charmoso, desses feios que te convencem que são atraentes por um magnetismo pessoal que parece um delírio persuasivo. Mas o resto do elenco era melhor, alguns eram ótimos.

A pior coisa do filme eram as cenas realistas com conversas entre Renato e a jornalista sobre a cultura brasileira das últimas décadas. Um negócio didático, no pior sentido da palavra, e pingando clichê. Mas as cenas musicais foram seduzindo Murilo, mesmo ele não gostando das músicas mediocres e os atores sendo, quase todos, péssimos cantores. A verdade é que ele sempre amou musicais.

A trama extensa, desenvolvida nos números musicais, era a parte mais cartunesca das histórias. Nelas, o Renato tentava, ao longo dos anos sessenta e setenta, transformar a canção popular numa força revolucionária da libido, não só libertadora de um jeito parcial, mas efetivamente transformadora do tecido social de produção e reprodução. Falando que a canção só vai mudar o mundo quando o povo tiver os meios nas mãos. Acabava encontrando todos os figurões da tropicália, no processo de tentar criar esse movimento (representados por figuras de papelão recortado). A todo momento, Renato enfrenta a ação contrária de Timothy Aaron II, o vilão

ridículo do filme, que sempre aparecia, antes ou depois, de Renato nos lugares, dissipando a sua energia ou matando aqueles que não queriam ser dissipados. Num número musical que Murilo achou bem engraçado, Timothy defende as várias intervenções geopolíticas dos EUA no século XX, enumeradas numa lista enorme que Timothy lê com um tesão danado e acelerado, ficando quase sem fôlego no final.

Timothy Aaron II se aposenta e é substituído pelo seu filho, Timothy Aaron III, que continua seu confronto com Renato, ao longo da década de noventa (sendo pessoalmente responsável pelas mortes de Tupac e Chico Science). No final do filme, Timothy Aaron III assassina um jogador novo, talentoso e gay, chamado Jáder, durante um jogo da copa do mundo. E depois persegue Renato pelo estádio com jeitão de que quer matá-lo também.

Quando finalmente os dois se encontram, Timothy e Renato se estapeiam, rolando pelas escadas de emergência. E, bem quando Timothy está prestes a esganar Renato até a morte — cantando citações de Carl Schmitt no estilo de Axl Rose —, seu pescoço é atravessado por uma flecha. Vemos vários andares acima, com uma mão no arco e a outra aprestada pra trás, uma menina índia com tipo de menino, cabelo de cuia e mechas compridas correndo entre o rosto e as orelhas. Ela é enquadrada numa luz dourada como uma figura heroica, quase sobrenatural. Não aparece em nenhuma outra cena do filme, e sua presença jamais é explicada. Disso corta de novo pro bar, onde Renato e a jornalista falam coisas modorrentas sobre a MPB.

Quando termina o filme, todo mundo ali aplaude um tempão, claramente felizes consigo próprios. Gominho está vermelho, quem mais fala é a produtora, Rita, e a montadora, Denise, que falam do trabalho de todo mundo ali por um bom tempo, reconhecendo quem fez o quê. Murilo entende que a inventividade visual das cenas musicais parece ter sido muito mais coisa daquelas duas do que de Gominho.

Era muito estranho para Murilo reconhecer trechos anônimos do Cabol, com rascunhos de Fábio com coisas novas ali no meio. Tudo familiar e diferente, ao mesmo tempo. Algo que ele já conhecia tão bem virando outra coisa diante dos seus olhos, com outras mãos no meio. Tinha algo de muito desajeitado e inconvincente no filme como um todo, mas isso acaba deixando Murilo mais enternecido e cúmplice do que qualquer coisa. Fica feliz por aquelas pessoas ali, sente que o filme é melhor do que os rascunhos bagunçados do Fábio, mesmo com todos seus defeitos. E acha que seu amigo

ficará feliz da vida, quando conseguir assistir.

>

68.

<<

Cátia e Wellington chegam na rodoviária de Belo Horizonte bem cedo, mas sabem que já precisam ir direto para a Pampulha se quiserem estar lá antes do jogo. O trânsito pra lá já é ruim em dia normal, imagina em dia de jogo da copa, diz o taxista. Wellington não foi chamado, mas a acompanha, porque diz que é seu dever (e porque quer ver se ainda leva alguma coisa nessa história, Cátia imagina).

Como esperado, além da pilha de carros, as ruas já começam a encher de gente nos arredores do Mineirão. Há uma multidão em volta, antes e depois do cordão que delimita o perímetro como uma área oficial da Copa do Mundo FIFA 2014 (TM). Dentro dela, há alguns poucos stands oficiais das marcas patrocinadoras, em contraste com a massa espontânea de ambulantes, com isopores carregados de todo jeito possível (no lombo, em carrinho de mochila de escola, em carrinho de supermercado), acompanhada de torcedores e demais entusiastas do evento, gente que, mesmo sem ingresso, pretende ficar por ali, bebendo e rondando o estádio, tentando absorver algo da sua aura, ainda que só de longe.

Muita gente está pressurosa e irritada, tentando passar logo pela multidão, mas o clima é de zoeira gratuita, esparramada e generalizada. Turistas de proveniência diversa se cumprimentam efusivamente e são filmados por jornalistas de proveniência também diversa.

Cátia tem consigo um ingresso falsificado, que sabe que só deve funcionar na primeira barreira, mas não lá dentro, na barreira final (que efetivamente leva aos assentos). Dentro do anel externo do estádio, ela precisa encontrar uma barraca de primeiros socorros, onde alguém a espera. Cátia e Wellington relatam mais uma vez tudo isso, um pro outro, diante do Estádio. Não tinham anotado as instruções em lugar algum. Ambos olham pros lados nervosamente enquanto conversam, sem saber se estão sendo vigiados. De fato, a multidão passa alguma segurança de anonimidade, mas eles não sabem se basta.

Cátia deixa o celular com Wellington, por medo de que possa ser rastreado. Combinam de se encontrar, depois, perto de uma árvore bem grande e distinta, numa curva da rua, bem no pé da colina encimada pelo Mineirão.

Cátia diz que se ela demorar, ele precisa esperá-la. Não tem ideia do que pode acontecer. Wellington tenta abraçá-la pra desejar boa sorte, mas ela não aceita. Diz que vai dar tudo certo e que, se não der, ele vai ter que ajudar a cuidar do irmão dela. Ele engole seco e nem responde.

Cátia se mistura à multidão na base do estádio. Tem anos que ela não vai em jogo de futebol, tantos anos que a última vez foi com o pai (um jogo do Bragantino contra sei lá quem). Era estranho andar no meio de tanta gente usando a camisa da seleção, enquanto ela estava em outro humor inteiramente, pensando numa possível mala de dinheiro e num gringo estranho e perigoso que ela quer passar pra trás. Seguindo instruções de uma doida que ela nunca tinha visto antes na vida, mas que falava como se tudo estivesse sob o mais tranquilo controle, passando-lhe uma confiança que ela sabia desde nova que não se devia depositar em ninguém com mais de trinta dentes, mesmo que fosse mulher.

Cátia chega perto de uma das barreiras de ingresso, marcada pelos números de portão correspondentes. Assim que está chegando na sua vez de ter o bilhete escaneado, uma confusão começa do seu lado. Um homem de mullets crespos, roupa de hipster pobre e uma perna prostética modernosa está gritando e falando que roubaram seu bilhete, roubaram seu bilhete. Um outro homem, mais gordo e mais velho, discute com ele também gritando, com gestos largos, fazendo muita gente se afastar, ameaçando ficar violento. O gordo começa a ser contido por alguém da equipe, que o derruba com alguma dificuldade. Outros funcionários uniformizados se juntam no gordo, fazendo um montinho nele, e ele só faz gritar mais e mais, fazendo um alvoroço. Na confusão, Cátia percebe que o rapaz de mullets consegue se pirulitar quietinho pra dentro do cordão, sobre a catraca, com uma liquidez surpreendente. Um funcionário até percebe, mas está ocupado com o gordo e não consegue fazer nada. O rapaz se mistura, saltitante, a uma torrente colorida de turistas rapidinho, abraçado num japonês breaco. Os funcionários logo fecham de novo a brecha, ninguém mais passa. Cátia acha graça, mas não diz nada. Seu ingresso demora três vezes para ser validado, mas, na segunda máquina (uma mais antiga), acaba funcionando. Ela entra com o coração já na garganta e começa a rodear o anel externo, buscando a tenda de primeiros-socorros.

Dentro da tenda, diz para uma das enfermeiras que está procurando seu avô, um senhorzinho simpático de boné azul que havia se perdido. A enfermeira escuta mascando chiclete e responde que não viu ninguém, senhora,

mas um outro enfermeiro, um cara bonito de cabelo platinado, parece acender quando ouve isso, chega perto dela na mesma hora. Diz que o avô dela passou mal e está lá dentro, pede para Cátia acompanhá-lo. A outra enfermeira parece estranhar, mas não reage.

O enfermeiro de cabelo platinado (moreno de queixo pontudo e olhos claros) leva Cátia para uma área controlada dos arredores do estádio, reservado a funcionários. De lá, Cátia acessa uma escadaria que leva até um dos andares de cima, dos camarotes VIP. Sobe as escadas quase correndo, quatro degraus por vez. Lá em cima, entra no único camarote que não tem ninguém na porta, só um papel escrito “em obras”. Lá dentro, encontra Eva de camiseta cinza e um casaco azul de funcionária da FIFA.

— Você tá aqui mesmo.

— Eu te falei que estaria, oxe. Olha só: tem uma coisa que eu não te falei. Tenta sair daqui antes do jogo terminar, porque acho que a coisa pode ficar feia por aqui.

— O que vai acontecer?

— Eu não sei ainda direito.

— Certo.

— Nada de ficar pra assistir o jogo. Não sei se você é de futebol.

— Não muito. Mas tá bom. Entendido. O que você vai fazer?

— Eu não vou fazer nada.

(*)

Cátia sai e volta para a escadaria. Desce um andar e vai até um banheiro, que também está fechado para manutenção. Lá, encontra Timothy, que tem as olheiras de um viciado esperando pelo seu canal.

— Você chegou até antes da hora. Quem disse que brasileiro não é pontual?

— Ela está lá na sala, como eu falei.

— Eu acabei de confirmar pelo rádio. Foi vista na câmera de segurança. Os meus homens já fecharam o andar. Você fez a sua parte direitinho. Apesar das condições extravagantes.

Cátia assente com a cabeça e ergue as sobrancelhas, como quem pergunta “e?”.

— Sim, claro. A sua mala tá aqui comigo. Se eu não tivesse tão feliz, eu nem te daria isso, sabe? Não preciso te dar. Você devia era ser presa por tentar vender aquela máquina. Mas você me deu o que eu quero e, honestamente, eu estou grato no momento. Um alvo muito importante para a segurança norte-americana e global será neutralizado graças a você. Vá com Deus.

Ele entrega a mala nas mãos de Cátia, que sente seu corpo todo esfriar assim que a apanha. Rapidamente senta no vaso ao lado para abrir a mala e vê que ela realmente está repleta de dólares em montinhos ordenados. Não consegue acreditar naquilo. Fecha a mala e se despede de Timothy com um murmúrio indistinto, desce as escadas saltando até a base e sai de novo pela porta. Vai para trás de uma coluna de concreto por um instante, apoia as costas e respira. Sair no começo do jogo poderia parecer suspeito, mas ela não quer esperar pra descobrir o que estava deixando a garota tensa. Ela, que antes parecia tão tranquila e segura de si.

O rapaz de perna prostética e mullets chacoalhantes, de repente, aparece, saindo de uma sombra enorme que se projeta de uma coluna do estádio. Pergunta se Cátia acabou de sair por aquela porta ali. Ela se assusta, mas o reconhece com um sorriso nervoso involuntário e diz que sim. Que precisou ir na enfermaria ver o avô, mas que ele já estava melhor e sairia em breve. Surpreende-se com a rapidez com que mentiu.

— Entendi. Mas dá pra entrar por aí então?

— Tem uma escada que leva a alguns lugares. Mas acho que não te deixa evitar as barreiras de ingresso, não, viu? Pra chegar nas cadeiras mesmo.

— Não, que isso, eu tou com ingresso sim. Tou só tentando ver onde tem menos fila, só.

— Anram. A escada dá nuns camarotes lá em cima. Eu vi que tinha um camarote que tava em obra, mas eu não iria lá agora, se fosse você. Quem sabe daqui a meia hora.

Ele ouve isso já espreitando pra porta, abrindo e entrando quase que num movimento só, nem se despede. Cátia sorri e se afasta. Ela volta para a tenda de primeiros socorros, onde o rapaz de cabelo platinado a aguarda. Assim que chega, começa a fingir uma dor de barriga, e ele prontamente a bota numa maca. A enfermeira de chiclete e cara entediada revira os olhos, mas continua sem reagir. O rapaz a leva num passo médio na maca (com um cobertor em cima da mala) até o primeiro cordão de ingresso. Diz para os funcionários

que a garota precisa ir até uma ambulância que está ali perto. A barreira abre prontamente, ainda que algumas pessoas expressem estranheza com aquele enfermeiro passando sozinho e meio destrambelhado. Todo esbaforido, o menino deixa Cátia uns vinte metros depois da barreira. Ela sai já quase pulando, segurando a mala como quem segura um filho. O menino disse que agora pronto, que agora estavam quites, ele não devia mais nada. Cátia não entendeu o que isso queria dizer, mas imaginou que era com outra pessoa. Fez que sim com a cabeça, com muita naturalidade.

Sente-se tão aliviada, no momento, que decide dar um beijo no rapaz (que, afinal, é lindo e acabou de salvá-la, praticamente, ainda que só cumprindo um papel). Ele treme um pouco de susto antes de corresponder. Algumas pessoas olham em volta, dão assobios. Ele fala “nussa, não tava esperando, sô”. Em seguida, como se ela tivesse ligado um botão nele, timidamente pergunta:

— Vem cá. Eu sei que me falaram pra não perguntar teu nome. E tudo mais.

Ela não sabia disso, claro, mas não expressa nenhuma surpresa.

— Acho que eu não vou nem perguntar teu nome de verdade se eu perguntar se você é a Cleópatra? Sabe? Daqueles filmes das antiga?

Em todas as outras vezes que Cátia ouviu isso (e foram muitas), ela fechava a cara imediatamente. Chegava a cortar a conversa, quando era uma conversa, ou só virava a cara sem responder. Não por vergonha, exatamente, mas porque o reconhecimento geralmente vinha acompanhado de uma cara de tarado, às vezes um pedido folgado pra tirar foto em posições sugestivas. Mesmo quando dito gentilmente, sem pretensões, como foi o caso agora, ela tendia a receber mal só por associação. Mas dessa vez ela sorriu.

— Sim. Sou eu. Não sou mais. Mas enfim. Fui eu em outra vida.

— Nossa. Sou muito fã, viu? Muito fã. Nem acredito. Prazer, viu? Nossa. Pena que eu não posso contar pra ninguém.

Agradece olhando bem fundo no olho dele, o que faz eles se derreterem. Pela primeira vez em muito tempo, Cátia curte o efeito que ainda parece ter sobre um rapaz bonito e novinho como aquele. Ela se despede recusando seu número, que ele grita mesmo assim, seguido da sua arroba no Instagram, e sai tentando não saltitar até a árvore combinada, cuja copa ela já divisava depois da curva.

Quando chega lá embaixo, indo no contrafluxo ainda massivo de gente

que ainda sobre a colina, ela encontra Wellington com uma cara desolada. Levanta a mala, ele rapidamente se anima, dando socos no ar.

— Por que a cara de cu? Porra.

— Tá três a zero pra Alemanha. Os menino surtaram.

— Foda-se esses teus boy, Wellington. Deixa de ser trouxa. Eles já são milionário, cacete. Eu quero saber de nós, porra. Vamo sair daqui.

— Deu bom?

— Deu bom.

— Vamo sair sim, claro. Mas você não quer só esperar terminar o primeiro tempo? Eu tava assistindo de rabeira ali de uma galera que tem uma TV ligada no carro.

Ela faz uma cara de indignada, entortando a cabeça.

— Tu tá louco?

— Porra, Cátia. Vai que vira.

>>

69.

<

Quando Murilo chega em casa da sessão do filme, sua mãe ainda está acordada vendo televisão (a Meryl Streep exaltada discutindo com o Clint Eastwood). Ele conta para Elizete do filme que acabou de ver, e ela fica muito impressionada com o que escuta. Mais do que tudo, parece chocada com o fato de que Murilo estivesse na casa de amigos. Os amigos terem feito um filme era acessório, ainda que também impressionante por si só. Muito chique, ela diz.

A mãe logo adormece diante do filme, mas Murilo está excitado demais, não consegue dormir. Decide, do nada, levar a faxina rigorosa, enfim, até ao seu quarto, ao único canto da casa que restava quase intacto aos seus cuidados (já que era algo que estava fazendo mais pela mãe do que por ele próprio, ao menos ostensivamente).

Depois de tirar as primeiras tranqueiras de superfície (algumas caixas de sapato, recibos, embalagens de biscoito), Murilo começa a dar uma limpa no seu antigo armário. Percebe o quanto estavam pesadas e atravancadas as gavetas e como estava cheio de detritos o seu fundo. Seu quarto não ficaria limpo de fato sem mexer naquilo, isso era claro.

Murilo sabia que tinha ali, desde sempre, uma série de pastas de plástico azuis e vermelhas com papéis seus da infância e da adolescência. Alguns rascunhos, algumas notas extremamente juvenis de leitura, exercícios da época que estudou, sozinho, francês e alemão. A coisa mais recente, Murilo deve ter feito com dezessete, no máximo. A mais antiga, ele nem supõe a idade que teria, mas com certeza devia ser menos de dez. Em sua única lembrança, já adulto, de ter revisitado uma pasta dessa, não sentiu nada além de constrangimento pelos vislumbres do jovem Murilo que chegavam dali. Tanto que não conseguiu olhar muita coisa.

Dessa vez, decide retirar absolutamente tudo das gavetas para ver o que jogava fora e o que ficava, de um jeito que não fazia desde sabe-se lá quando (a impressão era: nunca).

Vai encontrando todo tipo de coisa inesperada, desde ingressos velhos de cinema com as letras quase apagadas (“A viagem de Chihiro”, “Os sinais”), até uma foto de turma da quarta série, cuja existência ele há muito não lembrava.

Bem no fundo, com a camada mais bruta de poeira, encontra umas pastas que parecem mais antigas (de quando ele tinha quanto? Doze, treze?). Também azuis e vermelhas, mas de um tom já mais apagado. Depois de espirrar, algumas vezes, com a poeira desenterrada daquele canto onde se encontrava depositada e incrustada há tanto tempo, Murilo começa a sentir uma familiaridade estranha em alguns dos rabiscos. Há até desenhos que ele fez, ele que mal lembra de tentar desenhar. Esforços claramente copiados de outros ilustradores, que têm, no máximo, uma precisão mecânica, nunca muita vivacidade. Num deles, um coelho antropomórfico briga com um polvo malvado. Num outro, um homem velho de óculos escuros toca bateria, sentado numa cadeira de rodas. Na segunda ou terceira folha, algo deixa Murilo boquiaberto.

“CABOL – O JOGO”

As páginas datam de fevereiro de 2006. Quando é que os primeiros posts do CABOL começaram a surgir? Ele se lembra com nitidez de uma conversa com um outro amigo que acompanhava aquele universo. Guto, um mineiro que trabalhava com saneamento público e que, nas horas vagas, era um prolífico e diligente arquivista independente da literatura brasileira experimental de internet (1999-2010). Guto datava, por relatos “confiáveis”, o início do CABOL em 2008. Isto é, do 1o blog do CABOL, que ele próprio, Guto, não havia nem chegado a ler (muito menos compilar).

É um maço de umas dez ou doze páginas. Muita coisa riscada, alguns trechos iniciados e não terminados. Mas fala claramente, ainda que em letras garranchudas, de um jogo chamado CABOL, de um maluco chamado Renato e de uma criatura alienígena misteriosa.

Murilo tem uma vaga memória desse primeiro .blogspot dedicado ao CABOL, hoje já fora do ar, mas nunca lembrava de como o havia conhecido (agora entende o motivo). Talvez se buscasse na sua primeira conta de e-mail, há muito abandonada, encontraria algum registro. Até onde Murilo consegue lembrar, o estilo era de alguém que queria, claramente, ser o Borges da internet.

Mas se foi Murilo quem começou esse negócio, como que ele pode ter se esquecido depois? Como que alguém pode disparar aquilo tudo e depois esquecer? Do mesmo jeito que alguém esquece que atacou e feriu o próprio pai, várias vezes. A sua memória era um queijo suíço, aparentemente, fazia

questão de apagar coisas ruins e coisas boas. Murilo percebe que precisa ir atrás de tudo isso, passar a própria vida a limpo. Talvez essa coisa de viver quase inteiramente por meio de telas tivesse deixado o registro da sua experiência terrena esguio, elusivo demais. Era como se sua memória não distinguisse um artigo da wikipédia de algo que ele mesmo criou, um vídeo do Youtube de algo que ele experimentou na pele.

Ele começa a rir sozinho. Então tinha sido ele mesmo? É meio maluco, mas aquelas páginas empoeiradas não permitiam outra interpretação. Ele que inventou Renato e o jogo, os irmãos, o Dennis, aquela mentirada toda, aquela abestagem. Mas não Gustavinho, isso era do Fábio. A criatura era mencionada desde o início, mas ele quase não tinha desenvolvido como ela viria a ser. Os outros, Fábio incluso, haviam levado a coisa toda muito mais longe do que ele. A parte toda das plantas Murilo nem sabia quem tinha escrito, ele sente que destoa do resto, mas de um jeito bom (por isso mesmo adaptou alguns trechos para o romance que compôs com os textos do Fábio).

Já os dois blogs do CABOL, que surgiram pouco tempo depois, não eram de Murilo, com certeza. Até porque lidavam com assuntos e vocabulários que ele não dominava. Haviam expandido o universo do jogo em várias subtramas. Muitas delas, ele nem lembrava mais tão bem, algumas, o Fábio tentou dar continuidade aqui e ali (Cátia, o personagem da ABIN, o vilão da CIA).

Murilo sempre preferiu esses textos e personagens que surgiram depois aos do primeiro blog (talvez, no fundo, sempre soube, numa camada mais funda de consciência, que aquele início havia vindo de sua cabeça adolescente e, por isso mesmo, nunca tenha gostado tanto deles, assim como não gostava muito de nada que ele próprio havia produzido na vida).

Ria de gargalhar agora, pensando nas várias conversas com Fábio e outros amigos em que tinha dado pitaco sobre a possível autoria inicial do CABOL. Tinha chutado várias pessoas, sem jamais pensar em si. Não teria como voltar para alguma dessas pessoas desta dispersa comunidade, para Guto e Jullyana, por exemplo (uma piauiense a quem se atribuía algumas postagens tardias, por ecos com seu estilo no Twitter), e mostrar as folhas que encontrou. Achariam só que ele é maluco ou que está montando uma farsa estranha pra se apropriar de outra obra, depois do romance com o Fábio minguar. Já tinha leitores antigos dos blogs do CABOL, Murilo sabia, que se opunham à publicação de trechos do CABOL no romance do Fábio, mesmo com Murilo tendo se concentrado quase exclusivamente nos trechos que encontrou entre os

rascunhos de Fábio.

Percebe também agora um hábito que esteve com ele por anos como papel de parede na cabeça, e que jamais chegou a enunciar pra si mesmo. Até hoje, Murilo vivia imaginando pequenas cenas suplementares com os personagens do mundo do CABOL (Renato, Eva, Emerson, Gustavinho), quando estava distraído ou sem ter o que fazer. Esperando um elevador chegar ou o sinal de trânsito abrir. Seu corpo escapava para aquelas outras coordenadas vicárias, aquele outro mapa do mundo, meio sem pensar. Lembrava do nada de alguma subtrama abandonada dos blogs e pensava em como é que ela poderia se resolver. Às vezes, pensava em cenas escabrosas, outras, em finais felizes incongruentes para os personagens mais sofridos. Mas não conseguia largar aquelas pessoas de mentira.

Às vezes, se apanhava fazendo isso, mas há um bom tempo não chegava a escrever nenhuma dessas cenas. Não se permitia pensar em si como alguém que escrevia dentro daquele mundo, mas ainda assim vivia com uma parte sua entranhada nele há anos.

Pensa de novo em compartilhar aquilo com Fábio, mostrar que o amigo estava certo, no final. Mas ele disse que não checaria o e-mail tão cedo, que estava tentando se desintoxicar das lanhouses. O importante é que Murilo sabia o que tinha feito. Quem sabe um dia ele não contaria. De repente, não lhe importa mais tanto assim o fato do seu único livro publicado de fato, o único disponível no mundo como um tijolinho concreto de papel, fosse medíocre. Murilo tinha, de algum jeito, sem nem perceber, enfiado aquela pequena pedrinha dentro da garganta do bichão, ao menos. E um pequeno punhado de doidos fiéis, ao longo dos anos, tinham apanhado a frequência.

Não dava pra pedir mais do que isso, dava? Dava não.

>

70.

<<

— RENATO MUSSUMO ONZE E MEIA hoje recebe RENATO MUSSUM, o artista, ativista, ator, dançarino, terapeuta mítico-rítmico e jogador emérito de futvôlei intramural.

Ilumina o estúdio-palco e a câmera vem aproximando de cima. Renato-onze-e-meia é uma versão estufada, quase explodida, claramente fantasiada, do Renato. Está com pulôver rosa e óculos quadrados de arquiteto, as mãos no bolsos, a cabeça entortada, curtindo de olhos fechados o swing da banda, que manda um jazz jocundo e genérico de big-band com uma efusividade que chega a ser constrangedora.

(o sanfoneiro apaga e a sanfona continua como podes, como dá)

— Uou! Boa Noi-te, tá começando mais um Renato Onze e Meia, hoje posso dizer que a gente preparou um programa muito especial pra vocês. A gente tá aqui hoje com meu grandicíssimo, meu queridíssimo a-mi-go, tou com uma puta saudade dele. Vem pra cá, Re-na-to!

O telão mostra Renato sentado na plateia, um casaco de camurça e uma camisa roxa aberta até o umbigo, um olhar agradecido e quase tímido ao se levantar e ir em direção à mesa.

— Meu querido, meu querido.

Renato pega no antebraço de Renato que, em retorno, dá tapinhas de leve na sua mão.

— É um prazer inenarrável.

— A gente tem uns slides de apresentação da vida dele, não é isso, produção?

Renato-onze-e-meia e Renato se viram juntos pra trás, jubilantes, para o telão onde começa um pequeno vídeo-documentário-pedagógico com logotipo introdutório da Biblioteca nacional

Em 1961, aos onze anos, quando estudava no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, Renato faz o mestre declarar a seu pai, João Barbosa Mussumo: “Seu filho nada mais tem a aprender comigo”. Ali,

como disse mais tarde em sua biographia, vive a maior emoção de toda a sua vida, quando recebe uma medalha de ouro do Arcebispo da Bahia.

Em 1978, tem negado o acesso ao corpo diplomático do Barão de Rio Branco, os motivos que constam no relatório (de uso interno da corporação) sendo os de que Renato era displicente, mulato e homosexual.

Em 1990 D. Pedro V diz: “Nas trevas que caíram sobre o Brasil, a única luz que alumia, no fundo da nave, é o talento de Renato”.

Mestre Pastinha e Dorival Caymmi aparecem deitados numa mesma rede, em pontas opostas, os corpos cobertos pela rede fechada em casulo e apenas as cabeças e os pés de fora. As redes contém (quase) todas as cores, com a exceção do roxo, do lilás, e de todos seus primos imediatos. Eles dão os seus depoimentos como que conversando entre si, e não com o entrevistador:

— Renato, para espanto de todos, nasceu falando e comendo tudo o que estava diante de si.

— Comeu tudo quanto era bicho de quatro pés.

— Comeu todas as aves.

— Comeu os inhames e as farofas.

— Engolia tudo com garrafas e garrafas de aguardente e vinho.

— Comeu todas as meninas.

— Comeu quase todos os meninos.

— Comeu as frutas, os potes de mel e os azeites de palma e de dendê.

— Quantidades impensadas de pimenta e noz-de-cola.

— E guaraná Antarctica e Brahma, e sucos de todas as coisas das que se consegue fazer suco.

Os dois sorriem e continuam deitados na rede, parecem espreguiçar os pés um no outro.

O telão apaga e as luzes acendem no estúdio.

— “Le progrès est le développement de l’ordre”!, um dos Renatos diz, de repente, acordando.

— Augusto Comte!, o outro responde.

Depois os dois fazem uma cara confusa, como se não tivessem entendido

o que disseram ou sequer fossem responsáveis pela emissão.

As luzes no estúdio apagam e acendem a todo tempo, como se falhassem. Os Renatos não percebem. Ou fingem que não percebem.

O precursor escuro, que é um recorte negativo de uma pessoa, silhueta toda fundo, vive aparecendo em cortes ligeiros da câmera, piscando nos cantos em quase todos os vídeos que passam no telão, às vezes entre os próprios Renatos, mexendo em suas roupas e cabelos sem que percebam. O precursor é um sorriso tranquilo, tremeluzente, que é exatamente como uma silhueta dentro de uma silhueta.

Os dois parecem alternadamente angustiados e ansiosos (um ansiando, enquanto o outro angustia, e depois o outro angustiado, enquanto o outro ansiava, nunca juntos).

— A brisa não depende do tamanho da tora, morô?

— Morei. E eu castiguei na umbigada, pelo menos, não castiguei?

— Ô.

— Castiga lá, tu também. Hein?

— Opa, só se for agora.

— Vai lá, que que foi? O cara tá desgostoso da vida e não curte um rap.

— Não é isso. De forma alguma.

— Confisco, maligno, um mundo submisso. Deforma qual, então?

— O Gil canta num balanço na pesada, como eu gosto, como eu quero, como eu acho que deve ser.

— Hein?

— O crucial é que deram um sumiço em Jackson do Pandeiro, tá certo?

— Em Jackson do Pandeiro só não, em toda a música brasileira.

Todos, na plateia e na produção, aplaudem longamente.

— E quem tem o dedo de gesso tromba ele é o inferno.

Todos na produção e da plateia cochicham de forma grave e circunspecta.

— Tava de lasciar o cano de bom, o forró na gafeira do Coriolano. E o organismo doente da república oligárquica brasileira tá bom de decapitar tem tempo, já. Nas suas partes mais adiposas e gangrenosas.

Todos reagem com espanto. Alguns aplaudem, outros vão.

— O berimbau, que pra mim é o maior dos instrumentos, ainda está longe de ter sido plenamente atualizado em toda sua potência. Apesar dos esforços telúricos tão bem-sucedidos de Naná.

É mais uma vez aplaudido longamente, até que acendem-se holofotes. Entram os barões da indústria e do comércio, vêm vozes ninguém sabe de onde.

— Instituições de crédito!

— Instituições de crédito! (mais grave)

— Ins-ti-tui-ções de Cré-di-to! (mais grave ainda)

— São os oferecimentos, né?

— Que que a gente pode fazer?

Os dois Renatos fazem, igualmente, só que pra lados opostos, o mesmo gesto com os ombros e sobranceiras, denotando “fazer o quê?”.

Não é uma pergunta retórica! Quem tiver ideias, mandar para caixa postal comitesecretocontraocapital@bol.com.br

— Não é uma pergunta retórica, exceto no sentido em que todas as perguntas são retóricas.

— Sim. Exceto nesse.

Línguas de fogo verde tremeluzem por todo o palco por um instante. Todos na plateia e produção (exceto os Renatos) se enchem de pavor, mas as línguas logo somem. Várias cuecas e calcinhas se borram com tanta gravidade, evento que vários narizes registram em seus respectivos frêmitos.

— Agora vai, agora vamos.

Surgem de trás do palco vários estagiários segurando máscaras de papelão de grandes ídolos da Tropicália e um manequim vestindo um parangolé imóvel coberto por um cubo de plástico transparente.

Renato (o entrevistado) faz um gesto de varinha de condão com um graveto que retira da meia:

— Gil engendra em gil rouxinol, jão. Tá achando o quê?

Em seguida, abre a cabeçorra de papel-machê do estagiário que veste a máscara de Gil, de onde sai um Rouxinol de pano que ele joga em direção à

plateia e cai no chão no meio do caminho (na verdade, ainda no início).

— Meça suas zueira, parça. Tudo tem limite.

— Foi mal, foi mal. Eu me excedi mesmo. Cê tá certo, tudo tem limite, tudo é limite, na verdade. Mas é que tudo também tem ilimitado, aí fica difícil saber quando parar, não fica? Fica foda demais.

— Ainda assim, melhor cê ficar suave, tio, tá é doido. Tá achando que é quem, tá achando que tu é o malandrão, jão? O próprio?

— Claro. Mil desculpas. Mal aí. Máximo respeito. Mas sim.

Os dois Renatos parecem tensos. Falando com vozes que não as suas. Os dois mexem nas mandíbulas como se doessem. Até que um deles parece se iluminar com alguma coisa, vira pra uma das câmeras com um tom confiante.

— As pessoas parecem ter dificuldade de entender que a arte pode ser essa forma escrota dos burgueses se diferenciarem entre si e do populacho e uma forma genuína, sinistramente cabulosa, de comunicação entre seres e meios, ao mesmo tempo. Não é um ou outro. São as duas coisas, ao mesmo tempo, postas numa tensão sinistra do caramba.

— É isso aí. Não é uma coisa ou outra. A alternativa não é o Brasil ser um lugar maravilhoso com a maior tradição ética-estética de música popular da história do mundo ou um país grotescamente violento, profundamente racista e classista, que finge ter instituições democráticas, mas mal começou a superar ainda o seu principal fato constitutivo histórico: a formação por meio da expropriação indígena e da exploração africana. E, claro, a consequente, e insuportável, atoleimice, egoísmo, cinismo, preguiça e cara-de-pau da sua elite branca. O Brasil é, também e ao mesmo tempo, as duas coisas.

Todos aplaudem vigorosamente. Algumas das senhorinhas botam fogo em seus cartões de crédito, perucas, meias-calça. Sobrevém um cheiro forte de plástico queimado, logo misturado ao dos dejetos orgânicos e dos cheiros de lavanda e mel-com-própolis dos desodorizadores da produção.

— Queria aproveitar a oportunidade para ler um trechinho de um poema que estive traduzindo, não é mesmo, de um grandesíssimo querido amigo meu, um beijo pra ele, o Geraldo. Falecido há alguns anos de disenteria no interior do estado do Espírito Santo.

— Eh-ham!, o outro Renato limpa a própria garganta.

— Obrigado, Renato.

— Não tem de quê, meu mel.

— Agora a andrômeda do tempo nessa pedra rude

com ela nem o igual de sua beleza nem de sua

injúria

A câmara vai virando pras pessoas que, em sua maioria, estão com cara de confusas, algumas estão rindo, cochichando entre si. Quase um terço tá mexendo no celular. Renato parece arrependido de sua decisão, começa a virar pro lado, ficar quase de costas. A sua voz já não se pega bem pelo microfone.

A flor, o pedaço dela de ser, comida fadada de dragão

passado tempo ela foi querida e perseguida

por muita porrada e bomba, mas agora ouve rugir

uma besta do oeste mais selvagem que as outras foram

mais rude nos seus erros, mais desregrada e zueira

tudo enquanto sua paciência, despedaçada em pancadas,

se acumula só pra iluminar o desarme,

ninguém sonha, não,

com a tralha de Górgon, com as própria venta da besta fera

Todos aplaudem longamente. Há alguns gritos histéricos, em sua maioria masculinos.

— E temos uma cena do seu filme, não é Renato?

— Cenas, Renato.

— Cenas. Tipo um trailer, então?

— Tipo um trailer. Praticamente.

— Que beleza, vamos ver então.

* apaga a luz, todos direcionam os olhares para o telão *

Existem deuses? Quais? Como que eles existem?

E se o corpo social já souber, em certo sentido, como se curar, e for só questão de saber engatilhar esse conhecimento?

* barulho de explosões, animais gritando *

Buracos negros produzem radiação térmica? Essa radiação contém informação sobre sua estrutura interna?

Essa estrutura interna sequer existe?

Voz de jovem: Todas essas perguntas serão respondidas em seu tempo!

Voz de anciã: A evolução é a mudança de uma conjuntura sem-jeito da qual não se podia falar até uma disjuntura com jeito da qual se pode falar, em geral, por contínuas ajuntarências e outracoisências.

barulho de raio laser

Você acabou de provar

que corre com quem presta

Quem serve age na humilde

e não se cresce

Ele descarta um

e pega o outro

o telão apaga, a plateia aplaude sem entusiasmo

— Ih. Só foi o som, né?

— Só foi o som aqui, pois é. Lamentável. Mas se tivesse as imagens cê iam ver e tenho certeza que a garotada em casa vai ver depois eu imagino que tá xou de bola a produção. Foi tudo em chroma key só filmamo com aquelas tela verde, roupa verde. Os cara não tão de onda na pista, não, viu, os cara fizeram um trabalho xou de bola mesmo. Parece filme de verdade, parece quase americano.

— E sobre o que é a fita? Que mal lhe pergunte.

— Olha, eu considero que ele é plenamente assim tanto uma tentativa de sepultamento quanto de comemoração crítica dos mortos do Brasil patriarcal e semipatriarcal, quanto um anúncio profético da concreção plena do matriarcado de Pindorama. Mas não de verdade claro. Só de mentirinha.

— Ah, tá. Tipo arte, então?

— Tipo ficção.

Alguns gritos de “ooh” sobressaem-se, soando forçados.

— Isso da época do desaparecimento quase completo das escaradeiras como ostentações de sala de visitas?

— Sim, assim como da voga da caricatura política alongada em caricatura social, com a consagração das figuras de “Zé Povo”, de “O Brasil” representado por um índio, de a República, representada por uma mulher de barrete frígio, da Bahia, por uma baiana gorda, de turbante e fazedora de angu; de Pernambuco, representado por um Leão; do Rio Grande do Sul, por um gaúcho efeminado de poncho e botas; e ainda, de figuras como a do “capoeira”, a do “pelintra”, a do “parlamentar” sob a forma de um papagaio palrador e comedor de milho, a do “americano” (capitalista), sempre de fato de xadrez e suíças.

— É uma produção então nostálgica ou saudosista, você diria?

— Não exatamente, porque não tem mais ninguém vivo que viu essas porra. Então é mais viagem mesmo, eu considero.

— E punhetagem, assim.

— Isso. Viagem e punhetagem.

— Nada de errado com isso não é mesmo. Pouquíssima gente é de ferro, inclusive.

— Pouquíssima.

Todos os presentes riem (literalmente todos, até os da produção e da segurança).

— A mesma época também, é mister lembrar, do começo de substituição das ceroulas compridas pelas curtas.

— Sim, assim como do desenvolvimento do foot-ball como jogo quase nacional, com caracteres dionisíacos mais acentuados do que os apolíneos, do jogo inglês.

— Sim.

Os dois Renatos concordam efusivamente. Um começa a massagear o lóbulo direito da orelha do outro, do tanto que concordam.

— E cê tá com o show no Canecão, não é isso, meu querido, um sucesso enorme?

— Canecão não, querido, é no Vivo Center, antigo Citibank Hall.

— Sei, antigo AT & T Multiplex.

— Antes disso, Centro Bamerindus de Desportos & Entretenimento.

— Ah, sim. Lugar tremendo.

— Casa espetacular. Tamo lá realmente já há doze anos, muito sucesso.

— Doze anos?

— Doze anos.

— Doze anos o mesmo espetáculo?

— Isso, realmente casa cheia toda terça, quarta, quinta, sábado e domingo, o povo tem sido muito gentil, muito generoso, muito afável, muito gostoso mesmo com a gente. Isso a gente tem que dizer.

* Salva incrivelmente longa de palmas *

— E é ainda o espetáculo que consiste em você comendo um bando de coisa?

— Eu comendo realmente uma série de coisas, correto, Renato. Mas claro que também acontecem diversas outras coisas toda semana, tem vários convidados-surpresa, números musicais muito bem coreografados e sempre, naturalmente, uma série inédita de coisas. Nossa produção nunca para, é sempre uma garotada nova e muito animada. Xou de Bola de ver.

— Claro que eu lembro dos momentos mais tradicionais do show, que já são an-to-ló-gi-cos e que eu já vi VÁRIAS vezes, é sempre um es-pe-tá-cu-lo, mas que tipo de coisa assim mais diferente anda acontecendo de você comer?

— Olha, de novo, assim, novo-mesmo, deixa eu ver. Eu comi recentemente vários quilos de roupa suja esquecida em hotéis em Copacabana, no mesmo dia comi mais de sessenta coxinhas ignoradas em mostruário de lanchonete e bar por mais de uma semana. Isso tudo extraído claro da grande área metropolitana do Rio de Janeiro.

— Olha, que ótimo. Diferente.

Aplausos vigorosos.

— Ah, ontem foi ótimo que eu comi também uma réplica fidelíssima do manuscrito do primeiro programa do Idealismo Alemão. Num papel da época mesmo, que compraram importado. E a carta de Mário de Andrade apresentando Lévi-Strauss e senhora. Essa foi a original mesmo, imagina que luxo,

cedida por um colecionador muito querido. Gostinho rançoso, mas dilaça. Outro dia comi uma série de urnas funerárias orientais, aparelhos de ginástica, tampas soltas de tupperware, toccatas de compositores russos. Que mais? Ah, esse mês a gente tá fazendo uma série em que eu como o tubo digestivo de diversos animais diferentes. Meio meta, né? Que a garotada gosta. Assim com toda uma derivação morfológica, né, e topológica, né, que a gente faz digitalmente e projeta com aquelas luzinha verde no palco, faz umas onda assim com a fumaça, como que chama esse negócio, sabe?

— Sei não (com má vontade, talvez inveja, batendo o cartãozinho com informações na mesa).

— Enfim, isso só pra demonstrar de uma maneira lúdica as analogias transformacionais do nosso corpo com todo o corpo expressivo da natureza, não é mesmo? Cu e boca quase todo mundo tem. Todo bicho é um tubo digestivo com incrementos.

— FasciNANTE, Renato. Isso até dói de tão interessante que é.

— Não precisa ser sarcástico.

— Eu não tenho nem uma fibra sarcástica em toda minha fazenda musical, Renato. Só admiração sem reservas quaisquer nem limites por sua plurifalda, sua multirendada criatividade, meu menino.

— Sei.

— Todos sabem da sua generosa e prestidigitosa disposição linguo-conal, linguo-anal, naso-anal, cuni-nasal, dento-grelal, labio-cetal, dati-grelal, dati-anal, punho-cuzal, punho-cetal, dento-bundal, peito-pical, penis-entre-peital, penis-entre-nadegal, penis-entre-suvacal, penis-nasal, penis-auricular, saco-bucal, linguo-cabeçadopauzal, pico-bochechal, pico-cuzal, verbal-auricular, com a linguagem, in eine hochste Personlichkeit.

Risos da plateia. Era uma frase de efeito antiga entre os dois, desde a época do programa do Golias. O pessoal mais velho, em particular, adorava.

— Mas vem cá.

— Ô se não venho.

— Será que não vai uma palhinha? Hein?

— Aah. Aí você me mata, meu patrão.

Renato faz charme, a cabeça apoiada na mão direita por sua vez apoiada

na mesa. A plateia faz AAAAhhhh. Ele cede.

— Pedra rolou em cima da samambaia

Em cima de Exu-Mirim balança mas não cai

Exu-Mirim no morro tá batuqueiro

Batuca noite e dia derrubando feiticeiro (BIS)

— E todo mundo agora:

>>

71.

<<

Murilo enche dois sacos plásticos grandes de lixo. Quando termina, toma um banho comprido, esfregando bem as unhas e os intervalos encardidos dos dedos. Sai do banheiro só de toalha e senta na cama, ainda não consegue dormir. O mundo era comprido demais, sua cabeça era funda e esquisita demais.

Sente um formigamento no corpo todo. Lembra do filme do Renato, daquelas cenas musicais malucas. Perceber que aquele era um personagem que Murilo mesmo tinha criado, de repente o deixa com uma vontade enorme de dançar. Vontade que não lembra de jamais ter sentido antes na vida, não de maneira consciente.

Vai pro quarto e põe no Youtube uma música do Michael Jackson, “Don’t Stop Till you get Enough”. Amava desde criança o começo do clipe, com Michael falando que essa força, essa força, ela tinha poder demais, ela faz, ela faz ele (aí vem o gritinho e começa o tema do Vídeo-Show).

Murilo agita os membros como pode, chacoalha o quadril de maneira destrambelhada, tentando seguir a música. Sabe que a cena deve ser bem ridícula, mas não está nem aí, continua quebrando o corpo até a música acabar. Pensa no Fábio, em como a beleza, a criatividade e a grana que ele recebeu de mão beijada do mundo acabaram virando um peso. Angústia era a tontura da liberdade, ele lembra da citação sem lembrar de quem era. Sentia muito medo pelo Brasil, mas pela primeira vez tenta imaginar um futuro pra si mesmo.

Demorou mais de trinta anos pra descobrir que tinha um corpo. Mas ainda tinha toda uma vida diante dele, não era isso que as pessoas falavam? Podia até ser verdade. Dava uma preguiça de imaginar, uma gastura, mas dava um ânimo também. Uma vertigem que era só um começo de uma tontura maior, mas uma tontura boa. Continua dançando sozinho por mais três músicas, depois cansa e deita na cama.

Continua a ficar quebrando o corpo pela cama, como uma lacraia, deixando sua espinha se curvar e se retorcer. Achava tão difícil, tão trabalhoso, estar com os outros, que nunca tinha pensado que poderia fazer isso sozinho. Dançar, por exemplo, ou se contorcer na cama. Pelo menos pra aprender antes de fazer na frente dos outros. Ninguém tava vendo, ninguém brigaria com

ele, ninguém zoaria sua inadequação. Tira o short que está usando e depois a cueca. Continua a se retorcer na cama, explorando seus próprios fundos como um bebê urso recém-nascido. Acha-se a coisa mais tola do mundo, e a mais estranha. Mas cospe na própria mão e mete um dedo no cu. Muito aos poucos, mas mete. E começa, aos poucos, a se abrir e a desbravar aquele espaço dentro de si mesmo. Dói, mas menos do que ele esperava. É mais estranho do que doloroso e depois de pouco tempo o prazer começa a vir, e junto com ele vem uma sugestão de uma força muito maior vindo logo atrás. É uma iminência que ele nunca sentiu antes. Menos de trinta minutos depois, aos trinta e um anos, Murilo tem o primeiro orgasmo efetivo e integral da sua vida, o primeiro que ressoa no seu corpo todo, e não só numa de suas pontas. As pernas continuam mexendo, depois, por quase um minuto inteiro. Mal lembra o nome que tem, no fim.

Depois, ainda não sente sono nenhum. Sente que ganhou novas pernas, uma nova bacia. Uma nova espinha, quase, talvez. Fica deitado na cama e olhando para o armário de madeira escura e tentando não pensar em nada, a única luz do quarto vindo, fraca, do monitor.

Depois de um tempo com a visão fixa ali e a atenção dispersa, uma forma começa a se configurar no escuro. Um vórtice roxo que muda de figura quando Murilo mexe a cabeça, parecendo formar um fluxo toroidal em momentos. Ele não entende o que está vendo, nunca viu nada igual. Parece uma força puxando pra dentro e pra fora, pulsando, um circuito de luz escura se oferecendo pra ele. Ela não parece estar posicionada no lugar onde a enxerga, parece estranhamente estar em vários planos ao mesmo tempo, muito perto e muito longe, antes e depois do armário.

Sente vontade de esticar o braço e tentar pegar na figura, mas teme que isso a destrua. Continua olhando por uns dez minutos, mudando o rosto de posição e vendo como a figura muda junto com seu movimento. Ela parece querer interagir com ele. Ele só espera estar à altura.

A cabeça de Murilo estava quieta esse tempo todo, a torrente palavrosa de sempre se fazia quieta diante daquilo que não conseguia nem começar a descrever. Mas percebe — ao ver as próprias mãos tremendo e sentir o suor escorrendo na nuca — que está em êxtase.

Palavras começam a descer como que transmitidas. Murilo senta no computador, abre o processador de texto e digita um pequeno texto sobre o tempo

que ele não sente que é ele próprio quem está escrevendo. Cada palavra arrasta a próxima, a maior parte do que ele escreve são colagens de coisas que ele sabe que já leu em algum lugar, mas não lembra onde. Não se preocupa em fazer sentido e nem em entender o que é que está sendo escrito. Só deixa os dedos martelarem o teclado, o ritmo de cada frase pedindo a próxima. Sabe que não terá o que fazer com aquilo (sabe também que ninguém pagará um tostão por aquela maluquice), mas ´ é a primeira coisa que escreve em meses e a sensação é ótima.

Quando termina, Murilo se sente muito bem, deita e dorme por dez horas um sono sem sonho nenhum.

>>

72.

<<

Rede Globo Piauí

Faremos agora uma pequena pausa na nossa programação

Apenas o tempo necessário para você despertar

para um novo dia, uma nova vida.

Logo estaremos juntos novamente.

6:30 Telecurso 2o grau

7:30 Bom dia Brasil

>>

ccar.com.br